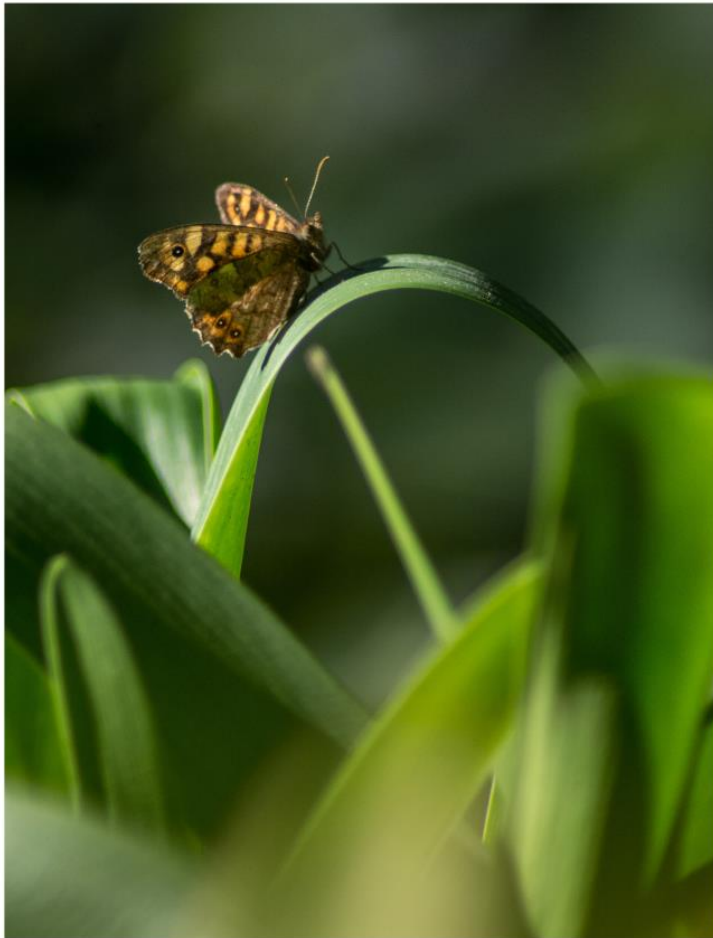


OEIRAS TEM VIDA

Estratégia para a Biodiversidade
do Município de Oeiras





Malhadinha (*Pararge aegeria*)

OEIRAS TEM VIDA
Estratégia para a Biodiversidade do
Município de Oeiras
1ª Edição
Fevereiro de 2021



Capa: Poupa (*Upupa epops*)

FICHA TÉCNICA

Título: Oeiras tem Vida - Estratégia para a Biodiversidade do Município de Oeiras

Execução: Sara Almeida, Pedro Neves, Sara Bento, Manuel Sampaio

Fotografias: Miguel Cortes Costa, Diogo Oliveira, Sofia Silva

Colaboração e Agradecimentos: Selma Rodrigues, Domingos Leitão, Sofia Gomes, Miguel Jeremias, Divisão de Gestão Ambiental e Departamento de Ambiente e Qualidade de Vida

Ano de Edição: 2021



Jardim Municipal de Oeiras





Ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*)

Índice

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. Definição de biodiversidade	10
2. SITUAÇÃO DE REFERÊNCIA	18
2.1. Perfil da Cidade	18
2.1.1. Localização e Dimensão	18
2.1.2. População	19
2.1.3. Economia.....	21
2.1.4. Clima.....	22
Temperatura.....	22
Precipitação.....	23
Humidade	23
Vento	23
2.1.5. Recursos Hídricos e Orla Ribeirinha	24
2.1.6. Relevo e Paisagem.....	25
2.1.7. Geologia	25
2.1.8. Solos	26
2.1.9. Gestão e Governança	28
2.2. Oeiras tem Vida – Caracterização da biodiversidade municipal	36
Estrutura Ecológica Municipal.....	36
2.2.1. Áreas naturais.....	39
2.2.2. Conectividade das Áreas Naturais.....	41
2.2.3. Áreas classificadas	42
2.2.4. Espaços verdes municipais.....	44
2.2.5. Ecossistemas	45
Ecossistema costeiro e marinho.....	45
Ecossistema dulçaquícola.....	46
Ecossistema florestal.....	47
Ecossistema urbano	47
2.2.6. Serviços de Ecossistemas	47
Regulação da quantidade de água	48
Regulação climática.....	48
2.2.7. Oeiras tem Flora	49
Vegetação Natural Potencial.....	49
Plantas Vasculares.....	51
Espécies RELAPE	51

Briófitas	52
Macroalgas	52
Espécies Exóticas Invasoras.....	53
2.2.8. Oeiras tem Fauna	55
Aves	55
Anfíbios.....	56
Répteis.....	56
Peixes.....	56
Mamíferos	57
Insetos	57
Aracnídeos.....	58
Invertebrados Marinhos - Cnidários, Crustáceos, Equinodermes e Moluscos	58
Outros Invertebrados Terrestres e de Água Doce	58
2.2.9. Oeiras tem Fungos e Líquenes	59
Fungos	59
Líquenes	59
2.3. Cálculo do Índice de Biodiversidade Urbana (CBI)	60
2.3.1. Resultados	67
3. ESTRATÉGIA PARA A BIODIVERSIDADE EM OEIRAS	74
Visão	74
Missão	74
3.1. Eixos de Ação	74
3.1.1. Caracterizar	74
3.1.2. Monitorizar & Avaliar	75
3.1.3. Conservar	75
3.1.4. Restaurar	75
3.1.5. Comunicar	75
3.1.6. Governar.....	75
3.2. Objetivos	76
3.3. Metas e indicadores	77
3.4. Plano de ação	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
GLOSSÁRIO	80
BIBLIOGRAFIA	82
ANEXOS	90
Anexo I – Timeline e Instrumentos de Gestão associados à Estratégia	90

Anexo II – Áreas com estatuto de proteção	93
Anexo III – Flora Vascular.....	95
Anexo IV – Espécies de Flora Vascular RELAPE.....	123
Anexo V – Espécies Exóticas Invasoras (EEI) de Flora Vascular	124
Anexo VI – Macroalgas	125
Anexo VII – Briófitas	127
Anexo VIII – Fungos	128
Anexo IX – Líquenes.....	129
Anexo X – Mamíferos.....	131
Anexo XI – Aves.....	132
Anexo XII – Répteis	140
Anexo XIV – Peixes.....	142
Anexo XV – Insetos	143
Anexo XVI – Aracnídeos.....	153
Anexo XVII – Outros Invertebrados	154
Anexo XVIII – Espécies Exóticas Invasoras (EEI) de Fauna.....	157
Anexo XIX – Plano de Ação	158

Abreviaturas e Acrónimos

AML - Área Metropolitana de Lisboa
CBD - Convenção sobre Diversidade Biológica
CBI - *City Biodiversity Index*
CICES - *Common International Classification of Ecosystem Services*
CITES - Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies da Fauna e da Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção (*Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora*)
CMO - Câmara Municipal de Oeiras
CVL – Complexo Vulcânico de Lisboa
EBUE - Estratégia da Biodiversidade da UE para 2030
Eco XXI - ECOXXI | municípios sustentáveis
EEM – Estrutura Ecológica Municipal
ENCNB - Estratégia Nacional de Conservação da Natureza e Biodiversidade para 2030
ICNF – Instituto da Conservação da natureza e das Florestas
INE – Instituto Nacional de Estatística
IPBES – *International Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services*
Lis - Biodiversidade na Cidade de Lisboa: uma estratégia para 2020
PDM – Plano Diretor Municipal
PELACO – Plano Estratégico das Linhas de Água do Concelho de Oeiras
PMAACO - Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas de Oeiras
PRPRCO – Projeto de Requalificação Paisagística das Ribeiras do Concelho de Oeiras
QRMP – Quinta de Recreio do Marquês de Pombal, antiga Estação Agronómica Nacional
RAN – Reserva Agrícola Nacional
RELAPE - Espécies (**R**aras, **E**ndémicas, **L**ocalizadas, **A**meaçadas ou em **P**erigo de Extinção) e espécies constantes nos Anexos II, IV e V da Diretiva *Habitats*;
REN – Reserva Ecológica Nacional
SPEA – Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves
UE - União Europeia
UICN - União Internacional para a Conservação da Natureza
UNESCO – United Nations Educational Scientific and Cultural Organization

NOTAS PRELIMINARES

O presente documento surge da necessidade de existência de uma estratégia orientadora que sustente a visão e missão do Município e as várias ações que têm vindo a ser realizadas no âmbito da biodiversidade. Pretende-se que este seja um documento objetivo e orientado para a ação. A sua estrutura divide-se em quatro capítulos, sendo o primeiro dedicado à contextualização teórica da biodiversidade; o segundo contempla o enquadramento geográfico, características biofísicas e a situação de referência atual do património natural do Município; a estratégia propriamente dita, é desenvolvida no terceiro capítulo com a descrição dos eixos estratégicos, objetivos e respetivas metas, ações para as quais se definem indicadores, prazos e recursos associados; o quarto capítulo é destinado às considerações finais e análise SWOT.

A sua redação teve por base os vários instrumentos orientadores para a temática da biodiversidade, tanto nacionais como internacionais, nomeadamente, a Estratégia para a Biodiversidade da União Europeia 2030, Estratégia Nacional de Conservação da Natureza e Biodiversidade para 2030, o Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas de Oeiras, Biodiversidade na Cidade de Lisboa: uma estratégia para 2020, e utilizou-se como ferramenta para o cálculo do índice de biodiversidade urbana, o *City Biodiversity Index*.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Definição de biodiversidade

A biodiversidade é um termo recente, que foi inventado em 1985 por Walter G. Rosen, membro da Academia Nacional de Ciências dos E.U.A., como simplificação e sinónimo da expressão ‘diversidade biológica’¹.

A biodiversidade contempla o número e variabilidade genética de espécies, populações e comunidades de seres vivos, a variedade de *habitats* e ecossistemas e inclui ainda a variedade de funções ecológicas desempenhadas pelos organismos nos ecossistemas, num determinado espaço ou região.

A um nível holístico, é sinónima de vida na Terra, das mais de um milhão e meio de espécies identificadas e é uma propriedade fundamental do mundo vivo, responsável pelo equilíbrio dinâmico dos ecossistemas².

As populações mundiais de espécies selvagens diminuíram 60% em menos de meio século o número de espécies em risco de extinção é o mais elevado desde que o homem existe, não só existe um maior número de espécies e habitats em risco, como a velocidade a que estes passam para níveis de ameaça tem escalado significativamente³.

1.2. Importância da biodiversidade

O Homem faz parte do equilíbrio proporcionado pela biodiversidade e dele depende profundamente para suprir as suas necessidades, desde genes e espécies individuais para

¹ Sarkar, S. (2002). *Defining “Biodiversity”; Assessing Biodiversity*. The Monist, 85(1), 131–155.

² ICNF - <http://www.icnf.pt/portal/pn/biodiversidade/ei/cbd>

³ Comissão Europeia. (2020). *Estratégia de Biodiversidade da UE para 2030 - Trazer a natureza de volta às nossas vidas*. COM/2020/380 final.

medicina e alimentação, a florestas e oceanos saudáveis, para a produção de oxigênio e regulação da temperatura e qualidade do ar.

No entanto, a procura por espaço e por recursos parece não abrandar, e as consequências diretas e indiretas da ação antrópica sobre o mundo vivo conduziram a biodiversidade a uma crise sem precedentes, na história da Humanidade.

Segundo um relatório de 2020 do Fórum Económico Mundial, mais de metade do PIB mundial, depende moderada ou fortemente dos recursos e das funções desempenhadas pelos ecossistemas⁴. A perda de biodiversidade à qual assistimos representa graves prejuízos económicos e sociais. Constanza et al. (2014) estimaram que entre 1997 e 2011, somente devido a alterações do uso de solo e dos oceanos, a perda de biodiversidade representou um prejuízo anual à escala global de pelo menos 3,5 mil milhares de milhões de euros.

1.2.1. Biodiversidade e Saúde

Como já foi referido, as atividades humanas têm alterado rápida e significativamente o uso do solo (cerca de três quartos) e dos oceanos (cerca de dois terços)⁵ a nível global, tendo esta “Grande Aceleração” sido descrita como a nova era do Antropoceno. Esta era centrada no ser humano e na sua capacidade de influenciar e alterar o funcionamento e evolução dos diferentes sistemas do planeta, possibilitou o aparecimento de novas doenças. O atual contexto de pandemia impele-nos a destacar a importância da biodiversidade ao nível da saúde, e a descrever de que forma o respeito que se lhe atribui (ou a falta dele) está relacionado com este fenómeno, que tanto sofrimento e instabilidade tem causado a nível mundial. No caso concreto da zoonose causada pelo vírus SARSCoV-2, apesar de ainda não existir evidência conclusiva sobre sua origem, é altamente provável que esteja relacionada com o comércio não-controlado (por vezes ilegal) de animais selvagens. A destruição de *habitat* destes animais selvagens (desflorestação) proporcionou a sua captura, tráfico e posterior comércio, onde o contacto com diversas outras espécies possibilitou mutações no vírus e adaptação a novos hospedeiros. Como consequência, o vírus foi passando de animal para animal, depois de animal para humanos e por fim, de humanos para humanos. Infelizmente este não se trata de um caso único: estima-se que 60% das doenças emergentes sejam transmitidas por animais selvagens⁵.

A alteração do uso do solo, incluindo desflorestação e modificação de *habitats* naturais, é responsável por aproximadamente metade das zoonoses emergentes⁵. Este desrespeito pelos ecossistemas e biodiversidade causado pelo aumento da população global e incremento descontrolado dos hábitos de consumo, tem levado o Homem a expor-se a novos microrganismos patogénicos e seus hospedeiros (animais selvagens), a criar condições para a proliferação de vetores de doenças (reprodução de mosquitos em canais de rega e represas em centros urbanos), a induzir alterações genéticas em vetores e outros agentes patogénicos (resistência de mosquitos a pesticidas e utilização de medicamentos na criação intensiva de gado, originando a resistência de bactérias a antibióticos), a contribuir para a perda de predadores (a perda de predadores de topo em centros urbanos como a raposa, o lobo-ibérico, o texugo, o gato-bravo, a gineta e a lontra, alguns répteis ou as aves de rapina como águias e falcões, proporciona a proliferação de pragas de ratazanas e pombos) colocando em risco a sua

⁴ Costanza, R., de Groot, R., Sutton, P., van der Ploeg, S., Anderson, S. J., Kubiszewski, I., Farber, S., & Turner, R. K. (2014). *Changes in the global value of ecosystem services*. *Global Environmental Change*, 26, 152–158.

⁵ WWF. (2020). *The loss of nature and rise of pandemics - protecting human and planetary health*. WWF International.

própria saúde e bem-estar. Por outro lado, a globalização permite mais do que nunca, a rápida disseminação de novas doenças bem como de doenças antigas que se julgavam controladas, proporcionando o aparecimento de epidemias. A Tabela 1 demonstra de forma resumida outras zoonoses emergentes e as causas antropogênicas que estiveram na sua origem.

Tabela 1 - Doenças emergentes e potenciais mecanismos de impacto das atividades humanas relacionados com alterações ecológicas⁵

Doença	Distribuição Geográfica	Casos por ano	Mecanismos de aparecimento	Potenciadores antropogênicos
Malária	tropical (América, Ásia e África)	350 milhões	invasão de nicho; expansão do vetor	Desflorestação; projetos de água
Esquistossomose	América; África; Ásia	120 milhões	expansão do hospedeiro intermediário	Construção de barragens; irrigação
Dengue	tropical	80 milhões	expansão do vetor	urbanização; más condições de habitação
Raiva	tropical	35 milhões (mortes)	perda da biodiversidade; alteração da seleção de hospedeiro	desflorestação; exploração mineira
Doença de Lyme	América do Norte e Europa	23 763 (U.S. 2002)	Diminuição de predadores; perda de biodiversidade; expansão do reservatório	fragmentação do <i>habitat</i>
Vírus do Nilo Ocidental	América; Europa	5 483 (US média 2002-2004)	invasão de nicho	viagens internacionais; variabilidade climática
Ébola	África	-	invasão de florestas; caça de animais selvagens para alimentação	invasão de florestas

Enquanto comunidade global, torna-se mais imperativo que nunca agir para prevenir o risco de futuras pandemias. A proteção e restauro dos ecossistemas naturais são ações essenciais que permitirão prevenir sérios riscos com o potencial de comprometer a saúde humana. O conceito de “*One Health*” formalmente reconhecido pela Comissão Europeia, define a saúde humana como parte integrante da saúde animal e ambiental, promovendo uma visão holística entre a saúde humana, de outros animais, plantas e ecossistemas. Este conceito aliado a um Antropoceno pós-antropocêntrico permitirá uma abordagem integrativa, multidisciplinar e colaborativa, em que as cidades se tornam comunidades multi-espécie e o Homem passa a ser membro dessa comunidade, coexistindo e respeitando as outras espécies. Apenas reconhecendo que a nossa saúde e bem-estar está intimamente ligada à de outras espécies, poderemos protegê-la dos efeitos nefastos de pandemias.

A conservação da natureza, dos ecossistemas e seus serviços é essencial para preservar a nossa saúde e bem-estar.

1.2.2. Serviços dos Ecossistemas

Os serviços dos ecossistemas são os benefícios, diretos e indiretos, provenientes dos ecossistemas para o bem-estar e subsistência humana. Estes benefícios podem ser bens ou processos, desempenhados por espécies individuais ou por todo o ecossistema. Há diferentes sistemas de classificação de serviços, neste documento será utilizada uma aproximação simplificada à classificação *Common International Classification of Ecosystem Services (CICES)*, que a União Europeia adotou em 2012, e que divide os serviços em 3 tipos: os serviços de provisionamento, associados à obtenção de produtos, os de regulação, associados às funções que suportam e regulam os ecossistemas, e os culturais, associados a valores humanos intangíveis, como a beleza, o sentimento de pertença e a espiritualidade (Tabela 2).

Tabela 2 - Exemplos de serviços de ecossistemas

Provisionamento	Alimentos
	Água
	Matérias-primas
	Recursos genéticos
Regulação	Controlo de doenças
	Formação de solo
	Regulação da qualidade da água
	Proteção contra catástrofes naturais
	Polinização
Culturais	Estéticos
	Conhecimento
	Educacionais
	Espirituais

Os serviços dos ecossistemas são uma poderosa ferramenta para estudar os custos da perda de biodiversidade à escala global e definir o real valor económico da biodiversidade, para incorporar na gestão e no processo de tomada de decisão a importância económica dos ecossistemas para o bem-estar humano.

Enquanto aos serviços de provisionamento se associa facilmente um valor económico pelo valor de mercado dos seus bens, para os serviços de regulação e culturais esta valoração monetária por norma não é óbvia nem simples. São várias as abordagens para a fazer, por exemplo através dos cálculos da substituição do ecossistema em causa por um que não cumpra as suas funções. No caso da destruição de uma duna, que previne naturalmente o avanço do nível do mar, o seu valor é de pelo menos o que seria necessário para mitigar os danos causados por uma ou várias ondas gigantes que esta prevenisse naturalmente.

À parte do valor económico que a biodiversidade possa ter, é importante ressaltar que esta tem um valor intrínseco, que deve sempre ser tido em conta, e que não é só importante para o funcionamento dos ecossistemas, mas também para as comunidades que dependem deles.

Para a proteção destas comunidades e das economias que integram, é fundamental o mapeamento, avaliação e conservação dos ecossistemas e dos seus serviços.

1.3. Ameaças à biodiversidade

A expansão de áreas humanas, como as urbanas, industriais e agrícolas, tem levado à substituição e redução significativa de áreas naturais, à fragmentação e destruição de *habitats* e ao desequilíbrio dos ecossistemas e do fornecimento de recursos que estes encerram.

Estas alterações do uso da terra e do mar são a principal causa direta para a perda de biodiversidade a nível mundial⁶. A sobre-exploração de recursos, as incontornáveis alterações climáticas, a poluição e a introdução de espécies invasoras, constituem as restantes principais causas diretas para a perda da biodiversidade a nível global, estando apresentadas de forma decrescente no que diz respeito à magnitude do impacto que têm³.

A consciência do valor da biodiversidade e da crise que esta enfrenta têm-se consolidado, e desencadeado a necessidade de encontrar soluções para o seu restauro e conservação, que se estendem da escala internacional à local.

1.4. Avaliação e conservação da biodiversidade

A conservação da natureza é uma noção que tem evoluído a par da forma como a humanidade percebe o que se encontra ao seu redor. Ao longo dos séculos, passou-se de uma perspetiva de incompreensão e temor para uma utilitária e de domínio, fundada na crença de que a natureza era inesgotável.

A avaliação da finitude das populações de espécies e recursos naturais desencadearam mudanças no pensamento social, pelas implicações que esta finitude poderia ter na sobrevivência humana.

De forma individual e a diferentes ritmos, a conservação começou por ser feita à escala local e nacional, através da proteção de espécies singulares e da salvaguarda de áreas com valores naturais reconhecidos, sobretudo de importância cultural e económica.

Em 1948, resultante de uma conferência da UNESCO que reuniu governos e organizações da sociedade civil, foi fundada a União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN), a primeira instituição global com o objetivo de providenciar aos agentes governamentais ferramentas sobre a biodiversidade baseadas no conhecimento científico.

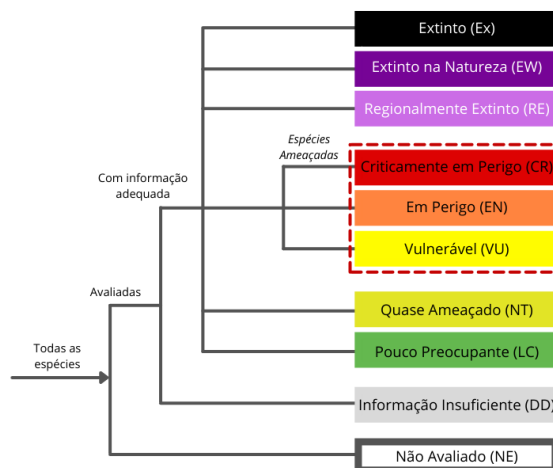


Figura 1 – Classificação dos estatutos de ameaça das espécies, de acordo com a IUCN.

⁶ IPBES: Brondizio, E. S., Settele, J., Díaz, S. & Ngo, H. T. (2019). *Global assessment report on biodiversity and ecosystem services of the Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services*. IPBES secretariat, Bonn, Germany.

A UICN unificou a conservação da natureza à escala global, ao estabelecer critérios universais para avaliar as espécies e classificar o seu grau de ameaça (Figura 1), e essa informação é compilada nas Listas Vermelhas de Espécies Ameaçadas, instrumentos de escala variável, desde a global à nacional.

Desde a data da sua fundação até aos dias de hoje, foram realizadas outras conferências relevantes e criados instrumentos de gestão da biodiversidade, que são apresentados de forma cronológica no *timeline* que se encontra no **Anexo I**.

Atualmente, mais de metade da população mundial vive em cidades e prevê-se que esta ocupação vá aumentar, colocando uma pressão sem precedentes nos ecossistemas existentes nas áreas urbanas e periurbanas. Mais uma vez, torna-se mais imperativo que nunca agir, enquanto membros de uma comunidade global, para travar a destruição dos ecossistemas naturais, mas também restaurar aqueles que já se encontram degradados.

Através da avaliação da biodiversidade municipal, com recurso aos indicadores propostos na presente Estratégia e Plano de Ação que a acompanha, o Município de Oeiras estará a trilhar o seu caminho no sentido de conservar e valorizar o seu território, proteger os seus ecossistemas, preservar a heterogeneidade da sua paisagem e património natural, e simultaneamente a cumprir os objetivos estabelecidos no Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas de Oeiras (PMAACO), e a alinhar-se com os diplomas e tendências da conservação nacionais e internacionais de forma politicamente expressiva e exemplar.





Borboleta-zebra (*Iphiclides feisthamelii*)

2. SITUAÇÃO DE REFERÊNCIA

2.1. Perfil da Cidade

O reconhecimento internacional da importância da biodiversidade urbana originou a proposta de implementação de um índice que permitisse a sua medição. Como referido anteriormente, em 2010, a CBD aprovou o CBI – *City Biodiversity Index* (ou *Singapore Index*) como indicador internacional, com o objetivo de medir a biodiversidade urbana e contribuir para a sua conservação, permitindo simultaneamente a comparação de resultados entre cidades/núcleos urbanos.

O CBI é uma ferramenta que pretende determinar e monitorizar o estado da biodiversidade urbana ao longo do tempo, de forma autossuficiente por parte de cada instituição local, e compreende duas partes: primeiro o ‘Perfil da Cidade’ que consiste na compilação de informação geográfica, biofísica e administrativa; e segundo, um conjunto de 23 indicadores que permitem medir a biodiversidade nativa, serviços de ecossistema providos pela biodiversidade e administração e gestão da biodiversidade em meio urbano.

O termo ‘Perfil da Cidade’ foi adaptado do CBI, e surge neste documento sob a forma de uma breve revisão bibliográfica que permitirá contextualizar Oeiras através do seu enquadramento geográfico e caracterização biofísica.

2.1.1. Localização e Dimensão

Oeiras é um município urbano situado no extremo sudoeste da península de Lisboa, à latitude 38.6973 38° 41’ 50’’ Norte e longitude -9.308369° 18’ 30’’ Oeste.

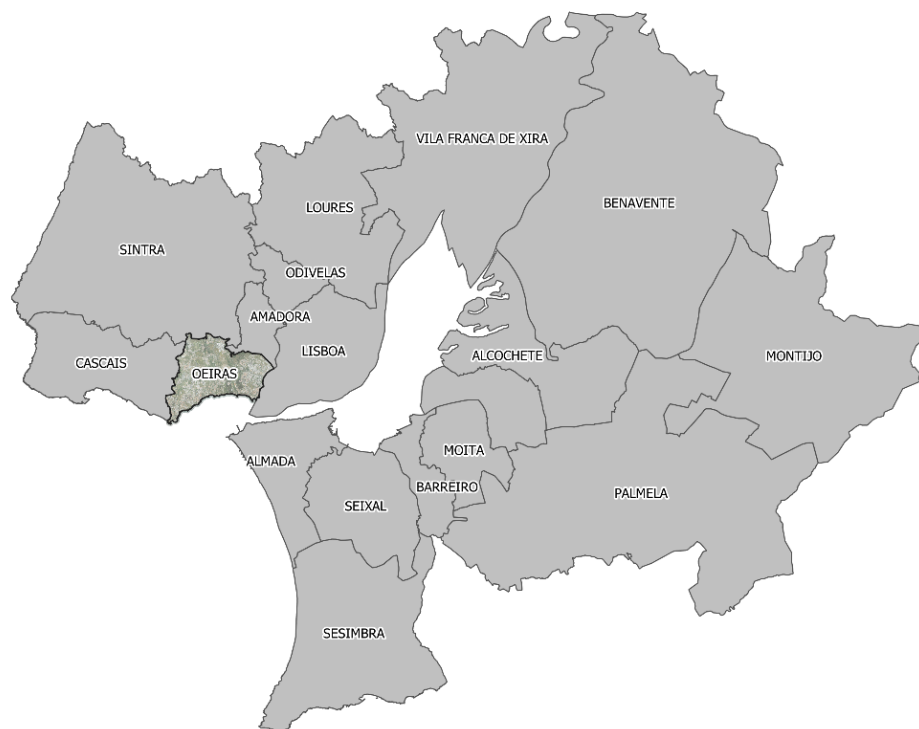


Figura 2 - Posição geográfica do município de Oeiras.

É um dos dezoito municípios que pertencem à Área Metropolitana de Lisboa (AML) e localiza-se na margem Norte do rio Tejo, sendo delimitado a Norte pelo Concelho de Sintra, a Oeste pelo Concelho de Cascais, a Este pelos Concelhos de Lisboa e Amadora e a Sul pelo Estuário do Tejo, o maior da Península Ibérica.

Tem uma dimensão de 4588,3 hectares (aproximadamente 46 km²), divididos por cinco freguesias: União das Freguesias de Algés, Linda-a-Velha e Cruz Quebrada/Dafundo, União das Freguesias de Carnaxide e Queijas, União das Freguesias de Oeiras e S. Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias, Barcarena e Porto Salvo.

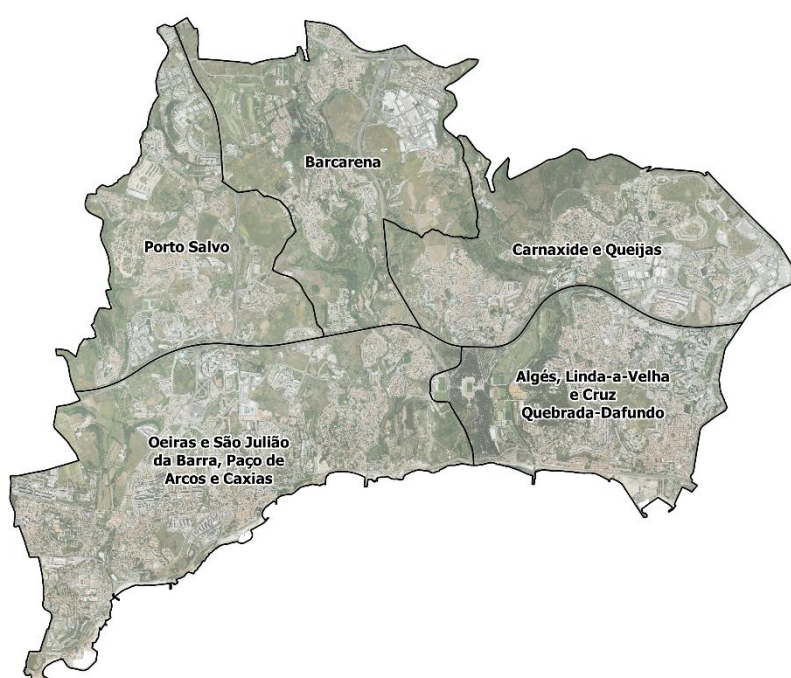


Figura 3 - Freguesias do município de Oeiras.

2.1.2. População

Segundo estimativas do Instituto Nacional de Estatística (INE), em 2018 a população residente era de 176 218, representando uma densidade populacional de 3831 habitantes/km².

Oeiras apresenta uma ótima taxa de variação populacional verificando-se, desde 2009, uma melhor tendência quando comparada com a média nacional e média da Área Metropolitana de Lisboa. Tem-se verificado uma variação populacional positiva em desde 2013.

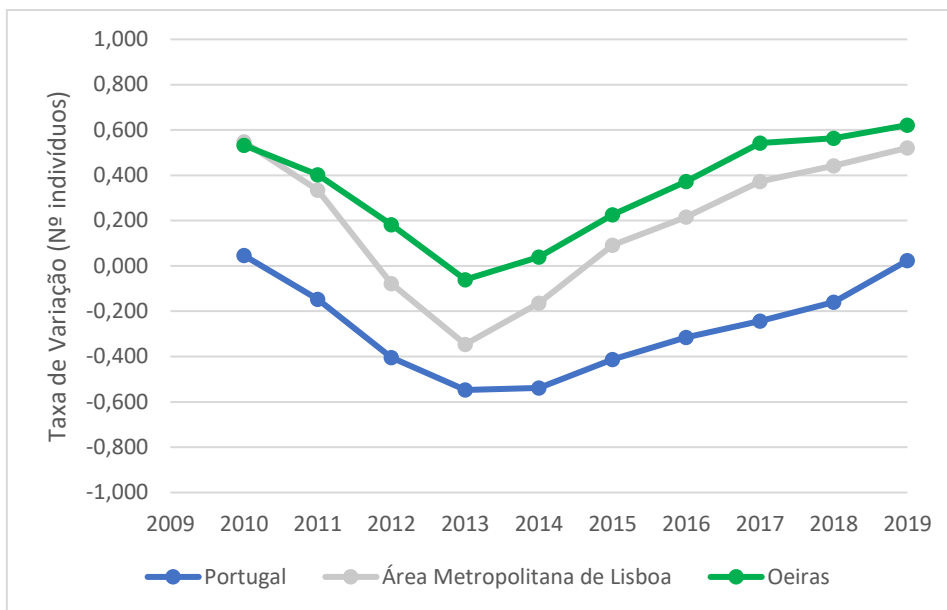


Gráfico 1 - Taxa de variação da população residente a nível nacional, regional (AML) e municipal.

Também se tem registado uma tendência de envelhecimento demográfico, com uma proporção de 24,2% de idosos (65+ anos) face a 15,5% de jovens (<15 anos,) mas verifica-se um elevado índice de população em idade ativa (15-64 anos), com 60,3% do total da população residente.

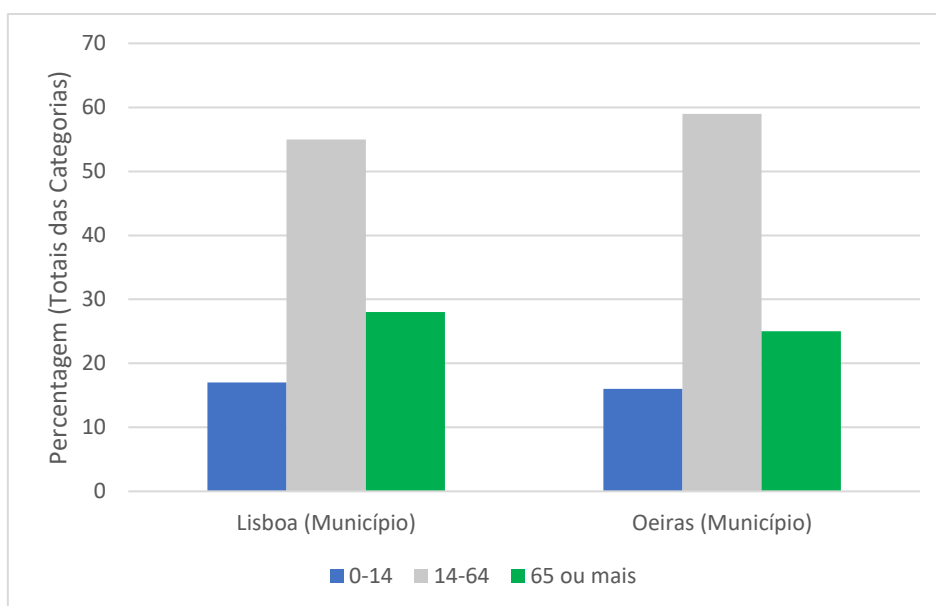


Gráfico 2 - População residente por grupo etário a nível nacional, regional e municipal.

Oeiras destaca-se pelo seu elevado índice de população qualificada, verificando-se uma percentagem de população residente com formação superior muito acima da média nacional e da Área Metropolitana de Lisboa.

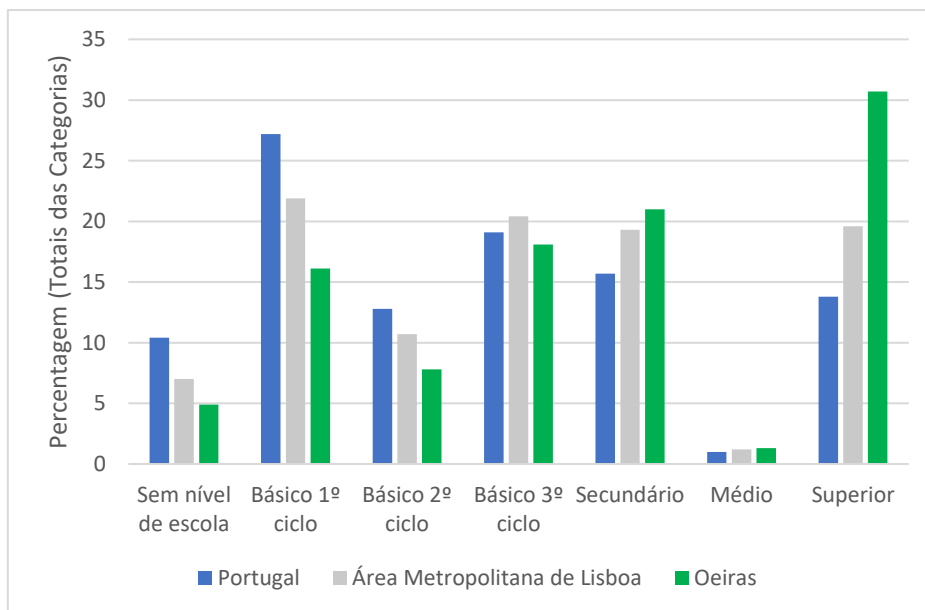


Gráfico 3 - Índice de qualificação da população a nível nacional, regional e municipal.

2.1.3. Economia

Oeiras beneficia de um conjunto de condições que lhe conferem um posicionamento diferenciador ao nível do empreendedorismo:

- Posição geográfica vantajosa;
- Existência de vários parques empresariais e de ciência e tecnologia – Campus Agrotech, Taguspark, Arquiparque, Lagoas Park, Quinta da Fonte;
- Presença de conceituadas Instituições de I&D – Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier (ITQB), Instituto de Biologia Experimental e Tecnológica (IBET),
- Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV), Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC);
- Pólo de referência do Ensino Superior – Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier (UNL), Faculdade de Motricidade Humana, Instituto Superior Técnico (UL), Escola Superior Náutica Infante D. Henrique, Atlântica – Escola Universitária de Ciências Empresariais, Saúde, Tecnologias e Engenharia, Escola Superior de Saúde Atlântica e Academia de Comunicações e Informação da NATO;
- Projeto **Oeiras Valley**.

Atualmente, Oeiras acolhe no seu território, principalmente nos parques empresariais, mas não só, um grande número de empresas (24 223)⁷ maioritariamente associadas ao setor terciário superior (Banca, Tecnologia, Investigação), sendo o segundo concelho da Área Metropolitana de Lisboa, a seguir a Lisboa, a captar mais empresas de grande dimensão.

⁷ Instituto Nacional de Estatística - Sistema de Contas Integradas das Empresas, dados de 2017, atualizados a 25 de março de 2019

Em 2018, segundo o INE⁸, o valor mediano do rendimento bruto declarado deduzido do IRS liquidado por sujeito passivo foi 9 067 € em Portugal. Os três municípios com valores mais elevados foram Oeiras (13 527 €), Lisboa (11 499 €), Cascais (11 488 €).

Para além de ser o município com maior rendimento per capita, intimamente relacionado com o facto de apresentar a maior taxa de população com ensino superior e maior concentração de licenciados e de doutorados do país, existem outros indicadores que demonstram que Oeiras é um dos concelhos mais desenvolvidos de Portugal: segundo maior poder de compra *per capita* da AML e terceiro de Portugal (a seguir a Lisboa e Porto); encontra-se no *top 5* dos municípios com maior independência financeira; com uma taxa de 4,2%, está entre os municípios que apresentam uma taxa de desemprego mais baixa da Área Metropolitana de Lisboa (Média AML: 7,1%); elevada qualidade do sistema de saúde - Index de cuidados de saúde: 89.81 (Lisboa: 71.79)⁹; 115 estabelecimentos de ensino pautados pelo investimento na ligação do ensino ao território com o objetivo de ter em Oeiras os melhores alunos do país; referência nacional ao nível do crescimento, da excelência e da qualidade de vida.

É de salientar ainda a crescente aposta no turismo, que virá reforçar a identidade de Oeiras, enquanto destino de excelência. Prevê-se a inauguração de oito novos hotéis até 2024, o que representa um importante crescimento na oferta hoteleira, essencial para a captação dos fluxos de turismo da região de Lisboa para o Concelho de Oeiras e que irá aprofundar o modelo de Turismo de Negócios, patente na nova Estratégia de Turismo Municipal de Oeiras.

2.1.4. Clima

Dada a sua posição geográfica, o concelho de Oeiras apresenta um clima do tipo mediterrânico, com influência atlântica, que se traduz num clima particularmente ameno de transição entre o temperado mediterrânico com verões quentes e secos e invernos amenos e pluviosos, e o temperado mediterrânico de feição atlântica, com verões moderados e invernos suaves e húmidos.

Temperatura

As temperaturas médias anuais variam entre os 11,1°C e 21,8°C. As temperaturas mínimas registam-se nos meses de janeiro e dezembro, podendo atingir -1°C, contudo, as máximas nos mesmos meses podem ultrapassar os 20°C. As temperaturas máximas que ocorrem entre os meses de maio a setembro, situando-se acima dos 35°C e chegando no mês de junho a 42,3°C. Todos estes valores resultam de uma média de 30 anos.

Apesar do seu clima mediterrânico com temperaturas amenas e confortáveis, particularmente apelativas para um grande número de seres vivos, incluindo o Homem, o Plano de Adaptação às Alterações Climáticas de Oeiras (PMAACO) prevê que os episódios de temperaturas extremas (ondas de calor), com temperaturas máximas cada vez mais elevadas e maior número de dias com valores extremos, aumentem no futuro, em cenário de alterações climáticas. Neste contexto, será cada vez mais importante o aumento e requalificação da infraestrutura verde municipal, com uma criteriosa seleção de espécies arbóreas que permitam diminuir o efeito de “ilha de calor” e dos extremos térmicos dos edifícios, com poupanças significativas na energia necessária para a sua climatização.

⁸ Instituto Nacional de Estatística - Estatísticas do rendimento ao nível local. Indicadores de rendimento declarado no IRS: 2018. Lisboa: INE, 2020

⁹ Numbeo, 2020

Precipitação

Ao longo dos últimos 30 anos, registou-se uma precipitação média anual de cerca de 768 mm. O máximo de precipitação mensal ocorre em novembro, com 114 mm e o mínimo nos meses de julho e agosto, podendo atingir valores inferiores a 6 mm. Esta característica (verões secos), típica de climas mediterrânicos, pode constituir um problema como a necessidade de recorrer a sistemas de rega, mas também uma oportunidade: mais uma vez, torna-se vital selecionar espécies vegetais adaptadas a estas condições climáticas, ou seja, reforçar a utilização de espécies autóctones nos espaços verdes, entre outras medidas que serão descritas no plano de ação.

Atendendo às projeções de diminuição da precipitação média anual, ocorrendo cada vez maiores e mais frequentes períodos de seca, importa adotar medidas de amenização destas alterações climáticas o quanto antes. Não obstante a diminuição de precipitação média anual em cenário de alterações climáticas, também se prevê um agravamento da perigosidade associada a fenómenos de cheias e inundações causados por episódios de precipitação extrema¹⁰.

Humidade

A humidade relativa é um importante fator abiótico que pode influenciar significativamente a biodiversidade e o equilíbrio entre espécies.

Atualmente, a humidade relativa em Oeiras é muito confortável, variando entre os 55% em agosto e 73% em janeiro. A nebulosidade e a insolação são extremamente equilibradas, prevalecendo ligeiramente a insolação sobre os períodos de nebulosidade.

Em cenário de alterações climáticas, projeta-se o aumento de temperaturas elevadas e consequente diminuição dos níveis de humidade relativa. Estes fenómenos conduzem a uma redução da cobertura de vegetação e maior quantidade de solo nu, aumentando a concentração de partículas finas (poluentes) devido à ressuspensão das partículas a partir do solo¹⁰.

Vento

Em Oeiras dominam os ventos de norte, noroeste e nordeste, sendo a nortada um fenómeno atmosférico típico de verão e mais pronunciado em agosto, que consiste na circulação do vento com velocidade moderada a forte (nunca superando os 22,2 km/h), de norte para sul, ao longo da costa. Esta circulação do ar está associada aos nevoeiros de advecção e ao arrefecimento das águas do mar junto à costa, devido ao fenómeno oceanográfico designado por *upwelling*. Estas zonas são também ricas em clorofila-a, e por ação dos organismos fotossintéticos como o fitoplâncton, dá-se um processo denominado por bomba biológica de carbono, em que o CO₂ à superfície do oceano é convertido em matéria orgânica. Assim, para além do *upwelling* promover a concentração de nutrientes à superfície, atraindo peixes para junto da costa, induz a absorção e remoção do CO₂ atmosférico, transformando o oceano num importante sumidouro de carbono.

Os ventos de sudoeste também são expressivos, mas com velocidades médias que não ultrapassam os 15,2 km/h e com frequência anual inferior a 15,6%.

O regime de ventos é globalmente moderado sendo, contudo, suficiente para assegurar uma boa dispersão da poluição atmosférica que localmente é produzida por tráfego e outras atividades humanas.

¹⁰ PMACCO, 2019

2.1.5. Recursos Hídricos e Orla Ribeirinha

O Município de Oeiras é atravessado por cinco ribeiras principais, nomeadamente, as de Algés, Barcarena, Porto Salvo, Laje e rio Jamor, com uma extensão total de aproximadamente 90 km lineares. Destas, apenas a ribeira de Porto Salvo nasce no concelho. O rio Jamor, a ribeira de Barcarena e a ribeira da Laje têm a sua origem no Concelho de Sintra e a ribeira de Algés nasce no Concelho da Amadora. Estas linhas de água apresentam caudal durante todo o ano, sendo alimentadas por pequenos tributários cujos troços urbanos se encontram maioritariamente artificializados.

No que respeita à disponibilidade dos recursos hídricos em cenário de alterações climáticas, a diminuição da precipitação anual tenderá a diminuir o caudal afluyente às linhas de água e aos aquíferos. A manutenção do caudal ecológico poderá não se verificar em anos secos, principalmente no rio Jamor e ribeira de Barcarena. Esta situação será prejudicial para toda a biodiversidade que depende destas ribeiras (exemplo: peixes, anfíbios e vegetação ripícola), afetando ainda o provisionamento de serviços de ecossistema que estes locais trazem à população. Por outro lado, as bacias com maior percentagem de área de tecido urbano (ribeiras de Porto Salvo, da Laje e de Barcarena) apresentarão valores de escoamento mais elevados em relação ao escoamento naturalizado¹⁰. Considerando que as áreas de tecido urbano são áreas impermeáveis, não permitindo a infiltração da água no solo, aumentará a probabilidade e o risco de cheias nestas áreas.

A rede hidrográfica, constituída por estes cinco principais cursos de água, origina uma rede de drenagem dendrítica, com sentido de escorrência de norte para sul. Desta forma, todos estes cursos de água pertencem à Região Hidrográfica do Tejo e são seus afluentes, indo desaguar no seu estuário, e perfazendo uma orla ribeirinha com cerca de 10 Km de extensão.



Figura 4 - Domínio Público Hídrico do município de Oeiras.

A zona costeira é dominada por praias e por arribas de altura reduzida, geralmente artificializadas. As praias representam cerca de um terço da orla, e constituem um recurso de elevada importância socioeconómica, tendo as praias da Torre, Santo Amaro, Paço de Arcos e Caxias, conquistado recentemente diversos galardões que comprovam a qualidade da água balnear.

2.1.6. Relevo e Paisagem

Ao nível do relevo, Oeiras apresenta um ondulado suave com altitudes geralmente baixas, que variam entre os 0 m nas zonas ribeirinhas e os 197 m na serra de Carnaxide.

A sua paisagem é marcada pelos vales das ribeiras, geralmente estreitos e encaixados. A montante, estes vales apresentam declives mais acentuados e traçados mais sinuosos, enquanto que perto da foz estes relevos vão-se abrindo, dando lugar a várzeas com terrenos aluvionares extensos¹¹.

Entre os vales das ribeiras surgem diversos planaltos com declive inferior a 15%, estando os declives médios do concelho situados entre os 6% e 12%.

É a norte e nordeste do concelho, que se localizam as áreas de relevo mais acentuado, destacando-se a Serra de Carnaxide e Leceia como dois dos elementos paisagísticos mais marcantes.

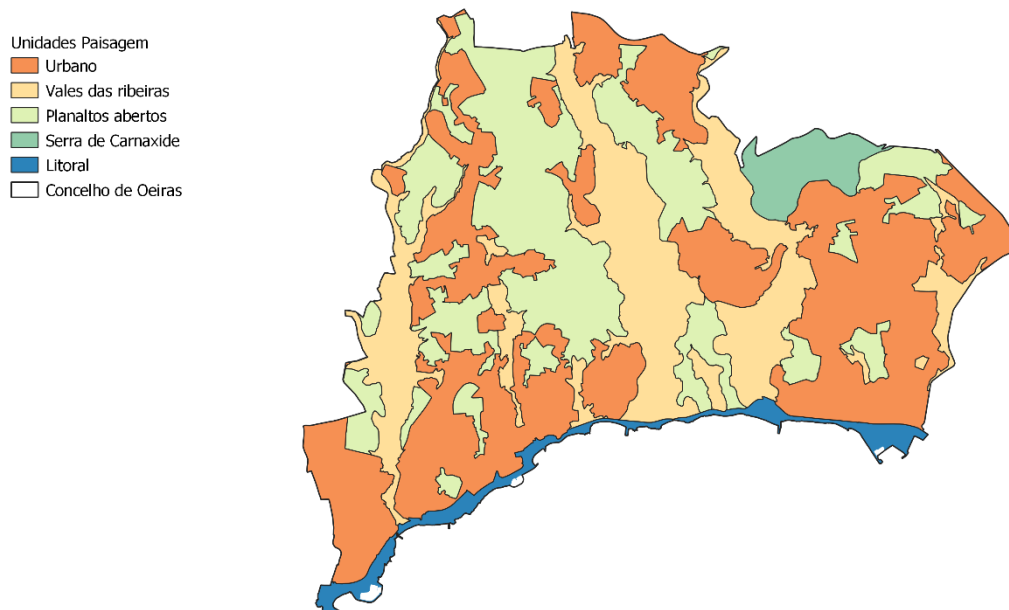


Figura 5 - Unidades de paisagem do município de Oeiras.

2.1.7. Geologia

A unidade geológica mais representativa em Oeiras, é o Complexo Vulcânico de Lisboa (CVL), com origem no Neocretácico, distribuindo-se de norte a sul até à frente ribeirinha, onde

¹¹ CMO. (2013a). *Oeiras Factos e Números* - Edição especial (1ª edição).

ocorrem sobretudo basaltos e pequenos afloramentos de andesitos e labradoritos. A rede hidrográfica do Concelho desenvolve-se nos terrenos essencialmente basálticos do CVL, com espessura média da ordem dos 70 cm, sobre terrenos calcários margosos e recifais, cuja meteorização conduz à formação de solos argilosos.

Seguem-se as formações sedimentares, com origem no Halocénico (aluviões e areias), no Miocénico (formações calcárias, aréolas e argilas) e no Cretácico-Cenomaniano (formações calcárias de Bica e Caneças). Na vila de Oeiras afloram os “Calcários de Entre - Campos” e junto ao litoral é significativa a “Formação Argilosa dos Prazeres”. Os fundos dos vales são frequentemente formados por depósitos aluvionares.

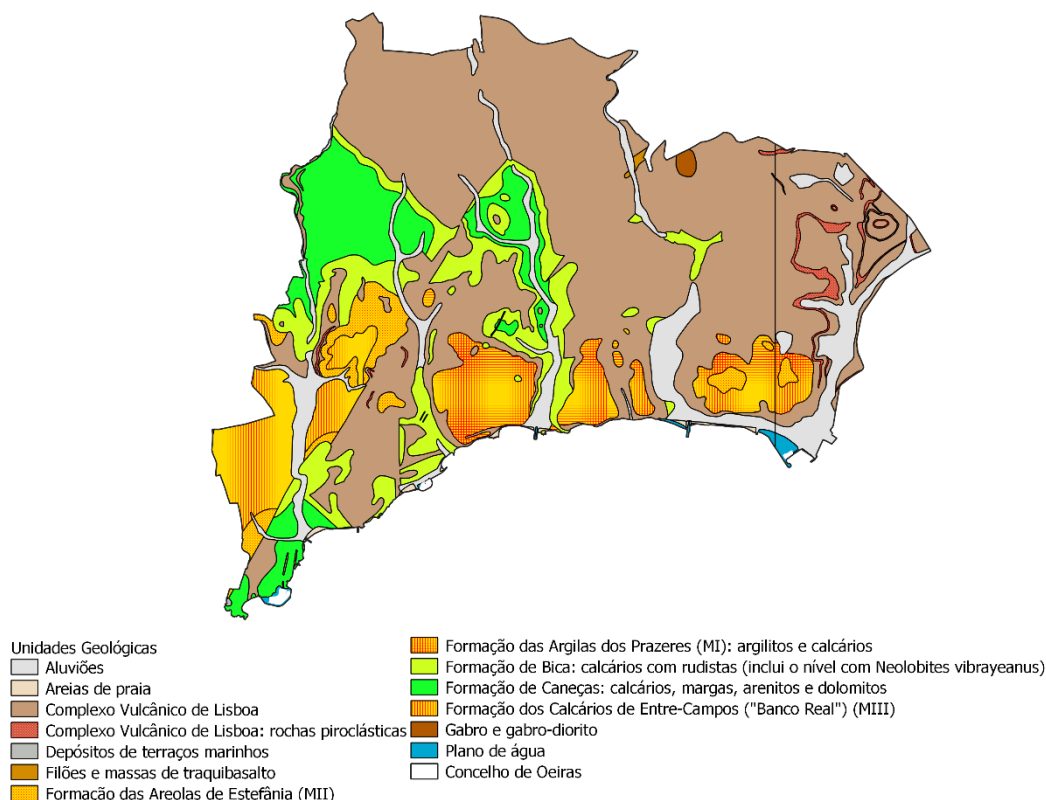


Figura 6 - Tipos de solo do município de Oeiras

2.1.8. Solos

A composição geológica de Oeiras, nomeadamente os locais de rochas basálticas, deram origem a solos barros castanho-avermelhados, também designados por solos vérticos ou vertissolos, de elevada fertilidade. Aliás, este foi um dos aspetos determinantes para a muito antiga ocupação do território, que remonta ao período Neolítico. Os barros e os aluviosolos, dadas as suas características e fertilidade, sobretudo adequados para as culturas cerealífera (principalmente trigo), olivícola e vitícola, são os que apresentam maior valor agronómico e interesse de conservação. No entanto, existem ainda outros tipos de solos no concelho, que podem ser agrupados em diferentes famílias:

Tabela 3 – Famílias e tipos de solo¹¹

Família de Solos	Tipos de solos
Afloramentos rochosos	Afloramentos rochosos ou doleritos ou outras rochas eruptivas básicas afins

Família de Solos	Tipos de solos
<i>Aluviossolos Modernos</i>	Solos incipientes - Aluviossolos modernos, calcários (para-solos calcários), de textura mediana
	Solos incipientes - Aluviossolos modernos, calcários (para-solos calcários), de textura pesada
	Solos incipientes - Aluviossolos modernos, não calcários, de textura pesada
<i>Barros /Castanho-avermelhados</i>	Barros castanho-avermelhados não-calcários, de basaltos ou doloritos ou outras rochas eruptivas ou cristalofílicas básicas
	Barros castanho-avermelhados não-calcários, não descarbonatados, de basaltos ou doloritos ou outras rochas eruptivas ou cristalofílicas básicas associados a calcário friável, fase delgada
<i>Coluviossolos</i>	Solos Incipientes - Solos de baixa (coluviossolos), calcários, mólicos, de textura pesada
	Solos Incipientes - Solos de baixa (coluviossolos), calcários, para-solos calcários, de textura mediana
	Solos Incipientes - Solos de baixa (coluviossolos), calcários, para-solos calcários, de textura pesada
<i>Litossolos</i>	Solos Incipientes - Litossolos de climas de regime xérico, de basaltos, ou doloritos ou outras rochas eruptivas básicas afins
<i>Solos Calcários Pardos</i>	Solos calcários, pardos dos climas de regime xérico, para-barros, de materiais coluviados de solos calcários
	Solos calcários, pardos dos climas de regime xéricos, normais, de margas e calcários compactos inter-estratificados
	Solos calcários, pardos dos climas de regime xéricos, para-barros, de margas ou materiais afins
	Solos calcários, pardos dos climas de regime xéricos, para-barros, de margas e calcários compactos inter-estratificados
	Solos Calcários, prados dos climas de regime xérico, para-litossolos, de outros calcários compactos
	Solos Calcários, pardos dos climas de regime xérico, normais, de calcários
<i>Solos Calcários vermelhos</i>	Solos calcários, vermelhos dos climas de regime xérico, para-barros, de materiais coluviados de solos calcários
	Solos Litólicos, não húmicos, pouco insaturados, normais, de basaltos, doloritos ou outras rochas eruptivas básicas
<i>Solos Litólicos não Húmicos</i>	Solos Litólicos, não húmicos, pouco insaturados, normais, pardos de arenitos finos e grosseiros inter-estratificados
	Solos argiluvitados pouco insaturados - Solos Mediterrâneos, vermelhos ou amarelos, de materiais calcários, normais, de calcários compactos ou dolomias
<i>Solos Mediterrâneos, vermelhos ou amarelos</i>	Solos argiluvitados pouco insaturados - Solos Mediterrâneos, pardos, de materiais não calcários, para-solos hidromórficos, de arcoses ou rochas afins
	Solos Argiluvitados pouco insaturados - Solos Mediterrâneos, pardos, de materiais não calcários, normais, de arenitos finos, argilas ou argilitos
	Solos Mólicos - castanozemes (não argiluvitados), rendziniiformes, de basaltos ou doloritos ou outras rochas eruptivas básicas

Sendo hoje considerado um Município marcadamente urbano, esta alteração de ocupação do solo e substituição de áreas naturais permeáveis para áreas urbanas de elevada impermeabilidade, cooperou para o aumento da vulnerabilidade a eventos de cheia e inundações (CMO, 2011), alterando os caudais das linhas de água e a recarga subterrânea.

Embora o uso agrícola tenha perdido expressão no concelho de Oeiras a partir de meados do século XX, o uso urbano atual contempla ainda a conservação de diversas quintas rurais, habitações com amplos espaços de jardim, horta, pomar e manchas arbóreas, que contribuem em grande parte para a identidade e riqueza natural de Oeiras, e para a elevada qualidade de vida que oferece aos seus munícipes. É deveras importante continuar a salvaguardar as áreas rústicas remanescentes e o solo rural, assegurando a rede de drenagem natural, e a preservação da biodiversidade.

2.1.9. Gestão e Governança

O Município de Oeiras esteve presente nos debates internacionais sobre o Desenvolvimento Sustentável, desde a Conferência do Rio (1992), tendo assinado a Carta de Aalborg (1994) e os Compromissos de Aalborg (2004), a par de muitos outros municípios europeus.

Em 2001 foi aprovada a sua primeira Agenda 21 Local, correspondendo aos desafios da Conferência do Rio (1992) e das Conferências de Aalborg (1994 e 2004). Em março de 2008, após um processo de revisão, foi aprovada a 2ª Agenda 21 Local de Oeiras, Oeiras 21+.

A Agenda 21 Local consiste num plano de ação para concretizar os princípios da sustentabilidade à escala local, em conjunto com diversos parceiros e envolvendo todos os atores da comunidade. Oeiras 21+ pretende ser um instrumento catalisador de projetos e mobilizador de vontades, com vista ao Desenvolvimento Sustentável do concelho.

Foram dez os projetos-motor estratégicos identificados no âmbito da Agenda 21+ que foram vertidos para o Plano Diretor Municipal (PDM):

Tabela 4 - Projetos estratégicos no âmbito da Agenda 21+

Projeto-motor	Descrição
<i>Mega Parque Verde</i>	Integrar e interligar todos os espaços de valor ambiental, protegê-los e equipá-los para um uso coletivo.
<i>Vales Verdes das Ribeiras</i>	Criar Parques abrangendo os Vales das Ribeiras, concretizando o Mega-Parque Verde.
<i>Vidas Seniores de Excelência</i>	Implantar, em cada Freguesia, pelo menos um Centro Sénior de Excelência, com um amplo conjunto de respostas de apoio aos residentes e às suas famílias.
<i>Escolas, empresas e empreendedorismo</i>	Tornar todas as escolas de Oeiras em modelos de grande qualidade e inovação, reforçando a ligação ao tecido empresarial do concelho.
<i>Bairro 21</i>	Descentralizar a Agenda 21 para estar mais perto do cidadão e apoiar as organizações locais de Bairro, envolvendo as Juntas de Freguesia, os residentes e outros atores locais, dinamizando o voluntariado e a cidadania ativa.
<i>Alternativas de mobilidade e Qualidade de Vida</i>	Transformar Oeiras num território onde é bom, seguro, fácil e convidativo andar a pé, de bicicleta e de transporte coletivo, e promover a mobilização social para um estilo de vida saudável.
<i>Energia, Economia e Qualidade de Vida</i>	Trazer a Eficiência Energética para ordem do dia nos lares, nas empresas, no sistema de transportes, na autarquia.
<i>Orla Ribeirinha</i>	Entre o Estuário e o Território, preservar, reabilitar e rentabilizar a Orla Ribeirinha, como património territorial único.

Projeto-motor	Descrição
<i>Excelência urbana</i>	Construir as bases para uma certificação territorial de espaço de Excelência Urbana a aplicar a todo o espaço do concelho e como referencial de qualidade a atingir no futuro.
<i>Melhor Governança, mais Cidadania</i>	Tornar a autarquia mais eficiente e capaz de responder melhor aos problemas complexos e multidisciplinares do Desenvolvimento Sustentável, graças à sua competência e eficiência e à colaboração de todos os municípios, atores do concelho e dos territórios vizinhos.

Tendo por base o conceito de sustentabilidade, foi desde então delineado um conjunto de planos e estratégias na área da gestão da água, energia, espaços verdes, conservação da natureza, resíduos, ruído, qualidade do ar e cidadania, que têm evoluído de acordo com a realidade do desenvolvimento urbano, enquadramento nacional e políticas locais.

Mencionam-se alguns dos planos delineados, entre 2010 e 2016, relacionados com o tema da biodiversidade:

Tabela 5 - Exemplos de planos estratégicos relacionados com a biodiversidade, delineados entre 2010 e 2016

Planos estratégicos	Descrição
<i>Plano Estratégico das Linhas de Água do Concelho de Oeiras</i>	Plano Estratégico de Restauro e Requalificação das Principais Linhas de Água do Concelho de Oeiras que está suportado em 4 objetivos principais dos quais um é a promoção do aumento da biodiversidade nestes ecossistemas.
<i>Plano Estratégico de Corredores Verdes</i>	Visou a concretização de uma estrutura sustentável abrangente a todo o concelho, que permitisse efetivar um conjunto de fluxos funcionais e ecológicos num contexto de Continuum naturale , potenciando os valores naturais das paisagens que atravessa e conferindo uma ocupação de solo equilibrada tendo em conta a vocação dos espaços e o rápido crescimento urbano.
<i>Plano Estratégico de Arborização - “Oeiras cidade verde”</i>	Teve como objetivo a salvaguarda dos valores de património arbóreo, inventariando, mantendo, recuperando e preservando os espécimes existentes e plantando novos elementos. Foi estabelecido o objetivo de igualar o número de árvores ao número de cidadãos no seu território sob o mote: “Uma Árvore, Um Cidadão”, envolvendo os moradores em ações de plantação de novas árvores.
<i>Plano Estratégico da Vegetação</i>	O objetivo principal deste plano consistiu na identificação das séries de vegetação autóctone, existente e potenciais do concelho de Oeiras e a reprodução dessas espécies, a partir das populações que ocorrem naturalmente neste território, com vista à aplicação desse material nos espaços verdes públicos. O uso destas espécies que se encontram perfeitamente adaptadas ao nosso clima permite a diminuição de água necessária para rega bem como a redução nos custos de manutenção dada a maior resistência destas espécies a pragas e doenças. Um dos exemplos de utilização

<i>Planos estratégicos</i>	<i>Descrição</i>
<i>Plano Estratégico da Água</i>	massiva destas espécies foi a construção do Parque das Perdizes. Este plano estratégico teve como principais objetivos: Redução dos consumos municipais de água para fins menos nobres (rega de espaços verdes, lavagem de arruamentos, viaturas e contentores), através da potenciação e preservação dos recursos hídricos naturais do Concelho; Preservação e recuperação de estruturas tradicionais de captação, armazenamento e condução de água; Elaboração em 2011 do Projeto de Requalificação Paisagística das Ribeiras do Concelho de Oeiras (PRPRCO).
<i>Plano de Gestão Integrada para os Jardins e Espaços Verdes Públicos de Carácter Patrimonial</i>	Visa a salvaguarda através da recuperação, restauro, recriação, dinamização e manutenção dos jardins e espaços verdes de carácter patrimonial do concelho que se destacam pela sua particularidade e excelência. Apesar da grande diversidade tipológica destas estruturas, apresentam todas características comuns que se prendem, inevitavelmente, com ações de planeamento, projeto, obra, conservação, dinamização e programação.

A visão de Oeiras em 2020 veiculada pela Agenda 21+ é a seguinte: “Um território de elevada qualidade, com uma comunidade económica inclusiva e de grande dinamismo, utilizando racionalmente todos os recursos naturais, uma população exigente, moderna, envolvida e feliz pelas oportunidades de prazer e desenvolvimento que encontra no seu concelho de residência.”

Dado o panorama global de alterações climáticas (AC), reveste-se da maior pertinência o desenvolvimento de estratégias e planos de adaptação a nível regional ou local, pois constituem a base de trabalho, planeamento e implementação, essenciais à mitigação dos possíveis impactos das AC a longo prazo, a nível social, económico e ambiental. Neste contexto, foi elaborado em 2019 o PMAACO, redigido pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, pelo CE3C - ‘Center for Ecology, evolution and environmental changes’, pelo CCIAM – ‘Centre for Climate Change Impacts Adaptation and Modelling’, pelo Instituto D. Luiz e pelo Centro de Estudos Florestais, encontrando-se atualmente em fase de revisão final. O PMAACO teve como objetivo compilar um conjunto de opções e medidas de adaptação que respondem às vulnerabilidades identificadas e adaptadas ao território do município de Oeiras. Para o setor da biodiversidade, foram previstas medidas como: “Cartografar os *habitats* naturais e seminaturais do município”, “Proceder ao levantamento da composição de caracterização do estado de conservação dos *habitats*”, “Proceder à monitorização e gestão da biodiversidade a longo prazo”, “Sensibilizar a população para a importância dos ecossistemas urbanos” e “Incentivar a criação de projetos de monitorização/observação da biodiversidade através do envolvimento de cidadãos e escola locais”.

Em matéria de Educação Ambiental o município tem vindo a promover desde 1999 um conjunto diverso de atividades de promoção do conhecimento e preservação da biodiversidade, especialmente enquadradas no Programa de Educação Ambiental Escolar e na comemoração de Dias Temáticos (Dia da floresta e Dia da biodiversidade).

Em 2019 aumentou-se de forma significativa a oferta de atividades nesta temática, através da realização de um conjunto de percursos e oficinas de promoção e divulgação da biodiversidade local abertas à população em geral e no âmbito do Programa de Educação Ambiental escolar.

São exemplos as seguintes tipologias de atividades:

Tabela 6 - Exemplos de atividades realizadas pelo município de promoção da biodiversidade

Publico alvo	Tipo de atividades de promoção da biodiversidade
<i>Cidadãos em geral</i>	<ul style="list-style-type: none"> - Percursos temáticos de observação da natureza em espaços verdes municipais - Instalação de estruturas informativas nos principais jardins e parque municipais, sendo exemplo os Biospots e Estações da Biodiversidade - Oficinas temáticas com práticas de demonstração e sensibilização para a preservação de espécies e ecossistemas - <i>Workshops</i> sobre agricultura urbana e compostagem doméstica - Elaboração e divulgação de materiais informativos sobre a biodiversidade local: exposição, folhetos, guias, publicação em site e redes sociais - Divulgação de plataformas digitais para registo de espécies de fauna e flora observadas no município - Comemoração de dias temáticos com oferta de atividades de promoção da natureza
<i>Escolas (estabelecimentos da rede pública, privada e IPSS)</i>	<p>Em cada ano letivo são divulgadas e promovidas cerca de 30 propostas de atividades dinamizadas pelo município ou parceiros externos com os seguintes temas e tipologias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Percursos de observação e interpretação dos ecossistemas marinhos e envolventes, na Orla Costeira - Divulgação e apoio ao projeto <i>Coast Watch</i> (GEOTA) - Divulgação e apoio ao Projeto Escola Azul (Direção-Geral de Política do Mar) - Percursos de observação e interpretação dos ecossistemas das ribeiras e divulgação da metodologia do Projeto Rios (ASPEA) - Apoio à dinamização do projeto Peixes Nativos - Percursos de observação e interpretação da biodiversidade de parques e jardins - Visita aos Viveiros Municipais - Atividades de observação de aves no Vale do Jamor (IPDJ) - Atividades de descoberta da Natureza - Oficinas sobre apicultura e polinizadores - Histórias encenadas sobre biodiversidade marinha - Visitas ao Aquário Vasco da Gama - Teatros pedagógicos sobre proteção da biodiversidade - Atividades de informação e sensibilização sobre espécies invasoras ou nocivas - Divulgação de plataformas digitais para registo de espécies de fauna e flora observadas no município - Promoção de hortas escolares e práticas de compostagem - Apoio a visitas de estudo a diversos ecossistemas e projetos de promoção e conhecimento da biodiversidade na área metropolitana de Lisboa, através de parcerias externas, nomeadamente: <ul style="list-style-type: none"> - Centro de Interpretação do Parque florestal de Monsanto (Câmara Municipal de Lisboa) - Quinta pedagógicas dos Olivais (Câmara Municipal de Lisboa) - Centro de Ecologia Aplicada da Tapada da Ajuda - Jardim Botânico da Ajuda

Publico alvo Tipo de atividades de promoção da biodiversidade

- Borboletário de Rana (Câmara Municipal de Cascais)
- Atividades pedagógicas do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA)
- Atividades pedagógicas do MARE - Centro de Ciências do Mar e do Ambiente
- Atividades pedagógicas da Liga para a Proteção da Natureza (LPN)
- Centro Pedagógico do Zoo de Lisboa

Estas atividades vão sendo atualizadas consoante a evolução dos projetos e estratégias em vigor, sendo divulgadas através de um conjunto diversificado de meios, nomeadamente:

- Programa de Educação Ambiental para as Escolas;
- Portal Oeiras Educa;
- Agenda da Ciência;
- Site e redes sociais do município;
- Imprensa municipal;
- Mailing list;
- Partilha de informação com entidades parceiras.

Em 2014, 2017 e 2020, Oeiras participou no Programa ECOXXI - Municípios no percurso da Sustentabilidade, uma iniciativa dedicada à avaliação da sustentabilidade territorial dos municípios.

Este Programa de âmbito nacional organizado pela Associação Bandeira Azul da Europa (ABAE), procura reconhecer as boas práticas de sustentabilidade desenvolvidas ao nível dos municípios. Um dos seus méritos é a definição de uma série de indicadores de sustentabilidade local que permitem aos municípios conhecer, planear e melhor gerir o território, constituindo uma ferramenta de trabalho que permite melhorias na área do desenvolvimento sustentável.

Em 2020 o Município de Oeiras atingiu o seu objetivo de alcançar o escalão de 70-80%, com uma pontuação final de 74%, pelo que lhe foi atribuída a Bandeira Verde ECOXXI 2020. A classificação de excelência nestes indicadores revela a grande aposta e a estratégia de atuação nestas temáticas.

A par dos trabalhos realizados pelos recursos internos, ao longo dos últimos anos e com maior intensidade desde 2020, o Município tem realizado vários estudos e projetos ao nível da caracterização e conservação da biodiversidade, recorrendo a diversas entidades de referência deste setor, encontrando-se inclusivamente algumas delas (as quatro primeiras) sediadas no Município:

Tabela 7 - Estudos e projetos sobre a biodiversidade do município, realizados por entidades externas

Entidade	Projeto	Ano de execução
<i>Aquário Vasco da Gama</i>	- Programa de Educação Ambiental escolar - Peixes Nativos	Desde 2015
<i>IGC - Instituto Gulbenkian de Ciência</i>	- Plano de Erradicação de <i>Xenopus laevis</i> nas ribeiras do concelho de Oeiras	Desde 2010
<i>INIAV - Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária</i>	- Revisão científica de fichas técnicas da flora municipal	Desde 2019
<i>ITQB - Instituto de Tecnologia Química e Biológica António Xavier</i>	- Planeamento de atividades no âmbito do Dia do Fascínio das Plantas	Desde 2012

Entidade	Projeto	Ano de execução
<i>Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa</i>	- Biomonitorização	Desde 2007
<i>ICNF - Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas</i>	- Plano de Erradicação de <i>Xenopus laevis</i> nas ribeiras do concelho de Oeiras	Desde 2010
<i>SPEA – Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves</i>	- Inventário das comunidades de aves da linha de costa de Oeiras e da Fábrica da Pólvora	2010-2012
<i>ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida</i>	- Peixes Nativos	Desde 2013
<i>MARE - Centro de Ciências do Mar e do Ambiente</i>	- Peixes Nativos	Desde 2017
<i>Águas do Tejo Atlântico</i>	- Peixes Nativos	Desde 2017
<i>Biodiversity4All - Associação Biodiversidade para Todos</i>	- Atividades de ciência cidadã (Blioblitz e Plantblitz)	Desde 2019
<i>Sociedade Portuguesa de Botânica</i>	- Atividades de ciência cidadã (Blioblitz e Plantblitz)	Desde 2019
<i>ce3c – Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais</i>	- Atividades de ciência cidadã (Blioblitz)	Desde 2019
<i>CIBIO-InBIO – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto</i>	- Atividades de ciência cidadã (Blioblitz)	Desde 2019
<i>Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa</i>	- Atividades de ciência cidadã (Plantblitz)	Desde 2020
<i>Universidade de Évora</i>	- Anilhagem científica - Agenda da Natureza	Desde 2020
<i>Tagis - Centro de Conservação das Borboletas de Portugal</i>	- Estações da Biodiversidade - Biospots - Guia de Insetos e Plantas - Semana “Insetos em Ordem”	Desde 2020

Os estudos e informações sobre a biodiversidade municipal podem ser consultados através do site oficial:

<http://www.cm-oeiras.pt/pt/viver/ambiente/biodiversidade/Paginas/default.aspx>





Guarda-rios (*Alcedo atthis*)

2.2. Oeiras tem Vida – Caracterização da biodiversidade municipal

O conhecimento da biodiversidade do município de Oeiras, apesar de estruturante e basilar para uma avaliação eficaz do território, ainda apresenta algumas lacunas.

O procedimento adotado para realizar a sua caracterização neste documento, consistiu em trabalho de campo, sobretudo com visitas ao terreno no âmbito dos projetos de inventariação de espécies em curso durante 2020, armadilhagem fotográfica, análise da cartografia existente, compilação de dados de plataformas de ciência cidadã, observações pessoais dos biólogos alocados à Divisão de Gestão Ambiental (DGA), e principalmente, revisão bibliográfica. A compilação dos dados relativos às espécies de fauna e flora teve em consideração o período compreendido entre 2010 até ao presente.

Estrutura Ecológica Municipal

Oeiras dispõe de uma Estrutura Ecológica Municipal com cerca de 1910,2 hectares, descrita no Plano Diretor Municipal (PDM), cuja função é a salvaguarda do equilíbrio ecológico dos sistemas naturais identificados no território.

Da Estrutura Ecológica Municipal fazem parte a Estrutura Ecológica Fundamental e a Estrutura Ecológica Complementar.

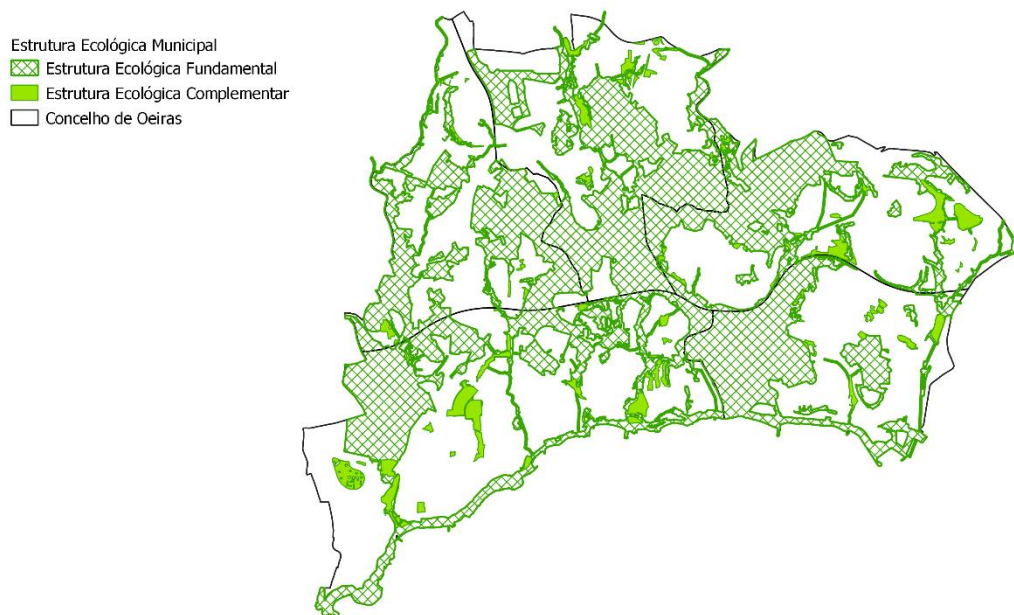


Figura 7 - Estrutura ecológica municipal do município de Oeiras.

A Estrutura Ecológica Fundamental inclui as áreas mais sensíveis e abrangidas por um regime de utilização mais restritivo como as áreas afetadas à Reserva Ecológica Nacional (REN), à Reserva Agrícola Nacional (RAN), aos Recursos Hídricos, ao Regime Florestal e aos *Habitats* de Interesse Comunitário.

A Estrutura Ecológica Fundamental compreende as áreas que constituem o suporte básico dos sistemas cuja proteção é indispensável ao funcionamento sustentável do território.¹²

¹² Diário da República Eletrónico - <https://dre.pt/home/-/dre/70280688/details/maximized>

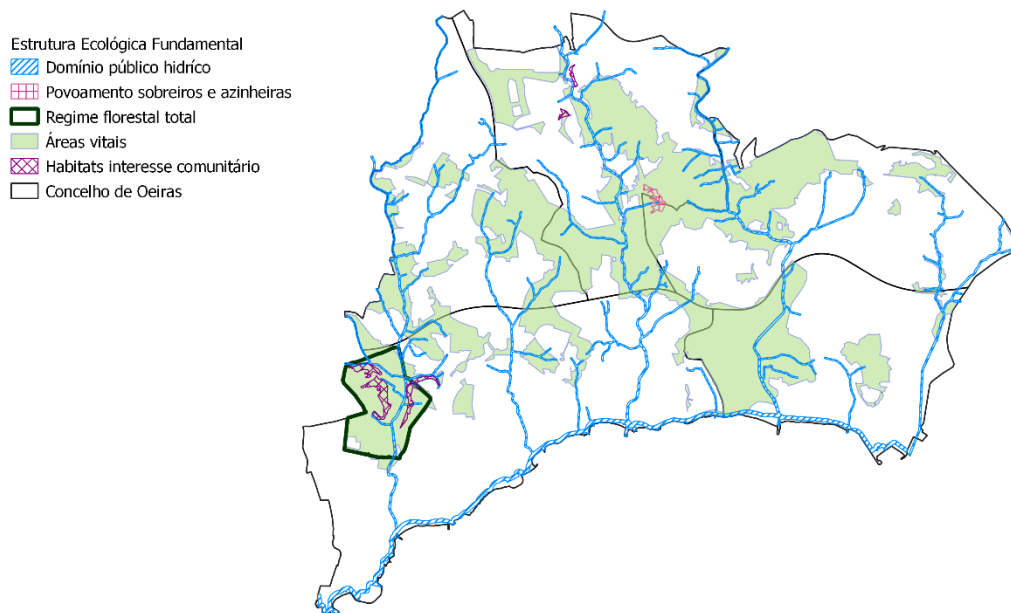


Figura 8 - Estrutura ecológica fundamental do município de Oeiras.

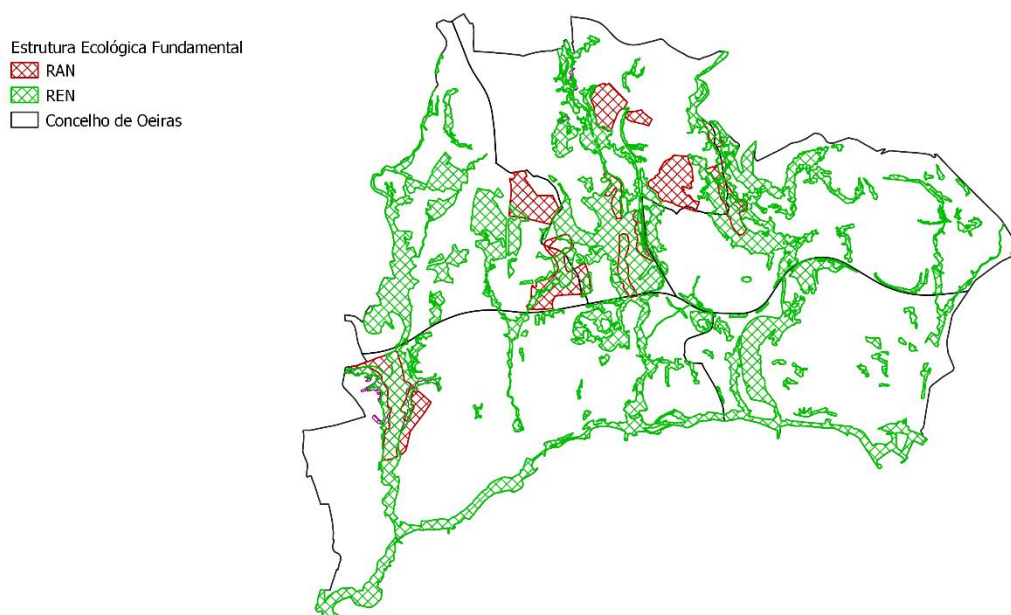


Figura 9 - Estrutura ecológica fundamental do município de Oeiras (RAN e REN).

A Estrutura Ecológica Complementar abrange áreas que, pelos seus valores e características intrínsecas, quer de ordem biofísica quer pelos seus valores e ocorrências culturais, têm o potencial de estabelecer a continuidade dos sistemas e funções ecológicas no território concelhio, assumindo também uma função social relevante.¹¹

A Estrutura Ecológica Complementar inclui as áreas de salvaguarda do sistema hidrogeológico, áreas de produção de biomassa, áreas verdes urbanas, áreas afetadas ao sistema de vistas, as paisagens singulares mais representativas da identidade do território e ainda, os corredores verdes enquanto fluxos funcionais e ecológicos num contexto de **Continuum naturale**.

As áreas de produção de biomassa integram os solos identificados como de elevado valor ecológico e os habitats com interesse local.

Os corredores verdes locais integram os corredores verdes de linha de água, os corredores verdes de ligação e o corredor verde litoral, constituindo um elemento agregador da estrutura ecológica municipal e possibilitando a criação de uma rede de mobilidade suave e alternativa ao transporte automóvel ou motorizado, permitindo desta forma a redução dos consumos energéticos e aumentar a conectividade entre as diversas centralidades urbanas do Município.

O sistema de vistas constitui a rede de pontos com vistas panorâmicas e as áreas de acesso ao sistema de vistas e tem por objetivo salvaguardar e potenciar uma rede efetiva de pontos com vistas panorâmicas no Município.

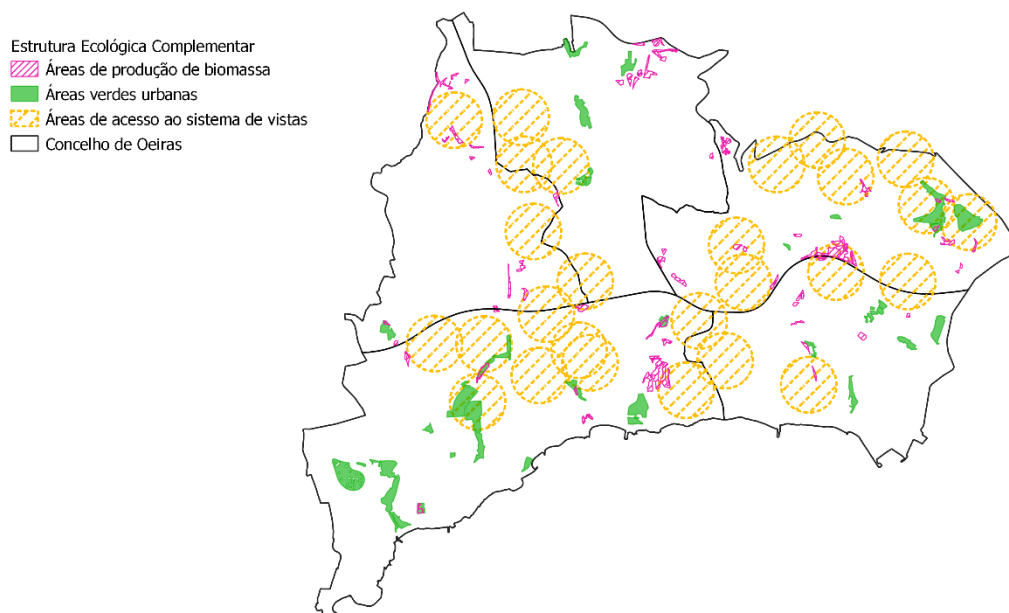


Figura 10 - Estrutura ecológica complementar do município de Oeiras.

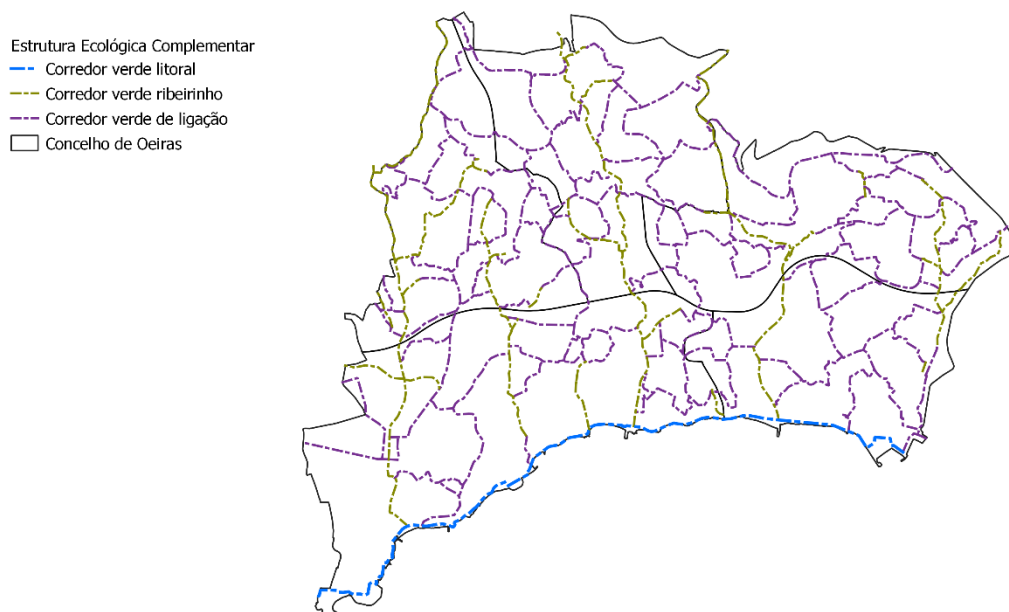


Figura 11 - Estrutura ecológica complementar do município de Oeiras (Corredores Verdes).

2.2.1. Áreas naturais

A classificação dos ecossistemas quanto à sua naturalidade está dependente de uma panóplia de fatores como o objetivo a que se destina a avaliação, a escala, a tipologia do local, entre outros. Esta avaliação indica-nos a “saúde” dos ecossistemas através da análise do seu grau de degradação, pela alteração nos seus processos e funções ecológicas.¹³

Por uma questão de homogeneização da informação, para permitir o cálculo do Indicador 1 do CBI e a comparação deste índice com outros municípios da AML, optou-se por adotar a mesma classificação utilizada para o caso de Lisboa¹⁴.

Desta forma, em Oeiras existem quatro tipologias de ecossistemas quanto ao grau de naturalidade:

Tabela 8 - Tipologias de ecossistemas quanto ao grau de naturalidade

Classificação	Descrição
<i>Natural</i>	Espaços de origem natural.
<i>Naturalizado por abandono</i>	Espaços assilvestrados que apesar de terem sofrido intervenção humana no passado, foram abandonados e recuperaram o seu equilíbrio de forma espontânea, aproximando-se agora de ecossistemas naturais.
<i>Naturalizado por gestão</i>	Espaços que com pouca pressão/intervenção humana e/ou que foram sujeitos a ações de renaturalização.
<i>Seminatural</i>	Áreas que, independentemente da sua origem, requerem intervenção humana para a sua manutenção.

¹³ IUCN - <https://iucnrle.org/blog/new-publication-ecosystem-indices-to-support-global-biodiversity-conservation/>

¹⁴ CML. (2015). *Plano de Ação Local para a Biodiversidade em Lisboa*.

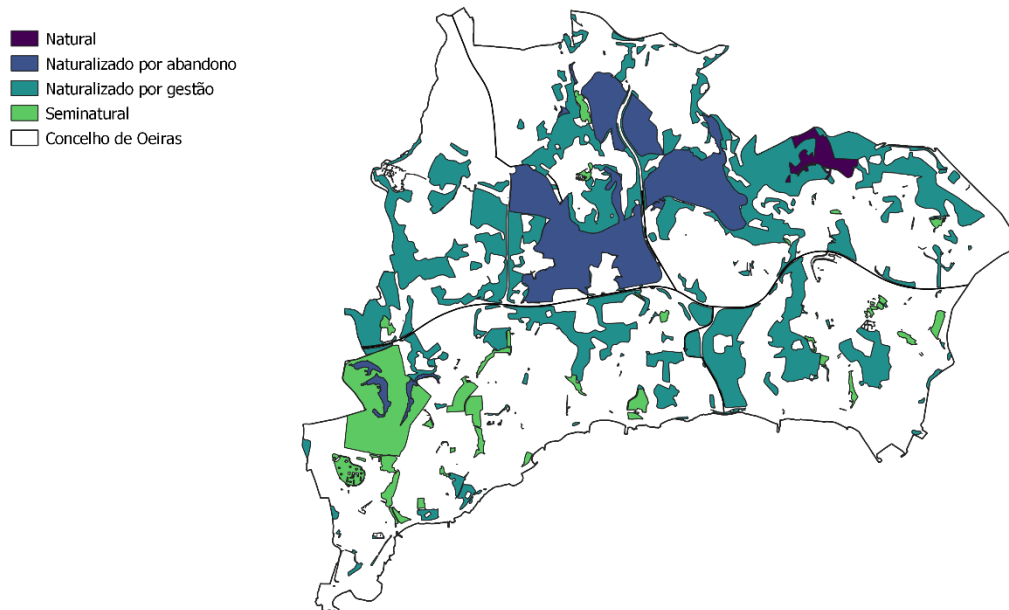


Figura 12 - Áreas naturais, naturalizadas e seminaturais do município de Oeiras.

Apesar da sua identidade urbana, existe ainda uma área de origem natural no território com uma área aproximada de 28,3 hectares, que corresponde à Serra de Carnaxide, e que deverá ser preservada.

Existem também vários espaços assilvestrados, ou naturalizados por abandono, onde estão incluídos os *habitats* de interesse comunitário e povoamentos classificados referidos na Estrutura Ecológica Fundamental.

Estes *habitats* de interesse comunitário correspondem aos bosques existentes na Quinta de Recreio do Marquês de Pombal situada no coração da vila de Oeiras. A espécie predominante destes bosques é o zambujeiro, (*Olea europaea* var. *sylvestris*) outrora utilizados pelo Marquês como porta-enxerto para oliveiras domésticas e posteriormente abandonados, pelo que recuperaram características silvestres, e atingiram condições de equilíbrio muito próximas das naturais.

Os povoamentos de sobreiro (*Quercus suber*) e azinheira (*Quercus ilex*) que se encontram na freguesia de Barcarena, apesar de não serem espontâneos, sofreram um também um processo de assilvestramento semelhante ao descrito anteriormente pelo que estão incluídos nesta categoria. De salientar que os montados (ecossistemas típicos de sobreiros e azinheiras) evidenciam elevado valor em termos de biodiversidade, ambiente e ecologia.

Foram também incluídos nesta tipologia os “espaços naturais” que correspondem às áreas de solo rural do Município de Oeiras, livres de ocupação, e sem utilização dominante definida. Note-se que esta análise foi feita com base em cartografia produzida aquando da revisão do PDM em 2015, pelo que a área de solo rural/espaço natural poderá, entretanto, ter sofrido alterações.

A área total de espaços naturalizados por abandono é de 391,5 hectares, o que representa 8,5% do território.

As áreas naturalizadas por gestão correspondem aos prados de sequeiro e aos restantes matos e espaços florestais que requerem pouca manutenção, com uma área de 926,3 hectares, ou 20% da área total do município. O cálculo das áreas de mato e espaço florestal foi realizado com recurso à Carta de Ocupação do Solo de 2018.

Dos 209,4 hectares de áreas seminaturais fazem parte todos os parques, jardins e as hortas urbanas do município.

2.2.2. Conectividade das Áreas Naturais

A conectividade das áreas naturais é um fator essencial para a conservação da biodiversidade. Observe-se o caso do esquilo-vermelho (*Sciurus vulgaris*): este simpático roedor está atualmente de volta ao nosso país e, inclusivamente ao nosso concelho, mas esteve extinto em Portugal durante centenas de anos devido à fragmentação do seu *habitat*. O esquilo-vermelho desloca-se sobretudo pela copa das árvores, e a sua extinção deu-se no século XVI aquando da intensa destruição das florestas devido à agricultura e à construção naval, causando a fragmentação do seu território. Apenas durante a década de 80 uma população de esquilos vinda de Espanha passou as fronteiras e voltou a colonizar Portugal.

Em meio urbano, a fragmentação do *habitat* pode ser facilmente percebida através dos atropelamentos dos animais em estradas que rasgam manchas naturais que anteriormente se encontravam conectadas.

Para o cálculo da conectividade das áreas naturais do município, indicador 2 do CBI, adotou-se a mesma metodologia do caso de Lisboa, pelas mesmas razões anteriormente descritas.

Procedeu-se ao cálculo da conectividade ao nível do solo, essencial para mamíferos, répteis e anfíbios, através da aplicação de um *buffer* de 10 metros sobre as áreas de prado de sequeiro, solo rural e matos.

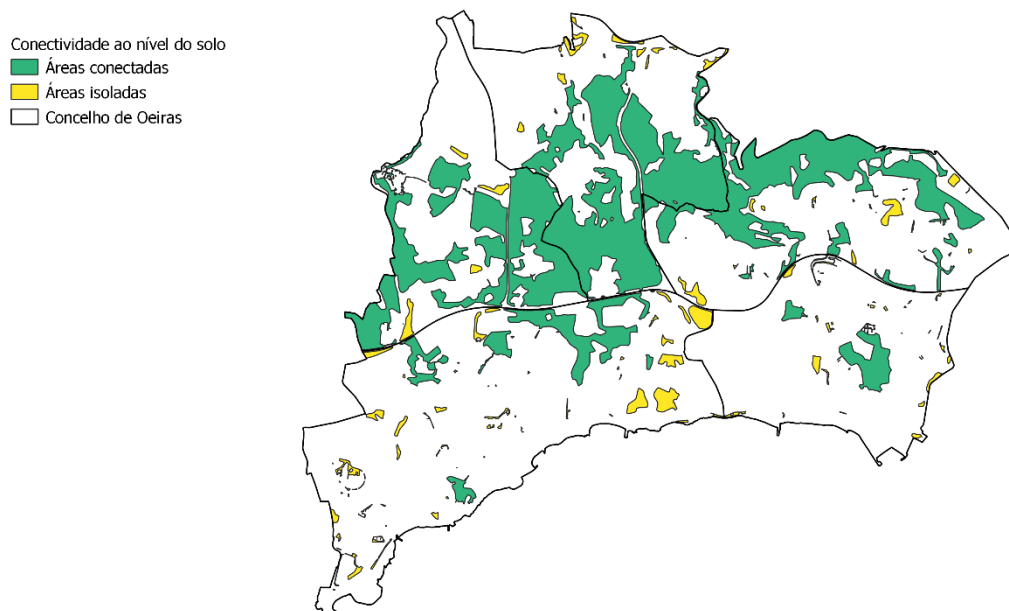


Figura 13 - Conectividade ao nível do solo no município de Oeiras.

Para o cálculo da conectividade ao nível da copa das árvores, fundamental para aves e alguns mamíferos (como o esquilo-vermelho), aplicou-se um *buffer* de 20 metros sobre as áreas correspondentes a espaço florestal.

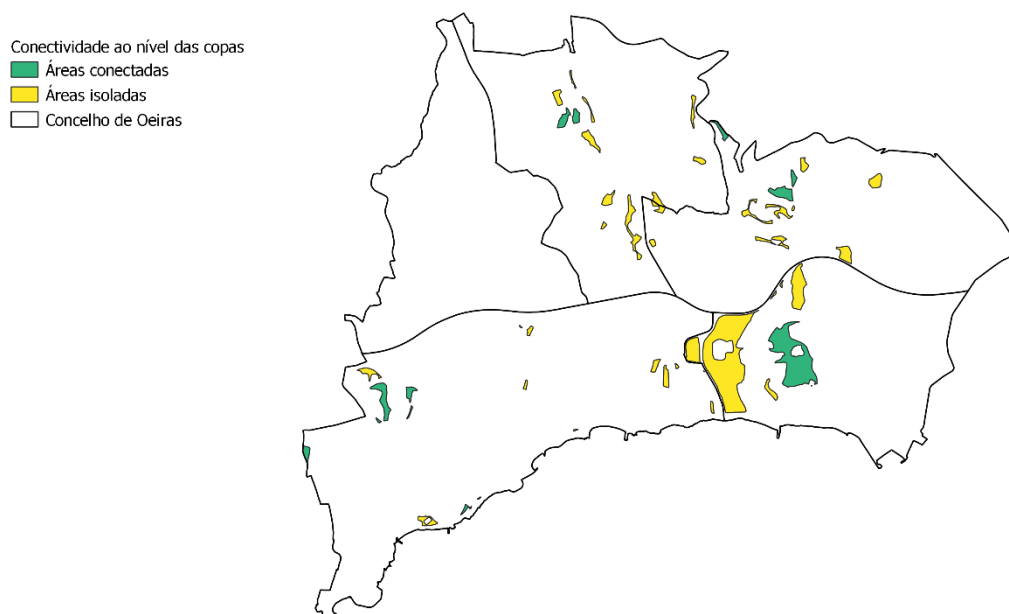


Figura 14 - Conectividade ao nível das copas das árvores no município de Oeiras.

Para este cálculo foram apenas consideradas as manchas arbóreas classificadas como espaço florestal e não foram contabilizadas as árvores isoladas por não existir cartografia disponível da área do copado. O valor de conectividade ao nível das copas, apesar de subestimado, indica uma carência de manchas arbóreas no município.

Tabela 9 - Área e proporção de áreas conectadas no município

Conectividade	Área (ha)	Proporção (%)
Ao nível do solo	1060,4	23,1
Ao nível do copado	50,7	1,1

O aumento da conectividade entre *habitats* é uma medida transversal a todos os instrumentos orientadores para a biodiversidade atuais, quer os nacionais como os internacionais, e pode ser melhorado, com algum investimento, através a execução dos corredores verdes já previstos em PDM e/ou através da implementação de passagens verdes para a fauna em locais estratégicos.

A criação de corredores ecológicos permite aumentar a biodiversidade local e a resiliência das espécies e *habitats* face às alterações climáticas.

2.2.3. Áreas classificadas

No município de Oeiras não existem atualmente áreas protegidas.

No entanto, como já foi referido, na Quinta de Recreio do Marquês de Pombal (QRMP), ex-Estação Agronómica Nacional, existem vários tipos de bosques bem conservados, encontrando-

se quatro manchas contempladas no PDM com a tipologia de *Habitat* de Interesse Comunitário, correspondendo ainda ao *Habitat* 9320 da Rede Natura 2000, que inclui os tipos de *habitats* naturais de interesse comunitário constantes do Anexo I da Diretiva *Habitats*. Esta classificação deve-se ao processo de renaturalização descrito acima, que permitiu a recuperação das características paraclimáticas e como tal, revestem-se de interesse para conservação e constituem uma oportunidade para criação de uma área protegida de âmbito municipal no futuro. Os bosques de zambujeiro classificados correspondem a 23,3 hectares. A totalidade da área da QRMP, 130,8 hectares, encontra-se também sujeita ao Regime Florestal Total.

Os povoamentos de sobreiros e azinheiras perfazem um total de 4,2 hectares.

Existem onze áreas correspondentes a Geomonumentos, com uma área total de 16,1 hectares. A descrição destes Geomonumentos pode ser consultada no Anexo II.

São apenas quatro os Fitomonumentos classificados como Árvores e Arvoredo de Interesse Público em Oeiras, existindo, no entanto, espaço para a classificação de mais no futuro. A descrição detalhada pode igualmente ser consultada no Anexo II.

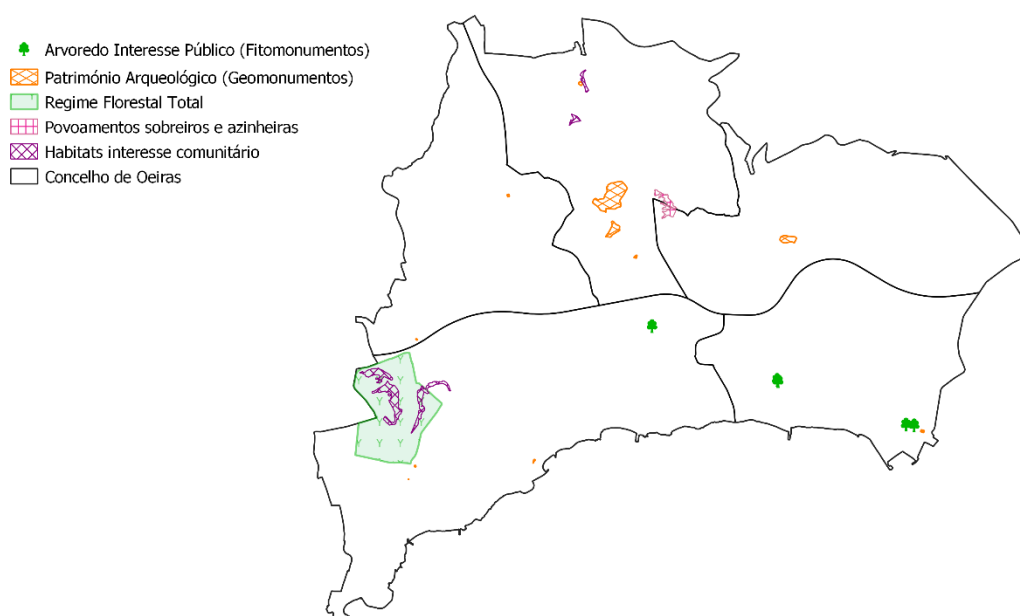


Figura 15 - Áreas com estatuto de proteção do município de Oeiras.

Tabela 10 - Áreas classificadas do município de Oeiras

Designação	Descrição	Diploma	Área (ha)
<i>Habitats</i> de Interesse Comunitário	Bosques de Zambujeiro	DL nº49/2005 de, 24 de Fevereiro / Anexo B-I	23,3
Regime Florestal Total	Estação Agronómica Nacional	Decreto Regulamentar n.o 15/2006 de 19 de Outubro	130,8
Povoamento de Sobreiros e Azinheiras	Povoamento de Sobreiros e Azinheiras	DL nº169/2001, de 25 de Maio	4,2
Património Arqueológico (Geomonumentos)	Sítios Arqueológicos	Lei nº 107/2001, de 8 Setembro (Art. nº43 e nº75)	16,1
TOTAL			174,4

2.2.4. Espaços verdes municipais

Os espaços verdes são constituídos pelas áreas com funções de equilíbrio ecológico no meio urbano, que enquadram atividades de recreio e lazer e de natureza agrícola e que coincidem em parte com a estrutura ecológica municipal¹⁵.

As áreas verdes são essenciais ao bem-estar e qualidade de vida da população, desempenhando um importante papel a nível social.

Do ponto de vista ecológico, os espaços verdes são responsáveis por serviços fundamentais como infiltração das águas, produção de oxigénio, sequestro de carbono, aumento do teor de humidade do ar, proteção contra a erosão do solo, controlo do ruído e da poluição do ar, diminuição do efeito de ilha de calor urbana, e promoção da biodiversidade através da criação de refúgio e alimento para as diversas espécies.

O ecossistema urbano, do qual fazem parte os espaços verdes urbanos, é cada vez mais relevante para a conservação da biodiversidade local, pelo que se reveste da maior importância conhecer e monitorizar estes espaços.

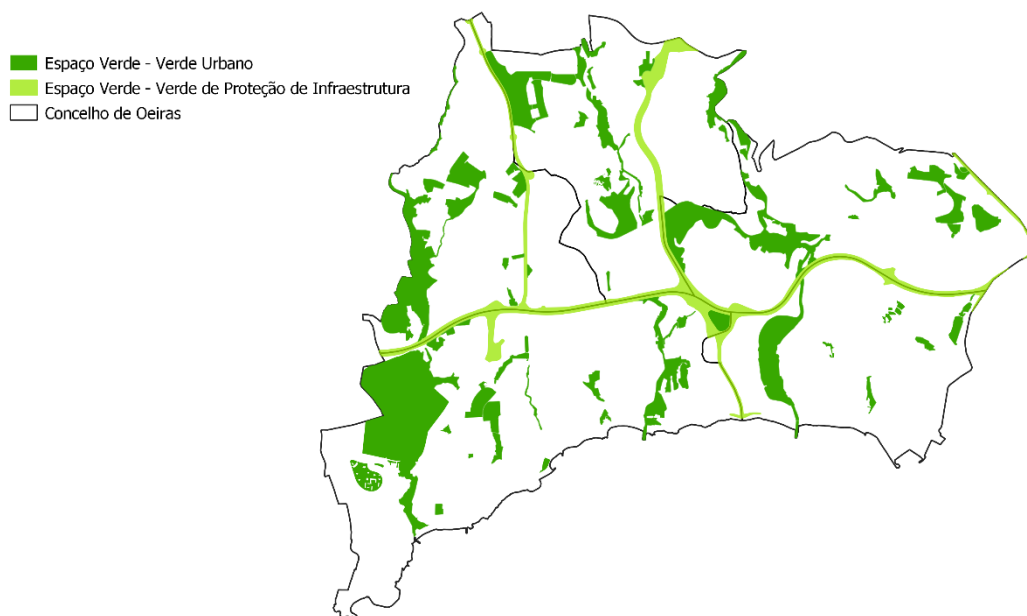


Figura 16 - Espaços verdes públicos do município de Oeiras.

Os espaços verdes identificados integram as áreas destinadas a utilização pública, ao desporto, recreio, cultura e lazer, áreas que estabelecem o enquadramento de infraestruturas e do património construído e as áreas sujeitas a regimes territoriais específicos, e subdividem-se em duas categorias:

- a) Verde urbano;
- b) Verde de proteção de infraestruturas.

A área total de espaços verdes públicos é de aproximadamente 994 hectares, o que corresponde a 21,7% do território. Incluídos nesta categoria encontram-se os 46 Parques Urbanos e Jardins Municipais, a Quinta de Recreio do Marquês de Pombal, a Serra de Carnaxide

¹⁵ CMO. (2013a). *Oeiras Factos e Números - Edição especial* (1.a edição).

e o Complexo Desportivo do Jamor, com uma área total de 812,2 hectares. Este valor, diferente do apresentado na página 40, inclui a totalidade da área da QRMP, o que não foi considerado anteriormente por existirem diferentes tipologias de áreas (quanto à sua naturalidade) compreendidas dentro dos seus limites. Aqui, a categorização foi realizada apenas por tipo de espaço verde.

2.2.5. 6366056.540313619Ecosistemas

O Município de Oeiras, apesar de marcadamente urbano, dispõe de uma infraestrutura verde e azul significativa, o que associado às suas características biogeográficas, constitui uma oportunidade para que prosperem vários tipos de ecossistemas.

A gestão baseada nos ecossistemas, ou abordagem ecossistémica, é um modelo de gestão ambiental holístico que reconhece o conjunto completo de interações dentro de um ecossistema, incluindo os seres humanos, em vez de considerar isoladamente as questões individuais, espécies, ou serviços ecossistémicos¹⁶. É considerado o primeiro modelo desenvolvido para abordar, de forma equilibrada, os objetivos da CDB.

Através da análise de vários fatores, nomeadamente os bióticos (fauna e flora) e os abióticos (clima, geologia, solo), e as interações entre estes e o Homem, definiu-se que os principais e mais relevantes ecossistemas presentes em Oeiras são:

- Ecossistema costeiro e marinho
- Ecossistema dulçaquícola
- Ecossistema florestal
- Ecossistema urbano

Ecossistema costeiro e marinho

O ecossistema costeiro compreende o ambiente marinho e o litoral ou orla costeira, que constitui o espaço geográfico de interface entre o meio marinho e terrestre. As zonas costeiras reúnem múltiplos recursos naturais e *habitats*, oferecendo inúmeras oportunidades para a descoberta de uma grande variedade de espécies¹⁷. A pressão humana e exploração descontrolada dos recursos naturais nestas zonas, sobretudo pesca e o lixo marinho resultante desta e de outras ações humanas, aliada a fatores de origem natural, nomeadamente as alterações climáticas, podem levar à sua progressiva e irreversível degradação.

“O litoral deve manter-se como área preferencial de recreio e lazer, garantindo a manutenção das suas características naturais.”¹⁸

Um ecossistema marinho e costeiro saudável fornece muitos serviços valiosos desde a produção de oxigénio e sequestro de dióxido de carbono, segurança alimentar, recursos para o crescimento económico, lazer, turismo e proteção da orla costeira. Funciona ainda como reserva fundamental de biodiversidade, sendo que 90% das espécies marinhas identificadas atualmente pode ser encontrada nas águas rasas junto à costa, permanecendo ainda mais de 90% do oceano

¹⁶ Christensen, N. L., Bartuska, A. M., Brown, J. H., Carpenter, S., D’Antonio, C., Francis, R., Franklin, J. F., MacMahon, J. A., Noss, R. F., Parsons, D. J., Peterson, C. H., Turner, M. G., & Woodmansee, R. G. (1996). *The report of the ecological society of america committee on the scientific basis for ecosystem management*. *Ecological Applications*, 6(3), 665–691. <https://doi.org/10.2307/2269460>

¹⁷ Lopes, R. (2014). *Gestão Sustentável dos Ecossistemas Costeiros de Torres Vedras, como estratégia de desenvolvimento local. Bases para a criação de uma Reserva Natural Marinha*. Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade Nova de Lisboa.

¹⁸ Diário da República Eletrónico – <https://dre.pt/pesquisa/-/search/302557/details/maximized>

por explorar. Sabe-se que existem centenas de espécies marinhas que produzem compostos químicos fortemente usados pela indústria farmacêutica para a produção de medicamentos. O grupo dos equinodermes (estrela-do-mar) reveste-se de grande importância para a medicina e ciência pelo seu potencial de regeneração.

Ao nível da flora, em fevereiro de 2020, numa única visita às praias de Algés e do Dafundo, a equipa de biólogos alocados à Divisão de Gestão Ambiental identificou cerca de uma dezena de espécies de vegetação autóctone costeira e dunar, algumas delas endémicas. Esta descoberta levantou a hipótese de recuperação da duna embrionária local, um *habitat* relevante e anteriormente considerado inexistente em Oeiras.

Relativamente à fauna, ainda há muito por descobrir uma vez que, até ao momento, não foi realizado nenhum levantamento de âmbito holístico dos diversos grupos de animais marinhos e costeiros. No entanto, o inventário das comunidades de aves da linha de costa realizado pela SPEA entre 2010 e 2012, registou a presença de uma espécie ameaçada em Portugal, o pilrito-escuro (*Calidris maritima*). Destaca-se também o avistamento de um flamingo-comum (*Phoenicopterus roseus*) em agosto de 2020 na praia da Cruz-Quebrada. Apesar de se tratar de um fenómeno raro e acidental, poderá tender a repetir-se no futuro caso a qualidade do *habitat* seja melhorada.

Ao nível da biodiversidade marinha, para além das espécies mais carismáticas e acarinhadas pela comunidade, como os golfinhos, Oeiras apresenta um grande potencial para albergar outras espécies e *habitats* de interesse para a conservação, sendo essencial a existência de uma inventariação completa, acompanhada de um plano de monitorização a longo prazo, e de uma estratégia de utilização sustentável dos recursos costeiros e marinhos. As características acima descritas constituem uma oportunidade para equacionar a possibilidade de criação de uma área marinha protegida de âmbito local.

Não existem dados disponíveis para a quantificação dos serviços prestados por este ecossistema à escala local. Em contexto de alterações climáticas e crescente necessidade de descarbonização da atmosfera, seria interessante no futuro, proceder à avaliação do sequestro de carbono realizado pelos organismos marinhos presentes em Oeiras.

Ecossistema dulçaquícola

O ecossistema dulçaquícola (de água doce), inclui os sistemas de águas correntes como rios e ribeiras, e também os sistemas de águas paradas como lagos, lagoas e charcos temporários. Este ecossistema assume particular relevância para o município e para a conservação, enquanto património natural único, rico em espécies piscícolas nativas e endémicas, com destaque para a boga-portuguesa (*Iberochondrostoma lusitanicum*) que se encontra em perigo crítico de extinção. É também ao nível deste ecossistema que Oeiras encerra as suas maiores e mais recentes riquezas ao nível da diversidade de insetos. Recentemente, foram descobertas nas ribeiras da Laje e Barcarena respetivamente, duas espécies de insetos protegidas pela Diretiva *Habitats* e ambas presentes na Lista Vermelha dos Invertebrados: a libélula-esmeralda (*Oxygastra curtisii*) e a libelinha-de-mercúrio (*Coenagrion mercuriale*).

As zonas ribeirinhas têm recebido uma crescente atenção e investimento ao longo dos últimos anos por parte do município, usando como documento de referência o PELACO. Neste plano, estão preconizadas as medidas de prevenção e combate à poluição dos cursos de água, assim como a limpeza e desassoreamento sistemático das linhas de água, monitorização da qualidade das águas e intervenção rápida no caso de picos de poluição. A DGA tem vindo a desenvolver um esforço contínuo de remoção de vegetação invasora nas linhas de água, tendo

também idealizado a criação de um projeto intitulado “RiverLab”, que consistirá num laboratório experimental para testar *in situ* várias metodologias de controlo de plantas invasoras e quais as associações de plantas autóctones que melhor se adaptam às linhas de água do território.

Mais uma vez, as características naturais, o contexto de alterações climáticas e o *momentum* político, constituem uma oportunidade para intensificar o investimento na recuperação deste ecossistema, cuja função de proteção contra inundações é tão relevante no município, promovendo simultaneamente a biodiversidade associada, e impulsionando setores como o ecoturismo e lazer, traduzindo-se no aumento do bem-estar e qualidade de vida da população.

Ecossistema florestal

O ecossistema florestal é aquele que tem sofrido maior degradação devido à crescente urbanização nas cidades. No entanto, apesar do seu perfil urbano, Oeiras preserva ainda algumas manchas de bosques bem conservadas, na sua maioria assilvestradas por abandono, como já foi descrito. É deveras importante que Oeiras conserve as suas áreas rústicas pois fazem parte da sua identidade, sendo uma das suas principais características diferenciadoras, e constituindo, mais uma vez, uma oportunidade para fazer diferente e melhor.

Ecossistema urbano

A crescente urbanização que se tem verificado nas últimas décadas, tem causado grandes pressões no ambiente e biodiversidade. O desenvolvimento do conceito de ecossistema urbano é crucial para um planeamento e gestão integrados que permitam atingir o desenvolvimento sustentável.

Como já foi referido, os espaços verdes em meio urbano são cada vez mais reconhecidos como novos ecossistemas relevantes, com características e biodiversidade própria que importa conhecer melhor, monitorizar e conservar. Fazem parte deste ecossistema todos espaços verdes públicos e as hortas urbanas referidos anteriormente como espaços seminaturais.

Não obstante a sua utilidade, a classificação por tipologia de ecossistema é por vezes demasiado abrangente, sendo essencial no futuro proceder-se ao levantamento e caracterização mais detalhados ao nível dos *habitats* ou ecótopos.

2.2.6. Serviços de Ecossistemas

Teoricamente, os ecossistemas podem ser divididos de acordo com a sua função e estrutura. A função diz respeito aos grandes “serviços” como regulação climática, do ciclo da água, ciclo de nutrientes, etc., e a estrutura refere-se aos seres vivos que o compõem: espécies presentes, a sua distribuição, abundância e como se relacionam, ou seja, a estrutura de um ecossistema pode ser indicada pela sua biodiversidade.

Os serviços ecossistémicos estritamente dependentes de função, como o controlo da erosão do solo e o sequestro de carbono podem ser obtidos por vegetação pouco diversificada, como monoculturas florestais. No entanto, serviços ambientais dependentes de estrutura como polinização, dispersão de sementes, e controlo biológico de pragas, exigem maior biodiversidade¹⁹.

¹⁹ Carpanezzi, A., & Carpanezzi, O. (2003). *Reabilitação ambiental de ecossistemas florestais: uma introdução*. Semana Do Estudante Universitário. Florestas e Meio Ambiente.

Desta forma, e de acordo com a metodologia do CBI, realizou-se uma análise e caracterização dos ecossistemas existentes em Oeiras quanto à sua função (indicadores 11 e 12) e estrutura (indicadores 3 a 8).

Regulação da quantidade de água

A regulação da quantidade de água pode ser medida através da proporção de áreas permeáveis. O conjunto das áreas permeáveis existentes no município de Oeiras resulta num total de 1464,6 hectares, ou 31,9% do território. Este valor pode e deve aumentar, sendo importante ter em conta o contexto de alterações climáticas e o facto de existirem extensas áreas de estradas e passeios impermeabilizados bem como várias linhas de água quase que absorvidas pela malha urbana, o que provoca a impermeabilização do solo e contribui para eventos de cheias. A renaturalização das galerias ripícolas e utilização de pisos permeáveis são excelentes oportunidades para o aumento da permeabilidade no território.

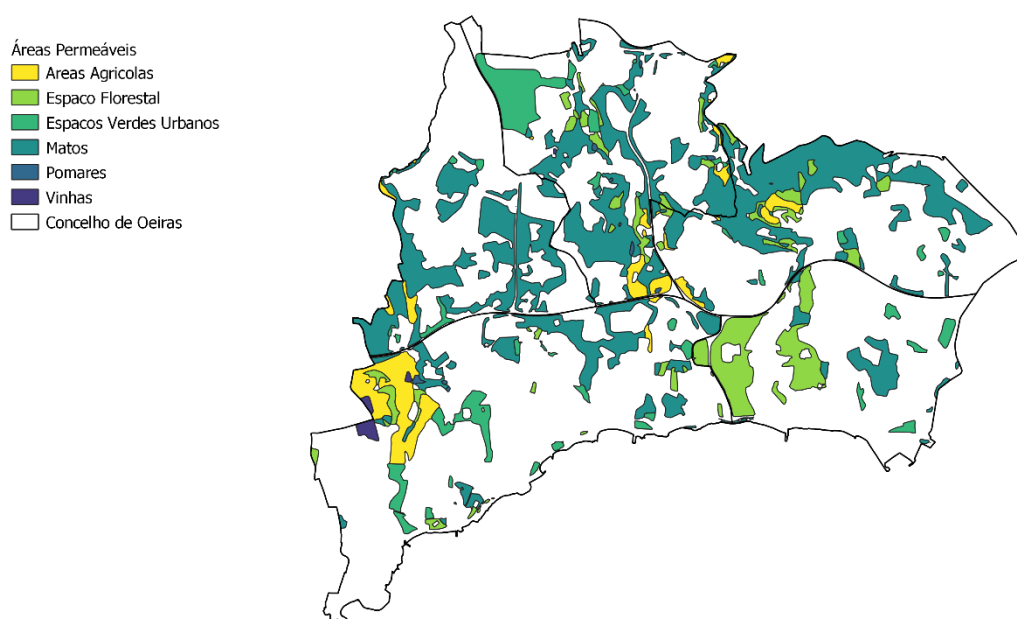


Figura 17 - Áreas permeáveis do município de Oeiras.

Regulação climática

A área de cobertura arbórea permite não só promover serviços de ecossistemas como regulação climática através da quantidade de dióxido de carbono (CO₂) removido da atmosfera, diminuição do efeito de “ilha de calor” e promoção da polinização, como terá também sinergias ao nível dos recursos hídricos por reduzir a escorrência superficial e promover a infiltração e ao nível da conectividade da infraestrutura verde e azul, ao diminuir o impacto da fragmentação dos habitats.

As manchas arbóreas existentes no município são responsáveis pelo sequestro de 247,6 toneladas de CO₂ por ano. A este valor somou-se a estimativa de fixação de CO₂ pela área das copas de árvores isoladas. Sabendo-se que as árvores isoladas georreferenciadas têm uma copa igual ou superior a 2 metros de diâmetro, para o cálculo da área do seu copado aplicou-se um *buffer* de 1 metro. No entanto, existirão certamente árvores com diâmetro superior a 2 metros, pelo que estes dados constituem uma primeira estimativa do valor deste serviço ecossistémico, mas no futuro seria útil cartografar a cobertura arbórea para se obterem dados reais.

■ Espaço Florestal
■ Árvores Isoladas
 Concelho de Oeiras

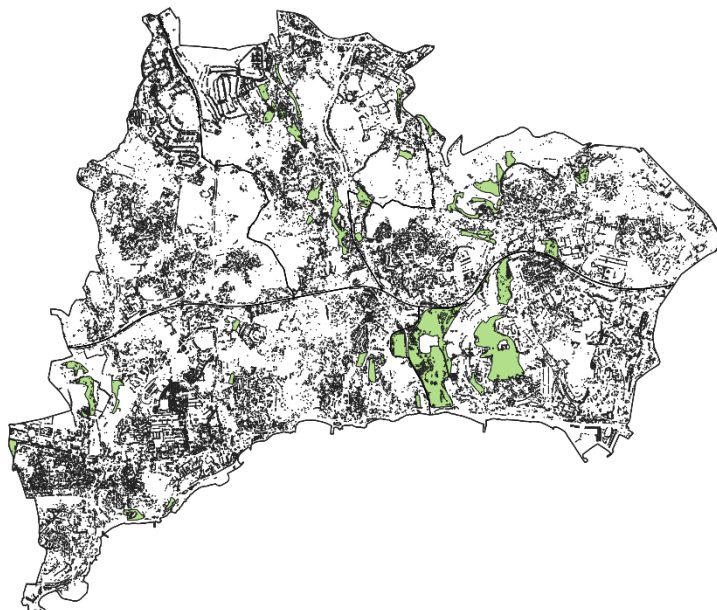


Figura 18 - Cobertura arbórea do município de Oeiras.

O total de 298,7 toneladas trata-se de uma subestimativa do sequestro de carbono real realizado pelo arvoredo existente em Oeiras pois à data de realização deste documento, como já foi referido, não existia cartografia disponível da área de copado, nem caracterização botânica das manchas que constituem o espaço florestal do território. Como se pode verificar na tabela, a taxa de sequestro de carbono varia com a espécie de árvore, pelo que seria útil no futuro proceder-se à caracterização das manchas arbóreas e arvoredo de arruamento, a par da cartografia da área do copado.

Tabela 11 - Estimativa do sequestro de carbono pelas árvores no município de Oeiras

Designação	Descrição	Área (ha)	t CO ₂ /ha ano	Cálculo
<i>Habitats</i> de Interesse Comunitário	Bosques de Zambujeiro	23,3	1,5	35,0
Povoamento de Sobreiros e Azinheiras	Povoamento de Sobreiros e Azinheiras	4,2	3,2	13,4
Espaços Verdes	Prados de Sequeiro	31,7	1	31,7
Espaço Florestal	Manchas Arbóreas	181,7	1	209,2
Arvoredo de Arruamento	Árvores Isoladas	36,9	1	36,9
TOTAL				298,7

2.2.7. Oeiras tem Flora

Vegetação Natural Potencial

Oeiras pertence, em termos biogeográficos, à Província Gaditano-Onubo-Algarviense, Sector Divisório Português, e ao Superdistrito Olissiponense.

A Província Gaditano-Onubo-Algarviense é descrita como “a mais complexa de todas as províncias biogeográficas portuguesas porque, além de ser a mais diversa do ponto de vista

bioclimático e litológico, serve de refúgio a um número significativo de relíquias paleoclimáticas. A vegetação desta Província inclui uma considerável diversidade de bosques climatófilos, desde os carvalhais calcícolas de carvalho-cerquinho (*Q. faginea* subsp. *broteroi*) e os zambujais arbóreos (bosques de *Olea europaea* var. *sylvestris*), a diferentes tipos de sobreirais e azinhais. Na proximidade das linhas de água, ocorrem freixiais, salgueirais e silvados com madressilvas. São também característicos destes territórios diversos tipos de matos baixos e matagais dunares e de arribas costeiras, entre os quais sobressaem, pela riqueza em espécies endémicas, as formações de piorro (*Juniperus navicularis*; classe *Quercetea ilicis*) e os sargaçais psamófilos da ordem *Stauracantho-Halimietalia commutati* (classe *Cisto-Lavanduletea*).²⁰

A vegetação natural potencial do concelho de Oeiras, característica de um território mediterrânico, é naturalmente influenciada pelas características edáficas prevaletentes. Os solos originados a partir de basaltos e de alguns tipos de calcários e argilas são potenciadores da ocorrência de zambujeiro (*Olea europaea* var. *sylvestris*), carrasco (*Quercus coccifera*), alfarrobeira (*Ceratonia siliqua*) e pilriteiro (*Crataegus monogyna*).

Cerca de dois terços do concelho teria sido em tempos dominada por formações arbóreas de zambujeiro e alfarrobeira da associação *Viburno tini – Oleetum sylvestris*, enquanto o remanescente teria possuído povoamentos dominados por carvalho-cerquinho (*Quercus faginea* subsp. *broteroi*), em alguns calcários e formações sedimentares em solos básicos, ou matas ribeirinhas predominantemente de freixo (*Fraxinus angustifolia*).

No entanto a vegetação arbórea característica dos vales encaixados e aluviões das ribeiras de Oeiras foi quase integralmente substituída no decurso dos últimos milénios, sobretudo por campos agrícolas. As espécies invasoras como a cana (*Arundo donax*) e as doenças (designadamente a grafiose, que eliminou quase completamente os povoamentos de ulmeiro (*Ulmus minor*) fazem parte das causas que, nas últimas décadas, degradaram a flora ribeirinha.

A condução da regeneração natural da vegetação específica destas galerias ribeirinhas (freixos e salgueiros, sobretudo) no futuro reveste-se da maior importância não só para a recuperação da biodiversidade e criação de corredores ecológicos, como para garantir melhores condições para a depuração das águas fluviais provenientes de freguesias a montante do concelho e para a filtragem natural das escorrências de águas poluídas, quer de áreas impermeabilizadas adjacentes (estradas, aglomerados urbanos), quer de áreas agrícolas.

Destaca-se também, pela importância que toma no mosaico paisagístico das áreas agrícolas a norte da A5, a compartimentação por sebes de *Prunus spinosa* subsp. *insititoides*, muito típica desta região.²¹

Na faixa litoral, entre as zonas arenosas e as arribas rochosas, teria abundado vegetação halófila, sendo esta a sua matriz potencial, com associações de espécies como o estorno (*Ammophila arenaria*), o cardo-marítimo (*Eryngium maritimum*), a sabina-da-praia (*Juniperus turbinata*) e a tamargueira (*Tamarix* sp.).²¹

Mais uma vez, a recuperação e conservação da vegetação natural reveste-se da maior importância e prende-se com o serviço de suporte para toda a biodiversidade e papel estrutural fundamental na retenção dos sedimentos e agregação do solo, que esta providencia.

²⁰ Aguiar, C., Mesquita, S., & Honrado, J. (2008). Introdução à carta biogeográfica de Portugal (Costa et al. 1998). In Assírio & Alvim (Ed.), *Atlas das Aves Nidificantes em Portugal* (pp. 41–47).

²¹ GPDEIG, & CMO. (2013). *Plano Director Municipal Oeiras Revisão - Relatório de caracterização e diagnóstico. Volume I.*

Plantas Vasculares



Figura 19 - Medronheiro (*Arbutus unedo*) à esquerda e Milefólio (*Achillea millefolium*) à direita

Através dos registos existentes na plataforma Flora-On da Sociedade Portuguesa de Botânica, dos registos de ações de ciência cidadã efetuados na plataforma Biodiversity4All, de estudos científicos efetuados em espaços do município, de registos da Associação de Orquídeas Silvestres de Portugal, e sobretudo a partir de levantamentos florísticos realizados desde 2019 por técnicos da DGA e da DGEV em espaços públicos, jardins, parques e áreas naturais, foi possível confirmar a presença de 715 espécies, subespécies e variedades de cultivo (cultivares) de plantas vasculares diferentes no município.

Destas, 378 são espécies autóctones, na sua maioria espécies espontâneas no município, 300 são espécies exóticas em Portugal Continental e cultivares, principalmente presentes nos parques e jardins, 2 espécies são de origem indefinida e 35 são espécies exóticas invasoras.

A riqueza total de espécies encontra-se certamente subestimada e por isso os trabalhos direcionados à flora deverão continuar.

Espécies RELAPE

Foram identificadas 15 espécies raras, endémicas, localizadas, ameaçadas ou em perigo de extinção (RELAPE) no município.

Deste conjunto, destaca-se a presença da espécie *Crepis pusilla*, presente na Lista Vermelha da Flora Vascular de Portugal Continental com estatuto de conservação Vulnerável (VU), de distribuição muito restrita e apenas seis localizações conhecidas no país, constando ainda nos Anexos II e IV da Diretiva *Habitats*, assim como *Silene longicilia*, uma das duas espécies endémicas de Portugal Continental confirmadas até agora no município. Das restantes 13 espécies presentes, uma espécie (*Najas marina* subsp. *marina*) é rara em Portugal Continental, sendo conhecidas apenas outros oito locais dispersos pelo país onde ocorre, duas são espécies que constam no Anexo V da Diretiva *Habitats*, uma espécie é também endémica de Portugal Continental e as restantes 9 são espécies endémicas da Península Ibérica, sem estatuto de conservação ou proteção. A subespécie de orquídea silvestre *Ophrys speculum* subsp. *lusitanica*, endémica da Península Ibérica, é dada como provável para o território.

Tabela 12 - Espécies RELAPE confirmadas em Oeiras.

Família	Espécie	Nome comum	Tipo	Raras	Endémicas	Localizadas	Estatuto de Conservação	Estatuto de Proteção
Plantaginaceae	<i>Antirrhinum linkianum</i> Boiss. & Reut.	Bocas-de-lobo	Herb	-	Pt + Esp	-	NE	-
Asteraceae	<i>Crepis pusilla</i> (Sommier) Merxm.	-	Herb	x	-	-	VU	DH - II e IV
Iridaceae	<i>Crocus serotinus</i> Salisb. subsp. <i>clusii</i> (Gay) B.Matew	Açafrão-bravo	Herb	-	Pt + Esp	-	NE	-
Caryophyllaceae	<i>Dianthus broteri</i> Boiss. & Reut.	-	Arb	-	Pt + Esp	-	NE	-
Dipsacaceae	<i>Dipsacus comosus</i> Hoffmanns. & Link	Cardo-penteador	Herb	-	Pt + Esp	-	NE	-
Fabaceae	<i>Genista tournefortii</i> Spach subsp. <i>tournefortii</i>	-	Arb	-	Pt + Esp	-	NE	-
Araliaceae	<i>Hedera maderensis</i> K.Koch ex A.Rutherf. subsp. <i>iberica</i> McAll.	-	Trep	-	Pt + Esp	-	NE	-
Iridaceae	<i>Iris subbiflora</i> Brot.	Lírio-roxos-dos-montes	Herb	-	Pt + Esp	-	NE	-
Lamiaceae	<i>Lavandula stoechas</i> L. subsp. <i>luisieri</i> Rozeira	Rosmaninho	Arb	-	Pt + Esp	-	NE	-
Hydrocharitaceae	<i>Najas marina</i> L. subsp. <i>marina</i>	Carrapêto-da-lagoa	Herb	x	-	-	NE	-
Amaryllidaceae	<i>Narcissus bulbocodium</i> L.	Campainhas-amarelas	Herb	-	-	-	LC	DH - V
Fagaceae	<i>Quercus coccifera</i> L. subsp. <i>rivasmartinezii</i> Capelo & J.C.Costa	Carrasco	Arb	-	Pt	-	LC	-
Asparagaceae	<i>Ruscus aculeatus</i> L.	Gilbardeira	Arb	-	-	-	LC	DH - V
Lamiaceae	<i>Salvia sclareoides</i> Brot.	Salva-do-sul	Herb	-	Pt + Esp	-	NE	-
Caryophyllaceae	<i>Silene longicilia</i> Link ex Brot.	-	Herb	-	Pt	-	LC	DH - II e IV

Briófitas

As briófitas são um grupo de plantas sem sistema vascular, do qual fazem parte os musgos e as hepáticas. Através de contributos na plataforma *Biodiversity4All* são conhecidas 4 espécies deste grupo no concelho, duas de ocorrência confirmada e duas de ocorrência provável. Devem ser feitas monitorizações específicas para este grupo pois são bons bioindicadores da qualidade do ar.

Macroalgas

As macroalgas são um grupo muito diverso de espécies, fundamentais para a produção de oxigénio e para o suporte da biodiversidade marinha e costeira, e essenciais também pelo seu papel reconhecido de bioindicador da qualidade da água. Foram identificadas 75 espécies de macroalgas, 70 autóctones e 5 exóticas, sendo quatro destas espécies consideradas exóticas invasoras. É necessária a realização de estudos internos e de uma monitorização específica deste grupo, que não se restrinja à sua utilidade como bioindicador, mas também à sua diversidade e área de distribuição.

Espécies Exóticas Invasoras

As espécies exóticas invasoras representam uma forte ameaça à biodiversidade nativa.

No caso das plantas com caráter invasor, a ameaça deve-se à sua elevada capacidade de disseminação, que pode provocar a completa transformação e degradação de *habitats*, tanto naturais como humanizados.

Das 35 espécies com ocorrência confirmada em Oeiras, algumas têm áreas de distribuição ainda largamente desconhecidas, enquanto outras foram sujeitas a um trabalho de georreferenciação, apresentando uma área de dispersão expressiva no município, pelo que estão ou irão ser alvo de projetos de controlo, como é o caso da cana (*Arundo donax*) e da erva-das-pampas (*Cortaderia selloana*). Outras representam um risco muito baixo, estando presentes apenas como indivíduos isolados em parques e jardins, como é o caso da árvore-da-imperatriz (*Paulownia tomentosa*).

A título de exemplo, existem 6773 espécimes de erva-das-pampas georreferenciados atualmente, estimando-se que representem uma área de 2 hectares, enquanto a cana representava em 2018 uma área de 8,4 hectares aproximadamente.

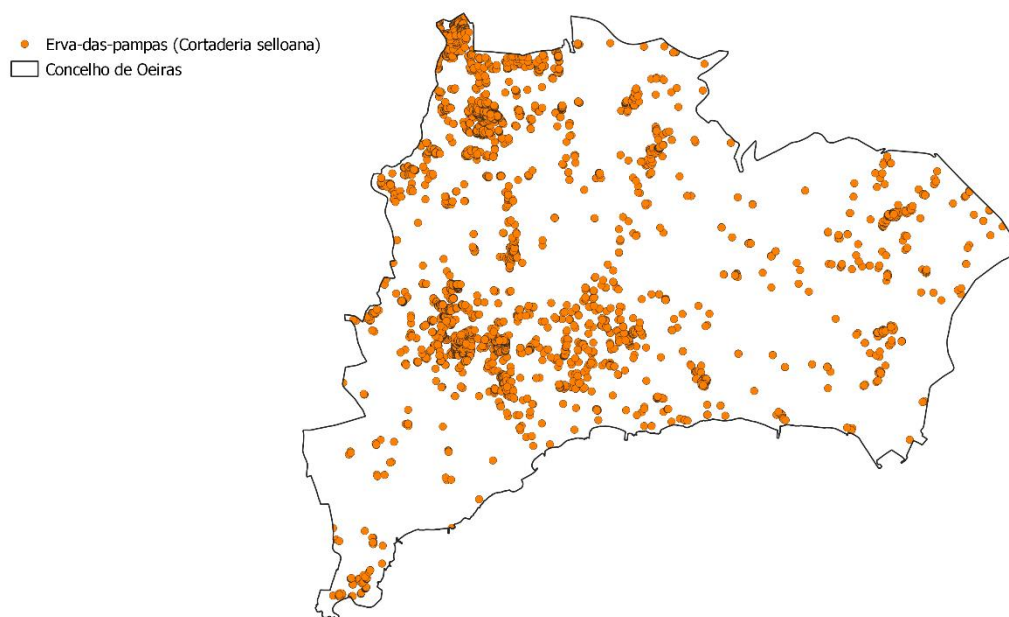


Figura 20 - Mapeamento de erva-das-pampas no município de Oeiras.

Tabela 13 - Plantas exóticas invasoras existentes em Oeiras.

Família	Espécie	Nome comum	Tipo fisionómico
Fabaceae	<i>Acacia dealbata</i> Link	Acácia-mimosa	Árvore
Fabaceae	<i>Acacia longifolia</i> (Andrews) Willd.	Acácia-de-espigas	Árvore
Fabaceae	<i>Acacia melanoxylon</i> R.Br.	Acácia-austrália	Árvore
Fabaceae	<i>Acacia saligna</i> (Labill.) H. L. Wendl.	Acácia	Árvore
Sapindaceae	<i>Acer negundo</i> L.	Bôrdo-negundo	Árvore
Asparagaceae	<i>Agave americana</i> L.	Piteira	Arbusto
Asteraceae	<i>Ageratina adenophora</i> (Spreng.) R. M. King et H. Rob.	Abundância	Arbusto
Simaroubaceae	<i>Ailanthus altissima</i> (Mill.) Swingle	Espanta-lobos	Árvore
Amaranthaceae	<i>Amaranthus deflexus</i> L.	Beldro-perene	Herbácea
Asteraceae	<i>Arctotheca calendula</i> (L.) Levyns	Erva-gorda	Herbácea
Poaceae	<i>Arundo donax</i> L.	Cana	Herbácea
Asteraceae	<i>Aster squamatus</i> (Spreng.) Hieron.	Estrela-comum	Herbácea
Asteraceae	<i>Bidens aurea</i> (Aiton) Sherff	Chá-de-marrocos	Herbácea
Asteraceae	<i>Bidens frondosa</i> L.	Erva-rapa	Herbácea
Aizoaceae	<i>Carpobrotus edulis</i> (L.) N. E. Br. in E. Phillips	Chorão-das-praias	Herbácea
Asteraceae	<i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronquist	Avoadinha-peluda	Herbácea
Poaceae	<i>Cortaderia selloana</i> (Schult. et Schult. f.) Asch. et Graebn.	Erva-das-pampas	Herbácea
Solanaceae	<i>Datura stramonium</i> L.	Erva-do-diabo	Herbácea
Asteraceae	<i>Erigeron karvinskianus</i> DC.	Vitadânia-das-floristas	Herbácea
Fabaceae	<i>Gleditsia triacanthos</i> L.	Espinheiro-da-virgínia	Árvore
Apocynaceae	<i>Gomphocarpus fruticosus</i> (L.) W.T.Aiton	Algodoeiro-falso	Arbusto
Convolvulaceae	<i>Ipomoea indica</i> (Burm.) Merr.	Bons-dias	Herbácea
Verbenaceae	<i>Lantana camara</i> L.	Lantana	Arbusto
Caprifoliaceae	<i>Lonicera japonica</i> Thunb.	Madressilva-dos-jardins	Arbusto
Cactaceae	<i>Opuntia maxima</i> Mill.	Figueira-da-índia	Arbusto
Oxalidaceae	<i>Oxalis pes-caprae</i> L.	Trevo-azedo	Herbácea
Paulowniaceae	<i>Paulownia tomentosa</i> (Thunb.) Steud.	Árvore-da-imperatriz	Árvore
Poaceae	<i>Pennisetum setaceum</i> (Forssk.) Chiov.	Penisetum	Herbácea
Poaceae	<i>Pennisetum villosum</i> Fresen.	Plumas-de-seda	Herbácea
Pittosporaceae	<i>Pittosporum undulatum</i> Vent.	Árvore-do-incenso	Árvore
Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i> L.	Rícino	Arbusto
Fabaceae	<i>Robinia pseudoacacia</i> L.	Robínia	Árvore
Asteraceae	<i>Senecio bicolor</i> (Willd) Tod subsp. <i>cinerea</i> (Dc.) Chater	Senécio	Herbácea
Commelinaceae	<i>Tradescantia fluminensis</i> Vell.	Erva-da-fortuna	Herbácea
Tropaeolaceae	<i>Tropaeolum majus</i> L.	Capuchinhas	Herbácea

2.2.8. Oeiras tem Fauna

Apesar de outrora se pensar que em Oeiras não existia fauna com interesse de conservação, os recentes trabalhos de campo e a compilação de informação realizada no âmbito da presente situação de referência, refletidos nos próximos parágrafos, demonstram o contrário. As listagens cumulativas e totais de cada grupo de espécies encontram-se nos anexos.

Aves



Figura 21 – Peneireiro-vulgar (*Falco tinnunculus*) à esquerda, e Chapim-azul (*Cyanistes caeruleus*) à direita

Através do contributo de plataformas de ciência cidadã como o *e-bird* e de observações dos biólogos da DGA, foram detetadas 186 espécies de aves em Oeiras. Destas espécies, 8 são exóticas (das quais 4 são exóticas invasoras) e das restantes 178, 165 são espécies autóctones de Portugal e 13 são espécies acidentais. Apenas foram detetadas duas espécies endémicas no concelho, o charneco, ou pega-azul (*Cyanopika cooki*) e o pêto-real-ibérico (*Picus sharpei*).

Das 178 espécies nativas, 39 (22%) possuem estatuto de ameaça, sendo que existem 2 espécies presentes no Concelho com estatuto de Criticamente Ameaçada (CR). Estas e as restantes espécies ameaçadas devem ser alvo de estudos mais aprofundados de forma a que Oeiras lhes possa servir de refúgio e contribuir para a sua recuperação. Todas as espécies autóctones detetadas encontram-se protegidas por tratados internacionais e normas comunitárias vinculativas exceto o pardal (*Passer domesticus*) e a pêga (*Pica pica*).

Embora existam registos abundantes para a avifauna de Oeiras, a maior parte destes provém de avistamentos ocasionais e projetos de ciência cidadã. Estas informações, embora valiosas, não foram obtidas de forma sistemática, pelo que existem zonas muito subamostradas e é bastante provável que existam mais espécies do que aquelas que foram registadas até este momento. Para além disso, o uso de informação recolhida de forma amadora acarreta sempre os seus riscos e deverá ser feito um esforço para verificar alguns dos registos obtidos, sobretudo de espécies menos conspícuas e facilmente confundíveis.

Anfíbios



Figura 22 - Tritão-de-ventre-laranja (*Lissotriton boscai*) à esquerda e rã-de-unhas-africana (*Xenopus laevis*) à direita

Em Oeiras existem 4 espécies nativas de anfíbios confirmadas e uma delas é um endemismo ibérico, o tritão-de-ventre-laranja (*Lissotriton boscai*). Existem 7 espécies que ocorreram em Oeiras no passado, mas que a sua presença não foi possível confirmar em estudos recentes, considerando-se, portanto, espécies com ocorrência provável no concelho, que importa monitorizar no futuro. Duas destas espécies são endemismos ibéricos, nomeadamente a rã-de-focinho-pontiagudo (*Discoglossus galganoi*) e tritão-marmoreado-pigmeu (*Triturus pygmaeus*). Para além das espécies nativas, em Oeiras está confirmada a presença de rã-de-unhas-africana (*Xenopus laevis*) uma espécie de anfíbio exótica e invasora, cujos principais impactos são a transmissão de doenças, competição e predação de espécies nativas.

Répteis

Estão confirmadas 10 espécies de répteis para o concelho de Oeiras. Neste conjunto de espécies está a lagartixa-verde (*Podarcis virescens*) que é um endemismo ibérico. Para além das espécies confirmadas, existem nove espécies com ocorrência provável em Oeiras das quais três são endemismos Ibéricos (Anexo XII). Estão confirmadas também duas espécies exóticas invasoras, nomeadamente tartaruga-hieroglífica (*Pseudemys concinna*) e tartaruga-de-orelhas-vermelhas (*Trachemys scripta*) e a provável ocorrência de outra espécie invasora, a tartaruga-da-barriga-vermelha-da-Flórida (*Pseudemys nelsoni*).

Peixes

Existem 14 espécies de peixes confirmadas para Oeiras sendo uma delas endémica de Portugal, boga-portuguesa (*Iberochondrostoma lusitanicum*) e com estatuto de conservação Criticamente em Perigo. Dois endemismos ibéricos também estão incluídos na lista de espécies confirmadas: a verdemã-comum (*Cobitis paludica*) e o escalo-do-sul (*Squalius pyrenaicus*). Estão também confirmadas duas espécies de peixes exóticas invasoras para Oeiras, a gambúsia (*Gambusia* sp.) e a perca-sol (*Lepomis gibbosus*). Ao nível dos peixes marinhos, apenas se conhecem 6 espécies, mas haverão muitas mais, pelo que seria útil a realização de um levantamento e posterior monitorização deste grupo taxonómico.

Mamíferos



Figura 23 – Raposa (*Vulpes vulpes*) à esquerda e Morcego-de-peluche (*Miniopterus schreibersii*) à direita

Através do contributo de plataformas de ciência cidadã como o *Biodiversity4all* e de sessões de foto-armadilhagem realizadas pelos biólogos da DGA na Quinta de Recreio do Marquês de Pombal, foram detetadas para o concelho de Oeiras 8 espécies de mamíferos, das quais uma, a ratazana-castanha (*Rattus norvegicus*) é uma praga urbana. Das restantes espécies, existe uma com estatuto de ameaça, o morcego-de-peluche (*Miniopterus schreibersii*), classificado como Vulnerável (VU) e outra, o coelho-bravo (*Oryctolagus cuniculus*) que é considerado como Quase Ameaçado (NT). Existem ao todo, 6 espécies de mamíferos no concelho protegidas por legislação internacional e normas comunitárias, essas espécies são as duas supramencionadas, a raposa (*Vulpes vulpes*), o golfinho-comum (*Delphinus delphis*), o ouriço-cacheiro (*Erinaceus europaeus*) e a geneta (*Genetta genetta*).

A fauna identificada até agora provavelmente representa apenas uma pequena fração do total de mamíferos presentes em Oeiras. Os mamíferos são animais esquivos e difíceis de encontrar quando não são feitas amostragens específicas, algo que até então ainda não foi feito para o grupo dos micromamíferos (ratinhos, musaranhos, etc.) ou para os quirópteros. Mesmo para o grupo dos carnívoros, onde já se fez foto-armadilhagem, esta foi feita numa área pequena e durante poucos dias, logo poderá haver ainda algumas espécies por descobrir.

Insetos

Através da compilação de dados provenientes de levantamentos da DGA, da plataforma de ciência cidadã *Biodiversity4All* e de levantamentos realizados por especialistas em insetos, foi possível confirmar a presença de pelo menos 249 espécies diferentes de insetos no município, sendo as espécies potencialmente autóctones mais de 90% e tendo sido registada a presença de 5 espécies exóticas invasoras, 1 considerada no DL nº92/2019, de 10 de Junho (*Vespa velutina*) e as restantes são espécies consideradas como pragas, com programas específicos para a sua erradicação. Destaca-se a presença confirmada de duas espécies presentes no anexo II da Diretiva *Habitats*, a libelinha-de-mercúrio (*Coenagrion mercuriale*) e a libélula-esmeralda (*Oxygastra curtisii*), esta constando também no anexo IV da mesma diretiva. Ambas as espécies têm estatuto de conservação Quase Ameaçado (NT) à escala europeia, não sendo ainda conhecido o seu estatuto à escala nacional, no entanto, os registos efetuados no município contribuíram para a iminente Lista Vermelha de Grupos de Invertebrados Terrestres e de Água Doce de Portugal Continental. As ordens com mais espécies conhecidas foram os himenópteros (71), os lepidópteros (54) e os coleópteros (37). Os himenópteros destacaram-se provavelmente devido aos estudos direcionados a este grupo, consequentes do esforço do município de conhecer a diversidade de polinizadores existente. Desta ordem destaca-se a presença de uma espécie endémica da Península Ibérica, de uma espécie com estatuto de conservação Quase

Ameaçado (NT) à escala europeia, e a presença de 8 espécies raras à escala nacional, com menos de 10 registos conhecidos no país inteiro. Os morfotipos indicados são espécies diferentes das observadas, mas ainda não validadas. Entre as restantes ordens, destaca-se a presença de duas espécies de ortópteros, uma de coleóptero e uma de bicho-pau endémicas da Península Ibérica, e a presença do grilo-de-sela-de-ana-paula (*Luciapomaresius anapaulae*), espécie endémica de Portugal Continental, especificamente da região litoral a norte de Lisboa, e com estatuto de conservação europeu de Quase Ameaçada (NT).

Aracnídeos

Foram identificadas no Concelho de Oeiras, 13 espécies de aracnídeos, todas pertencentes à ordem Aranae. Este número é muito provavelmente apenas uma pequena parte da diversidade de aracnídeos existente, visto não terem existido ainda prospeções focadas neste grupo taxonómico e a determinação da espécie é muitas vezes complexa e requer alguma experiência. Todas as espécies identificadas são autóctones, mas nenhuma delas possuiu qualquer estatuto de ameaça ou proteção legal. Contudo, considerando que o Livro Vermelho dos Invertebrados ainda não se encontra publicado em Portugal e que as convenções internacionais para a proteção da vida selvagem têm-se focado maioritariamente nos vertebrados, a realidade pode não ser refletida nos estatutos destas espécies.

Invertebrados Marinhos - Cnidários, Crustáceos, Equinodermes e Moluscos

Este é um grupo de diversidade assinalável, com importância económica e que serve de suporte a grupos taxonómicos superiores, como aves e peixes, residentes e sazonais no estuário. Foi registado um total de 70 espécies, de onde se destacam as 28 espécies de moluscos, na sua maioria gastrópodes e bivalves, e as 23 espécies de crustáceos. É de assinalar a presença de 1 espécie protegida ao abrigo da Convenção de Berna, o ouriço-do-mar (*Paracentrotus lividus*) e de 13 espécies exóticas, 3 das quais exóticas invasoras, a ostra-do-pacífico (*Magallana gigas*) e duas espécies de cracas (*Austrominius modestus* e *Amphibalanus amphitrite*). Grande parte dos registos recolhidos provém de estudos pontuais feitos por entidades externas ao município e iniciativas de ciência cidadã, pelo que é uma necessidade realizarem-se estudos e monitorizações contínuas destes grupos de fauna, por exemplo para determinação da distribuição e abundância de espécies exóticas invasoras e delimitação de áreas costeiras sensíveis.

Outros Invertebrados Terrestres e de Água Doce

Em relação aos grupos de invertebrados terrestres e de ambientes dulçaquícolas registou-se um total de 14 espécies, onde as dez espécies de moluscos são a maioria, com nove espécies de gastrópodes, de onde se destaca *Portugala inchoata*, uma espécie comum na região, endémica do oeste da Península Ibérica, e uma espécie exótica invasora de bivalve, a amêijoasiática (*Corbicula fluminea*), cuja distribuição conhecida no município é ainda reduzida. O lagostim-vermelho-do-louisiana (*Procambarus clarkii*) é um crustáceo exótico invasor que ameaça seriamente os ecossistemas naturais e artificiais de água doce, cuja área de distribuição no município é extensa.

2.2.9. Oeiras tem Fungos e Líquenes



Figura 24 – Líquen do género *Diploschistes* à esquerda e Cogumelo (*Suillus granulatus*) à direita

Fungos

Este grupo de seres vivos tem um papel estrutural em muitos ecossistemas, principalmente pela renovação e circulação de nutrientes no solo, tem uma componente lúdica associada e algumas das espécies têm um importante papel bioindicador, pois podem indicar problemas fitossanitários e de gestão de espaços verdes. No âmbito da ciência cidadã, sobretudo a partir da plataforma *Biodiversity4All* e de registos feitos aquando dos Bioblitzes promovidos pela DGA, foi possível confirmar a presença de 3 espécies e ter como prováveis para o território outras 38. A maioria das espécies (34) são saprófitas, 5 destas também parasitam árvores vivas, 6 são micorrízicas e 1 é parasita de outros fungos. A riqueza específica e distribuição deste grupo pelo município encontra-se certamente bastante subestimada.

Líquenes

Este é um grupo de seres vivos complexos, por vezes de difícil identificação, que prestam serviços valiosos como bioindicadores fiáveis da qualidade do ar e da qualidade ecológica dos espaços florestais, o que levou a que a sua monitorização anual fosse feita desde 2019 no Parque Jamor e na Quinta de Recreio do Marquês de Pombal, no âmbito dos Bioblitzes. Atualmente, são conhecidas 49 espécies de líquenes, 33 de ocorrência confirmada no município e 16 de ocorrência provável, das quais 22 têm crescimento foliáceo, 20 são crustosas, 5 são fruticulosas e 2 são parasitas de outros líquenes.

2.3. Cálculo do Índice de Biodiversidade Urbana (CBI)

De forma a proceder à avaliação da biodiversidade local, aplicando indicadores de biodiversidade urbana eficazes e transversais a todas as cidades, procedeu-se ao cálculo do índice de biodiversidade urbana (CBI), ferramenta amplamente reconhecida e utilizada globalmente.

Neste método, a escala de pontuação é de 0 a 4 pontos, sendo 0 a cotação mais baixa, e 4 a cotação máxima para cada indicador.

Indicador	Designação do indicador	Cálculo	Fonte	Cotação
Biodiversidade Nativa				
1	Proporção de áreas naturais	<p>Calculou-se o valor das áreas de origem natural, naturalizadas e seminaturais. Para a proporção de áreas naturais não foi contabilizada a área de espaços seminaturais.</p> <p>Área de origem natural (Serra de Carnaxide) - 28,3 ha Áreas naturalizadas por abandono (assilvestradas) - 391,5 ha Áreas naturalizadas por gestão (prados de sequeiro e restantes matos e espaços florestais) - 926,3 ha Áreas seminaturais (parques, jardins e hortas urbanas) - 209,4</p> <p>Total de áreas naturais: 1346,1 ha</p> <p>Proporção de áreas naturais: 29,3%</p>	Cartografia disponível; Carta de Ocupação do Solo de 2018	<p>4</p> <p>0 pontos: < 1,0% 1 ponto: 1,0%-6,9% 2 pontos: 7,0%-13,9% 3 pontos: 14,0%-20,0% 4 pontos: > 20,0%</p>

Indicador	Designação do indicador	Cálculo	Fonte	Cotação									
Biodiversidade Nativa													
2	Fragmentação	<p>Procedeu-se ao cálculo da conectividade ao nível do solo através da aplicação de um <i>buffer</i> de 10 metros sobre as áreas de prado de sequeiro, solo rural e matos.</p> <p>Para o cálculo da conectividade ao nível da copa das árvores aplicou-se um <i>buffer</i> de 20 metros sobre as áreas correspondentes a espaço florestal. Não foi contabilizada a área de copado de árvores isoladas por falta de dados.</p> <table border="1" style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <thead> <tr> <th>Conectividade</th> <th>Área (ha)</th> <th>Proporção (%)</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Ao nível do solo</td> <td>1060,4</td> <td>23,1</td> </tr> <tr> <td>Ao nível do copado</td> <td>50,7</td> <td>1,1</td> </tr> </tbody> </table> <p>Procedeu-se ainda ao cálculo da conectividade através da fórmula indicada no manual do CBI: Indicador 2 = $1/A_{total}(A_1^2 + A_2^2 + A_3^2 + \dots + A_n^2)$ $A_{total} = 1164,6$ ha (considerou-se apenas as manchas conectadas/isoladas ao nível do solo) Indicador 2 = $1/1164,6(286102,1) = 245,7$ ha</p>	Conectividade	Área (ha)	Proporção (%)	Ao nível do solo	1060,4	23,1	Ao nível do copado	50,7	1,1	Cartografia disponível	<p>1</p> <p>0 pontos: < 200 ha 1 ponto: 201-500 ha 2 pontos: 501-1000 ha 3 pontos: 1001-1500 ha 4 pontos: > 1500 ha</p>
Conectividade	Área (ha)	Proporção (%)											
Ao nível do solo	1060,4	23,1											
Ao nível do copado	50,7	1,1											

Indicador	Designação do indicador	Cálculo	Fonte	Cotação
Biodiversidade Nativa				
3	Biodiversidade nativa em áreas edificadas (aves)	<p>Procedeu-se à compilação de registos de aves para Oeiras em plataformas de ciência cidadã e de observações dos biólogos da DGA. Considerou-se apenas as aves referenciadas para o ecossistema urbano (malha urbana e áreas seminaturais como jardins e hortas urbanas).</p> <p>Nº total de aves em áreas edificadas: 89 + 2 acidentais</p>	Base de dados interna; Plataformas de ciência cidadã	<p>4</p> <p>0 pontos: < 19 espécies 1 ponto: 19-27 espécies 2 pontos: 28-46 espécies 3 pontos: 47-68 espécies 4 pontos: > 68 espécies</p>

Indicador	Designação do indicador	Cálculo	Fonte	Cotação
Biodiversidade Nativa				
4 a 8	Biodiversidade nativa	<p>Procedeu-se à compilação de registos dos diversos grupos taxonómicos listados de seguida com ocorrência confirmada em Oeiras. Considerou-se o período temporal de 2010 até ao presente.</p> <p>Nº total de plantas vasculares: 378 Nº total de macroalgas: 75 Nº total de briófitas: 4 Nº total de fungos: 21 Nº total de líquenes: 33 Nº total de mamíferos: 7 Nº total de aves: 165 Nº total de répteis: 10 Nº total de anfíbios: 4 Nº total de peixes: 12 Nº total de insetos: 236 Nº total de aracnídeos: 13 Nº total de anelídeos: 7 Nº total de crustáceos: 18 Nº total de equinodermes: 3 Nº total de moluscos: 35</p> <p>Total flora vascular: 378 Total flora avascular: 79 Total fauna: 514</p> <p>*O valor de cotação é zero por se tratar de uma situação de referência, ou seja, não é possível calcular a variação do número de espécies.</p>	Base de dados interna; Plataformas de ciência cidadã	<p>0*</p> <p>0 pontos: manutenção ou diminuição do nº de espécies 1 ponto: aumento em 1 espécie 2 pontos: aumento em 2 espécies 3 pontos: aumento em 3 espécies 4 pontos: aumento em 4 espécies</p>

Indicador	Designação do indicador	Cálculo	Fonte	Cotação																		
Biodiversidade Nativa																						
9	Proporção de áreas naturais com estatuto de proteção	<p>Apesar de não existirem no território áreas protegidas, existem algumas áreas com estatuto de proteção de âmbito municipal, nacional e internacional. Não foram contabilizados neste cálculo os 4 fitomonumentos existentes por não existirem dados sobre a área que representam.</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Designação</th> <th>Descrição</th> <th>Área (ha)</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Habitats de Interesse Comunitário</td> <td>Bosques de Zambujeiro</td> <td>23,3</td> </tr> <tr> <td>Regime Florestal Total</td> <td>Estação Agronómica Nacional</td> <td>130,8</td> </tr> <tr> <td>Povoamento de Sobreiros e Azinheiras</td> <td>Povoamento de Sobreiros e Azinheiras</td> <td>4,2</td> </tr> <tr> <td>Património Arqueológico (Geomonumentos)</td> <td>Sítios Arqueológicos</td> <td>16,1</td> </tr> <tr> <td colspan="2" style="text-align: center;">TOTAL</td> <td>174,4</td> </tr> </tbody> </table> <p>Proporção de áreas naturais com estatuto de proteção: 3,8%</p>	Designação	Descrição	Área (ha)	Habitats de Interesse Comunitário	Bosques de Zambujeiro	23,3	Regime Florestal Total	Estação Agronómica Nacional	130,8	Povoamento de Sobreiros e Azinheiras	Povoamento de Sobreiros e Azinheiras	4,2	Património Arqueológico (Geomonumentos)	Sítios Arqueológicos	16,1	TOTAL		174,4	Cartografia disponível; PDM	<p>1</p> <p>0 pontos: < 1,4% 1 ponto: 1,4%-7,3% 2 pontos: 7,4%-11,1% 3 pontos: 11,2%-19,4% 4 pontos: > 19,4%</p>
Designação	Descrição	Área (ha)																				
Habitats de Interesse Comunitário	Bosques de Zambujeiro	23,3																				
Regime Florestal Total	Estação Agronómica Nacional	130,8																				
Povoamento de Sobreiros e Azinheiras	Povoamento de Sobreiros e Azinheiras	4,2																				
Património Arqueológico (Geomonumentos)	Sítios Arqueológicos	16,1																				
TOTAL		174,4																				

Indicador	Designação do indicador	Cálculo	Fonte	Cotação								
Biodiversidade Nativa												
10	Proporção de espécies exóticas invasoras	<p>Procedeu-se à compilação de registos de espécies exóticas invasoras (EEI) dos diversos grupos taxonómicos listados de seguida com ocorrência confirmada em Oeiras. Considerou-se o período temporal de 2010 até ao presente.</p> <p>Para o cálculo da pontuação, como sugerido no manual do CBI, selecionou-se apenas o grupo taxonómico mais problemático e com mais dados, a flora.</p> <p>Nº total de EEI plantas vasculares: 35 Nº total de EEI macroalgas: 4 Nº total de EEI aves: 4 Nº total de EEI répteis: 2 Nº total de EEI anfíbios: 1 Nº total de EEI peixes: 2 Nº total de EEI insetos: 5 Nº total de EEI crustáceos: 3 Nº total de EEI moluscos: 2</p> <p>Total EEI fauna: 19 Total EEI flora: 35</p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Espécies autóctones</th> <th>Espécies exóticas invasoras</th> <th>EEI / Nativas</th> <th>Nºtotal de espécies</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>378</td> <td>35</td> <td>9%</td> <td>715</td> </tr> </tbody> </table>	Espécies autóctones	Espécies exóticas invasoras	EEI / Nativas	Nºtotal de espécies	378	35	9%	715	Base de dados interna; Plataformas de ciência cidadã	<p>3</p> <p>0 pontos: > 30,0% 1 ponto: 20,1%-30,0% 2 pontos: 11,1%-20,0% 3 pontos: 1,0%-11,0% 4 pontos: < 1,0%</p>
Espécies autóctones	Espécies exóticas invasoras	EEI / Nativas	Nºtotal de espécies									
378	35	9%	715									

Indicador	Designação do indicador	Cálculo	Fonte	Cotação
Serviços de Ecossistemas				
11	Regulação da quantidade de água – Proporção de áreas permeáveis	A regulação da quantidade de água pode ser medida através da proporção de áreas permeáveis. O conjunto das áreas permeáveis existentes no município de Oeiras resulta num total de 1464,6 ha. Proporção de áreas permeáveis: 31,9%	Carta de Ocupação do Solo de 2018	0 0 pontos: < 33,1% 1 ponto: 33,1%-39,7% 2 pontos: 39,8%-64,2% 3 pontos: 64,3%-75,0% 4 pontos: > 75,0%

Indicador	Designação do indicador	Cálculo	Fonte	Cotação																												
Serviços de Ecossistemas																																
12	Regulação climática – Proporção de cobertura arbórea e sequestro de CO ₂	A regulação climática, ou o efeito de diminuição da temperatura pela vegetação, pode ser calculado através da proporção de cobertura arbórea e sequestro de CO ₂ . Recorreu-se à cartografia para cálculo da área de manchas arbóreas. A este valor somou-se a estimativa de fixação de CO ₂ pela área das copas de árvores isoladas. Sabendo-se que as árvores isoladas georreferenciadas têm uma copa igual ou superior a 2 metros de diâmetro, para o cálculo da área do seu copado aplicou-se um <i>buffer</i> de 1 metro. <table border="1" data-bbox="344 1173 1102 1570"> <thead> <tr> <th>Descrição</th> <th>Área (ha)</th> <th>t CO₂/ha ano</th> <th>Cálculo</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Bosques de Zambujeiro</td> <td>23,3</td> <td>1,5</td> <td>35,0</td> </tr> <tr> <td>Povoamento de Sobreiros e Azinheiras</td> <td>4,2</td> <td>3,2</td> <td>13,4</td> </tr> <tr> <td>Prados de Sequeiro</td> <td>31,7</td> <td>1</td> <td>31,7</td> </tr> <tr> <td>Manchas Arbóreas</td> <td>181,7</td> <td>1</td> <td>181,7</td> </tr> <tr> <td>Árvores Isoladas</td> <td>36,9</td> <td>1</td> <td>36,9</td> </tr> <tr> <td colspan="3" style="text-align: center;">TOTAL</td> <td>298,7</td> </tr> </tbody> </table> Proporção de cobertura arbórea: 6%	Descrição	Área (ha)	t CO ₂ /ha ano	Cálculo	Bosques de Zambujeiro	23,3	1,5	35,0	Povoamento de Sobreiros e Azinheiras	4,2	3,2	13,4	Prados de Sequeiro	31,7	1	31,7	Manchas Arbóreas	181,7	1	181,7	Árvores Isoladas	36,9	1	36,9	TOTAL			298,7	Cartografia disponível; Carta de Ocupação do Solo de 2018	0 0 pontos: < 10,5% 1 ponto: 10,5%-19,1% 2 pontos: 19,2%-29,0% 3 pontos: 29,1%-59,7% 4 pontos: > 59,7%
Descrição	Área (ha)	t CO ₂ /ha ano	Cálculo																													
Bosques de Zambujeiro	23,3	1,5	35,0																													
Povoamento de Sobreiros e Azinheiras	4,2	3,2	13,4																													
Prados de Sequeiro	31,7	1	31,7																													
Manchas Arbóreas	181,7	1	181,7																													
Árvores Isoladas	36,9	1	36,9																													
TOTAL			298,7																													

Indicador	Designação do indicador	Cálculo	Fonte	Cotação
Serviços de Ecossistemas				
13 e 14	Recreio, lazer e educação ambiental	<p><u>Indicador 13:</u> Área de parques com áreas naturais ou protegidas/1000 habitantes</p> <p>Por não existirem parques ou jardins com áreas naturais, e seguindo o caso de Lisboa como exemplo, considerou-se a área total de parques urbanos e jardins municipais acessíveis ao público, por habitante.</p> <p>Área de parques e jardins municipais: 222,2 ha Proporção de parques e jardins/1000 habitantes: 0,2 ha/1000 habitantes ou 2000 m²/1000 habitantes</p> <p><u>Indicador 14:</u> Número médio de visitas de estudo a áreas naturais, naturalizadas e seminaturais do município por crianças até 16 anos.</p> <p>Não foi possível calcular este indicador por não existirem dados disponíveis.</p>	Cartografia disponível	<p>1+0</p> <p><u>Indicador 13:</u> 0 pontos: < 0,1 ha/1000 hab 1 ponto: 0,1-0,3 ha/1000 hab 2 pontos: 0,4-0,6 ha/1000 hab 3 pontos: 0,7-0,9 ha/1000 hab 4 pontos: > 0,9 ha/1000 hab</p> <p><u>Indicador 14:</u> 0 pontos: 0 visitas/ano 1 ponto: 1 visita/ano 2 pontos: 2 visitas/ano 3 pontos: 3 visitas/ano 4 pontos: 4 visitas/ano</p>

Indicador	Designação do indicador	Cálculo	Fonte	Cotação																				
Gestão e Governança																								
15	Orçamento alocado à biodiversidade	<p>Este valor foi calculado com base nas atividades do Programa de Educação Ambiental escolar e projetos de caracterização e monitorização da biodiversidade no ano de 2020.</p> <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th>Descrição</th> <th>Valor</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Monitores e atividades PEA</td> <td>19 311,00 €</td> </tr> <tr> <td>Materiais PEA</td> <td>2 798,00 €</td> </tr> <tr> <td>Avença bióloga DGA</td> <td>15 000,00 €</td> </tr> <tr> <td>Câmaras foto-armadilhagem</td> <td>1 448,94 €</td> </tr> <tr> <td>Atividades Agenda da Natureza</td> <td>2 353,20 €</td> </tr> <tr> <td>Atividades ciência cidadã (Bioblitzes)</td> <td>3 600,00 €</td> </tr> <tr> <td>Projetos de caracterização e monitorização da biodiversidade</td> <td>19 144,90 €</td> </tr> <tr> <td>Remoção de vegetação invasora (cana)</td> <td>300 000,00€</td> </tr> <tr> <td>TOTAL</td> <td>363 656,04 €</td> </tr> </tbody> </table> <p>Orçamento municipal em 2020: 224,4 milhões de euros Proporção de orçamento alocado à biodiversidade: 0 (0,16%) Proporção de orçamento alocado ao ambiente:</p>	Descrição	Valor	Monitores e atividades PEA	19 311,00 €	Materiais PEA	2 798,00 €	Avença bióloga DGA	15 000,00 €	Câmaras foto-armadilhagem	1 448,94 €	Atividades Agenda da Natureza	2 353,20 €	Atividades ciência cidadã (Bioblitzes)	3 600,00 €	Projetos de caracterização e monitorização da biodiversidade	19 144,90 €	Remoção de vegetação invasora (cana)	300 000,00€	TOTAL	363 656,04 €	Relatório de Atividades DGA 2020	<p>0</p> <p>0 pontos: < 0,4% 1 ponto: 0,4%-2,2% 2 pontos: 2,3%-2,7% 3 pontos: 2,8%-3,7% 4 pontos: > 3,7%</p>
Descrição	Valor																							
Monitores e atividades PEA	19 311,00 €																							
Materiais PEA	2 798,00 €																							
Avença bióloga DGA	15 000,00 €																							
Câmaras foto-armadilhagem	1 448,94 €																							
Atividades Agenda da Natureza	2 353,20 €																							
Atividades ciência cidadã (Bioblitzes)	3 600,00 €																							
Projetos de caracterização e monitorização da biodiversidade	19 144,90 €																							
Remoção de vegetação invasora (cana)	300 000,00€																							
TOTAL	363 656,04 €																							

Indicador	Designação do indicador	Cálculo	Fonte	Cotação
Gestão e Governança				
16	Programas e projetos de conservação da biodiversidade	<p>Procedeu-se ao somatório de projetos de caracterização e monitorização da biodiversidade no ano de 2020.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Levantamento e georreferenciação da flora dos parques e jardins municipais • Elaboração de fichas técnicas das árvores e arbustos identificados • Renaturalização de troços de ribeiras (plantação de espécies autóctones) • Remoção de espécies exóticas invasoras nas linhas de água • Projeto Abelhas Silvestres de Oeiras • Implementação de Biospots e Estações da Biodiversidade • Edição do Guia de Insetos e Plantas de Oeiras • Monitorização de Caixas-ninho • Plano de Erradicação de <i>Xenopus laevis</i> • Projeto Peixes Nativos • Georreferenciação da erva-das-pampas (<i>Cortaderia selloana</i>) • Censos de Periquitos-de-colar • Biodiversidade nas Escolas • Hortas urbanas • Biomonitorização das linhas de água • Exposição Oeiras tem Vida <p>Total de programas e projetos de conservação da biodiversidade: 16</p>	Relatório de Atividades DGA 2020	<p style="text-align: center;">1</p> <p>0 pontos: < 12 programas/projetos 1 ponto: 12-21 programas/projetos 2 pontos: 22-39 programas/projetos 3 pontos: 40-71 programas/projetos 4 pontos: > 71 programas/projetos</p>

Indicador	Designação do indicador	Cálculo	Fonte	Cotação
Gestão e Governança				
17	Normas, regulamentos e políticas públicas – Existência de uma Estratégia para a Biodiversidade Local e Plano de Ação	<p>Existência de uma Estratégia para a Biodiversidade Local e Plano de Ação: Não</p> <p>Estratégia para a Biodiversidade Local (EBL) Plano de Ação (PA) Estratégia para a Biodiversidade Nacional (EBN) Convenção Sobre Diversidade Biológica (CBD)</p>	Informação interna	<p style="text-align: center;">0</p> <p>0 pontos: Não existe uma EBL e PA 1 ponto: EBL não alinhada EBN 2 pontos: EBL incorpora elementos da EBN mas não da CBD 3 pontos: EBL incorpora elementos da EBN e 1 a 3 iniciativas da CBD 4 pontos: EBL incorpora elementos da EBN e 4 ou mais iniciativas da CBD</p>

Indicador	Designação do indicador	Cálculo	Fonte	Cotação
Gestão e Governança				
18 e 19	Capacidade institucional	<p><u>Indicador 18:</u> Número de equipamentos relacionados com a biodiversidade (Ex: jardim botânico, herbário, insectário, jardim zoológico, centro de interpretação de biodiversidade).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aquário Vasco da Gama • Herbário da Estação Agronómica Nacional do INIAV <p>Total de equipamentos relacionados com a biodiversidade: 2</p> <p><u>Indicador 19:</u> Número de instituições do Governo Local em iniciativas de cooperação relacionadas com a biodiversidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Departamento de Ambiente e Qualidade de Vida (Município de Oeiras) • Oeiras Viva • Simas (Divisão de Comunicação e Sustentabilidade – SIMAS de Oeiras e Amadora) 	Informação pública	<p>2+1</p> <p><u>Indicador 18:</u> 0 pontos: Não existe nenhuma infraestrutura 1 ponto: 1 infraestrutura 2 pontos: 2 infraestruturas 3 pontos: 3 infraestruturas 4 pontos: Mais de 3 infraestruturas</p> <p><u>Indicador 19:</u> 0 pontos: Cooperação de 1 ou 2 agências 1 ponto: Cooperação de 3 agências 2 pontos: Cooperação de 4 agências 3 pontos: Cooperação de 5 agências 4 pontos: Cooperação de mais de 5 agências</p>

Indicador	Designação do indicador	Cálculo	Fonte	Cotação
Gestão e Governança				
20 e 21	Participação e parcerias	<p><u>Indicador 20:</u> Existência e estado de processos de consulta pública formal ou informal relacionada com temáticas da biodiversidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Orçamento participativo – Observatório da natureza <p>Total de processos de participação: 1</p> <p><u>Indicador 21:</u> Número de instituições, empresas, ONG's, instituições académicas e organizações internacionais que colaboram em parceria com o município em atividades, projetos e programas relacionados com a biodiversidade.</p> <p>Total de instituições envolvidas: 25 (tabelas 6 e 7)</p>	Informação interna	<p>4+4</p> <p><u>Indicador 20:</u> 0 pontos: Nenhum processo de consulta 1 ponto: Processo, formal ou informal, a ser considerado como parte integrante de um processo de rotina 2 pontos: Processo, formal ou informal, a ser planeado como parte integrante de um processo de rotina 3 pontos: Processo, formal ou informal, a ser implementado como parte de um processo de rotina 4 pontos: Processo, formal ou informal, como parte integrante do processo de rotina</p> <p><u>Indicador 21:</u> 0 pontos: Inexistência de parceria, formal ou informal 1 ponto: Parceria com 1-6 agências, empresas privadas, ONG's, instituições académicas, organizações internacionais 2 pontos: Parceria com 7-12 agências, empresas privadas, ONG's, instituições académicas, organizações internacionais</p>

				3 pontos: Parceria com 13-19 agências, empresas privadas, ONG's, instituições académicas, organizações internacionais 4 pontos: Parceria com 20 ou mais agências, empresas privadas, ONG's, instituições académicas, organizações internacionais
--	--	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Indicador	Designação do indicador	Cálculo	Fonte	Cotação
Gestão e Governança				
22 e 23	Educação e sensibilização	<p><u>Indicador 22:</u> Existência de conteúdos relacionados com a biodiversidade nos currículos escolares.</p> <p>Existência de conteúdos relacionados com a biodiversidade nos currículos escolares: Sim</p> <p><u>Indicador 23:</u> Número anual de ações e eventos promovidos pelo município relacionados com a biodiversidade.</p> <ul style="list-style-type: none"> • 262* de atividades pedagógicas no âmbito do PEA • 20 atividades no âmbito da Agenda da Natureza • 4 ações de formação sobre Agricultura Biológica <p>Nº de atividades realizadas em 2019, tendo em conta que 2020 foi um ano atípico e devido à pandemia, muitas atividades foram canceladas.</p> <p>Total de ações e eventos promovidos pelo município relacionados com a biodiversidade: 286</p>	Informação interna	<p>4+3</p> <p><u>Indicador 22:</u> 0 pontos: Biodiversidade e natureza não estão incluídas no currículo escolar 1 ponto: Biodiversidade e natureza estão a ser consideradas para a inclusão no currículo escolar 2 pontos: Biodiversidade e natureza estão a ser planeadas para a inclusão no currículo escolar 3 pontos: Biodiversidade e natureza estão no processo para a inclusão no currículo escolar 4 pontos: Biodiversidade e natureza estão incluídas no currículo escolar</p> <p><u>Indicador 23:</u> 0 pontos: 0 eventos por ano 1 ponto: 1-59 eventos por ano 2 pontos: 60-149 eventos por ano 3 pontos: 150-300 eventos por ano 4 pontos: >300 eventos por ano</p>

2.3.1. Resultados

Através dos cálculos verifica-se que 29,3% do território do município de Oeiras é composto por áreas naturais e naturalizadas.

A conetividade entre estas áreas está subamostrada devido à falta de cartografia do copado, pelo que será superior ao valor apresentado. Ainda assim, há espaço para melhoria relativamente a este indicador.

O número de aves (biodiversidade nativa) em áreas edificadas, 89 espécies no total, é bastante satisfatório, mas requer monitorização continuada para confirmar a fiabilidade deste valor.

Relativamente aos restantes grupos taxonómicos, o valor de 378 espécies de flora vascular e 514 espécies de fauna também será uma subestimativa e deverão continuar a realizar-se os trabalhos de inventariação dirigidos aos diferentes grupos.

As áreas com estatuto de proteção representam apenas 3,8% do território. No entanto, existe potencial natural para classificar várias outras áreas pelo que este valor poderá aumentar no futuro.

As plantas exóticas invasoras constituem 9% da área do município e a fauna exótica invasora, 4%. São valores significativos e devem continuar os esforços para a sua erradicação e controlo.

As áreas permeáveis constituem 31,9% do concelho. É um valor considerado baixo e poderá ser melhorado com a ampliação da infraestrutura verde.

O valor de sequestro de carbono pela vegetação, 298,7 t CO₂/ano, encontra-se mais uma vez subestimado, assim como a proporção de 6% de cobertura arbórea, pela falta de cartografia do copado disponível.

Existem 0,2 hectares (2000 m²) por cada 1000 habitantes.

Não foi possível calcular o número médio de visitas de estudo a áreas naturais, naturalizadas e seminaturais do município por crianças até 16 anos por não existirem dados disponíveis.

O orçamento alocado à biodiversidade em 2020 foi de cerca de 364 000€ o que representa uma pequena parte do orçamento municipal. No entanto, o orçamento alocado ao Departamento de Ambiente e Qualidade de Vida, com efeitos diretos e indiretos ao nível da biodiversidade, foi de cerca de 22 milhões de euros.

Foram 16 os projetos de caracterização e monitorização da biodiversidade realizados no ano de 2020.

Existem atualmente no município duas estruturas, o Aquário Vasco da Gama e o Herbário da Estação Agronómica Nacional do INIAV, relacionadas com a biodiversidade.

Não foi possível apurar o número de instituições do Governo Local em iniciativas de cooperação relacionadas com a biodiversidade.

Considerou-se como existência de processos de consulta pública formal ou informal relacionada com temáticas da biodiversidade o projeto Observatório da Natureza atualmente em curso e oriundo do Orçamento participativo.

O número de instituições, empresas, ONG's, instituições académicas e organizações internacionais que colaboram em parceria com o município em atividades, projetos e programas relacionados com a biodiversidade é de 16.

Ao nível da educação e sensibilização, verifica-se que existem conteúdos relacionados com a biodiversidade nos currículos escolares. O total de ações e eventos promovidos pelo município relacionados com a biodiversidade anualmente é de 286.

2.4. Análise comparativa do Índice de Biodiversidade Urbana (CBI) do Município de Oeiras, da cidade de Lisboa e da cidade do Porto

De forma a analisar a posição do Município de Oeiras, ao nível do Índice de Biodiversidade Urbana, face a outros municípios, procedeu-se à comparação entre a situação inicial dos municípios de Lisboa, Porto e Oeiras.

Segue-se um quadro comparativo para o cálculo do CBI para os três municípios mencionados. Note-se que estes valores são meramente indicativos pois o cálculo final do CBI de Lisboa e Porto não está publicado, e existem valores díspares na bibliografia consultada.

Tabela 14 - Comparação entre a situação inicial dos CBI's do Município de Oeiras, da cidade de Lisboa e da cidade do Porto

Indicador CBI	Lisboa		Porto		Oeiras	
	Valor de referência	Cotação	Valor de referência	Cotação	Valor de referência	Cotação
1	22,50%	4	3,7% (2013)	0	29,30%	4
2	Solo (42,9%); Copa de árvores (60,6%)	4	828 ha (20%)	2	245,7 ha	1
3	76 espécies	4	Desconhecido o nº utilizado em 2011; 61 em 2013	2	89 espécies	4
4 a 8	Flora - 2782 taxa diferentes, 341 taxa nativos; Fungos - 140 taxa	0	Flora Vascular - 300 espécies, 61 nativas; Líquenes - 37 espécies	0	Total flora vascular: 378; Total flora avascular: 7; Total fungos: 21; Total líquenes: 33	0
	Aves - 126 nativas, 2 acidentais; Mamíferos - 19 nativas; Répteis - 16 nativas; Anfíbios - 12 nativas; Peixes - 45 nativas; Borboletas - 33 confirmadas; Macroinvertebrados bentónicos - 257 taxa		Aves - 80 espécies; Anfíbios - 7 espécies; Borboletas - 19 espécies;		Total fauna: 514	
9	16,10%	3	3,8% (2013)	2	3,80%	1
10	Espécies EEI Flora - 32; Proporção EEI/Nativas: 9,4%	3	700 espécies nativas (todos os grupos); 9 espécies EEI (2013); Proporção total Flora e Fauna: 1,3% (2013)	3	Total EEI flora: 35; Proporção EEI/Nativas: 9%	3
	Espécies EEI Fauna (mamíferos (0), aves (4), répteis (1), anfíbios(0), peixes(4)) - 9 ; Proporção EEI/Nativas do grupo mais representativo (peixes): 8,9%		5,7% (2011)		Total EEI fauna: 19 Proporção EEI/Nativas: 3,7%	
11	39,4%	1	22% (2013)	0	31,90%	0
12	18,6%	1	10,9% (2013)	1	6%	0

Indicador CBI	Lisboa		Porto		Oeiras	
	Valor de referência	Cotação	Valor de referência	Cotação	Valor de referência	Cotação
13	2,7 ha/ 1000 habitantes	4	1,23 ha/1000 habitantes	4	0,2 ha/1000 habitantes	1
14	sem dados	0	10000 visitas a parques e áreas naturais em 2013; 2 visitas anuais para menores de 16 anos	2	sem dados	0
15	Orçamento do Departamento de Ambiente e Espaço Público (DAEP) da Câmara Municipal de Lisboa (CML) em 2010: 46 319 898 euros	0	1,03% (2013)	2	63 656,04 €	0
16	18 programas e projetos	1	Projetos ligados a espaços verdes, plantação de árvores, reabilitação de ribeiras e outros com o objetivo a procura de soluções globais para uma melhor gestão da água da cidade, nºtotal desconhecido	1	16 programas e projetos	1
17	Na data de elaboração deste documento não havia estratégia ou plano de ação para a biodiversidade	0	Na data de elaboração deste documento não havia estratégia ou plano de ação para a biodiversidade	0	Na data de elaboração deste documento não havia estratégia ou plano de ação para a biodiversidade	0
18	102 entidades/estruturas	4	15 estruturas	4	2 estruturas	2
19	57 entidades	4	4 entidades, em que os órgãos de gestão envolvidos são do Pelouro do Ambiente e as Águas do Porto (2013)	2	sem dados	0
20	Não existe qualquer processo formal ou informal de consulta pública para ações ligadas à biodiversidade	0	Não houve nenhum processo de consulta pública em relação à biodiversidade em 2011	0	Total de processos de participação: 1 (orçamento participativo - observatório da natureza)	4
21	4 entidades	1	4 (2013)	1	25 entidades	4
22	Os <i>curricula</i> escolares definidos a nível nacional incluem temáticas relativas à biodiversidade	4	Os <i>curricula</i> escolares definidos a nível nacional incluem temáticas relativas à biodiversidade	4	Os <i>curricula</i> escolares definidos a nível nacional incluem temáticas relativas à biodiversidade	4
23	811 ações e eventos em 2010	4	199	3	286	3
Total	45,65%	42	35,87%	33	34,78%	32

Em relação aos indicadores de biodiversidade, o concelho de Lisboa tem melhores pontuações que as restantes cidades e, em muitos dos indicadores, Oeiras tem também excelentes pontuações. Tal como Lisboa, Oeiras apresenta cotação máxima em relação ao número de áreas naturais e naturalizadas, no entanto, em relação à conectividade entre estas áreas a cotação foi inferior às outras duas cidades, demonstrado que poderá ser necessário algum investimento no aumento da conectividade destas áreas no concelho. Relativamente às

áreas com estatuto de proteção, Oeiras tem a mesma percentagem de áreas que o Porto (3,8%) mas é bastante inferior quando comparado com a cidade de Lisboa (16,10%). Tendo em conta que uma cidade como Lisboa consegue ter e manter uma proporção elevada de áreas com estatuto de proteção significa que poderá ser possível para o concelho de Oeiras aumentar estas áreas, principalmente porque existe potencial natural para classificar várias outras áreas, como referido anteriormente.

As pontuações dos indicadores relacionados com os serviços dos ecossistemas são bastante semelhantes entre as três cidades, com exceção do indicador dos serviços recreacionais e educacionais, que é muito inferior em Oeiras comparativamente às outras cidades em análise. O facto de este indicador estar mais uma vez relacionado com as áreas naturais e com estatutos de proteção reforça a necessidade de aumentar a quantidade destas áreas no concelho de Oeiras.

Nos indicadores de Gestão e Governança, Oeiras destaca-se nos indicadores 20 e 21 (Participação e parcerias), sendo a cidade com pontuações mais elevadas em ambos. No entanto, em relação aos indicadores de Capacidade institucional está abaixo das restantes cidades.





Chapim-azul (*Cyanistes caeruleus*)

3. ESTRATÉGIA PARA A BIODIVERSIDADE EM OEIRAS

Visão

A presente estratégia integra uma visão holística ao nível da gestão integrada do território, que inclua a biodiversidade de forma expressiva, para um desenvolvimento sustentável na componente ecológica, económica e social.

Dada a atualidade e íntima relação com a presente estratégia, adotou-se a visão de Oeiras em 2020 veiculada pela Agenda 21+:

“Um território de elevada qualidade, com uma comunidade económica inclusiva e de grande dinamismo, utilizando racionalmente todos os recursos naturais, uma população exigente, moderna, envolvida e feliz pelas oportunidades de prazer e desenvolvimento que encontra no seu concelho de residência.”

Para destacar o impacto desta visão ao nível da biodiversidade, transpôs-se algumas situações de vida apresentadas no âmbito da Agenda 21+:

“Já há muito que os espaços naturais de Oeiras têm maior capacidade de atracção que os centros comerciais de antigamente. Foi decisiva a profunda requalificação de todos os Vales, como os da Lage, de Barcarena e do Jamor, que para além dos magníficos espaços verdes e das ribeiras com água em equilíbrio ecológico, disponibilizam também excelentes equipamentos de estadia e lazer (parque biológico, hortas urbanas, quinta pedagógica, museu, esplanadas, cibercafé, etc.) atrativos e em harmonia com o sistema natural. E o nosso Bairro é atravessado por um corredor verde que liga a um destes Vales, o que é imensamente agradável porque nos abre horizontes sobre o concelho.”

“Muitos de nós utilizamos diariamente os Vales Verdes para passear e fazer desporto. Quando queremos ir até ao Passeio Marítimo é este o caminho predileto. No Verão não há miúdo ou graúdo que não vá de bicicleta para as praias (de Caxias à Praia da Torre há muitos anos que têm Bandeira Azul).”

“Um dos meus *hobbies* favoritos é velejar e desfrutar o Tejo. Guardo geralmente o meu pequeno barco no Porto de Recreio de Oeiras, mas também uso a Marina do Jamor. Colaboro com o clube de vela do meu Bairro e os miúdos fazem parte da nossa equipa. Para poder concorrer, cada equipa deve ser multicultural e ter elementos com idades de pelo menos três gerações. A orla ribeirinha de Oeiras é espetacular tanto vista de terra como do Estuário. É considerada a mais bem cuidada de toda a Europa. É um dos motivos de grande atracção de cientistas e empresários criativos de nível mundial para Oeiras.”

Missão

Afirmar Oeiras enquanto município atento, na vanguarda da modernidade, comprometido com a biodiversidade e sua conservação, com um enorme património natural, que merece ser colocado no mapa tanto a nível nacional como internacional.

3.1. Eixos de Ação

3.1.1. Caracterizar

Este é o primeiro eixo de ação da estratégia, na medida em que se verificam lacunas de conhecimento base ao nível dos recursos naturais presentes no território. É necessário conhecer e caracterizar o melhor possível os *habitats* e a sua biodiversidade, para posteriormente adotar as medidas de gestão necessárias e mais adequadas.

3.1.2. Monitorizar & Avaliar

Após a fase de sistematização do conhecimento e caracterização dos valores naturais, é fundamental avaliá-los, de acordo com o seu estado de conservação e necessidade de intervenção. Depois desta avaliação, devem ser definidas medidas específicas, que vão de encontro ao restauro, conservação ou a um estado intermédio, e protocolos de monitorização. O eixo “Monitorizar e Avaliar” a biodiversidade, também este estruturante como o anterior, deve ser reconhecido como um trabalho contínuo que não se extingue no tempo. A Natureza encontra-se em constante mutação e apenas acompanhando de perto a sua evolução, será possível agir para a preservar e travar a sua perda. Estudos pontuais sobre a biodiversidade fornecem uma “fotografia” da sua estrutura em determinado momento. A monitorização é crucial para conhecer verdadeiramente o património natural do território.

3.1.3. Conservar

Conservar é uma medida ativa que visa manter e, se possível, aumentar a abundância e área de distribuição de espécies e *habitats* com valor significativo para a conservação. Isso pode dever-se à presença de espécies e *habitats* ameaçados de extinção ou de áreas bem conservadas, que devem permanecer desta forma, para que não sejam fragmentadas. Pode ser feita *in situ* e *ex situ*, isto é, no local ou não.

3.1.4. Restaurar

Restaurar ou recuperar deve ser uma prioridade nas áreas naturais, naturalizadas, seminaturais, e até mesmo áreas humanizadas, que contenham valores ou potenciem a biodiversidade, mas que se encontrem degradadas. Este eixo e o eixo “Conservar” não se excluem mutuamente, podendo atuar em simultâneo.

3.1.5. Comunicar

Este é um eixo de atuação transversal a todos os outros eixos, e que deve ser também transversal na sociedade. A comunicação deve estender-se ao município, aos munícipes, estudantes, entidades públicas e privadas, e nas diferentes etapas da estratégia: implementação, realização de ações e divulgação de resultados. Esta comunicação pode ser feita através de ações de sensibilização e eventos, da edição de documentos, como livros e brochuras, e da utilização de plataformas *online*, como *websites* e redes sociais. O envolvimento da comunidade na conservação é fundamental para o seu sucesso.

3.1.6. Governar

Sendo atualmente reconhecida a importância e o papel essencial da biodiversidade no suporte da vida humana, a par da sua caracterização torna-se primordial a sua integração efetiva na governação, como forma de promover a sua proteção e conservação e dos bens e serviços que fornece.

3.2. Objetivos

Para cada um dos eixos descritos, foi definido um conjunto de objetivos, num total de 44, que se traduzem em múltiplas ações.

Tabela 15 - Objetivos da Estratégia

Eixo	Objetivos
<i>Caracterizar</i>	Conhecer para preservar a biodiversidade municipal
	Conhecer para controlar as espécies exóticas invasoras que ameaçam a biodiversidade municipal
	Descrever a situação de referência da biodiversidade do concelho
	Construir uma base de dados da biodiversidade e geodiversidade municipal
	Utilizar a cartografia produzida como ferramenta de gestão e divulgação da biodiversidade
<i>Avaliar e Monitorizar</i>	Avaliar o estado de conservação das espécies, <i>habitats</i> e ecossistemas do município e propor medidas de gestão
	Conhecer o valor do património natural
	Categorizar as espécies exóticas invasoras e propor medidas de controlo e erradicação das espécies prioritárias
	Estudar o solo e propor medidas de gestão (reduzir a erosão, remediar solos contaminados, proteger fertilidade)
	Garantir a estruturação de um sistema coerente e útil de monitorização continuada (a longo prazo) do estado de conservação dos valores naturais
	Proceder à monitorização continuada (a longo prazo) do estado de conservação dos valores naturais
	Aumentar a conectividade entre zonas verdes
	Preservar e promover a biodiversidade municipal e serviços de ecossistemas
	Programar e executar intervenções de conservação e de recuperação de espécies (fauna e flora) e habitats
	Adotar práticas de gestão
<i>Conservar</i>	Apoiar a sustentabilidade a longo prazo tanto da natureza como da agricultura, em paralelo com a nova Estratégia do Prado ao Prato e a nova política agrícola comum (PAC)
	Proporcionar espaço a animais e plantas selvagens, polinizadores e controladores naturais de pragas
	Valorizar o património natural e diversidade genética animal e vegetal
	Assegurar que as espécies (fauna e flora) e habitats protegidos melhoram o seu estado de conservação
	Reforçar o quadro legal de regulamentação da conservação da natureza e biodiversidade a nível municipal
	Estudar e definir áreas a proteger e controlar a pressão humana, de modo a potenciar a proteção das espécies com interesse para a conservação
	Reduzir a poluição da água, ar e solo
	Mitigar os efeitos das alterações climáticas
	Reforçar a prevenção, controlo e erradicação de espécies exóticas invasoras
	Promover a oferta e qualificação dos serviços no domínio do Turismo de Natureza, que concorram para a gestão sustentável dos territórios e salvaguardem o património natural e identidade cultural
	Reforçar a investigação e inovação orientada para o conhecimento e conservação da natureza
	Estimular parcerias com Universidades e Instituições de Ciência
	Recuperar os ecossistemas em terra, água doce, e no mar
<i>Restaurar</i>	Aumentar a conectividade entre zonas verdes
	Promover a biodiversidade municipal e serviços de ecossistemas
	Estabelecer planos de restauração da biodiversidade
	Programar e executar intervenções de recuperação de espécies (fauna e flora) e habitats

Eixo Objetivos

<i>Comunicar</i>	Criar estruturas, materiais, percursos e eventos focados na biodiversidade
	Aumentar a visibilidade e perceção pública do valor do património natural e dos serviços dos ecossistemas
	Melhorar o conhecimento da população sobre a biodiversidade
	Envolver a comunidade na conservação da biodiversidade
	Aumentar o nº de iniciativas de Ciência Cidadã
	Reforçar a presença da biodiversidade no plano extra-curricular
	Promover a cultura científica
<i>Governar</i>	Aumentar a cooperação internacional em prol da biodiversidade
	Aumentar o investimento público em conservação da natureza e biodiversidade
	Reforçar o cumprimento das normas legais de conservação da natureza e da biodiversidade
	Garantir a integração dos objetivos de conservação da natureza e biodiversidade nos instrumentos de ordenamento do território, estratégias, planos e programas
	Captar financiamento público para a conservação da biodiversidade

3.3. Metas e indicadores

De forma a concretizar os objetivos e a tornar as ações mensuráveis, definiram-se 55 metas e indicadores que permitirão monitorizar e avaliar a taxa de execução das mesmas.

Tabela 16 - Metas da Estratégia

Eixos	Metas
<i>Caracterizar</i>	Obter uma cartografia atualizada e abrangente da biodiversidade municipal
	Obter uma cartografia atualizada e abrangente da geodiversidade municipal
	Obter uma cartografia atualizada e abrangente das espécies exóticas invasoras presentes no município
	Obter uma cartografia atualizada e abrangente dos habitats naturais e seminaturais do município
<i>Avaliar e Monitorizar</i>	Calcular o Índice de Biodiversidade Urbana
	Elaborar um quadro de referência de espécies autóctones, espécies exóticas invasoras, habitats e ecossistemas prioritários
	Elaborar um quadro de referência dos solos do município
	Estruturar um Plano de Monitorização da Biodiversidade Municipal
<i>Conservar</i>	Monitorizar os grupos-chave de fauna e flora anualmente
	Aumentar a proporção da área total de cobertura por copas de árvores
	Aumentar a proporção de área verde privada
	Aumentar a proporção de áreas permeáveis
	Aumentar a proporção de espaços verdes públicos
	Aumentar e diversificar refúgios para a fauna (caixas-ninho e caixas-abrigo) em 50% até 2030
	Aumentar o nº de práticas adotadas na gestão da vinha em função da biodiversidade
	Aumentar o nº de programas de controlo biológico de pragas/espécies exóticas invasoras
	Criar estruturas dedicadas à interpretação e conservação da biodiversidade para 4 até 2030
	Criar corredores verdes/ecológicos
	Criar Regulamento Municipal para a Conservação da Natureza e Biodiversidade
	Definir um Plano de ação para a poluição zero no ar, na água e no solo
	Definir um roteiro dos fitomonumentos municipais
Definir um roteiro dos geossítios municipais	
Elaborar planos de gestão específicos para as áreas protegidas	

Eixos Metas

	Elaborar um quadro de referência de cultivares tradicionais/autóctones
	Eliminar totalmente a utilização de pesticidas químicos em hortas urbanas e 50% em hortas espontâneas e espaços verdes até 2030
	Executar no mínimo 1 intervenção de engenharia natural anualmente
	Instalar no mínimo 50 ha de prados autóctones até 2030
	Promover a utilização de variedades de culturas e raças tradicionais
	Propor a classificação de pelo menos uma área protegida
	Propor a requalificação de 1 infraestrutura em equipamento de Turismo de Natureza
	Reconverter pelo menos 10 % da superfície agrícola em elementos paisagísticos de grande diversidade
	Reduzir a proporção de espécies exóticas invasoras
	Utilizar apenas espécies autóctones nos projetos de revegetação
	Utilizar metodologias pioneiras e inovadoras e produzir conhecimento (publicações científicas em conjunto com Universidades e Instituições de Ciência)
<i>Restaurar</i>	Aumentar a proporção da área total de cobertura por copas de árvores
	Aumentar a proporção de áreas naturais na cidade (naturais, seminaturais e naturalizadas)
	Aumentar o índice de qualidade do bosque ribeirinho (QBR)
	Estabelecer e executar um plano de recuperação da biodiversidade
<i>Comunicar</i>	Aumentar o número de estruturas dedicadas à interpretação e conservação da biodiversidade para 4 até 2030
	Criar um plano de ações de voluntariado ambiental anualmente
	Criar um programa para jovens com foco na execução de tarefas de conservação da biodiversidade
	Criar uma app móvel com a compilação da informação existente sobre os valores naturais de Oeiras (hotspots de biodiversidade, fitomonumentos, geossítios)
	Criar uma bolsa de voluntários envolvidos na conservação da biodiversidade do município
	Criação de um catálogo materiais e recursos educativos para promoção da literacia sobre a biodiversidade e ambiente
	Dar a conhecer o património natural de Oeiras a nível nacional e internacional
	Desenvolver uma plataforma de gestão de atividades de voluntariado ambiental
	Implementar mais de 12 projetos relativos à biodiversidade anualmente
	Implementar uma rede de percursos interpretativos da biodiversidade, com o mínimo de 50 km até 2030
	Promover no mínimo 1 instalação de arte x ciência anualmente
	Realizar 300 ações dedicadas à biodiversidade anualmente
<i>Governar</i>	Aumentar a proporção do orçamento alocado à conservação da natureza e biodiversidade
	Desenvolver um plano integrado de fiscalização
	Implementar a Estratégia para a Biodiversidade do Município de Oeiras
	Submeter no mínimo 1 candidatura anualmente
	Transpor para o PDM as normas que condicionem o uso e ocupação do solo em áreas classificadas

3.4. Plano de ação

O plano de ação integra os objetivos, metas, ações e indicadores propostos e ainda um cronograma e tipologia de recursos necessários à sua execução. O plano integral encontra-se no Anexo XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tabela 17 - Análise SWOT

FORÇAS	FRAQUEZAS
<ul style="list-style-type: none"> • Oeiras é um concelho com visão; • Inovação e sensibilidade do executivo em matéria de Ambiente; • Orçamento de 11 milhões de euros para a Proteção do Meio Ambiente (2021); • A Divisão de Gestão Ambiental dispõe de uma equipa motivada e empenhada; • O município apresenta uma infraestrutura verde e azul de referência – espaços verdes, linhas de água e orla costeira – onde prosperam os ecossistemas de água doce, marinho e florestal; • Localização privilegiada – entre o Tejo e o Atlântico; • Parceria com instituições científicas relevantes; • Envolvimento da comunidade e desenvolvimento da ligação ao património natural do território. 	<ul style="list-style-type: none"> • Lacunas de conhecimento base ao nível da biodiversidade existente no município; • Pouca articulação entre as várias unidades orgânicas; • Reduzido investimento realizado ao nível da conservação da natureza e biodiversidade ao longo das últimas décadas; • Inexistência de uma Estratégia para a Biodiversidade; • Falta de técnicos na área da biologia; • Prazos dos procedimentos de contratação que por vezes fazem colidir o início dos trabalhos com fases críticas dos ciclos da natureza; • Dificuldade em atribuir valor económico aos recursos naturais (ex: serviços dos ecossistemas).
OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
<ul style="list-style-type: none"> • Crescente abertura de programas de financiamento a fundo perdido na área do Ambiente; • Assembleia Geral das Nações Unidas declarou 2021-2030 como a Década das NU para a Recuperação dos Ecossistemas; • Existência de espécies protegidas no Município, aumentando o interesse e probabilidade de financiamento de projetos de conservação das mesmas; • Existência de áreas bem conservadas no território que poderão constituir-se como micro reservas para preservação da biodiversidade local; • Assinatura do Auto de Cedência de Utilização da QRMP e Convento da Cartuxa; • Criação de novos empregos (diretos e indiretos). 	<ul style="list-style-type: none"> • Coimas por falta de mecanismos de conservação de <i>habitats</i> e espécies protegidas; • Resistência à mudança para práticas mais sustentáveis; • Contexto de crise socioeconómica; • Efeitos imprevisíveis das alterações climáticas; • Resultados não imediatos.

Ao nível da biodiversidade e conservação da natureza, o Município de Oeiras tem sido “esquecido” e erradamente considerado como um território com pouco interesse para a conservação. No PDM pode ler-se “Pelo facto de não existirem em Oeiras formações vegetais, *habitats* ou espécies com especial valor de conservação, assumem especial prioridade as abordagens que privilegiam a gestão dos recursos hídricos ao nível da bacia hidrográfica e o correcto enquadramento das áreas edificadas e a disponibilização de espaços silvestres devidamente equipados para o recreio.”

No entanto, os mais recentes levantamentos têm demonstrado precisamente o oposto: existem no território espécies, tanto de fauna como de flora, raras, endémicas, protegidas e ameaçadas, e também *habitats* que devem ser protegidos e recuperados.

Apesar de ter sido em tempos apenas um concelho de passagem, Oeiras revela-se agora como um *hotspot* de biodiversidade onde prosperam *habitats* e espécies com elevado interesse para a conservação.

“É mais importante que nunca conhecermos a Natureza, percebermos como funciona, inspirarmo-nos nela e contribuirmos para a sua recuperação.”

David Attenborough

GLOSSÁRIO

Antropoceno - O Antropoceno é definido por alguns cientistas como uma nova época geológica em que as atividades humanas determinam, mais que a natureza, a interação entre os processos biológicos, geológicos e físicos.

Biodiversidade - Variabilidade entre os organismos vivos de todas as origens, incluindo, entre outros, ecossistemas terrestres, marinhos, e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos dos quais fazem parte; compreende a diversidade dentro de cada espécie, entre as espécies e dos ecossistemas". (Decreto nº21/93, de 21 de junho).

Briófitos - Grupo taxonómico representando as plantas não vasculares, no qual estão incluídos os musgos

Características edáficas - Características físicas e químicas do solo

Continuum naturale - Integrado na Lei de Bases do Ambiente (Lei nº 11/87, de 7 de abril), é o sistema contínuo de ocorrências naturais que constituem o suporte da vida silvestre e da manutenção do potencial genético e que contribui para o equilíbrio e estabilidade do território

Desenvolvimento sustentável - Modelo de desenvolvimento que "responda às necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras darem respostas às suas próprias necessidades".

Ecossistema – Conjunto das comunidades de espécies e do local por estas ocupado e das interações entre as mesmas e o factores abióticos presentes, criando um sistema em equilíbrio.

Ecótopo - Semelhante a habitat, contudo, enquanto que o habitat diz respeito apenas a uma população, o ecótopo diz respeito à comunidade (conjunto das populações de espécies diferentes que ocupam o mesmo local e interagem umas com as outras).

Ecoturismo – Conceito relativamente recente que pode ser definido como "uma viagem e visita ambientalmente responsáveis a áreas naturais relativamente preservadas de forma a desfrutar e apreciar a natureza (e quaisquer características culturais passadas ou presentes concomitantes) que promove a conservação, tem um baixo impacto negativo pelos visitantes e proporciona benefícios pelo envolvimento socioeconómico ativo das populações locais".

Endemismo - Espécie cuja distribuição mundial se encontra restrita a apenas um local ou área geográfica (por exemplo Portugal).

Espécie autóctone - Definido pelo Decreto de Lei Nº92/2019 como qualquer espécie originária de um determinado território ou tendo aí área natural de distribuição, passada ou presente, excluindo os seus híbridos com espécies exóticas

Espécie exótica - Definido pelo Decreto de Lei Nº92/2019 como qualquer espécime vivo de uma espécie, subespécie ou categoria taxonómica inferior de animais, plantas, fungos ou microrganismos, introduzido fora da sua área de distribuição natural, incluindo quaisquer partes, gâmetas, sementes, ovos ou propágulos dessa espécie, bem como quaisquer híbridos, variedades ou raças, que possam sobreviver e posteriormente reproduzir-se

Espécie exótica invasora – Definido pelo Decreto de Lei Nº92/2019 como espécie exótica cuja introdução na natureza ou propagação num dado território ameaça ou tem um impacto adverso na diversidade biológica e nos serviços dos ecossistemas a ela associados, ou tem outros impactos adversos

Espécie nativa – O mesmo que espécie autóctone

Espécime - Definido pelo Decreto de Lei Nº92/2019 como qualquer indivíduo vivo de uma espécie da flora ou da fauna, ou qualquer porção que possa sobreviver ou reproduzir-se, incluindo gâmetas, propágulos, sementes e ovos

Habitat - Área com recursos e condições ambientais propícios a serem ocupados por uma espécie ou comunidade possibilitando a sua sobrevivência e reprodução

Hotspot de Biodiversidade – Segundo Myers *et al.* (2000), um hotspot de Biodiversidade é uma zona geográfica que contenha pelo menos 1500 plantas vasculares endémicas e que tenha perdido pelo menos 75% da sua vegetação primária, segundo esta definição, existem 36 *hotspots* de biodiversidade, nos quais está incluída a bacia do Mediterrâneo, sendo que Oeiras faz parte desse *hotspot*.

Limícolas - Aves que ocupam áreas costeiras ou alagadas, geralmente associadas a estuários, lagoas costeiras, sapais e outros habitats semelhantes.

Líquenes - Associação simbiótica entre uma alga e um fungo

Litológico – Relativo a litologia, rocha que se forma a partir solo.

Microrganismos patogénicos - Microrganismos parasitas causadores de doenças infecciosas, representam uma pequena parte da comunidade de microrganismos existentes.

Montado – Ecossistema florestal de baixa densidade arbórea semelhante á savana, muito característico da Península Ibérica resultante da interação entre o Homem e a Natureza. Existem 2 tipos de montado dependente da espécie arbórea predominante, montado de sobre se a espécie dominante é o sobreiro e montado de azinho se a espécie dominante for a azinheira.

Oeiras Valley - O Oeiras Valley é um projeto apoiado pela Câmara Municipal de Oeiras que tem como missão criar um ecossistema único para a inovação e desenvolvimento do concelho. Agregando todo o município, o Oeiras Valley pretende atrair mais e novas empresas e investimentos para o território, promover as empresas já instaladas, inovar e projetar Oeiras no radar internacional da Inovação e da Ciência. A ambição do Oeiras Valley é ser o ecossistema número um em Portugal na captação de empresas tecnológicas e ser o primeiro município português da Ciência.

Polinização - Transferência de pólen dos gâmetas masculinos de uma planta para os gâmetas femininos da mesma ou de outras plantas, permitindo a fertilização das mesmas. Pode ser auxiliado por factores abióticos como o vento ou por animais como as abelhas, algumas aves e muitos outros.

Predadores de topo – Predador no topo da cadeia alimentar representando o maior nível trófico da mesma

Upwelling - Fenómeno Oceanográfico causado pela acção do vento que consiste na ascensão de correntes de água fria, ricas em nutrientes para a superfície do Oceano.

Zoonose – Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), uma zoonose é uma doença infecciosa causada por um patógeno originalmente presente num animal não humano, mas que passou para o ser humano através do contacto directo ou indirecto entre ambos.

Zooplâncton - Provem da junção de zoo e plâncton e é o conjunto de organismos microscópicos ou milimétricos heterotrófico que compõem o plâncton e são os consumidores primários de quase todas as cadeias alimentares aquáticas.

BIBLIOGRAFIA

- Afonso, I. (2018). *Avaliação do sucesso de colonização dos meios naturais por espécies não indígenas introduzidas nas marinas de recreio* [Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10451/35296>
- Aguiar, C., Mesquita, S., & Honrado, J. (2008). Introdução à carta biogeográfica de Portugal (Costa et al. 1998). In Assírio & Alvim (Ed.), *Atlas das Aves Nidificantes em Portugal* (pp. 41–47). <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/5402/3/2008Atlas%20cap4%281%29.pdf>
- Almeida, C., Rodrigues, A., Ramos, A., Ferreira, F., Bento, N., Castro, A., Marcelino, C., Pina, I., Correia, J., Azevedo, J., Costa, L., Almeida, A., Malheiro, F., Tavares, H., Marques, L., Machado, L., Santos, S., & Sanches, T. (2020). *Estratégia Regional de Lisboa 2030* (Área Metropolitana de Lisboa & Comissão de Coordenação de Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo (eds.)).
- Aviso n.º 10445/2015. Diário da República n.º 179/2015, Série II. Município de Oeiras. Disponível em: <https://dre.pt/home/-/dre/70280688/details/maximized>
- Azevedo, M. (2020). Abelhas silvestres no concelho de Oeiras - Relatório final. CMO.
- Baldock, D., Wood, T., Cross, I., & Smit, J. (2018). The bees of Portugal (Hymenoptera: Apoidea: Anthophila). *Entomofauna*, 22, 164.
- Barroso, S., Pina, I., Correia, J., Costa, L., Lopes, A., Gomes, H., Telha, J., Carapau, J. T., Correia, E., Fragoso, M., Bonifácio, A., Carmo, C., Metelo, F., Caetano, G., Andrade, I., Figueiredo, C., Carvalho, L., Marques, A., Sérgio, A., ... Duarte, C. (2019). *Agenda Metropolitana de Adaptação Sectorial: Biodiversidade e Paisagem*. PMAAC_AML_P055_Agenda_Metropolitana_Adaptação_Sectorial_BiodiversidadePaisagem_20set2019.pdf
- Bencatel, J., Sabino-Marques, H., Álvares, F., Moura, A. E., & Barbosa, M. (2019). *Atlas de Mamíferos de Portugal* (2ª edição). Universidade de Évora. <http://atlas-mamiferos.uevora.pt/>
- Cabral, M. J., Almeida, J., Almeida, P. R., Dellinger, T., Ferrand de Almeida, N., Oliveira, M. E., Palmeirim, J. M., Queirós, A. I., Rogado, L., & Santos-Reis, M. (2006). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal* (2ª ed.). Instituto da Conservação da natureza/Assírio & Alvim.
- Cálix, M., Alexander, K. N. A., Nieto, A., Dodelin, B., Soldati, F., Telnov, D., Vazquez-Albalate, X., Aleksandrowicz, O., Audisio, P., Istrate, P., Jansson, N., Legakis, A., Liberto, A., Makris, C., Merkl, O., Mugerwa Pettersson, R., Schlaghamersky, J., Bologna, M. A., Brustel, H., ... Purchart, L. (2018). *European Red List of Saproxylic Beetles*. Brussels, Belgium: IUCN. <https://portals.iucn.org/library/node/47296>
- Carapeto, A., Francisco, A., Pereira, P., & Porto, M. (2020). *Lista Vermelha da Flora Vasculare de Portugal Continental*. Sociedade Portuguesa de Botânica, Associação Portuguesa de Ciência da Vegetação – PHYTOS e Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (coord.). Coleção «Botânica em Português», Volume 7. Lisboa: Imprensa Nacional, 374 pp.
- Carpanezzi, A., & Carpanezzi, O. (2003). Reabilitação ambiental de ecossistemas florestais: uma introdução. *Semana Do Estudante Universitário. Florestas e Meio Ambiente*.
- Ceballos, G., Ehrlich, P. R., & Dirzo, R. (2017). Biological annihilation via the ongoing sixth mass extinction signaled by vertebrate population losses and declines. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 114(30), E6089–E6096. <https://doi.org/10.1073/pnas.1704949114>
- Christensen, N. L., Bartuska, A. M., Brown, J. H., Carpenter, S., D'Antonio, C., Francis, R., Franklin, J. F., MacMahon, J. A., Noss, R. F., Parsons, D. J., Peterson, C. H., Turner, M. G., & Woodmansee, R. G. (1996). The report of the ecological society of america committee on the scientific basis for ecosystem management. *Ecological Applications*, 6(3), 665–691. <https://doi.org/10.2307/2269460>
- CML. (2015). *Plano de Ação Local para a Biodiversidade em Lisboa*.

- CMO. (2013a). *Oeiras Factos e Números - Edição especial* (1.ª edição).
- CMO. (2013b). *Suplemento Mais Oeiras - 30 Anos ao serviço do ambiente*.
- Comissão Europeia. (2009). *Bens e Serviços Ecosistémicos*. https://ec.europa.eu/environment/pubs/pdf/factsheets/Eco-systems_goods_and_Services/Ecosystem_PT.pdf
- Comissão Europeia. (2020). *Estratégia de Biodiversidade da UE para 2030 - Trazer a natureza de volta às nossas vidas. COM/2020/380 final*. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=CELEX:52020DC0380&from=PT>
- Convention on International Trade in Endangered Species of Wild Fauna and Flora (CITES) - Appendices I, II and III. (2021). <https://cites.org/eng/app/appendices.php>
- Convention on the Conservation of European Wildlife and Natural Habitats. (1979). <https://www.coe.int/en/web/bern-convention/>
- Convention on the Conservation of Migratory Species of Wild Animals (CMS) - Appendices I and II. (2020). <https://www.cms.int/en/species/appendix-i-ii-cms>
- Costanza, R., de Groot, R., Sutton, P., van der Ploeg, S., Anderson, S. J., Kubiszewski, I., Farber, S., & Turner, R. K. (2014). Changes in the global value of ecosystem services. *Global Environmental Change*, 26, 152–158. <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2014.04.002>
- Cuttelod, A., Seddon, M., & Neubert, E. (2011). *European Red List of Non-marine Molluscs*. Luxembourg: Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2779/84538>
- Decisão da Comissão nº 2007/365/CE de 25 de maio, relativa a medidas de emergência contra a introdução e a propagação na Comunidade de *Rhynchophorus ferrugineus* (Olivier). Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=CELEX:32007D0365&from=PT>
- Decreto-Lei n.º 92/2019, de 10 de julho. Diário da República n.º 130/2019, Série I. Presidência do Conselho de Ministros, Lisboa. Disponível em: <https://data.dre.pt/eli/dec-lei/92/2019/07/10/p/dre>
- Decreto-Lei nº 169/2001, de 25 de maio. Diário da República nº 121/2001, Série I-A. Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas, Lisboa. Disponível em: <https://data.dre.pt/eli/dec-lei/169/2001/05/25/p/dre/pt/html>
- Decreto-Lei n.º 316/89, de 22 de setembro. Diário da República n.º 219/1989, Série I. Ministério do Planeamento e da Administração do Território. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/547637>
- DGAV. (2013). *Plano de Ação para o controlo de Rhynchophorus ferrugineus (Olivier)*.
- Directiva 2000/60/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 23 de outubro de 2000 - Directiva Quadro da Água. Jornal Oficial das Comunidades Europeias L327. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=CELEX:32000L0060&from=PT>
- Directiva 92/43/CEE do Conselho, de 21 de maio de 1992 - relativa à preservação dos habitats naturais e da fauna e da flora selvagens. Jornal Oficial das Comunidades Europeias L206. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=CELEX:31992L0043&from=EN>
- EAGLE. (2010). *CORINE Land Cover nomenclature conversion to Land Cover Classification system*. Copernicus Land Monitoring Service. https://land.copernicus.eu/eagle/files/eagle-related-projects/pt_clc-conversion-to-fao-lccs3_dec2010/view
- Eira, C. (2009). *Orientações de política sobre Biodiversidade relevantes para a Avaliação Ambiental Estratégica*. Instituto Superior Técnico Universidade Técnica de Lisboa.
- Ferreira, A. (2014). *A conservação da Natureza como política pública e instrumento de proteção e sustentabilidade da paisagem. Caso de estudo: Baixo Alentejo e Algarve*. Instituto Superior de Agronomia Universidade de Lisboa.
- Garcia-Pereira, P., Soares, A., Antunes, S., Santos, R., Félix, R., & Monteiro, E. (2020). Estações da Biodiversidade - Guia de campo de insetos e plantas de Oeiras.

- Geraldes, H. (2019). *Que espécie é esta: grilo-de-sela-de-Ana-Paula*. Wilder. <https://www.wilder.pt/especies/que-especie-e-esta-grilo-de-sela-de-ana-paula/>
- Gomes, M. (2020). *Guia ECOXXI 2020 Parte C – Pontuação e Critérios*. Associação Bandeira Azul da Europa (FEE Portugal).
- GPDEIG, & CMO. (2013). *Plano Director Municipal Oeiras Revisão - Relatório de caracterização e diagnóstico. Volume I*.
- Hochkirch, A., Nieto, A., Braud, Y., Buzzetti, F. M., Chobanov, D., Willemse, L., Zuna-kratky, T., Vega, P. B., Bushell, M., Clemente, M. E., Correas, J. R., Dusoulie, F., Ferreira, S., Fontana, P., García, M. D., Heller, K.-G., Iorgu, I. Ş., Ivković, S., Kati, V., ... Tumbrinck, J. (2016). *European Red List of Grasshoppers, Crickets and Bush-crickets*. Luxembourg: Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2779/60944>
- IPBES: Brondizio, E. S., Settele, J., Díaz, S. & Ngo, H. T. (2019). *Global assessment report on biodiversity and ecosystem services of the Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services*. IPBES secretariat, Bonn, Germany.
- ISPA & cBIO. (2013). *Monitorização da ictiofauna das ribeiras do concelho de Oeiras*.
- Kalkman, V. J., Boudot, J.-P., Bernard, R., Conze, K.-J., De Knijf, G., Dyatlova, E., Ferreira, S., Jović, M., Ott, J., Riservato, E., & Sahlén, G. (2010). *European Red List of Dragonflies*. Luxembourg: Publication Office of the European Union.
- Lewis, S. L., & Maslin, M. A. (2015). Defining the Anthropocene. *Nature*, 519(7542), 171–180. <https://doi.org/10.1038/nature14258>
- Lopes, R. (2014). *Gestão Sustentável dos Ecossistemas Costeiros de Torres Vedras, como estratégia de desenvolvimento local. Bases para a criação de uma Reserva Natural Marinha*. Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade Nova de Lisboa.
- Loureiro, A., Ferrand de Almeida, N., Carretero, M. A., & Paulo, O. S. (2008). *Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, Lisboa.
- Machado, L. (2014). *Aplicação do Índice de Biodiversidade Urbana na Cidade do Porto*. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- McLeod, K. L., Lubchenco, J., Palumbi, S. R., & Rosenberg, A. A. (2005). *Scientific Consensus Statement on Marine Ecosystem-Based Management*. Signed by 217 academic scientists and policy experts with relevant expertise and published by the Communication Partnership for Science and the Sea at <http://compassonline.org/?q=EBM>.
- Moreira, I., Ferreira, M., Cortes, R., & Almeida, P. (2002). *Ecossistemas aquáticos e ribeirinhos - Ecologia, gestão e conservação*. Instituto Nacional da Água.
- Myers, N., Mittermeier, R. A., Mittermeier, C. G., Fonseca, G. A. B. da, & Kent, J. (2000). Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*, 403(6772), 853–858. <https://doi.org/10.1038/35002501>
- Nicolau, P. B. (2019a). *Biodiversidade e serviços de ecossistema em espaço urbano* (pp. 1–10). Universidade Aberta. <http://hdl.handle.net/10400.2/9092>
- Nicolau, P. B. (2019b). *Como colocar em prática o que sabemos sobre biodiversidade urbana?* (pp. 1–8). Universidade Aberta. <http://hdl.handle.net/10400.2/9091>
- Nieto, A., Roberts, S. P. M., Kemp, J., Rasmont, P., Kuhlmann, M., García Criado, M., Biesmeijer, J. C., Bogusch, P., Dathe, H. H., De la Rúa, P., De Meulemeester, T., Dehon, M., Dewulf, A., Ortiz-Sánchez, F. J., Lhomme, P., Pauly, A., Potts, S. G., Praz, C., Q., Window, J., & Michez, D. (2014). *European Red List of Bees*. Luxembourg: Publication Office of the European Union. <https://doi.org/10.2779/77003>
- Numa, C., van Swaay, C., Wynhoff, I., Wiemers, M., Barrios, V., Allen, D., Sayer, C., López Munguira, M., Balletto, E., Benyamini, D., Beshkov, S., Bonelli, S., Caruana, R., Dapporto, L., Franeta, F., Garcia-Pereira, P., Karaçetin, E., Katbeh-Bader, A., Maes, D., ... Welch, H. (2016). *The status and distribution of Mediterranean butterflies*. IUCN, Malaga, Spain. <https://doi.org/10.2305/iucn.ch.2016.mra.6.en>
- ONU. (2018). *Guia sobre Desenvolvimento Sustentável: 17 objetivos para transformar o nosso mundo*. Centro de Informação Regional das Nações Unidas para a Europa Ocidental.

- Pereira, J. F., & Assunção, C. (2008). *A mosca-do-Mediterrâneo Ceratitis capitata (Wied.)*. Direção Regional de Agricultura e Pescas de Lisboa e Vale do Tejo. http://www.draplvt.mamaot.pt/DRAPLVT/Comunicacao/Publicacoes/Draplvt/Publicacoes/folhetos_mosca_mediterraneo.pdf
- Portaria n.º 142/2020, de 17 de junho. Diário da República n.º 116/2020, Série I. Agricultura, Lisboa. Disponível em: <https://data.dre.pt/eli/port/142/2020/06/17/p/dre>
- Portaria n.º 8/2016, de 28 de janeiro. Diário da República n.º 19/2016, Série I. Ambiente, Lisboa. Disponível em: <https://data.dre.pt/eli/port/8/2016/01/28/p/dre/pt/html>
- Portaria n.º 183/92, de 16 de março. Diário da República n.º 63/1992, Série I-B. Ministério da Agricultura, Lisboa. Disponível em: <https://data.dre.pt/eli/port/183/1992/03/16/p/dre/pt/html>
- Ramajal, J. (2012). *Área de distribuição actual, análise da estrutura populacional e exploração comercial do bivalve Venerupis senegalensis (Gmelin, 1791) no estuário do rio Tejo* [Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10451/7950>
- Resolução do Conselho de Ministros nº55/2018. Diário da República n.º 87/2018, Série I. Presidência do Conselho de Ministros, Lisboa. Disponível em: <https://data.dre.pt/eli/resolconsmin/55/2018/05/07/p/dre/pt/html>
- Santos, M., Cruz, C. S., Fernando Louro Alves, Metelo, I., Bogalho, V., Pereira, H. M., Mathias, M., Cardoso, M. C., Almeida, J., Sousa, M., Pereira, H. M., & do Carmo, I. (2015). *Biodiversidade na Cidade de Lisboa: uma estratégia para 2020 | Documento técnico* (Câmara Municipal de Lisboa (ed.); 3ª edição).
- Sarkar, S. (2002). *Defining "Biodiversity"; Assessing Biodiversity*. *The Monist*, 85(1), 131–155. <https://doi.org/https://doi.org/10.5840/monist20028515>
- Serrano, A. R. M. (2002). Os coleópteros carabóides endémicos da Península Ibérica em Portugal (Coleoptera: Caraboidea): Padrões de distribuição e tentativa de ordenação das áreas protegidas. In C. Costa, S. A. Vanin, J. M. Lobo, & A. Melic (Eds.), *Proyecto de Red Iberoamericana de Biogeografía y Entomología Sistemática PRIBES 2002*. (Vol. 2, pp. 277–293). Zaragoza: Monografias Tercer Milenio.
- Soares, C. G. (2010). *Comunidades de macroalgas dos Portos de Recreio de Sines e Oeiras (Portugal): Análise das ocorrências em diferentes substratos e novos registos de espécies não-indígenas* [Faculdade de Ciências Universidade de Lisboa]. <http://hdl.handle.net/10451/2326>
- Svensson, L., Mullarney, K., & Zetterström, D. (2017). *Guia de Aves - O Guia de Campo Mais Completo das Aves de Portugal e da Europa* (3ª Edição). Lisboa: Assírio & Alvim.
- Van Swaay, C., Cuttelod, A., Collins, S., Maes, D., López Munguira, M., Šašić, M., Settele, J., Verovnik, R., Verstrael, T., Warren, M., Wiemers, M., & Wynhof, I. (2010). *European red list of butterflies*. Luxembourg: Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2779/83897>
- World Economic Forum. (2020). *Nature Risk Rising: Why the Crisis Engulfing Nature Matters for Business and the Economy*. *New Nature Economy Report*. www3.weforum.org/docs/WEF_New_Nature_Economy_Report_2020.pdf
- WWF. (2020). *The loss of nature and rise of pandemics - protecting human and planetary health*. WWF International.

Sites consultados

Agência Europeia do Ambiente (AEA)
<https://www.eea.europa.eu>

AlgaeBase
<https://www.algaebase.org>

AnimalBase

<http://www.animalbase.uni-goettingen.de>

Araneae – Spiders of Europe

<https://araneae.nmbe.ch/>

Associação Micológica Fungipedia

<https://pt.fungipedia.org>

Biodiversity4All

<https://www.biodiversity4all.org/home>

CICES - Common International Classification of Ecosystem

<https://cices.eu/>

eBird

<https://ebird.org>

EOL - Encyclopedia of Life

<https://eol.org>

Flora-On - Flora de Portugal Interactiva

www.flora-on.pt

ICNF (Convenção sobre a Diversidade Biológica)

<http://www2.icnf.pt/portal/pn/biodiversidade/ei/cbd>

Jardim Botânico da UTAD

<https://jb.utad.pt>

LichenPortal

<https://lichenportal.org/cnalh/>

Lista Vermelha de Invertebrados

<http://lvinvertebrados.pt/>

Mitra-Nature: Biodiversidade da Herdade da Mitra

<http://www.mitra-nature.uevora.pt>

Museu Virtual da Biodiversidade da Universidade de Évora

<https://www.museubiodiversidade.uevora.pt/>

MushroomExpert.Com

<https://www.mushroomexpert.com>

Naturdata - Biodiversidade online

<https://naturdata.com/>

OMARE

<http://www.omare.pt/>

Plants of the World Online

<http://www.plantsoftheworldonline.org>

PORDATA - Base de Dados de Portugal Contemporâneo

<https://www.pordata.pt/>

Portal Português das Macroalgas (MACOI)

<http://macoi.ci.uc.pt/>

Sociedade Portuguesa de Ecologia (SPECO)

<https://www.speco.pt>

WoRMS - World Register of Marine Species

<http://www.marinespecies.org/>





Lagartixa-verde (*Podarcis virescens*)

ANEXOS

Anexo I – Timeline e Instrumentos de Gestão associados à Estratégia



2010

Realiza-se a 10ª COP da CBD, e devido ao fracasso dos objetivos definidos para 2010, é aprovado o **Plano Estratégico para a Biodiversidade 2011-2020**, que estabelece 20 objetivos específicos a atingir até 2020 (**Metas de Aichi para a Biodiversidade**).

Nesta COP é também elaborado o Plano de Ação de Governos Sub-Nacionais, Cidades e Outras Autoridades Locais para a Biodiversidade 2011-2020, que, entre outros assuntos, recomenda às Partes o uso do Índice de Singapura de Biodiversidade nas Cidades, também conhecido como **Índice de Biodiversidade nas Cidades** (na sua sigla inglesa CBI).

2012

Em Portugal O CBI é pela primeira vez utilizado para a cidade de Lisboa, ainda no mesmo ano também em Alcácer do Sal. Em 2014 no Porto e no Funchal e em 2019 na cidade da Horta.

2019

O Relatório de Avaliação Global da Biodiversidade e Serviços dos Ecossistemas, o mais atual e completo a nível mundial, elaborado pela Plataforma Intergovernamental Científica e Política sobre a Biodiversidade e Serviços dos Ecossistemas (na sua sigla inglesa IPBES), demonstrou que **os objetivos definidos para 2020, pelas Metas de Aichi para a Biodiversidade, falharam em larga escala.**

2021-2030

A Assembleia Geral das Nações Unidas, com o objetivo de cumprir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que contemplam a biodiversidade, declarou a próxima década como a **Década das Nações Unidas para a Recuperação dos Ecossistemas.**

2011

A UE apresenta a sua **Estratégia para a Biodiversidade 2011-2020**, depois de não terem sido atingidas as metas estabelecidas em 2006, com os objetivos principais de travar a perda da biodiversidade, restaurar ecossistemas onde for possível e reforçar os esforços para reverter a tendência global de perda de biodiversidade.

2018

É publicada a mais recente **Estratégia Nacional de Conservação da Natureza e Biodiversidade 2030**, pela Resolução do Conselho de Ministros nº55/2018.

2020

A UE apresenta a Estratégia de Biodiversidade da UE para 2030. Propõe-se intensificar a proteção e a restauração da natureza através da **melhoria e alargamento da rede de áreas protegidas** e de um ambicioso Plano de Restauração da Natureza, por reconhecer que "a proteção tem sido incompleta, a restauração de pequena escala e a aplicação e fiscalização da legislação insuficientes".

Instrumentos / Servidões	Âmbito	Relação
<i>Convenção sobre a Diversidade Biológica (CBD)</i>	Mundial (ONU)	Direta
<i>Índice de Biodiversidade nas Cidades (CBI)</i>	Mundial (ONU)/ Regional	Direta
<i>Objetivos de Desenvolvimento Sustentável</i>	Mundial (ONU)	Indireta
<i>Common International Classification of Ecosystem Services (CICES)</i>	Europeu	Direta
<i>Convenção de Berna, relativa à conservação da vida selvagem e dos habitats naturais da Europa</i>	Europeu	Direta
<i>Diretiva Aves (79/409/CE)</i>	Europeu	Direta
<i>Diretiva Habitats (92/43/CEE)</i>	Europeu	Direta
<i>Estratégia de Biodiversidade da UE para 2030</i>	Europeu	Direta
<i>Estratégia do Prado ao Prado</i>	Europeu	Indireta
<i>Árvores de Interesse Público</i>	Nacional	Direta
<i>Domínio Público Hídrico (DPH)</i>	Nacional	Direta
<i>Estratégia Nacional de Conservação da Natureza e Biodiversidade para 2030</i>	Nacional	Direta
<i>Sobreiros e azinheiras</i>	Nacional	Direta
<i>Regime Florestal</i>	Nacional	Direta
<i>Regime Jurídico aplicável ao controlo, à detenção, à introdução na natureza e ao repovoamento de espécies exóticas da flora e da fauna</i>	Nacional	Direta
<i>Reserva Ecológica Nacional (REN)</i>	Nacional	Direta
<i>Reserva Agrícola Nacional (RAN)</i>	Nacional	Direta
<i>Biodiversidade na Cidade de Lisboa - Uma Estratégia para 2020</i>	Regional	Indireta
<i>Plano Metropolitano de Adaptação às Alterações Climáticas - Área Metropolitana de Lisboa</i>	Regional	Indireta
<i>Plano Diretor Municipal (PDM)</i>	Municipal	Direta
<i>Plano Municipal de Adaptação às Alterações Climáticas de Oeiras (PMAACO)</i>	Municipal	Direta

Anexo II – Áreas com estatuto de proteção

Tema	Designação	Descrição	Diploma	Área (m ²)	Área (ha)
Estrutura Ecológica Municipal	Habitats Interesse Comunitário	Bosques de Zambujeiro	DL 49/2005 de 24 de Fevereiro / Anexo B-I	10160,08	1,02
Estrutura Ecológica Municipal	Habitats Interesse Comunitário	Bosques de Zambujeiro	DL 49/2005 de 24 de Fevereiro / Anexo B-I	10739,96	1,07
Estrutura Ecológica Municipal	Habitats Interesse Comunitário	Bosques de Zambujeiro	DL 49/2005 de 24 de Fevereiro / Anexo B-I	52823,02	5,28
Estrutura Ecológica Municipal	Habitats Interesse Comunitário	Bosques de Zambujeiro	DL 49/2005 de 24 de Fevereiro / Anexo B-I	981,38	0,10
Estrutura Ecológica Municipal	Habitats Interesse Comunitário	Bosques de Zambujeiro	DL 49/2005 de 24 de Fevereiro / Anexo B-I	76518,01	7,65
Estrutura Ecológica Municipal	Habitats Interesse Comunitário	Bosques de Zambujeiro	DL 49/2005 de 24 de Fevereiro / Anexo B-I	39202,97	3,92
Estrutura Ecológica Municipal	Regime Florestal Total	Estação Agronómica Nacional	Decreto Regulamentar nº 15/2006 de 19 de Outubro	1307840,22	130,78
Estrutura Ecológica Municipal	Povoamento de Sobreiros e Azinheiras	Povoamento de Sobreiros e Azinheiras	DL nº169/2001, de 25 de Maio	20824,46	2,08
Estrutura Ecológica Municipal	Povoamento de Sobreiros e Azinheiras	Povoamento de Sobreiros e Azinheiras	DL nº169/2001, de 25 de Maio	21496,67	2,15
Património Arqueológico	Sítios Arqueológicos-polígonos	Ferrarias del Rey	Lei nº 107/2001, de 8 Setembro (Art. nº43 e nº75)	2042,00	0,20
Património Arqueológico	Sítios Arqueológicos-polígonos	Villa Romana de Oeiras	Lei nº 107/2001, de 8 Setembro (Art. nº43 e nº75)	382,97	0,04
Património Arqueológico	Sítios Arqueológicos-polígonos	Jardim de Oeiras	Lei nº 107/2001, de 8 Setembro (Art. nº43 e nº75)	55,47	0,01
Património Arqueológico	Sítios Arqueológicos-polígonos	Quinta da Moura	Lei nº 107/2001, de 8 Setembro (Art. nº43 e nº75)	1031,61	0,10
Património Arqueológico	Sítios Arqueológicos-polígonos	Leião I	Lei nº 107/2001, de 8 Setembro (Art. nº43 e nº75)	854,28	0,09
Património Arqueológico	Sítios Arqueológicos-polígonos	Gruta da Ponte da Laje	Lei nº 107/2001, de 8 Setembro (Art. nº43 e nº75)	273,42	0,03
Património Arqueológico	Sítios Arqueológicos-polígonos	Povoado de Carnaxide	Lei nº 107/2001, de 8 Setembro (Art. nº43 e nº75)	19100,28	1,91
Património Arqueológico	Sítios Arqueológicos-polígonos	Carrascal	Lei nº 107/2001 de 8 Setembro (Art. nº43 e nº75)	20979,83	2,10

Tema	Designação	Descrição	Diploma	Área (m ²)	Área (ha)
Património Arqueológico	Sítios Arqueológicos-polígonos	Leceia	Lei nº 107/2001 de 8 Setembro (Art. nº43 e nº75)	114580,93	11,46
Património Arqueológico	Sítios Arqueológicos-polígonos	Fornos da Cal	Lei nº 107/2001 de 8 Setembro (Art. nº43 e nº75)	698,04	0,07
Património Arqueológico	Sítios Arqueológicos-polígonos	Forte de Nossa Sr.ª da Conceição	Lei nº 107/2001 de 8 Setembro (Art. nº43 e nº75)	1370,92	0,14
Recursos Naturais-Recursos Agrícolas e Florestais	Árvores e Arvoredo de Interesse Público	Dragoeiro (Dracaena draco L.) árvore nº2	Aviso nº 13 de 13/07/2012	N/A	N/A
Recursos Naturais-Recursos Agrícolas e Florestais	Árvores e Arvoredo de Interesse Público	Dragoeiro (Dracaena draco L.) árvore nº1	Aviso nº 13 de 13/07/2012	N/A	N/A
Recursos Naturais-Recursos Agrícolas e Florestais	Árvores e Arvoredo de Interesse Público	Palmeira-da-califórnia (Washingtonia filifera)	Aviso nº 3120/2005 (2ªsérie) - DR nº58 de 23 Março	N/A	N/A
Recursos Naturais-Recursos Agrícolas e Florestais	Árvores e Arvoredo de Interesse Público	Dragoeiro (Dracaena draco L.)	Aviso nº 7145/2000 (2ªsérie) - DR nº96 de 24 Abril	N/A	N/A
Recursos Naturais-Recursos Agrícolas e Florestais	Árvores e Arvoredo de Interesse Público	Dragoeiro (Dracaena draco L.)	Aviso nº 3120/2005 (2ªsérie) - DR nº58 de 23 Março	N/A	N/A
Recursos Naturais-Recursos Agrícolas e Florestais	Árvores e Arvoredo de Interesse Público	Dragoeiro (Dracaena draco L.) árvore nº3	Aviso nº 13 de 13/07/2012	N/A	N/A

Anexo III – Flora Vascular

Parque	Espécies autóctones	Espécies exóticas e cultivares	Espécies exóticas invasoras	Espécies de origem indefinida	Nºtotal de espécies
JFPB	68	59	15	1	143
JMO	16	81	4	0	101
JPMP	30	85	13	0	128
JPRC	84	50	9	0	143
PP	30	131	5	0	166
QRMP	174	83	17	1	275
Total	378	300	35	2	715

Legenda	
Origem (Or)	A - Autóctone, A (A) - Autóctone nos Açores; A (M) - Autóctone na Madeira, C - Cultivar, E - Exótica, EEI - Exótica Invasora, I - Indefinida
Tipo	Arb - Arbusto ou de porte arbustivo, Arv - Árvore ou de porte arbóreo, Herb - Planta herbácea, Trep - Trepadeira
Local	AA - Árvore de Arruamento, FC - Faixa Costeira, JFPB - Jardins da Fábrica da Pólvora de Barcarena; JPMP - Jardim do Palácio do Marquês de Pombal, JPRC - Jardim do Paço Real de Caxias, JQSC - Jardim da Quinta dos Sete Castelos, JMO - Jardim Municipal de Oeiras, OE - Outros espaços verdes e áreas dispersas pelo município, PJ - Parque Jamor, PP - Parque dos Poetas, QRMP - Quinta de Recreio do Marquês de Pombal
Ocorrência no município (Oc)	Cf - Confirmada, P - Provável
Fontes (F)	1 - Levantamentos realizados pelos biólogos da DGA, 2 - Flora-On, 3 - Levantamentos de técnicos da DGEV, 4 - Biodiversity4All, 5 - TAGIS, 6 - Associação de Orquídeas Silvestres de Portugal, 7 - Soares, C.G. (2010), 8 - Dados relativos a armadilhagem fotográfica, realizada pela DGA, 9 - Atlas dos Mamíferos de Portugal, 10 - Ebird, 11 - Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal, 12 - Relatório de monitorização da Ictiofauna, 13 - Azevedo, M. (2020), 14 - Afonso, I. (2018), 15 - Ramajal, J. (2012)

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Caprifoliaceae	<i>Abelia x grandiflora</i> (André) Rehder	Abélia	C	Arb	x	x	x	x	x	x							Cf	1
Fabaceae	<i>Acacia dealbata</i> Link	Acácia-mimosa	EEI	Arv													Cf	2
Fabaceae	<i>Acacia longifolia</i> (Andrews) Willd.	Acácia-de-espigas	EEI	Arv												x	Cf	3
Fabaceae	<i>Acacia melanoxylon</i> R.Br.	Acácia-austrália	EEI	Arv	x											x	Cf	1
Fabaceae	<i>Acacia saligna</i> (Labill.) H. L. Wendl.	Acácia	EEI	Arv	x											x	Cf	1
Acanthaceae	<i>Acanthus mollis</i> L.	Acanto	E	Herb	x	x	x	x							x		Cf	1
Sapindaceae	<i>Acer campestre</i> L.	Bôrdocomum	A	Arv			x									x	Cf	1
Sapindaceae	<i>Acer negundo</i> L.	Bôrdonegundo	EEI	Arv			x	x								x	Cf	1
Sapindaceae	<i>Acer palmatum</i> Thunb. cv. 'Atropurpureum'	Bôrdodojapão	C	Arv						x							Cf	1
Sapindaceae	<i>Acer platanoides</i> L.	Bôrdodanoruega	E	Arv			x			x						x	Cf	1
Sapindaceae	<i>Acer pseudoplatanus</i> L.	Padreiro	A	Arv	x											x	Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Orchidaceae	<i>Aceras anthropophorum</i> (L.) W.T.Aiton	Rapazinhos	A	Herb													Cf	2
Asteraceae	<i>Achillea ageratum</i> L.	Agerato	A	Arb													Cf	2
Asteraceae	<i>Achillea filipendulina</i> Lam. cv. 'Gold Plate'	Aquileia-amarela	C	Herb					x								Cf	1
Asteraceae	<i>Achillea millefolium</i> L.	Milefólio	A	Herb					x			x					Cf	1
Actinidiaceae	<i>Actinidia deliciosa</i> (A.Chev.) C.F.Liang & A.R.Ferguson	Quiwi	E	Trep				x									Cf	1
Pteridaceae	<i>Adiantum capillus-veneris</i> L.	Avenca	A	Herb	x					x							Cf	1
Crassulaceae	<i>Aeonium arboreum</i> (L.) Webb & Berthel.	Saião	E	Arb													Cf	2
Sapindaceae	<i>Aesculus hippocastanum</i> L.	Castanheiro-da-índia	E	Arv				x	x							x	Cf	1
Sapindaceae	<i>Aesculus x carnea</i> Hayne	Castanheiro-das-flores-vermelhas	C	Arv					x								Cf	1
Asteraceae	<i>Aetheorhiza bulbosa</i> (L.) Cass. subsp. <i>bulbosa</i>	Condriha-dioscórides	A	Herb													Cf	2
Amaryllidaceae	<i>Agapanthus africanus</i> (L.) Hoffm.	Agapanto	E	Herb	x	x	x	x	x	x							Cf	1
Amaryllidaceae	<i>Agapanthus praecox</i> Willd.	Coroas-de-henrique	E	Herb		x					x				x		Cf	1
Asparagaceae	<i>Agave americana</i> L.	Piteira	EEl	Arb						x			x				Cf	1
Asparagaceae	<i>Agave attenuata</i> Salm-Dyck	Agave-dragão	E	Arb	x		x		x	x							Cf	1
Asteraceae	<i>Ageratina adenophora</i> (Spreng.) R. M. King et H. Rob.	Abundância	EEl	Arb				x									Cf	1
Poaceae	<i>Agrostis stolonifera</i> L.	Erva-fina	A	Herb													Cf	2
Simaroubaceae	<i>Ailanthus altissima</i> (Mill.) Swingle	Espanta-lobos	EEl	Arv	x	x	x									x	Cf	1
Lamiaceae	<i>Ajuga iva</i> (L.) Schreb.	Erva-clina	A	Arb													Cf	2
Amaryllidaceae	<i>Allium ampeloprasum</i> L.	Alho-de-verão	A	Herb													Cf	2
Amaryllidaceae	<i>Allium roseum</i> L.	Alho-rosado	A	Herb		x											Cf	1
Betulaceae	<i>Alnus glutinosa</i> (L.) Gaertn.	Amieiro	A	Arv			x					x				x	Cf	1
Asphodelaceae	<i>Aloe arborescens</i> Mill.	Aloé-candelabro	E	Arb	x				x	x					x		Cf	1
Asphodelaceae	<i>Aloe brevifolia</i> Mill.	Aloé-de-folhas-curtas	E	Arb				x									Cf	1
Verbenaceae	<i>Aloysia citriodora</i> Palàu	Lúcia-lima	E	Arb				x									Cf	1
Brassicaceae	<i>Alyssum simplex</i> Rudolphi	-	A	Herb													Cf	2
Amaranthaceae	<i>Amaranthus deflexus</i> L.	Beldro-perene	EEl	Herb											x		Cf	4

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Apiaceae	<i>Ammi visnaga</i> (L.) Lam.	Paliteira	A	Herb													Cf	5
Orchidaceae	<i>Anacamptis pyramidalis</i> (L.) Rich.	Satirião-menor	A	Herb													Cf	2
Asteraceae	<i>Anacyclus radiatus</i> Loisel.	Pão-posto	A	Herb		x											Cf	1
Primulaceae	<i>Anagallis arvensis</i> L.	Morrião-dos-campos	A	Herb	x	x	x										Cf	1
Primulaceae	<i>Anagallis arvensis</i> L. subsp. <i>arvensis</i>	Morrião	A	Herb													Cf	2
Primulaceae	<i>Anagallis monelli</i> L.	Morrião-grande	A	Herb		x											Cf	1
Boraginaceae	<i>Anchusa azurea</i> Mill.	Borragem-bastarda	A	Herb	x												Cf	1
Asteraceae	<i>Andryala integrifolia</i> L.	Tripa-de-ovelha	A	Herb										x			Cf	1
Ranunculaceae	<i>Anemone palmata</i> L.	Anêmona	A	Herb													Cf	2
Annonaceae	<i>Annona cherimola</i> Mill.	Anoneira	E	Arv	x	x			x	x						x	Cf	1
Fabaceae	<i>Anthyllis vulneraria</i> L.	Vulnerária-amarela	A	Herb													Cf	2
Fabaceae	<i>Anthyllis vulneraria</i> L. subsp. <i>maura</i> (Beck) Maire	-	A	Herb													Cf	2
Plantaginaceae	<i>Antirrhinum linkianum</i> Boiss. & Reut.	Bocas-de-lobo	A	Trep	x	x								x			Cf	1
Apiaceae	<i>Apium nodiflorum</i> (L.) Lag.	Salsa-brava	A	Herb	x	x											Cf	1
Brassicaceae	<i>Arabis planisiliqua</i> (Pers.) Rchb.	-	A	Herb													Cf	2
Araucariaceae	<i>Araucaria araucana</i> (Molina) K. Koch	Araucária-do-chile	E	Arv											x		Cf	3
Araucariaceae	<i>Araucaria heterophylla</i> (Salisb.) Franco	Araucária-de-norfolk	E	Arv		x		x	x	x				x	x		Cf	1
Ericaceae	<i>Arbutus unedo</i> L.	Medronheiro	A	Arb			x		x					x			Cf	1
Asteraceae	<i>Arctotheca calendula</i> (L.) Levyns	Erva-gorda	EEl	Herb									x				Cf	1
Araceae	<i>Arisarum simorrhinum</i> Durieu	Candeias	A	Herb	x			x									Cf	1
Plumbaginaceae	<i>Armeria maritima</i> Willd.	Relva-do-olimpico	A	Herb					x								Cf	1
Araceae	<i>Arum italicum</i> Mill.	Jarro-dos-campos	A	Herb	x	x						x		x			Cf	1
Poaceae	<i>Arundo donax</i> L.	Cana	EEl	Herb	x	x	x	x				x		x			Cf	1
Asparagaceae	<i>Asparagus acutifolius</i> L.	Espargo-bravo-menor	A	Trep	x							x					Cf	1
Asparagaceae	<i>Asparagus albus</i> L.	Estrepes	A	Arb	x												Cf	1
Asparagaceae	<i>Asparagus aphyllus</i> L.	Espargo-bravo-maior	A	Arb	x							x					Cf	1
Asparagaceae	<i>Asparagus densiflorus</i> (Kunth) Jessop	Espargo-pluma	E	Arb										x			Cf	1
Asparagaceae	<i>Asparagus setaceus</i> (Kunth) Jessop	Espargo-feto	E	Trep		x				x							Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Xanthorrhoeaceae	<i>Asphodelus fistulosus</i> L.	Abrótea-fistulosa	A	Herb													Cf	2
Xanthorrhoeaceae	<i>Asphodelus ramosus</i> L. subsp. <i>distalis</i> Z.Díaz & Valdés	Abrótea-de-primavera	A	Herb													Cf	2
Asteraceae	<i>Aster squamatus</i> (Spreng.) Hieron.	Estrela-comum	EEl	Herb	x												Cf	1
Asteraceae	<i>Aster tripolium</i> L. subsp. <i>pannonicus</i> (Jacq.) Soó	-	A	Herb								x					Cf	1
Fabaceae	<i>Astragalus hamosus</i> L.	Alfavaca-de-gancho	A	Herb													Cf	2
Amaranthaceae	<i>Atriplex halimus</i> L.	Salgadeira	A	Arb									x				Cf	1
Garryaceae	<i>Aucuba japonica</i> Thunb.	Louro-do-japão	E	Arb				x									Cf	1
Poaceae	<i>Avena sterilis</i> L.	Aveão	A	Herb													Cf	2
Lamiaceae	<i>Ballota hirsuta</i> Benth.	Marroio	A	Herb	x												Cf	1
Lamiaceae	<i>Ballota nigra</i> L.	Marroio-negro	A	Herb										x			Cf	4
Orchidaceae	<i>Barlia robertiana</i> (Loisel.) Greuter	Salepeira-grande	A	Herb	x										x		Cf	1
Orobanchaceae	<i>Bartsia trixago</i> L.	Flor-de-ouro	A	Herb	x												Cf	1
Fabaceae	<i>Bauhinia purpurea</i> L.	Pata-de-vaca-púrpura	E	Arv												x	Cf	3
Fabaceae	<i>Bauhinia x blakeana</i> Dunn	Bauínia-de-hong-kong	E	Arv					x								Cf	1
Asparagaceae	<i>Beaucarnea recurvata</i> Lem.	Pata-de-elefante	E	Arv					x								Cf	1
Asteraceae	<i>Bellis sylvestris</i> Cirillo	Margarida-da-monte	A	Herb	x										x		Cf	1
Berberidaceae	<i>Berberis thunbergii</i> DC. var. <i>atropurpurea</i>	Uva-espimdo-japão	C	Arb			x	x	x								Cf	1
Saxifragaceae	<i>Bergenia cordifolia</i> (Haw.) Sternb.	Chá-da-sibéria	E	Herb		x		x		x					x		Cf	1
Betulaceae	<i>Betula pendula</i> Roth	Vidoeiro	E	Arv												x	Cf	3
Betulaceae	<i>Betula pubescens</i> Ehrh.	Bétula	A	Arv			x										Cf	1
Asteraceae	<i>Bidens aurea</i> (Aiton) Sherff	Chá-de-marrocos	EEl	Herb			x	x							x		Cf	1
Asteraceae	<i>Bidens frondosa</i> L.	Erva-rapa	EEl	Herb				x									Cf	1
Fabaceae	<i>Bituminaria bituminosa</i> (L.) C.H.Stirt.	Trevo-bituminoso	A	Herb													Cf	2
Gentianaceae	<i>Blackstonia acuminata</i> (Koch & Ziz) Domin	-	A	Herb													Cf	2
Gentianaceae	<i>Blackstonia perfoliata</i> (L.) Huds.	Centáurea-menor-perfolhada	A	Herb											x		Cf	4
Cyperaceae	<i>Bolboschoenus maritimus</i> (L.) Palla	Junça-marítima	A	Herb				x									Cf	1
Boraginaceae	<i>Borago officinalis</i> L.	Borragem	A	Herb	x	x						x					Cf	1
Nyctaginaceae	<i>Bougainvillea glabra</i> Choisy	Buganvília	E	Trep	x		x		x	x		x		x			Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Malvaceae	<i>Brachychiton acerifolius</i> (A.Cunn. ex G.Don) F.Muell.	Árvore-de-fogo	E	Arv					x								Cf	1
Malvaceae	<i>Brachychiton populneus</i> (Schott & Endl.) R.Br	Árvore-dos-barquinhos	E	Arv	x				x							x	Cf	1
Poaceae	<i>Brachypodium phoenicoides</i> (L.) Roem. & Schult.	Braquipódio	A	Herb	x							x					Cf	1
Poaceae	<i>Brachypodium sylvaticum</i> (Huds.) P.Beauv.	Braquipódio-bravo	A	Herb	x												Cf	1
Brassicaceae	<i>Brassica nigra</i> (L.) W.D.J.Koch	Mostarda-negra	A	Herb													Cf	2
Poaceae	<i>Briza maxima</i> L.	Bole-bole-maior	A	Herb					x						x		Cf	1
Poaceae	<i>Bromus catharticus</i> Vahl	Bromo-de-schrader	E	Herb													Cf	2
Poaceae	<i>Bromus diandrus</i> Roth	Espigão	A	Herb													Cf	2
Moraceae	<i>Broussonetia papyrifera</i> Vent.	Amoreira-de-papel	E	Arv												x	Cf	1
Solanaceae	<i>Brugmansia arborea</i> (L.) Steud.	Trombetas-dos-anjos	E	Arv	x					x							Cf	1
Solanaceae	<i>Brugmansia sanguinea</i> (Ruiz & Pav.) D.Don	Trombetas-vermelhas	E	Arb	x												Cf	4
Cucurbitaceae	<i>Bryonia dioica</i> Jacq.	Briônia-branca	A	Trep	x	x						x					Cf	1
Buddlejaceae	<i>Buddleja davidii</i> Franch.	Budleia	E	Arb					x						x		Cf	1
Asphodelaceae	<i>Bulbine frutescens</i> (L.) Willd.	Cebolinha-de-jardim	E	Arb			x			x					x		Cf	1
Arecaceae	<i>Butia capitata</i> (Mart.) Becc.	Butiá	E	Arv					x								Cf	1
Buxaceae	<i>Buxus sempervirens</i> L.	Buxo	A	Arb	x	x	x	x	x	x					x		Cf	1
Brassicaceae	<i>Cakile maritima</i> Scop.	Eruca-marítima	A	Herb									x				Cf	1
Lamiaceae	<i>Calamintha nepeta</i> (L.) Savi subsp. <i>nepeta</i>	Erva-das-azeitonas	A	Herb	x							x					Cf	1
Asteraceae	<i>Calendula arvensis</i> L.	Erva-vaqueira	A	Herb	x												Cf	1
Asteraceae	<i>Calendula suffruticosa</i> Vahl	-	A	Herb													Cf	2
Myrtaceae	<i>Callistemon citrinus</i> (Curtis) Skeels	Escovilhão-carmesim	E	Arb	x												Cf	1
Myrtaceae	<i>Callistemon viminalis</i> (Sol. ex Gaertn.) G.Don	Limpa-garrafas	E	Arb	x		x		x	x							Cf	1
Theaceae	<i>Camellia japonica</i> L.	Cameleira	E	Arb				x									Cf	1
Campanulaceae	<i>Campanula erinus</i> L.	Campainhas	A	Herb		x											Cf	4
Campanulaceae	<i>Campanula rapunculus</i> L.	Campainhas-rabanete	A	Herb	x												Cf	1
Bignoniaceae	<i>Campsis radicans</i> (L.) Seem.	Bignónia-vermelha	E	Arb		x	x										Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Cannaceae	<i>Canna indica</i> L.	Cana-da-índia	E	Herb						x					x		Cf	1
Brassicaceae	<i>Capsella bursa-pastoris</i> (L.) Medik.	Bolsa-de-pastor	A	Herb	x												Cf	1
Brassicaceae	<i>Cardamine hirsuta</i> L.	Agrião-menor	A	Herb	x												Cf	1
Asteraceae	<i>Carduus tenuiflorus</i> Curtis	Cardo-azul	A	Herb													Cf	5
Cyperaceae	<i>Carex buchananii</i> Berggr.	Capim-morto	E	Herb					x								Cf	1
Cyperaceae	<i>Carex pendula</i> Huds.	Carricho-dependurado	A	Herb			x										Cf	1
Aizoaceae	<i>Carpobrotus edulis</i> (L.) N. E. Br. in E. Phillips	Chorão-das-praias	EEl	Herb	x								x				Cf	1
Fagaceae	<i>Castanea sativa</i> Mill.	Castanheiro	A	Arv			x										Cf	1
Casuarinaceae	<i>Casuarina cunninghamiana</i> Miq.	Casuarina	E	Arv	x											x	Cf	1
Casuarinaceae	<i>Casuarina equisetifolia</i> L.	Árvore-da-tristeza	E	Arv												x	Cf	3
Bignoniaceae	<i>Catalpa bignonioides</i> Walter	Árvore-das-trombetas	E	Arv					x							x	Cf	1
Pinaceae	<i>Cedrus atlantica</i> (Endl.) Manetti ex Carrière	Cedro-do-atlas	E	Arv	x				x	x						x	Cf	1
Pinaceae	<i>Cedrus deodara</i> (Roxb. ex D. Don) G. Don	Cedro-dos-himalaias	E	Arv					x	x							Cf	1
Pinaceae	<i>Cedrus libani</i> A. Rich.	Cedro-do-líbano	E	Arv							x						Cf	1
Malvaceae	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna	Paineira	E	Arv					x							x	Cf	1
Cannabaceae	<i>Celtis australis</i> L.	Lodão	A	Arv	x	x	x	x	x	x		x				x	Cf	1
Cannabaceae	<i>Celtis occidentalis</i> L.	Lodão-americano	E	Arv												x	Cf	3
Asteraceae	<i>Centaurea pullata</i> L.	Cardinho-das-almorreinas	A	Herb		x											Cf	4
Gentianaceae	<i>Centaurium erythraea</i> Rafn	Centáurea-menor	A	Herb		x											Cf	4
Gentianaceae	<i>Centaurium pulchellum</i> (Sw.) Druce	Centáurea-de-flores-estretas	A	Herb		x											Cf	1
Valerianaceae	<i>Centranthus calcitrapae</i> (L.) Dufr. var. <i>calcitrapae</i>	Calcitrapa	A	Herb	x												Cf	1
Orchidaceae	<i>Cephalanthera longifolia</i> (L.) Fritsch	-	A	Herb													P	6
Caryophyllaceae	<i>Cerastium glomeratum</i> Thuill.	-	A	Herb	x												Cf	1
Fabaceae	<i>Ceratonia siliqua</i> L.	Alfarrobeira	A	Arv	x	x	x		x						x	x	Cf	1
Fabaceae	<i>Cercis siliquastrum</i> L.	Olaia	A	Arv	x			x	x	x						x	Cf	1
Boraginaceae	<i>Cerinth major</i> L.	Chupa-mel	A	Herb	x												Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Solanaceae	<i>Cestrum elegans</i> (Brongn.) Schltld.	Cestro	E	Arb				x									Cf	1
Solanaceae	<i>Cestrum nocturnum</i> L.	Dama-da-noite	E	Arb				x									Cf	1
Solanaceae	<i>Cestrum roseum</i> Kunth	Cestro	E	Arb					x	x							Cf	1
Aspleniaceae	<i>Ceterach officinarum</i> subsp. <i>officinarum</i> Willd.	Douradinha	A	Herb	x	x											Cf	1
Rosaceae	<i>Chaenomeles japonica</i> (Thunb.) Lindl. ex Spach	Marmeleiro-do-japão	E	Arb	x												Cf	1
Cupressaceae	<i>Chamaecyparis lawsoniana</i> (A. Murray) Parl.	Cedro-de-oregon	E	Arv											x		Cf	3
Asteraceae	<i>Chamaemelum fuscatum</i> (Brot.) Vasc.	Margaça-de-inverno	A	Herb	x	x											Cf	1
Arecaceae	<i>Chamaerops humilis</i> L.	Palmeira-das-vassouras	A	Arv					x			x					Cf	1
Iridaceae	<i>Chasmanthe floribunda</i> (Salisb.) N.E.Br.	-	E	Herb	x			x									Cf	1
Asteraceae	<i>Cheirolophus sempervirens</i> (L.) Pomel	Lava-pé	A	Herb	x												Cf	1
Amaranthaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Ambrósia-do-méxico	E	Herb	x												Cf	1
Asparagaceae	<i>Chlorophytum comosum</i> (Thunb.) Jacq.	Planta-das-aranhas	E	Herb			x	x		x							Cf	1
Asteraceae	<i>Chrysanthemum coronarium</i> L.	Pampilho	A	Herb	x	x								x			Cf	1
Asteraceae	<i>Cichorium intybus</i> L.	Chicória	A	Herb	x	x						x					Cf	1
Lauraceae	<i>Cinnamomum camphora</i> (L.) J. Presl	Canforeira	E	Arv					x								Cf	1
Asteraceae	<i>Cirsium arvense</i> (L.) Scop.	Cardo-das-vinhas	A	Herb	x		x										Cf	1
Asteraceae	<i>Cirsium vulgare</i> (Savi) Ten.	Cardo-roxo	A	Herb			x					x					Cf	4
Cistaceae	<i>Cistus monspeliensis</i> L.	Sargaço	A	Arb													Cf	2
Cistaceae	<i>Cistus salviifolius</i> L.	Estevinha	A	Arb	x							x					Cf	1
Rutaceae	<i>Citrus deliciosa</i> Ten.	Tangerineira	E	Arv				x									Cf	1
Rutaceae	<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	Limoeiro	E	Arv	x	x		x							x		Cf	1
Rutaceae	<i>Citrus x aurantium</i> L.	Laranjeira-amarga	E	Arv			x			x							Cf	1
Rutaceae	<i>Citrus x sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranjeira-doce	E	Arv	x	x		x		x					x		Cf	1
Amoryllidaceae	<i>Clivia nobilis</i> Lindl.	-	E	Herb		x											Cf	1
Asteraceae	<i>Coleostephus myconis</i> (L.) Rchb. f.	Pampilho-de-micão	A	Herb	x							x					Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Araceae	<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott	Inhame	E	Herb											x		Cf	1
Apiaceae	<i>Conium maculatum</i> L.	Cicuta	A	Herb	x	x	x										Cf	1
Asparagaceae	<i>Convallaria majalis</i> L.	Lírio-do-vale	E	Herb				x									Cf	1
Convolvulaceae	<i>Convolvulus althaeoides</i> L.	Corriola-rosada	A	Trep	x	x									x		Cf	1
Convolvulaceae	<i>Convolvulus arvensis</i> L.	Corriola-campestre	A	Trep	x	x						x					Cf	1
Convolvulaceae	<i>Convolvulus tricolor</i> L. subsp. <i>tricolor</i>	Corriola-tricolor	A	Trep								x					Cf	4
Asteraceae	<i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronquist	Avoadinha-peluda	EEI	Herb	x	x						x					Cf	1
Asparagaceae	<i>Cordyline australis</i> (G. Forst.) Endl.	Fiteira	E	Arv				x		x							Cf	1
Fabaceae	<i>Coronilla glauca</i> L.	Pascoinhas	A	Arb	x							x					Cf	1
Brassicaceae	<i>Coronopus didymus</i> (L.) Sm.	-	E	Herb													Cf	2
Poaceae	<i>Cortaderia selloana</i> (Schult. et Schult. f.) Asch. et Graebn.	Erva-das-pampas	EEI	Herb	x	x	x								x		Cf	1
Myrtaceae	<i>Corymbia ficifolia</i> (F. Muell.) K.D. Hill & L.A.S. Johnson	Eucalipto-de-flor-vermelha	E	Arv					x							x	Cf	1
Anacardiaceae	<i>Cotinus coggygria</i> Scop.	Árvore-do-fumo	E	Arv					x								Cf	1
Rosaceae	<i>Cotoneaster dammeri</i> Comber ex C. Marquand et G. Klotz	Cotoneaster	E	Arb	x		x		x								Cf	1
Rosaceae	<i>Cotoneaster salicifolius</i> Franch.	Cotoneaster-folha-de-salgueiro	E	Arb					x	x							Cf	1
Crassulaceae	<i>Crassula ovata</i> (Mill.) Druce	Planta-de-jade	E	Arb		x									x		Cf	1
Rosaceae	<i>Crataegus monogyna</i> Jacq.	Pilriteiro	A	Arb	x	x	x	x							x		Cf	1
Asteraceae	<i>Crepis pusilla</i> (Sommier) Merxm.	-	A	Herb													Cf	2
Asteraceae	<i>Crepis vesicaria</i> subsp. <i>taraxacifolia</i> (Thuill.) Thell.	Almeiroa	A	Herb	x												Cf	1
Apiaceae	<i>Crithmum maritimum</i> L.	Funcho-marítimo	A	Herb									x				Cf	1
Iridaceae	<i>Crocus serotinus</i> Salisb. subsp. <i>clusii</i> (Gay) B. Matew	Açafrão-bravo	A	Herb	x												Cf	1
Cupressaceae	<i>Cryptomeria japonica</i> (Thunb. ex L. f.) D. Don	Cedro-japonês	E	Arv							x						Cf	1
Lythraceae	<i>Cuphea hyssopifolia</i> Kunth	Falsa-urze	E	Arb				x		x							Cf	1
Lythraceae	<i>Cuphea ignea</i> A. DC.	Flor-charuto	E	Arb				x	x								Cf	1
Cupressaceae	<i>Cupressus lusitanica</i> Mill.	Cipreste-do-buçaco	E	Arv	x	x				x	x				x		Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Cupressaceae	<i>Cupressus macrocarpa</i> Hartw. ex Gordon	Cipreste-dacalifórnia	E	Arv						x	x	x					Cf	1
Cupressaceae	<i>Cupressus macrocarpa</i> Hartw. ex Gordon cv. 'Goldcrest'	Ciprestelimão	C	Arv				x								x	Cf	1
Cupressaceae	<i>Cupressus sempervirens</i> L. f. <i>horizontalis</i> (Mill.) Voss.	Ciprestecomum	E	Arv	x	x		x		x	x					x	Cf	1
Cupressaceae	<i>Cupressus sempervirens</i> L. f. <i>sempervirens</i> L.	Ciprestecomum	E	Arv	x	x	x	x	x	x	x	x				x	Cf	1
Convolvulaceae	<i>Cuscuta planiflora</i> Ten.	-	A	Trep													Cf	2
Cyatheaceae	<i>Cyathea cooperi</i> (F.Muell.) Domin	Feto-daaustrália	E	Arv			x										Cf	1
Cycadaceae	<i>Cycas revoluta</i> Thunb.	Cica	E	Arv					x	x							Cf	1
Rosaceae	<i>Cydonia oblonga</i> Mill.	Marmeleiro	E	Arv	x	x	x								x	x	Cf	1
Plantaginaceae	<i>Cymbalaria muralis</i> G. Gaertn.	Ruínas	E	Herb		x											Cf	1
Asteraceae	<i>Cynara cardunculus</i> L.	Alcachofra	A	Herb	x												Cf	1
Asteraceae	<i>Cynara humilis</i> L.	Alcachofrade-são-joão	A	Herb								x					Cf	4
Poaceae	<i>Cynodon dactylon</i> (L.) Pers.	Gramabermuda	A	Herb	x												Cf	1
Boraginaceae	<i>Cynoglossum clandestinum</i> Desf.	Cinoglossade-flor-fechada	A	Herb													Cf	2
Boraginaceae	<i>Cynoglossum creticum</i> Mill.	Orelha-de-lebre	A	Herb	x										x		Cf	1
Poaceae	<i>Cynosurus echinatus</i> L.	Rabo-de-cão	A	Herb	x												Cf	1
Cyperaceae	<i>Cyperus eragrostis</i> Lam.	Junção	E	Herb		x											Cf	1
Cyperaceae	<i>Cyperus involucratus</i> Rottb.	Papiro-sombriinha	E	Herb	x	x											Cf	1
Cyperaceae	<i>Cyperus longus</i> L.	Junça-de-cheiro	A	Herb	x												Cf	1
Poaceae	<i>Dactylis glomerata</i> L.	Panasco	A	Herb	x	x	x								x		Cf	1
Thymelaeaceae	<i>Daphne gnidium</i> L.	Trovisco	A	Arb	x												Cf	1
Solanaceae	<i>Datura stramonium</i> L.	Erva-do-diabo	EEI	Herb	x							x					Cf	1
Apiaceae	<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura-brava	A	Herb	x		x					x		x			Cf	1
Apiaceae	<i>Daucus muricatus</i> (L.) L.	Cenoura-brava	A	Herb													Cf	2
Asteraceae	<i>Delairea odorata</i> Lem.	Trepadeira-africana	E	Trep	x							x					Cf	1
Ranunculaceae	<i>Delphinium pentagynum</i> Lam.	-	A	Herb											x		Cf	4

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Poaceae	<i>Dendrocalamus pulverulentus</i> Chia	Bambu	E	Herb					x								Cf	1
Caryophyllaceae	<i>Dianthus broteri</i> Boiss. & Reut.	-	A	Arb													Cf	2
Asteraceae	<i>Dimorphotheca ecklonis</i> DC.	Margarida-do-cabo	E	Herb			x	x	x	x							Cf	1
Asteraceae	<i>Dimorphotheca fruticosa</i> (L.) DC.	Margarida-do-cabo	E	Herb										x			Cf	4
Ebenaceae	<i>Diospyros kaki</i> L.f.	Diospireiro	E	Arv											x		Cf	3
Dipsacaceae	<i>Dipsacus comosus</i> Hoffmanns. & Link	Cardo-penteador	A	Herb													Cf	2
Asteraceae	<i>Dittrichia viscosa</i> (L.) Greuter	Tágueda	A	Herb	x	x	x					x		x			Cf	1
Malvaceae	<i>Dombeya wallichii</i> (Lindl.) K.Schum.	Dombeia	E	Arv				x		x							Cf	1
Fabaceae	<i>Dorycnium rectum</i> (L.) Ser.	-	A	Herb			x										Cf	1
Fabaceae	<i>Dorycnopsis gerardi</i> (L.) Boiss.	Albaida	A	Herb													Cf	2
Asparagaceae	<i>Dracaena draco</i> (L.) L.	Dragoeiro	A (M)	Arv				x	x	x						x	Cf	1
Aizoaceae	<i>Drosanthemum floribundum</i> (Haw.) Schwante	Arrozinho	E	Herb									x				Cf	1
Rosaceae	<i>Duchesnea indica</i> (Jacks.) Focke	Morangueiro-indiano	E	Herb		x											Cf	4
Arecaceae	<i>Dypsis lutescens</i> (H.Wendl.) Beentje & J.Dransf.	Areca-bambu	E	Arv				x	x								Cf	1
Cucurbitaceae	<i>Ecballium elaterium</i> (L.) A.Rich	Pepino-de-são-gregório	A	Herb	x							x					Cf	1
Asteraceae	<i>Echinops strigosus</i> L.	Cardo-de-isca	A	Herb													Cf	2
Boraginaceae	<i>Echium candicans</i> L. f.	Massaroco	A (M)	Herb					x					x			Cf	1
Boraginaceae	<i>Echium plantagineum</i> L.	Soagem	A	Herb	x	x						x					Cf	1
Elaeagnaceae	<i>Elaeagnus angustifolia</i> L.	Oliveira-do-paraiso	E	Arv	x				x							x	Cf	1
Elaeagnaceae	<i>Elaeagnus pungens</i> Thunb.	Eleagno	E	Arb					x	x							Cf	1
Poaceae	<i>Elymus farctus</i> (Viv.) Runemarkex Melderis	Feno-das-areias	A	Herb									x				Cf	1
Proteaceae	<i>Embothrium coccineum</i> J.R.Forst. & G.Forst.	Árvore-de-fogo-do-Chile	E	Arv												x	Cf	3
Onagraceae	<i>Epilobium hirsutum</i> L.	Epilóbio-erigado	A	Herb	x	x	x					x					Cf	1
Orchidaceae	<i>Epipactis tremolsii</i> Pau	-	A	Herb		x											Cf	1
Equisetaceae	<i>Equisetum telmateia</i> Ehrh.	Erva-pinheira	A	Herb	x												Cf	1
Ericaceae	<i>Erica carnea</i> L.	Urze	E	Arb					x								Cf	1
Asteraceae	<i>Erigeron karvinskianus</i> DC.	Vitadnia-das-floristas	EEL	Herb			x	x						x			Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA		
Rosaceae	<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl	Nespereira	E	Arv	x	x	x	x	x	x				x	x	Cf	1
Geraniaceae	<i>Erodium cicutarium</i> (L.) L'Hér.	Erva-cegonha	A	Herb								x				Cf	1
Geraniaceae	<i>Erodium malacoides</i> (L.) L'Hér.	Erva-garfo	A	Herb	x											Cf	1
Geraniaceae	<i>Erodium moschatum</i> (L.) L'Hér.	Erva-relógio	A	Herb	x											Cf	1
Fabaceae	<i>Erophaca baetica</i> (L.) Boiss. subsp. <i>baetica</i>	Alfavaca-dos-montes	A	Herb												Cf	2
Brassicaceae	<i>Eruca vesicaria</i> (L.) Cav.	Eruca	A	Herb												Cf	2
Apiaceae	<i>Eryngium campestre</i> L.	Cardo-corredor	A	Herb												Cf	2
Apiaceae	<i>Eryngium maritimum</i> L.	Cardo-marítimo	A	Herb								x				Cf	1
Fabaceae	<i>Erythrina crista-galli</i> L.	Eritrina-crista-de-galo	E	Arv				x	x							Cf	1
Escalloniaceae	<i>Escallonia macrantha</i> Hook. & Arn.	Escalónia	E	Arb	x			x	x							Cf	1
Myrtaceae	<i>Eucalyptus camaldulensis</i> Dehnh.	Eucalipto	E	Arv	x					x			x			Cf	1
Myrtaceae	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto-comum	E	Arv	x		x	x		x		x			x	Cf	1
Celastraceae	<i>Euonymus japonicus</i> Thunb.	Evónimo	E	Arb			x	x		x						Cf	1
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia characias</i> L. subsp. <i>characias</i>	Trovisco-macho	A	Arb	x											Cf	1
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia exigua</i> L.	Ésula-menor	A	Herb												Cf	2
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia helioscopia</i> L. subsp. <i>helioscopia</i>	Erva-maleiteira	A	Herb	x											Cf	1
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia milii</i> Des Moul.	Coroa-de-cristo	E	Arb					x							Cf	1
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia paralias</i> L.	Morganheiras-das-praias	A	Arb												Cf	2
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia peplus</i> L.	Ésula-redonda	A	Herb	x	x										Cf	1
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia pterococca</i> Brot.	Ésula-angulosa	A	Herb												Cf	2
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd. ex Klotzsch	Poinsetia	E	Arv		x		x								Cf	1
Asteraceae	<i>Euryops pectinatus</i> (L.) Cass.	Estreleira-amarela	E	Arb			x	x	x	x		x				Cf	1
Fagaceae	<i>Fagus sylvatica</i> L.	Faia	E	Arv			x									Cf	1
Fagaceae	<i>Fagus sylvatica</i> L. cv. 'Purpurea'	Faia-púrpura	C	Arv					x							Cf	1
Asteraceae	<i>Felicia amelloides</i> (L.) Voss	Margarida-azul	E	Arb				x	x							Cf	1
Poaceae	<i>Festuca glauca</i> Vill.	Festuca-azul	E	Herb					x							Cf	1
Moraceae	<i>Ficus benjamina</i> L.	Figueira-benjamim	E	Arv					x	x					x	Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA		
Moraceae	<i>Ficus carica</i> L.	Figueira-comum	A	Arv	x		x	x		x				x	x	Cf	1
Moraceae	<i>Ficus elastica</i> Roxb. ex Hornem	Planta-da-borracha	E	Arv	x	x			x	x					x	Cf	1
Moraceae	<i>Ficus microcarpa</i> L. f.	Figueira-asiática	E	Arv		x			x						x	Cf	1
Moraceae	<i>Ficus rubiginosa</i> Desf. ex Vent.	Figueira-australiana	E	Arv	x											Cf	1
Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Funcho	A	Herb	x	x	x	x				x		x		Cf	1
Oleaceae	<i>Forsythia x intermedia</i> Zabel cv. 'Spectabilis'	Forsitia	C	Arb					x							Cf	1
Oleaceae	<i>Fraxinus angustifolia</i> Vahl	Freixo-de-folhas-estreitas	A	Arv	x	x	x	x	x	x	x				x	Cf	1
Oleaceae	<i>Fraxinus excelsior</i> L.	Freixo-europeu	E	Arv											x	Cf	3
Cyperaceae	<i>Fuirena pubescens</i> (Poir.) Kunth	-	A	Herb												Cf	2
Papaveraceae	<i>Fumaria capreolata</i> L.	Catarinas-queimadas	A	Herb	x											Cf	1
Papaveraceae	<i>Fumaria muralis</i> Sond. ex W. D. J. Koch	Fumária-das-paredes	A	Herb	x											Cf	1
Asteraceae	<i>Galactites tomentosus</i> Moench	Cardo	A	Herb	x	x						x				Cf	1
Rubiaceae	<i>Galium aparine</i> L.	Amor-de-hortelão	A	Herb	x	x										Cf	1
Asteraceae	<i>Gamochaeta pensylvanica</i> (Willd.) Cabrera	-	E	Herb												Cf	2
Asteraceae	<i>Gazania rigens</i> (L.) Gaertn.	Gazânia	E	Herb			x	x	x							Cf	1
Fabaceae	<i>Genista tournefortii</i> Spach subsp. <i>tournefortii</i>	-	A	Arb												Cf	2
Orchidaceae	<i>Gennaria diphylla</i> (Link) Parl.	-	A	Herb												P	6
Geraniaceae	<i>Geranium dissectum</i> L.	Coentrinho	A	Herb	x											Cf	1
Geraniaceae	<i>Geranium molle</i> L.	Bico-de-pomba	A	Herb	x											Cf	1
Geraniaceae	<i>Geranium purpureum</i> Vill.	Erva-de-são-roberto	A	Herb	x	x										Cf	1
Ginkgoaceae	<i>Ginkgo biloba</i> L.	Ginkgo	E	Arv					x						x	Cf	1
Fabaceae	<i>Gleditsia triacanthos</i> L.	Espineiro-da-virgínia	EEl	Arv						x					x	Cf	1
Apocynaceae	<i>Gomphocarpus fruticosus</i> (L.) W.T.Aiton	Algodoeiro-falso	EEl	Arb												Cf	2
Apocynaceae	<i>Gomphocarpus physocarpus</i> E. Mey.	Paina-de-seda	E	Arb												Cf	2
Proteaceae	<i>Grevillea robusta</i> A.M.Cunn. ex R. Br.	Grevílea	E	Arv			x		x		x				x	Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Amaranthaceae	<i>Halimione portulacoides</i> (L.) Aellen	Gramata-branca	A	Arb										x			Cf	1
Bignoniaceae	<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos	Ipê-amarelo	E	Arv	x												Cf	1
Plantaginaceae	<i>Hebe x andersonii</i> (Lindl. et Paxton) Cockayne	Verónica	C	Arb			x		x								Cf	1
Araliaceae	<i>Hedera helix</i> (G. Kirchn.) Bean	Hera	A	Trep	x	x	x	x	x	x					x		Cf	1
Araliaceae	<i>Hedera maderensis</i> K.Koch ex A.Rutherf. subsp. <i>iberica</i> McAll.	-	A	Trep													Cf	2
Fabaceae	<i>Hedysarum coronarium</i> L.	Sanfeno	E	Herb	x												Cf	1
Asteraceae	<i>Helichrysum italicum</i> subsp. <i>picardi</i> (Boiss. & Reut.) Franco	Erva-caril	A	Arb				x									Cf	1
Boraginaceae	<i>Heliotropium europaeum</i> L.	Erva-das- verrugas	A	Herb	x												Cf	1
Poaceae	<i>Hibanobambusa tranquilans</i> (Koidz.) Maruy. & H.Okamura cv. 'Shiroshima'	Bambu	C	Herb					x								Cf	1
Malvaceae	<i>Hibiscus mutabilis</i> L.	Rosa-louca	E	Arb				x									Cf	1
Malvaceae	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Hibisco-da-china	E	Arb	x		x	x	x	x					x		Cf	1
Brassicaceae	<i>Hirschfeldia incana</i> (L.) Lagr.-Foss.	Ineixas	A	Herb	x							x					Cf	1
Poaceae	<i>Holcus lanatus</i> L.	Erva-lanar	A	Herb	x												Cf	1
Poaceae	<i>Hordeum murinum</i> L. subsp. <i>leporinum</i> (Link) Arcang.	Cevada-das-lebres	A	Herb													Cf	2
Brassicaceae	<i>Hornungia petraea</i> Rchb. subsp. <i>petraea</i>	-	A	Herb													Cf	2
Hydrangeaceae	<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	Hortênsia	E	Arb		x	x	x	x	x	x				x		Cf	1
Asteraceae	<i>Hyoseris scabra</i> L.	-	A	Herb													Cf	2
Hypericaceae	<i>Hypericum calycinum</i> L.	Hipericão-branco	E	Arb					x								Cf	1
Hypericaceae	<i>Hypericum perforatum</i> L.	Erva-de-são-joão	A	Herb										x			Cf	5
Asteraceae	<i>Hypochaeris radicata</i> L.	Almeirão-do-campo	A	Herb	x												Cf	1
Brassicaceae	<i>Iberis ciliata</i> All.	-	A	Herb								x					Cf	5
Aquifoliaceae	<i>Ilex aquifolium</i> L.	Azevinho	A	Arb	x					x							Cf	1
Convolvulaceae	<i>Ipomoea indica</i> (Burm.) Merr.	Bons-dias	EEl	Herb		x	x	x				x		x			Cf	1
Iridaceae	<i>Iris foetidissima</i> L.	Lírio-fétido	A	Herb	x	x	x										Cf	1
Iridaceae	<i>Iris germanica</i> L.	Lírio-cardano	E	Herb	x				x	x							Cf	1
Iridaceae	<i>Iris subbiflora</i> Brot.	Lírio-roxo-dos-montes	A	Herb													Cf	2

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA		
Bignoniaceae	<i>Jacaranda mimosifolia</i> D. Don	Jacarandá	E	Arv	x	x	x	x	x	x		x		x	x	Cf	1
Oleaceae	<i>Jasminum mesnyi</i> Hance	Jasmineiro-japonês	E	Arb	x	x					x					Cf	1
Oleaceae	<i>Jasminum polyanthum</i> Franch.	Jasmineiro-dos-poetas	E	Arb		x										Cf	1
Juglandaceae	<i>Juglans regia</i> L.	Nogueira	E	Arv	x	x	x	x		x					x	Cf	1
Cupressaceae	<i>Juniperus horizontalis</i> Moench	Junípero-rastejante	E	Arb			x	x	x							Cf	1
Cupressaceae	<i>Juniperus sabina</i> L. var. <i>tamariscifolia</i>	Junípero-rasteiro	C	Arb					x							Cf	1
Cupressaceae	<i>Juniperus squamata</i> Buch.-Ham. ex D. Don	Junípero-das-escamas	E	Arb			x									Cf	1
Asphodelaceae	<i>Kniphofia uvaria</i> cv. 'Royal Standard'	-	C	Herb					x							Cf	1
Sapindaceae	<i>Koelreuteria paniculata</i> Laxm.	Coreutéria	E	Arv								x			x	Cf	1
Fabaceae	<i>Laburnum x watereri</i> (Kirchn.) Dippel	Laburno-híbrido	C	Arv					x							Cf	1
Asteraceae	<i>Lactuca serriola</i> L.	Alface-brava	A	Herb		x										Cf	1
Lythraceae	<i>Lagerstroemia indica</i> L.	Extremosa	E	Arv			x	x	x	x					x	Cf	1
Malvaceae	<i>Lagunaria patersonia</i> (Andrews) G. Don	Lagunária	E	Arv											x	Cf	3
Poaceae	<i>Lagurus ovatus</i> L.	Rabo-de-lebre	A	Herb	x	x	x									Cf	1
Poaceae	<i>Lamarckia aurea</i> (L.) Moench	Escovinhas	A	Herb												Cf	2
Verbenaceae	<i>Lantana camara</i> L.	Lantana	EEI	Arb	x	x	x		x	x		x				Cf	1
Verbenaceae	<i>Lantana montevidensis</i> (Spreng.) Briq.	Lantana-rasteira	E	Arb	x				x							Cf	1
Fabaceae	<i>Lathyrus angulatus</i> L.	Cizirão-de-folha-estreita	A	Trep												Cf	2
Fabaceae	<i>Lathyrus annuus</i> L.	Cizirão-de-um-ano	A	Herb												Cf	2
Fabaceae	<i>Lathyrus latifolius</i> L.	Cizirão-de-flor-grande	A	Trep								x				Cf	4
Fabaceae	<i>Lathyrus ochrus</i> (L.) DC.	Chícharo-preto	A	Trep	x											Cf	1
Fabaceae	<i>Lathyrus sylvestris</i> L.	Chícharo-selvagem	A	Trep												Cf	2
Lauraceae	<i>Laurus nobilis</i> L.	Loureiro	A	Arb	x	x	x	x	x	x		x				Cf	1
Lamiaceae	<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	Alfazema	E	Arb		x			x							Cf	1
Lamiaceae	<i>Lavandula dentata</i> L.	Alfazema-brava	E	Arb	x		x		x		x					Cf	1
Lamiaceae	<i>Lavandula stoechas</i> L. subsp. <i>luisieri</i> Rozeira	Rosmaninho	A	Arb				x	x							Cf	1
Malvaceae	<i>Lavatera cretica</i> L.	Malva-alta	A	Herb	x							x				Cf	1
Malvaceae	<i>Lavatera trimestris</i> L.	Malva-de-três-meses	A	Herb								x		x		Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Araceae	<i>Lemna minor</i> L.	Lentilha-de-água	A	Herb	x		x										Cf	1
Lamiaceae	<i>Leonotis leonurus</i> (L.) R. Br.	Rabo-de-leão	E	Herb					x	x							Cf	1
Asteraceae	<i>Liatris spicata</i> (L.) Willd.	Plumabrilhante	E	Herb					x								Cf	1
Oleaceae	<i>Ligustrum japonicum</i> Thunb.	Ligustro	E	Arb												x	Cf	3
Oleaceae	<i>Ligustrum lucidum</i> W. T. Aiton	Alfenheiro-do-japão	E	Arv	x	x	x	x		x						x	Cf	1
Oleaceae	<i>Ligustrum sinense</i> Lour.	Alfenheiro-da-china	E	Arb			x										Cf	1
Oleaceae	<i>Ligustrum vulgare</i> L.	Alfenheiro	A	Arb	x		x	x									Cf	1
Linaceae	<i>Linum setaceum</i> Brot.	-	A	Herb													Cf	2
Linaceae	<i>Linum strictum</i> L.	Linho-rijo	A	Herb													Cf	2
Altingiaceae	<i>Liquidambar styraciflua</i> L.	Liquidâmbar	E	Arv												x	Cf	3
Brassicaceae	<i>Lobularia maritima</i> (L.) Desv.	Açafate-da-praia	A	Herb									x				Cf	1
Caprifoliaceae	<i>Lonicera etrusca</i> Santi	Madressilva	A	Arb	x												Cf	1
Caprifoliaceae	<i>Lonicera japonica</i> Thunb.	Madressilva-dos-jardins	EEI	Arb			x	x			x	x		x			Cf	1
Caprifoliaceae	<i>Lonicera periclymenum</i> L. subsp. <i>hispanica</i>	Madressilva-das-boticas	A	Arb													Cf	2
Fabaceae	<i>Lotus arenarius</i> Brot.	Trevo-rasteiro-da-praia	A	Herb									x				Cf	1
Fabaceae	<i>Lotus corniculatus</i> L.	Cornichão	A	Herb			x										Cf	1
Solanaceae	<i>Lycianthes rantonnetii</i> (Carrière ex Lesc.) Bitter	Solano-azul	E	Arb				x	x	x							Cf	1
Lythraceae	<i>Lythrum junceum</i> Banks & Sol.	Erva-sapa	A	Herb		x											Cf	1
Lythraceae	<i>Lythrum salicaria</i> L.	Erva-carapau	A	Herb		x	x		x			x					Cf	1
Magnoliaceae	<i>Magnolia grandiflora</i> L.	Magnólia-de-flores-grandes	E	Arv	x			x	x	x						x	Cf	1
Magnoliaceae	<i>Magnolia x soulangeana</i> Soul.- Bod.	Magnólia-chinesa	C	Arv				x	x	x						x	Cf	1
Rosaceae	<i>Malus domestica</i> (Borkh.) Borkh.	Macieira	E	Arv			x									x	Cf	1
Malvaceae	<i>Malva sylvestris</i> L.	Malva	A	Herb	x	x						x		x			Cf	1
Lamiaceae	<i>Marrubium vulgare</i> L.	Marroio-branco	A	Herb	x												Cf	1
Fabaceae	<i>Medicago arabica</i> (L.) Huds.	Luzerna-arábica	A	Herb	x												Cf	1
Fabaceae	<i>Medicago lupulina</i> L.	Luzerna-lupulina	A	Herb													Cf	2
Fabaceae	<i>Medicago marina</i> L.	Luzerna-das-areias	A	Herb									x				Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Fabaceae	<i>Medicago orbicularis</i> (L.) Bartal.	Luzerna-orbicular	A	Herb													Cf	2
Fabaceae	<i>Medicago polymorpha</i> L.	Carrapiço	A	Herb													Cf	2
Fabaceae	<i>Medicago sativa</i> L.	Luzerna	E	Herb	x	x											Cf	1
Myrtaceae	<i>Melaleuca armillaris</i> (Sol. ex Gaertn.) Sm.	Escovilhão	E	Arb											x		Cf	1
Myrtaceae	<i>Melaleuca diosmifolia</i> Andrews	Melaleuca	E	Arb	x					x						x	Cf	1
Meliaceae	<i>Melia azedarach</i> L.	Amargoseira	E	Arv						x						x	Cf	1
Poaceae	<i>Melica ciliata</i> L. subsp. <i>magnolii</i> (Gren.) et Godr.) Husn.	Mélica-ciliada	A	Herb	x												Cf	1
Fabaceae	<i>Melilotus albus</i> Medik.	Meliloto-branco	A	Herb													Cf	2
Fabaceae	<i>Melilotus indicus</i> (L.) All.	Anafe-menor	A	Herb			x										Cf	4
Fabaceae	<i>Melilotus segetalis</i> (Brot.) Ser.	Anafe	A	Herb	x	x											Cf	1
Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poêjo	A	Herb	x												Cf	1
Lamiaceae	<i>Mentha suaveolens</i> Ehrh.	Hortelã-brava	A	Herb	x	x	x	x					x				Cf	1
Euphorbiaceae	<i>Mercurialis ambigua</i> L.f.	Barredoiro	A	Herb													Cf	2
Myrtaceae	<i>Metrosideros excelsa</i> Banks ex Gaertn.	Metrosidero	E	Arv						x							Cf	1
Poaceae	<i>Micropyrum tenellum</i> (L.) Link	-	A	Herb													Cf	2
Poaceae	<i>Miscanthus sinensis</i> (Thunb.) Anderss. cv. 'Super Stripe'	-	C	Herb						x							Cf	1
Poaceae	<i>Miscanthus sinensis</i> (Thunb.) Anderss. cv. 'Strictus'	Eulália	C	Herb						x							Cf	1
Plantaginaceae	<i>Misopates orontium</i> (L.) Raf.	Focinho-de-rato	A	Herb													Cf	2
Araliaceae	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	Costela-de-adão	E	Trep			x		x								Cf	1
Moraceae	<i>Morus alba</i> L.	Amoreira-branca	E	Arv			x								x	x	Cf	1
Moraceae	<i>Morus nigra</i> L.	Amoreira-preta	E	Arv	x										x	x	Cf	1
Polygonaceae	<i>Muehlenbeckia complexa</i> Meisn.	Planta-aramé	E	Arb					x								Cf	1
Musaceae	<i>Musa x paradisiaca</i> L.	Bananeira	C	Arv	x				x								Cf	1
Scrophulariaceae	<i>Myoporum laetum</i> G. Forst.	Mióporo	E	Arb	x			x		x					x		Cf	1
Myrtaceae	<i>Myrtus communis</i> L.	Murta	A	Arb	x			x		x							Cf	1
Hydrocharitaceae	<i>Najas marina</i> L. subsp. <i>marina</i>	Carrapêto-da-lagoa	A	Herb													Cf	1
Amaryllidaceae	<i>Narcissus bulbocodium</i> L.	Campainhas-amarelas	A	Herb												x	Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Amaryllidaceae	<i>Narcissus papyraceus</i> Ker Gawl.	Narciso-de-inverno	A	Herb	x												Cf	1
Lamiaceae	<i>Nepeta tuberosa</i> L. subsp. <i>tuberosa</i>	-	A	Herb													Cf	2
Nephrolepidaceae	<i>Nephrolepis cordifolia</i> (L.) C. Presl	Feto-espada	E	Herb	x			x									Cf	1
Nephrolepidaceae	<i>Nephrolepis exaltata</i> (L.) Schott	Samambaia-americana	E	Herb	x												Cf	4
Apocynaceae	<i>Nerium oleander</i> L.	Loendro	A	Arb	x	x	x	x	x	x	x			x			Cf	1
Boraginaceae	<i>Nonea vesicaria</i> (L.) Rchb.	-	A	Herb	x												Cf	1
Nymphaeaceae	<i>Nymphaea alba</i> L.	Nenúfar	A	Herb				x									Cf	1
Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriço	E	Herb										x			Cf	4
Apiaceae	<i>Oenanthe crocata</i> L.	Embude	A	Herb	x												Cf	1
Onagraceae	<i>Oenothera rosea</i> L'Hér. ex Aiton	-	E	Herb		x											Cf	1
Oleaceae	<i>Olea europaea</i> L. var. <i>europaea</i>	Oliveira	E	Arv	x	x	x	x	x	x		x		x	x		Cf	1
Oleaceae	<i>Olea europaea</i> L. var. <i>sylvestris</i> (Mill.) Lehr.	Zambujeiro	A	Arv	x		x		x			x			x		Cf	1
Fabaceae	<i>Onobrychis humilis</i> (L.) G.López	-	A	Herb													Cf	2
Fabaceae	<i>Ononis ramosissima</i> Desf.	Joina-das-areias	A	Arb													Cf	2
Fabaceae	<i>Ononis viscosa</i> L. subsp. <i>breviflora</i> (L.) G.López	-	A	Arb													Cf	2
Asparagaceae	<i>Ophiopogon japonicus</i> (L. f.) Ker Gawl.	Ofiopógão-do-japão	E	Herb					x								Cf	1
Orchidaceae	<i>Ophrys apifera</i> Huds.	Erva-abelha	A	Herb		x						x		x			Cf	1
Orchidaceae	<i>Ophrys bombyliflora</i> Link	Erva-mosca	A	Herb													Cf	2
Orchidaceae	<i>Ophrys fusca</i> Link	Moscardo-maior	A	Herb													Cf	2
Orchidaceae	<i>Ophrys lutea</i> Cav.	Erva-vespa	A	Herb	x												Cf	1
Orchidaceae	<i>Ophrys pintoii</i> M.R. Lowe & D. Tyteca	-	A	Herb													P	6
Orchidaceae	<i>Ophrys scolopax</i> Cav.	Flor-dos-passarinhos	A	Herb													P	6
Orchidaceae	<i>Ophrys speculum</i> Link. subsp. <i>lusitanica</i> O.Danesch & E.Danesch	Abelhão	A	Herb													P	6
Orchidaceae	<i>Ophrys tenthredinifera</i> Willd.	-	A	Herb													P	6
Cactaceae	<i>Opuntia maxima</i> Mill.	Figueira-da-índia	EEl	Arb	x				x						x		Cf	1
Cactaceae	<i>Opuntia microdasys</i> (Lehm.) Pfeiff.	Orelha-de-coelho	E	Arb													Cf	1
Orchidaceae	<i>Orchis conica</i> Willd.	-	A	Herb													P	6

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Orchidaceae	<i>Orchis coriophora</i> L.	Erva-perceveja	A	Herb													P	6
Orchidaceae	<i>Orchis italica</i> Poir.	Flor-dos-macaquinhos	A	Herb	x												Cf	1
Lamiaceae	<i>Origanum vulgare</i> L. subsp. <i>virens</i> (Hoffmanns. & Link) Bonnier & Layens	Orégãos	A	Herb	x												Cf	1
Asparagaceae	<i>Ornithogalum thyrsoides</i> Jacq.	-	E	Herb											x		Cf	4
Orobanchaceae	<i>Orobanche crenata</i> Forssk.	Brincalheta	A	Herb													Cf	2
Orobanchaceae	<i>Orobanche hederæ</i> Vaucher ex Duby	Erva-toira-das-heras	A	Herb		x											Cf	4
Orobanchaceae	<i>Orobanche ramosa</i> L.	Erva-toira-ramosa	A	Herb	x												Cf	1
Santalaceae	<i>Osyris alba</i> L.	Cássia-branca	A	Arb	x												Cf	1
Oxalidaceae	<i>Oxalis corniculata</i> L.	Erva-azedo	A	Herb		x											Cf	2
Oxalidaceae	<i>Oxalis debilis</i> Kunth	Azedo	E	Herb											x		Cf	4
Oxalidaceae	<i>Oxalis latifolia</i> Kunth	Azedinha-de-folhas-roxas	E	Herb		x											Cf	4
Oxalidaceae	<i>Oxalis pes-caprae</i> L.	Trevo-azedo	EEI	Herb	x			x				x					Cf	1
Amaryllidaceae	<i>Pancreatium maritimum</i> L.	Lírio-das-areias	A	Herb									x				Cf	1
Papaveraceae	<i>Papaver dubium</i> L.	Papoila-longa	A	Herb													Cf	2
Papaveraceae	<i>Papaver pinnatifidum</i> Moris	-	A	Herb	x												Cf	1
Papaveraceae	<i>Papaver rhoeas</i> L.	Papoila	A	Herb	x	x							x		x		Cf	1
Papaveraceae	<i>Papaver somniferum</i> L.	Dormideira	I	Herb													Cf	2
Papaveraceae	<i>Papaver somniferum</i> L. subsp. <i>setigerum</i> (DC.) Arcang.	Dormideira	A	Herb													Cf	2
Orobanchaceae	<i>Parentucellia viscosa</i> (L.) Caruel	Erva-peganhenta	A	Herb									x				Cf	4
Urticaceae	<i>Parietaria judaica</i> L.	Parietária	A	Herb	x	x	x										Cf	1
Vitaceae	<i>Parthenocissus quinquefolia</i> (L.) Planch.	Trepadeira-da-íria	E	Trep				x				x					Cf	1
Vitaceae	<i>Parthenocissus tricuspidata</i> Planch.	Hera-japonesa	E	Trep			x										Cf	1
Poaceae	<i>Paspalum distichum</i> L.	-	E	Herb													Cf	2
Paulowniaceae	<i>Paulownia tomentosa</i> (Thunb.) Steud.	Árvore-da-imperatriz	EEI	Arv					x								Cf	1
Geraniaceae	<i>Pelargonium × hortorum</i> L.H.Bailey	Sardineira	C	Herb											x		Cf	4
Geraniaceae	<i>Pelargonium capitatum</i> (L.) L'Hér.	Sardineira	E	Herb	x			x	x	x							Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Geraniaceae	<i>Pelargonium graveolens</i> (L'Hér.) Dum. Cours.	Gerânio-limão	E	Herb				x		x							Cf	1
Poaceae	<i>Pennisetum setaceum</i> (Forssk.) Chiov.	Penisetum	EEl	Herb			x										Cf	1
Poaceae	<i>Pennisetum villosum</i> Fresen.	Plumas-de-seda	EEl	Herb				x	x								Cf	1
Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacateiro	E	Arv	x					x						x	Cf	1
Lauraceae	<i>Persea indica</i> (L.) Spreng.	Vinhático	A (M)	Arv	x												Cf	1
Caryophyllaceae	<i>Petrorhagia nanteuillii</i> (Burnat) P.W.Ball & Heywood	Petrorragia-do-nanteil	A	Herb													Cf	2
Asteraceae	<i>Phagnalon saxatile</i> (L.) Cass.	Alecrim-das-paredes	A	Arb	x												Cf	1
Hydrangeaceae	<i>Philadelphus coronarius</i> L.	Síndra	E	Arb				x									Cf	1
Oleaceae	<i>Phillyrea angustifolia</i> L.	Lentisco	A	Arb			x										Cf	1
Oleaceae	<i>Phillyrea latifolia</i> L.	Aderno-de-folhas-largas	A	Arb	x						x						Cf	1
Lamiaceae	<i>Phlomis fruticosa</i> L.	Marióilas	E	Arb										x			Cf	1
Arecaceae	<i>Phoenix canariensis</i> Chabaud	Palmeira-das-canárias	E	Arv		x			x		x			x	x		Cf	1
Arecaceae	<i>Phoenix dactylifera</i> L.	Tamareira	E	Arv	x	x				x						x	Cf	1
Arecaceae	<i>Phoenix reclinata</i> Jacq.	Tamareira-do-Senegal	E	Arv					x							x	Cf	1
Arecaceae	<i>Phoenix roebelenii</i> O'Brien	Palmeira-anã	E	Arv					x								Cf	1
Xanthorrhoeaceae	<i>Phormium tenax</i> J.R.Forst. & G.Forst. cv. 'Purpureum'	Fórmio	C	Herb			x	x	x	x							Cf	1
Rosaceae	<i>Photinia x fraseri</i> Dress	Fotínia	E	Arb					x								Cf	1
Poaceae	<i>Phragmites australis</i> (Cav.) Trin ex.Steud.	Caniço	A	Herb								x					Cf	1
Poaceae	<i>Phyllostachys nigra</i> (Lodd. ex Lindl.) Munro	Bambu-negro	E	Herb					x								Cf	1
Poaceae	<i>Phyllostachys sulphurea</i> (Carrière) Rivière & C.Rivière	Bambu-de-enxofre	E	Herb					x								Cf	1
Malvaceae	<i>Phymosia umbellata</i> (Cav.) Kearney	-	E	Herb						x							Cf	1
Solanaceae	<i>Physalis peruviana</i> L.	Fisális	E	Herb	x												Cf	1
Phytolaccaceae	<i>Phytolacca dioica</i> L.	Bela-sombra	E	Arv					x			x					Cf	1
Phytolaccaceae	<i>Phytolacca heterotepala</i> H.Walter	Tintureira	E	Herb	x	x	x	x						x			Cf	1
Pinaceae	<i>Picea abies</i> (L.) H.Karst.	Abeto-falso	E	Arv												x	Cf	3
Asteraceae	<i>Picris echioides</i> L.	Raspa-saias	A	Herb	x	x	x										Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Apiaceae	<i>Pimpinella villosa</i> Schousb.	Erva-doce	A	Herb													Cf	2
Pinaceae	<i>Pinus canariensis</i> C. Sm.	Pinheiro-das-canárias	E	Arv												x	Cf	3
Pinaceae	<i>Pinus halepensis</i> Mill.	Pinheiro-de-alepo	E	Arv	x			x				x				x	Cf	1
Pinaceae	<i>Pinus mugo</i> Turra	Pinheiro-anão	E	Arb			x										Cf	1
Pinaceae	<i>Pinus nigra</i> J. F. Arnold	Pinheiro-negro	E	Arv												x	Cf	3
Pinaceae	<i>Pinus pinaster</i> Aiton.	Pinheiro-bravo	A	Arv				x								x	Cf	1
Pinaceae	<i>Pinus pinea</i> L.	Pinheiro-manso	A	Arv			x	x	x	x		x				x	Cf	1
Pinaceae	<i>Pinus sylvestris</i> L.	Pinheiro-de-casquinha	A	Arv												x	Cf	3
Poaceae	<i>Piptatherum miliaceum</i> (L.) Coss. subsp. <i>miliaceum</i>	Talha-dente	A	Herb	x	x	x										Cf	1
Anacardiaceae	<i>Pistacia lentiscus</i> L.	Aroeira	A	Arb	x				x		x						Cf	1
Pittosporaceae	<i>Pittosporum crassifolium</i> Banks et Sol. ex A.Cunn.	Pitóspero	E	Arb													Cf	1
Pittosporaceae	<i>Pittosporum tobira</i> (Thunb.) W. T. Aiton	Pitóspero-da-china	E	Arb	x			x	x	x	x				x		Cf	1
Pittosporaceae	<i>Pittosporum undulatum</i> Vent.	Árvore-do-incenso	EEI	Arv	x	x	x	x	x	x		x				x	Cf	1
Plantaginaceae	<i>Plantago afra</i> L. var. <i>afra</i>	Erva-das-pulgas	A	Herb													Cf	2
Plantaginaceae	<i>Plantago coronopus</i> L.	Diabelha	A	Herb													Cf	2
Plantaginaceae	<i>Plantago lagopus</i> L.	Orelha-de-lebre	A	Herb		x						x					Cf	1
Plantaginaceae	<i>Plantago lanceolata</i> L.	Tanchagem-menor	A	Herb								x					Cf	1
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i> L.	Tanchagem	A	Herb	x							x					Cf	1
Plantaginaceae	<i>Plantago serraria</i> L.	Pé-de-corvo	A	Herb													Cf	2
Platanaceae	<i>Platanus x hispanica</i> Mill. ex Münchh.	Plátano	C	Arv	x		x	x	x	x		x				x	Cf	1
Cupressaceae	<i>Platycladus orientalis</i> (L.) Franco	Biota-da-china	E	Arb	x					x						x	Cf	1
Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo-brasileiro	E	Arb												x	Cf	4
Poaceae	<i>Pleiblastus fortunei</i> (Van Houtte) Nakai cv. 'Variegata'	Bambu-anão	C	Herb						x							Cf	1
Poaceae	<i>Pleiblastus viridistriatus</i> (Regel) Makino	Kamuro-zasa	E	Herb						x							Cf	1
Plumbaginaceae	<i>Plumbago auriculata</i> Lam.	Bela-emília	E	Arb			x			x	x	x					Cf	1
Poaceae	<i>Poa annua</i> L.	Cabelo-de-cão	A	Herb													Cf	1
Poaceae	<i>Poa bulbosa</i> L.	-	A	Herb													Cf	2

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Podocarpaceae	<i>Podocarpus latifolius</i> (Thunb.) R.Br. ex Mirb.	-	E	Arv	x												Cf	1
Caryophyllaceae	<i>Polycarpon tetraphyllum</i> (L.) L. subsp. <i>tetraphyllum</i>	Policarpo-de-quatro-folhas	A	Herb													Cf	2
Polygalaceae	<i>Polygala myrtifolia</i> L.	Arbusto-borboleta	E	Arb					x	x							Cf	1
Polygonaceae	<i>Polygonum amphibium</i> L.	Pescária-anfíbia	A	Herb				x									Cf	1
Polygonaceae	<i>Polygonum aviculare</i> L.	Sempre-noiva	A	Herb	x												Cf	1
Polygonaceae	<i>Polygonum capitatum</i> Buch.-Ham. ex D. Don	Tapete-inglês	E	Herb	x	x		x	x								Cf	1
Polygonaceae	<i>Polygonum lapathifolium</i> L.	Erva-pessegueira	A	Herb			x										Cf	1
Polygonaceae	<i>Polygonum maritimum</i> L.	-	A	Herb									x				Cf	1
Polygonaceae	<i>Polygonum persicaria</i> L.	Erva-pulgueira	A	Herb			x										Cf	1
Polypodiaceae	<i>Polypodium cambricum</i> L. subsp. <i>cambricum</i>	Polipódio	A	Herb													Cf	2
Poaceae	<i>Polypogon monspeliensis</i> (L.) Desf.	Erva-fina	A	Herb													Cf	2
Salicaceae	<i>Populus alba</i> L.	Choupo-branco	A	Arv	x	x		x		x		x		x	x		Cf	1
Salicaceae	<i>Populus nigra</i> L.	Choupo-negro	E	Arv	x		x	x	x	x						x	Cf	1
Salicaceae	<i>Populus nigra</i> var. <i>italica</i> Münchh.	Choupo-de-itália	E	Arv					x	x						x	Cf	1
Salicaceae	<i>Populus x canescens</i> (Aiton) Sm.	Choupo-cinzento	C	Arv												x	Cf	3
Lamiaceae	<i>Prunella vulgaris</i> L.	Erva-férrea	A	Herb		x											Cf	4
Rosaceae	<i>Prunus armeniaca</i> L.	Damasqueiro	E	Arv				x								x	Cf	1
Rosaceae	<i>Prunus avium</i> L.	Cerejeira	A	Arv				x								x	Cf	1
Rosaceae	<i>Prunus cerasifera</i> Ehrh.	Ameixoeira-dos-jardins	E	Arv										x	x		Cf	1
Rosaceae	<i>Prunus cerasifera</i> Ehrh. var. <i>pissardii</i> (Carr.) C. K. Schneid	Ameixoeira-dos-jardins	C	Arv	x		x	x	x								Cf	1
Rosaceae	<i>Prunus cerasus</i> L.	Ginjeira	E	Arv	x												Cf	1
Rosaceae	<i>Prunus domestica</i> L.	Ameixoeira	E	Arv		x										x	Cf	1
Rosaceae	<i>Prunus dulcis</i> (Mill.) Webb	Amendoeira	E	Arv					x					x	x		Cf	1
Rosaceae	<i>Prunus laurocerasus</i> L.	Loureiro-cerejeira	E	Arb	x		x	x									Cf	1
Rosaceae	<i>Prunus lusitanica</i> L.	Azeiro	A	Arv			x										Cf	1
Rosaceae	<i>Prunus lusitanica</i> L. subsp. <i>azorica</i> (Mouill.) Franco	Ginja-domato	A (A)	Arb					x								Cf	1
Rosaceae	<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch	Pessegueiro	E	Arv	x		x	x						x	x		Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Rosaceae	<i>Prunus serrulata</i> Lindl.	Cerejeira-de-jardim	E	Arv						x							Cf	1
Rosaceae	<i>Prunus spinosa</i> L.	Abrunheiro	A	Arb													Cf	2
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	E	Arv	x												Cf	1
Asteraceae	<i>Pulicaria paludosa</i> Link	Mata-pulgas	A	Herb											x		Cf	4
Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romãnzeira-de-jardim	E	Arv		x	x	x	x	x						x	Cf	1
Rosaceae	<i>Pyracantha coccinea</i> M.Roem.	Espinheiro-ardente	E	Arb	x	x		x	x								Cf	1
Rosaceae	<i>Pyrus communis</i> L.	Pereira	E	Arv		x	x								x		Cf	1
Fagaceae	<i>Quercus canariensis</i> Willd.	Carvalho-de-mochique	A	Arv	x												Cf	1
Fagaceae	<i>Quercus coccifera</i> L.	Carrasco	A	Arb	x				x			x					Cf	1
Fagaceae	<i>Quercus coccifera</i> L. subsp. <i>coccifera</i>	Carrasco	A	Arb													Cf	2
Fagaceae	<i>Quercus coccifera</i> L. subsp. <i>rivasmartinezii</i> Capelo & J.C.Costa	Carrasco	A	Arb	x												Cf	1
Fagaceae	<i>Quercus coccinea</i> Münchh.	Carvalho-americano	E	Arv			x		x								Cf	1
Fagaceae	<i>Quercus estremadurensis</i> O.Schwarz	-	A	Arv	x												Cf	1
Fagaceae	<i>Quercus faginea</i> Lam.	Carvalho-cerquinho	A	Arv					x								Cf	1
Fagaceae	<i>Quercus faginea</i> Lam. subsp. <i>broteroi</i> (Cout.) A.Camus	Carvalho-português	A	Arv	x												Cf	1
Fagaceae	<i>Quercus petraea</i> (Matt.) Liebl.	Carvalho-alvo	E	Arv			x										Cf	1
Fagaceae	<i>Quercus robur</i> L.	Carvalho-alvarinho	A	Arv			x										Cf	1
Fagaceae	<i>Quercus robur</i> L. f. <i>fastigiata</i> Lam	Carvalho	C	Arv					x						x		Cf	1
Fagaceae	<i>Quercus rotundifolia</i> Lam.	Azinheira	A	Arv											x		Cf	3
Fagaceae	<i>Quercus rubra</i> L.	Carvalho-americano	E	Arv											x		Cf	3
Fagaceae	<i>Quercus suber</i> L.	Sobreiro	A	Arv			x		x	x				x	x		Cf	1
Fagaceae	<i>Quercus x marianica</i> C.Vicioso	Carvalho-das-marianicas	A	Arv	x												Cf	1
Ranunculaceae	<i>Ranunculus bullatus</i> L.	Montã-de-outono	A	Herb													Cf	2
Ranunculaceae	<i>Ranunculus ficaria</i> L. subsp. <i>ficaria</i>	Celidónia-menor	A	Herb										x			Cf	1
Ranunculaceae	<i>Ranunculus muricatus</i> L.	Botões-de-ouro	A	Herb		x											Cf	1
Brassicaceae	<i>Raphanus raphanistrum</i> L. subsp. <i>raphanistrum</i>	Cabrestos	A	Herb	x	x						x					Cf	1
Brassicaceae	<i>Rapistrum rugosum</i> (L.) All.	Saramagoda-rocha	A	Herb	x	x											Cf	5

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Strelitziaceae	<i>Ravenala madagascariensis</i> Sonn.	Árvore-do-viajante	E	Arv					x								Cf	1
Asteraceae	<i>Reichardia picroides</i> (L.) Roth	Escorcioneira	A	Herb	x		x										Cf	1
Resedaceae	<i>Reseda lutea</i> L. subsp. <i>lutea</i>	-	A	Herb													Cf	2
Fabaceae	<i>Retama monosperma</i> (L.) Boiss.	Piorno-branco	A	Arb													Cf	2
Rhamnaceae	<i>Rhamnus alaternus</i> L.	Sanguinhotas-sebes	A	Arb	x	x	x	x	x	x		x					Cf	1
Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i> L.	Rícino	EEI	Arb	x		x					x		x			Cf	1
Apiaceae	<i>Ridolfia segetum</i> (L.) Moris	Andrage	A	Herb													Cf	2
Fabaceae	<i>Robinia pseudoacacia</i> L.	Robínia	EEI	Arv	x		x	x								x	Cf	1
Asteraceae	<i>Roldana petasitis</i> (Sims) H. Rob. & Brettell	-	E	Trep						x							Cf	1
Brassicaceae	<i>Rorippa nasturtium-aquaticum</i> (L.) Hayek	Agrião	A	Herb	x		x										Cf	1
Rosaceae	<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	Roseira	E	Arb	x			x									Cf	1
Rosaceae	<i>Rosa sempervirens</i> L.	Roseira-brava-de-folha-perene	A	Trep	x		x										Cf	1
Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i> L. var. <i>officinalis</i>	Alecrim	A	Arb	x	x	x		x			x					Cf	1
Areaceae	<i>Roystonea regia</i> (Kunth) O.F. Cook	Palmeira-imperial	E	Arv												x	Cf	3
Rubiaceae	<i>Rubia peregrina</i> L.	Raspa-língua	A	Herb	x		x					x					Cf	1
Rosaceae	<i>Rubus ulmifolius</i> Schott	Silva-brava	A	Trep	x	x	x	x				x		x			Cf	1
Polygonaceae	<i>Rumex crispus</i> L.	Labaça-crespa	A	Herb													Cf	2
Polygonaceae	<i>Rumex obtusifolius</i> L.	Labaça-de-folha-larga	A	Herb	x							x					Cf	1
Polygonaceae	<i>Rumex pulcher</i> L.	Labaça	A	Herb	x												Cf	1
Asparagaceae	<i>Ruscus aculeatus</i> L.	Gilbardeira	A	Arb	x	x	x	x									Cf	1
Rutaceae	<i>Ruta angustifolia</i> Pers.	Arruda	A	Arb	x												Cf	1
Rutaceae	<i>Ruta montana</i> (L.) L.	Arrudão	A	Arb													Cf	2
Caryophyllaceae	<i>Sagina apetala</i> Ard.	Sagina-das-areias	A	Herb													Cf	2
Salicaceae	<i>Salix alba</i> L.	Salgueiro-branco	I	Arv	x		x										Cf	1
Salicaceae	<i>Salix atrocinerea</i> Brot.	Salgueiro-preto	A	Arv	x		x										Cf	1
Salicaceae	<i>Salix babylonica</i> L.	Salgueiro-chorão	E	Arv	x				x					x	x		Cf	1
Solanaceae	<i>Salpichroa origanifolia</i> (Lam.) Baill.	Orelha-de-ovelha	E	Herb		x	x					x	x				Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA		
Amaranthaceae	<i>Salsola kali</i> L.	Barrilheira-espinhosa	A	Herb									x			Cf	1
Lamiaceae	<i>Salvia greggii</i> A.Gray	-	E	Arb							x					Cf	1
Lamiaceae	<i>Salvia leucantha</i> Cav.	Salvia-bicolor	E	Arb										x		Cf	4
Lamiaceae	<i>Salvia microphylla</i> Kunth.	Rapazinhos	E	Arb			x									Cf	1
Lamiaceae	<i>Salvia sclareoides</i> Brot.	Salva-do-sul	A	Herb												Cf	5
Lamiaceae	<i>Salvia verbenaca</i> L.	Salva-dos-caminhos	A	Herb												Cf	2
Caprifoliaceae	<i>Sambucus ebulus</i> L.	Ébulo	A	Herb	x											Cf	1
Caprifoliaceae	<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro	A	Arb	x		x									Cf	1
Primulaceae	<i>Samolus valerandi</i> L.	Alface-dos-dios	A	Herb										x		Cf	4
Asteraceae	<i>Santolina chamaecyparissus</i> L.	Santolina	A	Arb		x	x	x	x							Cf	1
Dipsacaceae	<i>Scabiosa atropurpurea</i> L.	Suspiros	A	Herb								x				Cf	4
Araliaceae	<i>Schefflera arboricola</i> (Hayata) Merr.	Cheflera	E	Arb						x						Cf	1
Anacardiaceae	<i>Schinus molle</i> L.	Pimenteira-bastarda	E	Arv					x					x	x	Cf	1
Anacardiaceae	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira-do-brasil	E	Arv	x		x								x	Cf	1
Cyperaceae	<i>Scirpoides holoschoenus</i> (L.) Sojak	Bunho	A	Herb	x											Cf	1
Asteraceae	<i>Scolymus hispanicus</i> L.	Cardo-de-ouro	A	Herb	x							x		x		Cf	1
Asteraceae	<i>Scolymus maculatus</i> L.	Cardo-branco	A	Herb												Cf	2
Fabaceae	<i>Scorpiurus muricatus</i> L.	Cornilhão	A	Herb								x				Cf	1
Fabaceae	<i>Scorpiurus sulcatus</i> L.	Cornilhão	A	Herb												Cf	2
Scrophulariaceae	<i>Scrophularia auriculata</i> L.	Erva-das-escaldadelas	A	Herb			x									Cf	1
Scrophulariaceae	<i>Scrophularia scorodonia</i> L.	Trolha	A	Herb		x										Cf	1
Crassulaceae	<i>Sedum album</i> L.	Arroz-dos-telhados	A	Herb		x								x		Cf	1
Crassulaceae	<i>Sedum brevifolium</i> DC.	Arroz-dos-muros	A	Herb	x											Cf	1
Crassulaceae	<i>Sedum rubens</i> L.	Arroz-dos-telhados-vermelho	A	Herb												Cf	2
Asteraceae	<i>Senecio angulatus</i> L. f.	-	E	Trep	x											Cf	1
Asteraceae	<i>Senecio bicolor</i> (Willd) Tod subsp. <i>cinerea</i> (Dc.) Chater	Senécio	EEl	Herb				x								Cf	1
Asteraceae	<i>Senecio jacobaea</i> L.	Erva-de-são-tiago	A	Herb	x	x										Cf	1
Asteraceae	<i>Senecio vulgaris</i> L.	Tasneirinha	A	Herb												Cf	2

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Orchidaceae	<i>Serapias parviflora</i> Parl.	Serapião-de-língua-pequena	A	Herb		x											Cf	1
Rubiaceae	<i>Sherardia arvensis</i> L.	Granza-dos-campos	A	Herb	x												Cf	1
Lamiaceae	<i>Sideritis hirsuta</i> L.	-	A	Herb													Cf	2
Caryophyllaceae	<i>Silene bellidifolia</i> Juss. ex Jacq.	-	A	Herb													Cf	2
Caryophyllaceae	<i>Silene decipiens</i> Barceló	-	A	Herb													Cf	2
Caryophyllaceae	<i>Silene fuscata</i> Link ex Brot.	-	A	Herb													Cf	2
Caryophyllaceae	<i>Silene gallica</i> L.	Erva-mel	A	Herb													Cf	2
Caryophyllaceae	<i>Silene longicilia</i> Link ex Brot.	-	A	Herb													Cf	2
Caryophyllaceae	<i>Silene vulgaris</i> (Moench) Garcke	Erva-traqueira	A	Herb	x												Cf	1
Asteraceae	<i>Silybum marianum</i> (L.) Gaertn.	Cardo-de-santa-maria	A	Herb	x	x											Cf	1
Brassicaceae	<i>Sinapis arvensis</i> L.	Mostarda-dos-campos	A	Herb	x												Cf	1
Smilacaceae	<i>Smilax aspera</i> L.	Salsaparrilha-bastarda	A	Trep	x	x									x		Cf	1
Apiaceae	<i>Smyrnum olusatrum</i> L.	Salsa-de-cavalo	A	Herb	x	x											Cf	1
Solanaceae	<i>Solandra maxima</i> (Moc. & Sessé ex Dunal) P.S.Green.	Solandra-amarela	E	Trep						x							Cf	1
Solanaceae	<i>Solanum nigrum</i> L.	Erva-moura	A	Herb	x	x	x					x					Cf	1
Asteraceae	<i>Sonchus asper</i> (L.) Hill	Serralha-áspera	A	Herb	x	x											Cf	1
Asteraceae	<i>Sonchus oleraceus</i> L.	Serralha-branca	A	Herb	x												Cf	1
Rosaceae	<i>Sorbus aucuparia</i> L.	Tramazeira	A	Arv					x								Cf	1
Malvaceae	<i>Sparmannia africana</i> L. f.	Cânhamo-africano	E	Arb				x		x							Cf	1
Fabaceae	<i>Spartium junceum</i> L.	Giesta-dos-jardins	E	Arb													Cf	2
Caryophyllaceae	<i>Spergula arvensis</i> L.	Esparguta	A	Herb	x												Cf	1
Rosaceae	<i>Spiraea cantoniensis</i> Lour.	Buquê-de-noiva	E	Arb	x	x	x										Cf	1
Rosaceae	<i>Spiraea japonica</i> L. f. cv. 'Bumalda'	Spireia-bumalda	C	Arb					x	x							Cf	1
Orchidaceae	<i>Spiranthes spiralis</i> (L.) Chevall.	-	A	Herb													P	6
Lamiaceae	<i>Stachys arvensis</i> (L.) L.	Rapo-de-raposa	A	Herb													Cf	2
Lamiaceae	<i>Stachys germanica</i> L.	Betónica-da-alemanha	A	Herb											x		Cf	1
Lamiaceae	<i>Stachys ocymastrum</i> (L.) Briq.	Rabo-de-raposa	A	Herb		x						x					Cf	1
Strelitziaceae	<i>Strelitzia nicolai</i> Regel & K.Koch	Estrelícia-gigante	E	Herb					x								Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Strelitziaceae	<i>Strelitzia reginae</i> Aiton	Ave-do-paráiso	E	Herb				x	x	x							Cf	1
Fabaceae	<i>Styphonolobium japonicum</i> (L.) Schott	Acácia-do-japão	E	Arv					x	x						x	Cf	1
Arecaceae	<i>Syagrus romanzoffiana</i> (L.) Schott	Jerivá	E	Arv						x						x	Cf	1
Boraginaceae	<i>Symphytum officinale</i> L.	Consolda-maior	E	Herb								x					Cf	4
Oleaceae	<i>Syringa vulgaris</i> L.	Lilazeiro	E	Arb				x									Cf	1
Asteraceae	<i>Tagetes erecta</i> L.	Cravo-túnico	E	Herb				x									Cf	1
Tamaricaceae	<i>Tamarix africana</i> Poir.	Tamargueira-de-espigas-grossas	A	Arb					x								Cf	1
Tamaricaceae	<i>Tamarix gallica</i> L.	Tamargueira	A	Arv												x	Cf	3
Dioscoreaceae	<i>Tamus communis</i> L.	Uva-de-cão	A	Trep	x	x											Cf	1
Cupressaceae	<i>Taxodium distichum</i> (L.) Rich.	Cipreste-dos-pântanos	E	Arv					x								Cf	1
Taxaceae	<i>Taxus baccata</i> L.	Teixo	A	Arv			x	x	x								Cf	1
Bignoniaceae	<i>Tecoma capensis</i> (Thunb.) Lindl.	Tecomaria	E	Trep	x					x		x					Cf	1
Bignoniaceae	<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. ex Kunth	Ipê-de-jardim	E	Trep										x			Cf	4
Cupressaceae	<i>Tetraclinis auriculata</i> (Vahl) Mast.	Árvore-da-sandaraca	E	Arv	x												Cf	1
Aizoaceae	<i>Tetragonia tetragonoides</i> (Pall.) Kuntze	Espinafres-da-nova-zelândia	E	Herb									x				Cf	1
Lamiaceae	<i>Teucrium fruticans</i> L.	Mato-branco	A	Arb		x			x								Cf	1
Apiaceae	<i>Thapsia villosa</i> L.	Tápsia	A	Herb			x										Cf	1
Brassicaceae	<i>Thlaspi perfoliatum</i> L.	-	A	Herb													Cf	2
Cupressaceae	<i>Thuja plicata</i> Donn ex D. Don	Tuia-gigante	E	Arv												x	Cf	3
Lamiaceae	<i>Thymbra capitata</i> (L.) Cav.	Tomilho-de-creta	A	Arb													Cf	2
Lamiaceae	<i>Thymus vulgaris</i> L. subsp. <i>vulgaris</i>	Tomilho-vulgar	E	Arb				x									Cf	1
Melastomataceae	<i>Tibouchina urvilleana</i> Cogn.	Quaresmeira-anã	E	Arb					x								Cf	1
Malvaceae	<i>Tilia cordata</i> Mill.	Tília-das-folhas-pequenas	E	Arv			x									x	Cf	1
Malvaceae	<i>Tilia platyphyllos</i> Scop.	Tília-de-folhas-grandes	E	Arv	x		x		x								Cf	1
Malvaceae	<i>Tilia tomentosa</i> Moench	Tília-prateada	E	Arv												x	Cf	3
Fabaceae	<i>Tipuana tipu</i> (Benth) Kuntze	Tipuana	E	Arv	x				x							x	Cf	1
Apiaceae	<i>Torilis arvensis</i> (Huds.) Link	Salsinha	A	Herb	x	x	x										Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Campanulaceae	<i>Trachelium caeruleum</i> L. subsp. <i>caeruleum</i>	Flor-de-viúva	A	Trep	x		x										Cf	1
Apocynaceae	<i>Trachelospermum jasminoides</i> (Lindl.) Lem.	Jasmim-estrelado	E	Arb											x		Cf	4
Arecaceae	<i>Trachycarpus fortunei</i> (Hook.) H.A.Wendl.	Palmeira-da-china	E	Arv					x			x					Cf	1
Commelinaceae	<i>Tradescantia fluminensis</i> Vell.	Erva-da-fortuna	EEI	Herb	x	x											Cf	1
Commelinaceae	<i>Tradescantia pallida</i> (Rose) D.R.Hunt	Coração-roxo	E	Herb				x			x						Cf	1
Fabaceae	<i>Trifolium angustifolium</i> L.	Trevo-massaroco	A	Herb	x												Cf	1
Fabaceae	<i>Trifolium arvense</i> L.	Pé-de-lebre	A	Herb													Cf	2
Fabaceae	<i>Trifolium campestre</i> Schreb.	Trevo-amarelo	A	Herb	x												Cf	1
Fabaceae	<i>Trifolium fragiferum</i> L.	Trevo-morango	A	Herb	x		x										Cf	1
Fabaceae	<i>Trifolium incarnatum</i> L.	Trevo-encarnado	E	Herb													Cf	2
Fabaceae	<i>Trifolium repens</i> L.	Trevo-branco	A	Herb	x	x	x								x		Cf	1
Fabaceae	<i>Trifolium repens</i> L. var. <i>repens</i>	Trevo-coroa-de-rei	A	Herb													Cf	2
Fabaceae	<i>Trifolium resupinatum</i> L.	Trevo-da-pérsia	A	Herb											x		Cf	1
Poaceae	<i>Triticum aestivum</i> L.	Trigo	E	Herb								x					Cf	4
Tropaeolaceae	<i>Tropaeolum majus</i> L.	Capuchinhas	EEI	Herb	x	x	x	x				x					Cf	1
Amaryllidaceae	<i>Tulbaghia violacea</i> Harv.	Alho-social	E	Herb			x	x	x	x	x				x		Cf	1
Typhaceae	<i>Typha angustifolia</i> L.	Tábua-estreita	A	Herb	x			x									Cf	1
Typhaceae	<i>Typha domingensis</i> Pers.	Tábua	A	Herb		x											Cf	1
Ulmaceae	<i>Ulmus americana</i> L.	Ulmeiro-americano	E	Arv												x	Cf	3
Ulmaceae	<i>Ulmus glabra</i> Huds.	Ulmeiro-da-montanha	E	Arv												x	Cf	3
Ulmaceae	<i>Ulmus minor</i> Mill.	Ulmeiro	A	Arv	x		x	x									Cf	1
Crassulaceae	<i>Umbilicus rupestris</i> (Salisb.) Dandy	Umbigo-de-vénus	A	Herb	x		x								x		Cf	1
Asparagaceae	<i>Urginea maritima</i> (L.) Stearn	Cebola-albarrã	A	Herb	x							x					Cf	1
Asteraceae	<i>Urospermum picroides</i> (L.) F.W.Schmidt	Leituga-de-burro	A	Herb	x												Cf	1
Urticaceae	<i>Urtica dioica</i> L.	Urtiga	A	Herb	x												Cf	1
Urticaceae	<i>Urtica membranacea</i> Poir.	Urtiga	A	Herb	x												Cf	1
Rubiaceae	<i>Valantia muralis</i> L.	-	A	Herb													Cf	2
Scrophulariaceae	<i>Verbascum sinuatum</i> L.	Verbasco-ondeado	A	Herb	x							x					Cf	1
Scrophulariaceae	<i>Verbascum virgatum</i> Stokes	Blatária-maior	A	Herb	x										x		Cf	1

Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	Local											Oc	F	
					QRMP	JPRC	JFPB	JPMP	PP	JMO	JQSC	PJ	FC	OE	AA			
Verbenaceae	<i>Verbena rigida</i> Sprengel	Verbena	E	Herb						x							Cf	1
Verbenaceae	<i>Verbena tenera</i> Sprengel cv.'Sissinghurst'	-	C	Herb						x							Cf	1
Scrophulariaceae	<i>Veronica persica</i> Poir.	Verónica-da-pérsia	E	Herb	x												Cf	1
Scrophulariaceae	<i>Veronica polita</i> Fr.	-	A	Herb	x												Cf	1
Adoxaceae	<i>Viburnum tinus</i> L.	Folhado	A	Arb	x	x	x	x	x	x		x					Cf	1
Fabaceae	<i>Vicia sativa</i> L.	Ervilhaca-comum	A	Herb	x	x						x					Cf	1
Apocynaceae	<i>Vinca difformis</i> Pourr. subsp. <i>difformis</i>	Congossa	A	Herb	x	x	x										Cf	1
Violaceae	<i>Viola × wittrockiana</i> Gams	Amores-perfeitos	C	Herb	x												Cf	4
Lamiaceae	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Agno-casto	E	Arb				x									Cf	1
Vitaceae	<i>Vitis vinifera</i> L.	Videira-europeia	A	Trep			x										Cf	1
Arecaceae	<i>Washingtonia filifera</i> (Linden ex André) H.Wendl. ex de Bary	Palmeira-da-califórnia	E	Arv				x	x	x						x	Cf	1
Arecaceae	<i>Washingtonia robusta</i> Wendland	Palmeira-do-méxico	E	Arv					x	x						x	Cf	1
Diervillaceae	<i>Weigela florida</i> (Bunge) A. DC.	Veigela	E	Arb					x	x							Cf	1
Fabaceae	<i>Wisteria sinensis</i> (Sims) Sweet	Glicínia	E	Trep			x	x		x							Cf	1
Fabaceae	<i>Xanthium strumarium</i> L.	Bardana-menor	A	Herb	x												Cf	1
Asparagaceae	<i>Yucca gigantea</i> Lem.	lúca-elefante	E	Arb					x	x					x		Cf	1
Asparagaceae	<i>Yucca gloriosa</i> L.	lúca	E	Arb					x						x		Cf	1
Araceae	<i>Zantedeschia aethiopica</i> (L.) Spreng.	Jarro-de-jardim	E	Herb	x	x		x		x	x						Cf	1

Legenda	
Origem (Or)	A - Autóctone, A (A) - Autóctone nos Açores; A (M) - Autóctone na Madeira, C - Cultivar, E - Exótica, EEI - Exótica Invasora, I - Indefinida
Tipo	Arb - Arbusto ou de porte arbustivo, Arv - Árvore ou de porte arbóreo, Herb - Planta herbácea, Trep - Trepadeira
Local	AA - Árvore de Arruamento, FC - Faixa Costeira, JFPB - Jardins da Fábrica da Pólvora de Barcarena; JPMP - Jardim do Palácio do Marquês de Pombal, JPRC - Jardim do Paço Real de Caxias, JQSC - Jardim da Quinta dos Sete Castelos, JMO - Jardim Municipal de Oeiras, OE - Outros espaços verdes e áreas dispersas pelo município, PJ - Parque Jamor, PP - Parque dos Poetas, QRMP - Quinta de Recreio do Marquês de Pombal
Ocorrência no município (Oc)	Cf - Confirmada, P - Provável
Fontes (F)	1 - Levantamentos realizados pelos biólogos da DGA, 2 - Flora-On, 3 - Levantamentos de técnicos da DGEV, 4 - Biodiversity4All, 5 - TAGIS, 6 - Associação de Orquídeas Silvestres de Portugal, 7 - Soares, C.G. (2010), 8 - Dados relativos a armadilhagem fotográfica, realizada pela DGA, 9 - Atlas dos Mamíferos de Portugal, 10 - Ebird, 11 - Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal, 12 - Relatório de monitorização da Ictiofauna, 13 - Azevedo, M. (2020), 14 - Afonso, I. (2018), 15 - Ramajal, J. (2012)

Anexo IV – Espécies de Flora Vascular RELAPE

Família	Espécie	Nome comum	Tipo	Rara	End	Localizadas	EC	Estatuto de Proteção
Plantaginaceae	<i>Antirrhinum linkianum</i> Boiss. & Reut.	Bocas-de-lobo	Herb	-	Pt + Esp	-	NE	-
Asteraceae	<i>Crepis pusilla</i> (Sommier) Merxm.	-	Herb	x	-	-	VU	DH - II e IV
Iridaceae	<i>Crocus serotinus</i> Salisb. subsp. <i>clusii</i> (Gay) B.Matew	Açafrão-bravo	Herb	-	Pt + Esp	-	NE	-
Caryophyllaceae	<i>Dianthus broteri</i> Boiss. & Reut.	-	Arb	-	Pt + Esp	-	NE	-
Dipsacaceae	<i>Dipsacus comosus</i> Hoffmanns. & Link	Cardo-penteador	Herb	-	Pt + Esp	-	NE	-
Fabaceae	<i>Genista tournefortii</i> Spach subsp. <i>tournefortii</i>	-	Arb	-	Pt + Esp	-	NE	-
Araliaceae	<i>Hedera maderensis</i> K.Koch ex A.Rutherf. subsp. <i>iberica</i> McAll.	-	Trep	-	Pt + Esp	-	NE	-
Iridaceae	<i>Iris subbiflora</i> Brot.	Lírio-roxos-montes	Herb	-	Pt + Esp	-	NE	-
Lamiaceae	<i>Lavandula stoechas</i> L. subsp. <i>luisieri</i> Rozeira	Rosmaninho	Arb	-	Pt + Esp	-	NE	-
Hydrocharitaceae	<i>Najas marina</i> L. subsp. <i>marina</i>	Carrapêto-da-lagoa	Herb	x	-	-	NE	-
Amaryllidaceae	<i>Narcissus bulbocodium</i> L.	Campainhas-amarelas	Herb	-	-	-	LC	DH - V
Fagaceae	<i>Quercus coccifera</i> L. subsp. <i>rivasmartinezii</i> Capelo & J.C.Costa	Carrasco	Arb	-	Pt	-	LC	-
Asparagaceae	<i>Ruscus aculeatus</i> L.	Gilbardeira	Arb	-	-	-	LC	DH - V
Lamiaceae	<i>Salvia sclareoides</i> Brot.	Salva-do-sul	Herb	-	Pt + Esp	-	NE	-
Caryophyllaceae	<i>Silene longicilia</i> Link ex Brot.	-	Herb	-	Pt	-	LC	DH - II e IV

Tipo	Arb - Arbusto ou de porte arbustivo, Arv - Árvore ou de porte arbóreo, Herb - Planta herbácea, Trep - Trepadeira
Endemismos (End)	Pt - Espécies endémicas de Portugal Continental, Pt + Esp - Espécies endémicas da Península Ibérica
Origem (Or)	A - Autóctone, E - Exótica, EEI - Exótica Invasora
Estatuto de Conservação (EC)	NE - Não Avaliado, NA - Não Aplicável, DD - Informação insuficiente, LC - Pouco Preocupante, NT - Quase Ameaçado, VU - Vulnerável, EN - Em Perigo, CR - Criticamente em Perigo, RE - Regionalmente Extinto
Estatuto de Proteção	Berna - Convenção de Berna, Bona - Convenção de Bona, DH - Diretiva Habitats, DA - Diretiva Aves, CITES - Convenção CITES

Anexo V – Espécies Exóticas Invasoras (EEI) de Flora Vascular

Família	Espécie	Nome comum	Tipo
Fabaceae	<i>Acacia dealbata</i> Link	Acácia-mimosa	Arv
Fabaceae	<i>Acacia longifolia</i> (Andrews) Willd.	Acácia-de-espigas	Arv
Fabaceae	<i>Acacia melanoxylon</i> R.Br.	Acácia-austrália	Arv
Fabaceae	<i>Acacia saligna</i> (Labill.) H. L. Wendl.	Acácia	Arv
Sapindaceae	<i>Acer negundo</i> L.	Bôrdo-negundo	Arv
Asparagaceae	<i>Agave americana</i> L.	Piteira	Arb
Asteraceae	<i>Ageratina adenophora</i> (Spreng.) R. M. King et H. Rob.	Abundância	Arb
Simaroubaceae	<i>Ailanthus altissima</i> (Mill.) Swingle	Espanta-lobos	Arv
Amaranthaceae	<i>Amaranthus deflexus</i> L.	Beldro-perene	Herb
Asteraceae	<i>Arctotheca calendula</i> (L.) Levyns	Erva-gorda	Herb
Poaceae	<i>Arundo donax</i> L.	Cana	Herb
Asteraceae	<i>Aster squamatus</i> (Spreng.) Hieron.	Estrela-comum	Herb
Asteraceae	<i>Bidens aurea</i> (Aiton) Sherff	Chá-de-marrocos	Herb
Asteraceae	<i>Bidens frondosa</i> L.	Erva-rapa	Herb
Aizoaceae	<i>Carpobrotus edulis</i> (L.) N. E. Br. in E. Phillips	Chorão-das-praias	Herb
Asteraceae	<i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronquist	Avoadinha-peluda	Herb
Poaceae	<i>Cortaderia selloana</i> (Schult. et Schult. f.) Asch. et Graebn.	Erva-das-pampas	Herb
Solanaceae	<i>Datura stramonium</i> L.	Erva-do-diabo	Herb
Asteraceae	<i>Erigeron karvinskianus</i> DC.	Vitadânia-das-floristas	Herb
Fabaceae	<i>Gleditsia triacanthos</i> L.	Espinheiro-da-virgínia	Arv
Apocynaceae	<i>Gomphocarpus fruticosus</i> (L.) W.T.Aiton	Algodoeiro-falso	Arb
Convolvulaceae	<i>Ipomoea indica</i> (Burm.) Merr.	Bons-dias	Herb
Verbenaceae	<i>Lantana camara</i> L.	Lantana	Arb
Caprifoliaceae	<i>Lonicera japonica</i> Thunb.	Madressilva-dos-jardins	Arb
Cactaceae	<i>Opuntia maxima</i> Mill.	Figueira-da-índia	Arb
Oxalidaceae	<i>Oxalis pes-caprae</i> L.	Trevo-azedo	Herb
Paulowniaceae	<i>Paulownia tomentosa</i> (Thunb.) Steud.	Árvore-da-imperatriz	Arv
Poaceae	<i>Pennisetum setaceum</i> (Forssk.) Chiov.	Penisetum	Herb
Poaceae	<i>Pennisetum villosum</i> R.Br. ex Fresen.	Plumas-de-seda	Herb
Pittosporaceae	<i>Pittosporum undulatum</i> Vent.	Árvore-do-incenso	Arv
Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i> L.	Rícino	Arb
Fabaceae	<i>Robinia pseudoacacia</i> L.	Robínia	Arv
Asteraceae	<i>Senecio bicolor</i> (Willd) Tod subsp. <i>cinerea</i> (Dc.) Chater	Senécio	Herb
Commelinaceae	<i>Tradescantia fluminensis</i> Vell.	Erva-da-fortuna	Herb
Tropaeolaceae	<i>Tropaeolum majus</i> L.	Capuchinhas	Herb

Anexo VI – Macroalgas

Grupo	Família	Espécie	Nome comum	Or	EC	Oc	F
Algas vermelhas	Delesseriaceae	<i>Acrosorium ciliolatum</i> (Harvey) Kylin	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Callithamniaceae	<i>Aglaothamnion bipinnatum</i> (P.L.Crouan & H.M.Crouan) Feldmann & G.Feldmann	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Callithamniaceae	<i>Aglaothamnion feldmanniae</i> Halos	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Callithamniaceae	<i>Aglaothamnion pseudobyssoides</i> (P.L.Crouan & H.M.Crouan) Halos	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Wrangeliaceae	<i>Anotrichium furcellatum</i> (J.Agardh) Baldock	-	EEI	NA	Cf	7
Algas vermelhas	Ceramiaceae	<i>Antithamnion cruciatum</i> (C.Agardh) Nägeli	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Ceramiaceae	<i>Antithamnion villosum</i> (Kützing) Athanasiadis	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Ceramiaceae	<i>Antithamnionella multiglandulosa</i> A.Secilla, A.Santolaria, I.Diez & J.M.Gorostiaga	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Ceramiaceae	<i>Antithamnionella ternifolia</i> (J.D.Hooker & Harvey) Lyle	-	EEI	NA	Cf	7
Algas vermelhas	Rhodomelaceae	<i>Aphanocladia stichidiosa</i> (Funk) Ardré	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Delesseriaceae	<i>Apoglossum ruscifolium</i> (Turner) J.Agardh	-	A	NE	Cf	7
Algas castanhas	Bachelotiaceae	<i>Bachelotia antillarum</i> (Grunow) Gerloff	-	A	NE	Cf	7
Algas verdes	Bryopsidaceae	<i>Bryopsis hypnoides</i> J.V.Lamouroux	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Rhodomelaceae	<i>Carradoriella denudata</i> (Dillwyn) Savoie & G.W.Saunders	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Caulacanthaceae	<i>Catenella caespitosa</i> (Withering) L.M.Irvine	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Caulacanthaceae	<i>Caulacanthus ustulatus</i> (Mertens ex Turner) Kützing	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Ceramiaceae	<i>Ceramium diaphanum</i> (Lightfoot) Roth	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Ceramiaceae	<i>Ceramium echionotum</i> J.Agardh	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Ceramiaceae	<i>Ceramium virgatum</i> Roth	-	A	NE	Cf	7
Algas verdes	Cladophoraceae	<i>Chaetomorpha aerea</i> (Dillwyn) Kützing	-	A	NE	Cf	7
Algas verdes	Cladophoraceae	<i>Chaetomorpha ligustica</i> (Kützing) Kützing	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Champiaceae	<i>Champia parvula</i> (C.Agardh) Harvey	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Gigartinaceae	<i>Chondracanthus acicularis</i> (Roth) Fredericq	Barranha	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Rhodomelaceae	<i>Chondria coerulescens</i> (J.Agardh) Falkenberg	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Gigartinaceae	<i>Chondrus crispus</i> Stackh.	Musgo-irlandês	A	NE	P	4
Algas verdes	Cladophoraceae	<i>Cladophora albida</i> (Nees) Kützing	-	A	NE	Cf	7
Algas verdes	Cladophoraceae	<i>Cladophora laetevirens</i> (Dillwyn) Kützing	-	A	NE	Cf	7
Algas verdes	Cladophoraceae	<i>Cladophora prolifera</i> (Roth) Kützing	-	A	NE	Cf	7
Algas castanhas	Cladostephaceae	<i>Cladostephus spongiosus</i> (Huds.) C.Agardh	-	A	NE	Cf	7
Algas verdes	Codiaceae	<i>Codium adhaerens</i> C.Agardh	-	A	NE	P	4
Algas verdes	Codiaceae	<i>Codium fragile</i> subsp. <i>fragile</i> (Suringar) Hariot	-	E	NA	Cf	7

Grupo	Família	Espécie	Nome comum	Or	EC	Oc	F
Algas verdes	Codiaceae	<i>Codium tomentosum</i> Stackhouse	Chorão-do-mar	A	NE	Cf	7
Algas castanhas	Scytosiphonaceae	<i>Colpomenia peregrina</i> Sauvageau	-	EEl	NA	Cf	7
Algas vermelhas	Wrangeliaceae	<i>Compsothamnion decompositum</i> (J.Agardh) Maggs & L'Hardy-Halos	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Wrangeliaceae	<i>Compsothamnion thuioides</i> (Smith) Nägeli	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Corallinaceae	<i>Corallina officinalis</i> Linnaeus	Alga-coralina	A	NE	Cf	4
Algas castanhas	Cutleriaceae	<i>Cutleria multifida</i> (Turner) Greville	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Delesseriaceae	<i>Dasya corymbifera</i> J.Agardh	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Delesseriaceae	<i>Dasya ocellata</i> (Grateloup) Harvey	-	A	NE	Cf	7
Algas castanhas	Dictyotaceae	<i>Dictyota dichotoma</i> (Hudson) J.V.Lamouroux	-	A	NE	Cf	7
Algas castanhas	Ectocarpaceae	<i>Ectocarpus fasciculatus</i> Harvey	-	A	NE	Cf	7
Algas castanhas	Ectocarpaceae	<i>Ectocarpus siliculosus</i> (Dillwyn) Lyngbye	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Corallinaceae	<i>Ellisolandia elongata</i> (J.Ellis & Solander) K.R.Hind & G.W.Saunders	Coralina-carenada	A	NE	Cf	4
Algas vermelhas	Delesseriaceae	<i>Erythroglossum lusitanicum</i> Ardré	-	A	NE	Cf	7
Algas castanhas	Acinetosporaceae	<i>Feldmannia mitchelliae</i> (Harvey) H.-S.Kim	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Gelidiaceae	<i>Gelidium corneum</i> (Hudson) J.V.Lamouroux	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Gelidiaceae	<i>Gelidium pusillum</i> (Stackhouse) Le Jolis	-	A	NE	Cf	7
Algas castanhas	Stypocaulaceae	<i>Halopteris filicina</i> (Gratel.) Kützing	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Rhodomelaceae	<i>Herposiphonia secunda</i> (C.Agardh)	-	A	NE	Cf	7
Algas castanhas	Acinetosporaceae	<i>Hincksia granulosa</i> (Smith) P.C. Silva	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Corallinaceae	<i>Jania squamata</i> (Linnaeus) J.H.Kim, Guiry & H.-G.Choi	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Rhodomelaceae	<i>Leptosiphonia brodiei</i> (Dillwyn) Savoie & G.W. Saunders	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Lomentariaceae	<i>Lomentaria clavellosa</i> (Turner) Gaillon	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Rhodomelaceae	<i>Melanothamnus sphaerocarpus</i> (Børgesen) Díaz-Tapia & Maggs	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Rhodomelaceae	<i>Melanothamnus collabens</i> (C.Agardh) Díaz-Tapia & Maggs	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Palmariaceae	<i>Palmaria palmata</i> (Linnaeus) F.Weber & D.Mohr	-	A	NE	Cf	7
Algas verdes	Derbesiaceae	<i>Pedobesia simplex</i> (Meneghini ex Kützing) M.J.Wynne & Leliaert	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Plocamiaceae	<i>Plocamium cartilagineum</i> (Linnaeus) P.S.Dixon	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Rhodomelaceae	<i>Polysiphonia atlantica</i> Kapraun & J.N.Norris	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Bangiaceae	<i>Porphyra umbilicalis</i> Kützing	Folhuda	A	NE	Cf	7

Grupo	Família	Espécie	Nome comum	Or	EC	Oc	F
Algas vermelhas	Pterocladaceae	<i>Pterocladia melanoidea</i> (Schousboe ex Bornet) Santelices & Hommersand	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Rhodomelaceae	<i>Pterosiphonia complanata</i> (Clemente) Falkenberg	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Ceramiales	<i>Pterothamnion crispum</i> (Ducluzeau) Nägeli	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Ceramiales	<i>Pterothamnion plumula</i> (J.Ellis) Nägeli	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Rhodothamniellaceae	<i>Rhodothamniella floridula</i> (Dillwyn) Feldmann	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Rhodymeniaceae	<i>Rhodymenia holmesii</i> Ardissonne	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Wrangeliaceae	<i>Spermothamnion repens</i> (Dillwyn) Rosenvinge	-	A	NE	Cf	7
Algas castanhas	Sphacelariaceae	<i>Sphacelaria rigidula</i> Kützinger	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Rhodomelaceae	<i>Symphyocladia marchantioides</i> (Harvey) Falkenberg	-	EEl	NA	Cf	7
Algas verdes	Ulvaceae	<i>Ulva intestinalis</i> Linnaeus	-	A	NE	Cf	7
Algas verdes	Ulvaceae	<i>Ulva lactuca</i> Linnaeus	Alface-do-mar	A	NE	Cf	4
Algas verdes	Ulvaceae	<i>Ulva linza</i> Linnaeus	-	A	NE	Cf	7
Algas verdes	Ulvaceae	<i>Ulva prolifera</i> O.F.Müller	-	A	NE	Cf	7
Algas verdes	Ulvaceae	<i>Ulva rigida</i> C.Agardh	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Rhodomelaceae	<i>Vertebrata furcellata</i> (C.Agardh) Kuntze	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Rhodomelaceae	<i>Xiphosiphonia ardrea</i> (Maggs & Hommersand) Savoie & G.W.Saunders Maggs & Hommersand	-	A	NE	Cf	7
Algas vermelhas	Rhodomelaceae	<i>Xiphosiphonia pennata</i> (C.Agardh) Savoie & G.W.Saunders	-	A	NE	Cf	7

Anexo VII – Briófitas

Família	Espécie	Nome comum	Local	Oc	F
Hedwigiaceae	<i>Hedwigia ciliata</i> (Hedw.) P.Beauv.	-	QRMP	P	4
Lunulariaceae	<i>Lunularia cruciata</i> (L.) Lindb.	Lunulária	-	Cf	4
Neckeraceae	<i>Pseudanomodon attenuatus</i> (Hedw.) Ignatov & Fedosov	-	PJ	P	4
Pottiaceae	<i>Tortula muralis</i> Hedw.	-	-	Cf	4

Origem (Or)	A - Autóctone, E - Exótica, EEI - Exótica Invasora
Estatuto de Conservação (EC)	NE - Não Avaliado, NA - Não Aplicável, DD - Informação insuficiente, LC - Pouco Preocupante, NT - Quase Ameaçado, VU - Vulnerável, EN - Em Perigo, CR - Criticamente em Perigo, RE - Regionalmente Extinto
Ocorrência no município (Oc)	Cf - Confirmada, P - Provável
Fontes (F)	1 - Levantamentos realizados pelos biólogos da DGA, 2 - Flora-On, 3 - Levantamentos de técnicos da DGEV, 4 - Biodiversity4All, 5 - TAGIS, 6 - Associação de Orquídeas Silvestres de Portugal, 7 - Soares, C.G. (2010), 8 - Dados relativos a armadilhagem fotográfica, realizada pela DGA, 9 - Atlas dos Mamíferos de Portugal, 10 - Ebird, 11 - Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal, 12 - Relatório de monitorização da Ictiofauna, 13 - Azevedo, M. (2020), 14 - Afonso, I. (2018), 15 - Ramajal, J. (2012)

Anexo VIII – Fungos

Tipo	Família	Espécie	Nome comum	Local	Oc	F
Saprófito	Agaricaceae	<i>Agaricus arvensis</i> Schaeff.	Bola-de-neve	-	P	4
Saprófito	Strophariaceae	<i>Agrocybe pediades</i> (Fr.) Fayod	-	-	P	4
Saprófito	Strophariaceae	<i>Agrocybe praecox</i> (Pers.) Fayod	-	-	P	4
Saprófito	Strophariaceae	<i>Agrocybe putaminum</i> (Maire) Singer	-	-	P	4
Saprófito	Hypoxylaceae	<i>Daldinia concentrica</i> (Bolton) Ces. & De Not.	Bola-de-carvão	PJ	P	1
Micorrízico	Amanitaceae	<i>Amanita pantherina</i> (DC.) Krombh.	Manita-pantera	-	P	4
Micorrízico	Amanitaceae	<i>Amanita vaginata</i> (Bull.) Lam.	-	-	P	4
Saprófito	Agaricaceae	<i>Chlorophyllum rachodes</i> (Vittad.) Vellinga	Parasol-de-carne-vermelha	-	P	4
Saprófito	Phallaceae	<i>Clathrus ruber</i> P. Micheli ex Pers.	Gaiola-de-bruxa	JFPB	Cf	1
Saprófito	Agaricaceae	<i>Clitocybe gibba</i> (Pers.) P.Kumm.	-	-	P	4
Saprófito / Parasita	Coniophoraceae	<i>Coniophora puteana</i> (Schumach.) P. Karst.	-	JQSC	Cf	1
Saprófito	Psathyrellaceae	<i>Coprinellus disseminatus</i> (Pers.) J.E.Lange	-	-	P	4
Saprófito	Psathyrellaceae	<i>Coprinellus micaceus</i> (Bull.) Vilgalys, Hopple & Jacq. Johnson	-	-	P	4
Saprófito	Psathyrellaceae	<i>Coprinopsis lagopus</i> (Fr.) Redhead, Vilgalys & Moncalvo	-	-	P	4
Saprófito	Agaricaceae	<i>Coprinus comatus</i> (O.F. Müll.) Pers.	Coprino-cabeludo	-	P	4
Saprófito	Strophariaceae	<i>Cyclocybe aegerita</i> (V. Brig.) Vizzini	-	QRMP	P	1
Saprófito / Parasita	Hymenochaetaceae	<i>Fomitiporia robusta</i> (P.Karst.) Fiasson & Niemelä	-	-	P	4
Saprófito	Hygrophoraceae	<i>Hygrocybe conica</i> (Schaeff.) P. Kumm.	-	-	P	4
Parasita	Hypocreaceae	<i>Hypomyces chrysospermus</i> Tulasne & C. Tulasne	-	-	P	4
Saprófito / Parasita	Hymenochaetaceae	<i>Inonotus hispidus</i> (Bull.) P. Karst.	-	PJ, QRMP	P	1
Micorrízico	Russulaceae	<i>Lactarius deliciosus</i> (L.) Gray	Sancha	-	P	4
Saprófito / Parasita	Laetiporaceae	<i>Laetiporus sulphureus</i> (Bull.) Murrill	Galinha-do-bosque	-	P	4
Saprófito	Tricholomataceae	<i>Lepista nuda</i> (Bull.) Cooke	Pé-azul	-	P	4
Saprófito	Strophariaceae	<i>Leratiomyces ceres</i> (Cooke & Masee) Spooner & Bridge	-	-	P	4
Saprófito	Agaricaceae	<i>Leucoagaricus americanus</i> (Peck) Vellinga	-	-	P	4
Saprófito	Agaricaceae	<i>Leucoagaricus leucothites</i> (Vittad.) Wasser	Leucoagárico	-	P	4
Saprófito	Agaricaceae	<i>Leucocoprinus cepistipes</i> (Sowerby) Pat.	-	-	P	4
Saprófito	Agaricaceae	<i>Macrolepiota procera</i> (Scop.) Singer	Frades	-	P	4
Saprófito	Tricholomataceae	<i>Mycena leptcephala</i> (Pers.) Gillet	-	PJ	P	1
Saprófito	Gloeophyllaceae	<i>Neolentinus ponderosus</i> (O. K. Mill.) Redhead & Ginns	-	-	P	4
Saprófito	Incerta	<i>Panaeolus antillarum</i> (Fr.) Dennis	-	-	P	4
Saprófito	Pluteaceae	<i>Pluteus cervinus</i> (Schaeff.) P. Kumm	-	-	P	4
Saprófito	Pluteaceae	<i>Pluteus salicinus</i> (Pers.) P. Kumm.	-	-	P	4
Saprófito / Parasita	Hymenochaetaceae	<i>Porodaedalea pini</i> (Brot.) Murrill	-	JPRC, PJ	Cf	1
Saprófito	Psathyrellaceae	<i>Psathyrella candolleana</i> (Fr.) Maire	-	-	P	4

Tipo	Família	Espécie	Nome comum	Local	Oc	F
Saprófito	Tricholomataceae	<i>Pseudoclitocybe cyathiformis</i> (Bull.) Singer	-	-	P	4
Saprófito	Omphalotaceae	<i>Rhodocollybia butyracea</i> (Bull.) Lennox	-	-	P	4
Micorrízico	Russulaceae	<i>Russula mariae</i> Peck	-	-	P	4
Micorrízico	Russulaceae	<i>Russula xerampelina</i> (Schaeff.) Fr.	-	-	P	4
Micorrízico	Suillaceae	<i>Suillus granulatus</i> (L.) Roussel	-	-	P	4
Saprófito	Pluteaceae	<i>Volvopluteus gloiocephalus</i> (DC.) Vizzini, Contu & Justo	-	QRMP	P	1

Anexo IX – Líquenes

Tipo	Família	Espécie	Nome comum	Local	Oc	F
Crustoso	Arthoniaceae	<i>Arthonia atra</i> (Pers.) A. Schneid.	-	-	Cf	4
Crustoso	Caliciaceae	<i>Buellia arborea</i> Coppins & Tønsberg	-	-	P	4
Crustoso	Caliciaceae	<i>Buellia disciformis</i> (Fr.) Mudd	-	-	Cf	4
Crustoso	Caliciaceae	<i>Buellia erubescens</i> Arnold	-	-	P	4
Crustoso	Teloschistaceae	<i>Caloplaca cerina</i> (Ehrh. ex Hedwig) Th. Fr.	-	-	Cf	4
Foliáceo	Candelariaceae	<i>Candelaria concolor</i> (Dickson) Stein	-	PJ	Cf	1
Crustoso	Chrysothriaceae	<i>Chrysothrix candelaris</i> (L.) J.R. Laundon	Líquene-pó-de-ouro	PJ	Cf	1
Fruticuloso	Cladoniaceae	<i>Cladonia ramulosa</i> (With.) J. R. Laundon	-	-	Cf	4
Foliáceo	Collemaataceae	<i>Collema furfuraceum</i> Du Rietz	-	PJ	Cf	1
Crustoso	Roccellaceae	<i>Dendrographa decolorans</i> (Turner & Borrer ex. Sm.) Ertz & Tehler	-	QRMP	Cf	1
Crustoso	Caliciaceae	<i>Diploicia canescens</i> (Dicks.) A. Massal.	Diploicia	PJ, QRMP	Cf	1
Fruticuloso	Parmeliaceae	<i>Evernia prunastri</i> (L.) Ach.	Orzella-do-reino	-	Cf	4
Foliáceo	Parmeliaceae	<i>Flavoparmelia caperata</i> (L.) Hale	Parmélia-verde	PJ, QRMP	Cf	1
Foliáceo	Parmeliaceae	<i>Flavoparmelia soredians</i> (Nyl.) Hale	-	PJ	Cf	1
Foliáceo	Physciaceae	<i>Hyperphyscia adglutinata</i> (Flörke) H. Mayrhofer & Poelt	-	QRMP	Cf	1
Foliáceo	Parmeliaceae	<i>Hypotrachyna minarum</i> (Vain.) Krog & Swinsc.	-	-	P	4
Crustoso	Thelenellaceae	<i>Julella vitrispora</i> (Cooke & Harkness) M. E. Barr	-	-	P	4
Crustoso	Lecanoraceae	<i>Lecanora rubicunda</i> Bagl.	-	-	P	4
Crustoso	Lecanoraceae	<i>Lecidella elaeochroma</i> (Ach.) M. Choisy	-	-	Cf	4
Crustoso	Pertusariaceae	<i>Pertusaria albescens</i> (Huds.) M. Choisy & Werner	-	PJ	Cf	1
Crustoso	Stereocaulaceae	<i>Lepraria finkii</i> (B. de Lesd.) R.C. Harris	-	PJ	P	1
Parasita	Corticaceae	<i>Marchandiomyces corallinus</i> (Roberge) Diederich & D. Hawksw.	-	-	Cf	4
Foliáceo	Parmeliaceae	<i>Parmotrema hypoleucinum</i> (J. Steiner) Hale	Parmotrema	PJ	Cf	1
Foliáceo	Parmeliaceae	<i>Parmotrema hypotropum</i> (Nyl.) Hale	-	PJ	P	1

Tipo	Família	Espécie	Nome comum	Local	Oc	F
Foliáceo	Parmeliaceae	<i>Parmotrema perlatum</i> (Huds.) M. Choisy	Flor-de-pedra	PJ	Cf	1
Foliáceo	Parmeliaceae	<i>Parmotrema reticulatum</i> (Taylor) M. Choisy	Líquene-plissado-reticulado	PJ	Cf	1
Crustoso	Pertusariaceae	<i>Pertusaria heterochroa</i> (Müll. Arg.) Erichsen	-	-	P	4
Crustoso	Pertusariaceae	<i>Pertusaria hymenea</i> (Ach.) Schaer.	-	-	P	4
Crustoso	Pertusariaceae	<i>Pertusaria pertusa</i> (L.) Tuck.	-	PJ, QRMP	Cf	1
Foliáceo	Physciaceae	<i>Phaeophyscia hirsuta</i> (Mereschk.) Essl.	-	QRMP	Cf	1
Foliáceo	Physciaceae	<i>Phaeophyscia orbicularis</i> (Neck.) Moberg	-	PJ	Cf	1
Crustoso	Phlyctidaceae	<i>Phlyctis agelaea</i> (Ach.) Flot.	-	-	P	4
Crustoso	Phlyctidaceae	<i>Phlyctis argena</i> (Sprengel) Flotow	-	PJ	Cf	1
Foliáceo	Physciaceae	<i>Physcia adscendens</i> (Fr.) H. Olivier	Líquene-de-capuz	PJ	Cf	1
Foliáceo	Physciaceae	<i>Physcia clementei</i> (Sm.) Lyngé	-	PJ	Cf	1
Foliáceo	Physciaceae	<i>Physcia tenella</i> (Scop.) DC.	-	-	P	4
Foliáceo	Physciaceae	<i>Physcia tribacioides</i> Nyl.	-	-	Cf	4
Crustoso	Lecideaceae	<i>Porpidia albocaerulescens</i> (Wulfen) Hertel & Knoph	-	PJ	Cf	1
Foliáceo	Parmeliaceae	<i>Punctelia subrudecta</i> (Nyl.) Krog	-	-	P	4
Crustoso	Lecanoraceae	<i>Pyrrhospora quernea</i> (Dickson) Körb.	-	-	P	4
Foliáceo	Caliciaceae	<i>Pyxine soredata</i> (Ach.) Mont.	-	-	P	4
Foliáceo	Caliciaceae	<i>Pyxine subcinerea</i> Stirton	-	-	P	4
Fruticuloso	Ramalinaceae	<i>Ramalina canariensis</i> J. Steiner	-	PJ, QRMP	Cf	1
Fruticuloso	Ramalinaceae	<i>Ramalina fraxinea</i> (L.) Ach.	-	-	Cf	4
Fruticuloso	Ramalinaceae	<i>Ramalina lacera</i> (With.) J. R. Laundon	-	PJ, QRMP	Cf	1
Foliáceo	Collemataceae	<i>Scytinium schraderi</i> (Bernh.) Otálora, P.M. Jørg. & Wedin	-	-	P	4
Foliáceo	Teloschistaceae	<i>Xanthoria calcicola</i> Oxner	-	-	Cf	4
Foliáceo	Teloschistaceae	<i>Xanthoria parietina</i> (L.) Th. Fr.	Líquene-dos-telhados	PJ, PP, QRMP	Cf	1
Parasita	Teratosphaeriaceae	<i>Xanthoriicola physciae</i> (Kalchbr.) D.Hawksw.	-	-	Cf	4

Local	JFPB - Jardins da Fábrica da Pólvora de Barcarena; JPMP - Jardim do Palácio do Marquês de Pombal, JPRC - Jardim do Paço Real de Caxias, JQSC - Jardim da Quinta dos Sete Castelos, JMO - Jardim Municipal de Oeiras, PJ - Parque Jamor, PP - Parque dos Poetas, QRMP - Quinta de Recreio do Marquês de Pombal
Ocorrência no município (Oc)	Cf - Confirmada, P - Provável
Fontes (F)	1 - Levantamentos realizados pelos biólogos da DGA, 2 - Flora-On, 3 - Levantamentos de técnicos da DGEV, 4 - Biodiversity4All, 5 - TAGIS, 6 - Associação de Orquídeas Silvestres de Portugal, 7 - Soares, C.G. (2010), 8 - Dados relativos a armadilhagem fotográfica, realizada pela DGA, 9 - Atlas dos Mamíferos de Portugal, 10 - Ebird, 11 - Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal, 12 - Relatório de monitorização da Ictiofauna, 13 - Azevedo, M. (2020), 14 - Afonso, I. (2018), 15 - Ramajal, J. (2012)

Anexo X – Mamíferos

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Or	EC	Estatuto de Proteção				Distribuição municipal				Oc	F
						Berna	Bona	DH	CITES	EC	ED	EF	EU		
Rodentia	Muridae	<i>Apodemus sylvaticus</i>	Rato-do-campo	A	LC							x		Cf	1
Cetacea	Delphinidae	<i>Delphinus delphis</i>	Golfinho-comum	A	LC	II	I	IV	II-A	x				Cf	1
Rodentia	Gliridae	<i>Eliomys quercinus</i>	Leirão	A	DD	III								P	9
Insectivora	Erinaceidae	<i>Erinaceus europaeus</i>	Ouriço-cacheiro	A	LC	III						x	x	Cf	1
Carnivora	Viverridae	<i>Genetta genetta</i>	Geneta	A	LC	III		V				x		Cf	8
Carnivora	Herpestidae	<i>Herpestes ichneumon</i>	Saca-rabos	A	LC	III		V; D						P	9
Rodentia	Cricetidae	<i>Microtus lusitanicus</i>	Rato-cego	A	LC									P	9
Chiroptera	Miniopteridae	<i>Miniopterus schreibersii</i>	Morcego-de-peluche	A	VU	II	II	II; IV					x	Cf	1
Lagomorpha	Leporidae	<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Coelho-bravo	A	NT	III						x	x	Cf	8
Rodentia	Muridae	<i>Rattus norvegicus</i>	Ratazana-castanha	E	NA								x	Cf	1
Rodentia	Sciuridae	<i>Sciurus vulgaris</i>	Esquilo	A	LC	III								P	9
Artiodactyla	Suidae	<i>Sus scrofa</i>	Javali	A	LC									P	9
Cetacea	Delphinidae	<i>Tursiops truncatus</i>	Roaz	A	LC	II		II; IV	II-A					P	9
Carnivora	Canidae	<i>Vulpes vulpes</i>	Raposa	A	LC				D			x		Cf	8

Origem (Or)	A - Autóctone, E - Exótica, EEI - Exótica Invasora
Estatuto de Conservação (EC)	NE - Não Avaliado, NA - Não Aplicável, DD - Informação insuficiente, LC - Pouco Preocupante, NT - Quase Ameaçado, VU - Vulnerável, EN - Em Perigo, CR - Criticamente em Perigo, RE - Regionalmente Extinto
Estatuto de Proteção	Berna - Convenção de Berna, Bona - Convenção de Bona, DH - Diretiva Habitats, DA - Diretiva Aves, CITES - Convenção CITES
Distribuição Municipal	EC - Ecosistema Costeiro, ED - Ecosistema Dulciaquícola, EF - Ecosistema Florestal, EU - Ecosistema Urbano
Ocorrência no município (Oc)	Cf - Confirmada, P - Provável
Fontes (F)	1 - Levantamentos realizados pelos biólogos da DGA, 2 - Flora-On, 3 - Levantamentos de técnicos da DGEV, 4 - Biodiversity4All, 5 - TAGIS, 6 - Associação de Orquídeas Silvestres de Portugal, 7 - Soares, C.G. (2010), 8 - Dados relativos a armadilhagem fotográfica, realizada pela DGA, 9 - Atlas dos Mamíferos de Portugal, 10 - Ebird, 11 - Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal, 12 - Relatório de monitorização da Ictiofauna, 13 - Azevedo, M. (2020), 14 - Afonso, I. (2018), 15 - Ramajal, J. (2012)

Anexo XI – Aves

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de proteção				Distribuição Municipal				Oc	F
								Berna	Bona	DA	CITES	EC	ED	EF	EU		
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Accipiter gentilis</i>	Açor	A	Ac		VU	II	II		II-A			x	x	Cf	10
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Accipiter nisus</i>	Gavião	A	Ac		LC	II	II	I	II-A		x		x	Cf	10
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Aquila chrysaetos</i>	Águia-real	A	Ac		EN	II	II	I	II	x				Cf	1
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Buteo buteo</i>	Águia-d'asa-redonda	A	Res		LC	II	II		II			x		Cf	1
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Circaetus gallicus</i>	Águia-cobreira	A	Ac		NT	II	II	I	II	x			x	Cf	10
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Circus aeruginosus</i>	Águia-sapeira	A	Ac		VU	II	II	I	II		x	x	x	Cf	10
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Elanus caeruleus</i>	Peneireiro-cinzento	A	Ac		NT	II	II	I	II		x		x	Cf	10
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Hieraetus pennatus</i>	Águia-calçada	A	Est		NT	II	II	I	II	x			x	Cf	10
Accipitriformes	Accipitridae	<i>Pernis apivorus</i>	Bútio-vespeiro-ocidental	A	Ac		VU	II	II	I	II	x				Cf	10
Accipitriformes	Pandionidae	<i>Pandion haliaetus</i>	Águia-pesqueira	A	Ac		CR	II	II	I	II		x			Cf	10
Anseriformes	Anatidae	<i>Alopochen aegyptiaca</i>	Ganso-do-egipto	EEI	Ac		NA	NA	NA				x	x		Cf	10
Anseriformes	Anatidae	<i>Anas crecca</i>	Marrequinha	A	Ac		LC	III	II	II-A; III-B				x		Cf	10
Anseriformes	Anatidae	<i>Anas platyrhynchos</i>	Pato-real	A	Inv/Res		LC	III	II	II-A; III-A		x			x	Cf	1
Anseriformes	Anatidae	<i>Cairina moschata domestica</i>	Pato-mudo-doméstico	E	Res		NA	III	II			x			x	Cf	1
Anseriformes	Anatidae	<i>Mareca penelope</i>	Piadeira	A	Ac		LC	III	II	II-A; III-B		x	x	x	x	Cf	1
Anseriformes	Anatidae	<i>Melanitta nigra</i>	Negrolacomum	A	Ac		EN	III	II	II-B; III-B		x	x		x	Cf	10
Anseriformes	Anatidae	<i>Melanitta perspicillata</i>	Negrola-de-lunetas	E	Ac		NE	III	II				x		x	Cf	10
Anseriformes	Anatidae	<i>Mergus serrator</i>	Merganso-de-poupa	A	Ac		EN	III	II	II-B			x	x	x	Cf	10
Anseriformes	Anatidae	<i>Tadorna tadorna</i>	Tadorna	A	Ac		NE	II	II				x			Cf	10
Bucerotiformes	Upupidae	<i>Upupa epops</i>	Poupa	A	Est/Res		LC	II					x	x	x	Cf	1
Caprimulgiformes	Apodidae	<i>Apus apus</i>	Andorinhão-preto	A	Est		LC	III					x		x	Cf	1
Caprimulgiformes	Apodidae	<i>Apus melba</i>	Andorinhão-real	A	Ac		NT	II					x		x	Cf	10

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de proteção				Distribuição Municipal				Oc	F
								Berna	Bona	DA	CITES	EC	ED	EF	EU		
Caprimulgiformes	Apopidae	<i>Apus pallidus</i>	Andorinhão-pálido	A	Ac		LC	II				x				Cf	10
Caprimulgiformes	Caprimulgidae	<i>Caprimulgus ruficollis</i>	Noitibó-de-nuca-vermelha	A	Ac		VU	II				x				Cf	10
Charadriiformes	Alcidae	<i>Alca torda</i>	Tordamergulheira	A	Ac		LC	III						x		Cf	10
Charadriiformes	Burhinidae	<i>Burhinus oedicnemus</i>	Alcaravão	A	Ac		VU	II		I					x	Cf	10
Charadriiformes	Charadriidae	<i>Charadrius alexandrinus</i>	Borrelho-de-coleira-interrompida	A	Res		LC	II	II	I		x	x			Cf	10
Charadriiformes	Charadriidae	<i>Charadrius dubius</i>	Borrelho-pequeno-de-coleira	A	Ac		LC	II	II					x		Cf	10
Charadriiformes	Charadriidae	<i>Charadrius hiaticula</i>	Borrelho-grande-de-coleira	A	Inv		LC	II	II					x		Cf	10
Charadriiformes	Charadriidae	<i>Pluvialis apricaria</i>	Taramboladourada	A	Ac		LC	III	II	I; III-B		x				Cf	10
Charadriiformes	Charadriidae	<i>Vanellus vanellus</i>	Abibe	A	Ac		LC	III	II	II-B			x			Cf	10
Charadriiformes	Haematopodidae	<i>Haematopus ostralegus</i>	Ostraceiro	A	Inv		NT	III	II	II-B		x	x			Cf	10
Charadriiformes	Laridae	<i>Chroicocephalus philadelphia</i>	Guincho-americano	E	Ac		NE	III				x	x	x		Cf	10
Charadriiformes	Laridae	<i>Chroicocephalus ridibundus</i>	Guincho-comum	A	Inv		LC	III					x		x	Cf	1
Charadriiformes	Laridae	<i>Hydrocoloeus minutus</i>	Gaivota-pequena	A	Inv		NE	II				x	x		x	Cf	10
Charadriiformes	Laridae	<i>Ichthyaetus audouinii</i>	Gaivota-de-audouin	A	Ac		VU	II				x				Cf	10
Charadriiformes	Laridae	<i>Ichthyaetus melanocephalus</i>	Gaivota-de-cabeça-preta	A	Inv		LC	II				x				Cf	1
Charadriiformes	Laridae	<i>Larus argentatus</i>	Gaivota-prateada	E	Ac		NE			II-B		x				Cf	10
Charadriiformes	Laridae	<i>Larus cachinnans</i>	Gaivota-do-cáspio	E	Ac		NE	III		II-B		x				Cf	10
Charadriiformes	Laridae	<i>Larus canus</i>	Famego	E	Ac		NE	III		II-B		x	x		x	Cf	10
Charadriiformes	Laridae	<i>Larus delawarensis</i>	Gaivota-de-bico-riscado	E	Ac		NE	III				x				Cf	10
Charadriiformes	Laridae	<i>Larus fuscus</i>	Gaivota-d'asa-escura	A	Inv/Res		LC			II-B		x				Cf	1
Charadriiformes	Laridae	<i>Larus glaucooides</i>	Gaivota-branca	E	Ac		NE	III				x				Cf	10
Charadriiformes	Laridae	<i>Larus hyperboreus</i>	Gaivotão-branco	E	Ac		NE	III				x				Cf	10
Charadriiformes	Laridae	<i>Larus marinus</i>	Gaivotão-real	A	Inv		NE			II-B		x				Cf	10

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de proteção				Distribuição Municipal				Oc	F
								Berna	Bona	DA	CITES	EC	ED	EF	EU		
Charadriiformes	Laridae	<i>Larus michahellis</i>	Gaivota-de-patas-amarelas	A	Res		LC	III				x				Cf	1
Charadriiformes	Laridae	<i>Rissa tridactyla</i>	Gaivota-tridáctila	A	Ac		LC	III				x				Cf	10
Charadriiformes	Laridae	<i>Sterna hirundo</i>	Gaivina-comum	A	Ac		EN	II	II	I		x				Cf	10
Charadriiformes	Laridae	<i>Sterna paradisaea</i>	Gaivina-do-ártico	E	Ac		NE	III		I			x			Cf	10
Charadriiformes	Laridae	<i>Sternula albifrons</i>	Chilreta	A	Est		VU	II	II			x				Cf	10
Charadriiformes	Laridae	<i>Thalasseus bengalensis</i>	Garajau-pequeno	E	Ac		NE	III	II			x	x	x	x	Cf	10
Charadriiformes	Laridae	<i>Thalasseus elegans</i>	Garajau-elegante	E	Ac		NE	III				x				Cf	10
Charadriiformes	Laridae	<i>Thalasseus sandvicensis</i>	Garajau-de-bico-preto	A	Inv		NT	II	II	I			x	x	x	Cf	10
Charadriiformes	Recurvirostridae	<i>Himantopus himantopus</i>	Pernilongo	A	Ac		LC	II	II	I						Cf	10
Charadriiformes	Scolopacidae	<i>Actitis hypoleucos</i>	Maçarico-das-rochas	A	Ac		VU	II	II					x		Cf	1
Charadriiformes	Scolopacidae	<i>Arenaria interpres</i>	Rola-do-mar	A	Res		LC	III	II				x			Cf	1
Charadriiformes	Scolopacidae	<i>Calidris alba</i>	Pilrito-das-praias	A	Res		LC	II	II			x	x			Cf	10
Charadriiformes	Scolopacidae	<i>Calidris alpina</i>	Pilrito-de-peito-preto	A	Inv		LC	II	II	I			x			Cf	10
Charadriiformes	Scolopacidae	<i>Calidris canutus</i>	Seixoeira	A	Ac		VU	III	II	II-B			x			Cf	10
Charadriiformes	Scolopacidae	<i>Calidris maritima</i>	Pilrito-escuro	A	Inv		EN	II	II			x	x		x	Cf	10
Charadriiformes	Scolopacidae	<i>Calidris minuta</i>	Pilrito-pequeno	A	Ac		LC	II	II			x				Cf	10
Charadriiformes	Scolopacidae	<i>Gallinago gallinago</i>	Narceja	A	Ac		LC	III	II	II-A; III-B		x				Cf	1
Charadriiformes	Scolopacidae	<i>Limosa lapponica</i>	Fuselo	A	Ac		LC	III	II	I					x	Cf	10
Charadriiformes	Scolopacidae	<i>Numenius phaeopus</i>	Maçarico-galego	A	Inv		VU	III	II	II-B			x			Cf	1
Charadriiformes	Scolopacidae	<i>Tringa ochropus</i>	Maçarico-bique-bique	A	Ac		NT	II	II			x	x		x	Cf	10
Charadriiformes	Stercorariidae	<i>Stercorarius parasiticus</i>	Moleiro-pequeno	A	Ac		NE	III				x				Cf	10
Charadriiformes	Stercorariidae	<i>Stercorarius pomarinus</i>	Moleiro-do-ártico	A	Ac		NE	III				x				Cf	10
Charadriiformes	Stercorariidae	<i>Stercorarius skua</i>	Alcaide	A	Inv		LC	III				x	x		x	Cf	10
Ciconiiformes	Ciconiidae	<i>Ciconia ciconia</i>	Cegonha-branca	A	Ac		LC	II		I			x		x	Cf	10
Columbiformes	Columbidae	<i>Columba livia</i>	Pombo-das-rochas	A	Res		DD	III		II-A		x	x			Cf	1

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de proteção				Distribuição Municipal				Oc	F
								Berna	Bona	DA	CITES	EC	ED	EF	EU		
Columbiformes	Columbidae	<i>Columba palumbus</i>	Pombo-torcaz	A	Res		LC			II-A; III-A			x	x	x	Cf	8
Columbiformes	Columbidae	<i>Streptopelia decaocto</i>	Rola turca	A	Res		LC	III		II-B		x				Cf	1
Columbiformes	Columbidae	<i>Streptopelia turtur</i>	Rola-brava	A	Est		LC	III	II	II-B			x			Cf	1
Coraciiformes	Alcedinidae	<i>Alcedo atthis</i>	Guarda-rios	A	Res		LC	III		I					x	Cf	1
Coraciiformes	Meropidae	<i>Merops apiaster</i>	Abelharuco	A	Ac		LC	II	II				x	x	x	Cf	10
Falconiformes	Falconidae	<i>Falco peregrinus</i>	Falcão-peregrino	A	Res		VU	II	II	I	I		x			Cf	10
Falconiformes	Falconidae	<i>Falco tinnunculus</i>	Peneireiro-de-dorso-malhado	A	Res		LC	II	II		II	x			x	Cf	1
Galliformes	Phasianidae	<i>Alectoris rufa</i>	Perdiz	A	Res		LC	III		II-A; III-A		x		x	x	Cf	1
Galliformes	Phasianidae	<i>Coturnix coturnix</i>	Codorniz	A	Ac		LC	III	II	II-B					x	Cf	10
Gruiformes	Rallidae	<i>Fulica atra</i>	Galeirão-comum	A	Res		LC	III	II	II-A; III-B			x		x	Cf	10
Gruiformes	Rallidae	<i>Gallinula chloropus</i>	Galinha-d'água	A	Res		LC	III		II-B			x			Cf	1
Gruiformes	Rallidae	<i>Zapornia parva</i>	Franga-d'água-bastarda	E	Ac		NE	II	II						x	Cf	10
Gruiformes	Rallidae	<i>Zapornia pusilla</i>	Franga-d'água-pequena	A	Ac		DD	II	II			x	x		x	Cf	10
Passeriformes	Acrocephalidae	<i>Acrocephalus arundinaceus</i>	Rouxinol-grande-dos-caniços	A	Ac		LC	II	II						x	Cf	10
Passeriformes	Acrocephalidae	<i>Acrocephalus scirpaceus</i>	Rouxinol-pequeno-dos-caniços	A	Est		NT	II	II						x	Cf	10
Passeriformes	Acrocephalidae	<i>Hippolais polyglotta</i>	Felosa-poliglota	A	Est		LC	II	II			x	x		x	Cf	10
Passeriformes	Aegithalidae	<i>Aegithalos caudatus</i>	Chapim-rabilongo	A	Res		LC	III				x			x	Cf	1
Passeriformes	Alaudidae	<i>Alauda arvensis</i>	Laverca	A	Ac		LC	III		II-B					x	Cf	10
Passeriformes	Alaudidae	<i>Galerida cristata</i>	Cotovia-de-poupa	A	Ac		LC	III					x		x	Cf	10
Passeriformes	Calcaridae	<i>Plectrophenax nivalis</i>	Escrevedeiras-neves	E	Ac		NE	II						x		Cf	10
Passeriformes	Certhiidae	<i>Certhia brachydactyla</i>	Trepadeira-do-sul	A	Res		LC	II				x				Cf	1
Passeriformes	Cisticolidae	<i>Cisticola juncidis</i>	Fuinha-dos-juncos	A	Res		LC	II	II			x				Cf	10
Passeriformes	Corvidae	<i>Corvus corax</i>	Corvo	A	Ac		NT	III							x	Cf	10

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de proteção				Distribuição Municipal				Oc	F	
								Berna	Bona	DA	CITES	EC	ED	EF	EU			
Passeriformes	Corvidae	<i>Corvus corone</i>	Gralha-preta	A	Res		LC			II-B			x	x	Cf	1		
Passeriformes	Corvidae	<i>Cyanopica cooki</i>	Charneco	A	Ac	Pt+Esp	LC	II		II-B			x	x	x	Cf	10	
Passeriformes	Corvidae	<i>Garrulus glandarius</i>	Gaio	A	Res		LC			II-B		x				Cf	1	
Passeriformes	Corvidae	<i>Pica pica</i>	Pega-rabuda	A	Ac		LC					x	x	x	x	Cf	10	
Passeriformes	Emberizidae	<i>Emberiza calandra</i>	Trigueirão	A	Res		LC	III							x	Cf	10	
Passeriformes	Emberizidae	<i>Emberiza cirius</i>	Escrevedeira	A	Ac		LC	II				x	x		x	Cf	10	
Passeriformes	Emberizidae	<i>Emberiza rustica</i>	Escrevedeira-rústica	A	Ac		NE	II					x	x		Cf	10	
Passeriformes	Estrildidae	<i>Estrilda astrild</i>	Bico-de-lacre	EEl	Res		NA	NA					x			Cf	1	
Passeriformes	Fringillidae	<i>Carduelis carduelis</i>	Pintassilgo	A	Res		LC	II						x		Cf	1	
Passeriformes	Fringillidae	<i>Chloris chloris</i>	Verdilhão	A	Res		LC	II						x	x	Cf	8	
Passeriformes	Fringillidae	<i>Coccothraustes coccothraustes</i>	Bico-grossudo	A	Ac		LC	II							x	Cf	10	
Passeriformes	Fringillidae	<i>Fringilla coelebs</i>	Tentilhão	A	Res		LC	III					x		x	Cf	1	
Passeriformes	Fringillidae	<i>Fringilla montifringilla</i>	Tentilhão-montês	A	Ac		DD	III					x		x	Cf	1	
Passeriformes	Fringillidae	<i>Linaria cannabina</i>	Pintaroxo-de-bico-escuro	A	Res		LC	II								x	Cf	1
Passeriformes	Fringillidae	<i>Loxia curvirostra</i>	Cruza-bico	A	Ac		DD	II				x				Cf	10	
Passeriformes	Fringillidae	<i>Serinus serinus</i>	Chamariz	A	Res		LC	II					x	x	x	Cf	1	
Passeriformes	Fringillidae	<i>Spinus spinus</i>	Lugre	A	Inv		LC	II				x	x			Cf	10	
Passeriformes	Hirundinidae	<i>Cecropis daurica</i>	Andorinha-aurica	A	Est		LC	II					x		x	Cf	1	
Passeriformes	Hirundinidae	<i>Delichon urbicum</i>	Andorinha-dos-beirais	A	Est		LC	II					x			Cf	1	
Passeriformes	Hirundinidae	<i>Hirundo rustica</i>	Andorinha-das-chaminés	A	Est		LC	II				x				Cf	1	
Passeriformes	Hirundinidae	<i>Ptyonoprogne rupestris</i>	Andorinha-das-rochas	A	Est		LC	II					x		x	Cf	1	
Passeriformes	Hirundinidae	<i>Riparia riparia</i>	Andorinha-das-barreiras	A	Est		LC	II							x	Cf	1	
Passeriformes	Laniidae	<i>Lanius senator</i>	Picanço-barreteiro	A	Ac		NT	II					x			Cf	10	
Passeriformes	Locustellidae	<i>Locustella luscinioides</i>	Cigarrinha-ruiva	A	Ac		VU	II	II				x			Cf	10	
Passeriformes	Motacillidae	<i>Anthus petrosus</i>	Petinha-marítima	A	Ac		NE	II						x		Cf	10	
Passeriformes	Motacillidae	<i>Anthus pratensis</i>	Petinha-dos-prados	A	Inv		LC	II					x			Cf	1	
Passeriformes	Motacillidae	<i>Anthus spinoletta</i>	Petinha-ribeirinha	A	Ac		LC	II						x		Cf	10	
Passeriformes	Motacillidae	<i>Anthus trivialis</i>	Petinha-das-árvores	A	Ac		NT	II						x		Cf	10	

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de proteção				Distribuição Municipal				Oc	F
								Berna	Bona	DA	CITES	EC	ED	EF	EU		
Passeriformes	Motacillidae	<i>Motacilla alba</i>	Alvéola-branca	A	Res		LC	II				x	x	x	x	Cf	1
Passeriformes	Motacillidae	<i>Motacilla cinerea</i>	Alvéola-cinzenta	A	Res		LC	II						x		Cf	1
Passeriformes	Motacillidae	<i>Motacilla flava</i>	Alvéola-amarela	A	Est		LC	II				x	x	x	x	Cf	1
Passeriformes	Muscicapidae	<i>Erithacus rubecula</i>	Pisco-de-peito-ruivo	A	Res		LC	II					x		x	Cf	1
Passeriformes	Muscicapidae	<i>Ficedula hypoleuca</i>	Papa-moscas-preto	A	Est		NE	II					x		x	Cf	1
Passeriformes	Muscicapidae	<i>Luscinia megarhynchos</i>	Rouxinol	A	Est		LC	II					x			Cf	1
Passeriformes	Muscicapidae	<i>Muscicapa striata</i>	Taralhão-cinzento	A	Est		NT	II						x		Cf	1
Passeriformes	Muscicapidae	<i>Oenanthe oenanthe</i>	Chasco-cinzento	A	Est		LC	II							x	Cf	10
Passeriformes	Muscicapidae	<i>Phoenicurus ochruros</i>	Rabirruivo	A	Res		LC	II				x				Cf	1
Passeriformes	Muscicapidae	<i>Phoenicurus phoenicurus</i>	Rabirruivo-de-testa-branca	A	Ac		LC	II					x	x	x	Cf	10
Passeriformes	Muscicapidae	<i>Saxicola rubetra</i>	Cartaxo-nortenho	A	Ac		VU	II					x	x	x	Cf	10
Passeriformes	Muscicapidae	<i>Saxicola rubicola</i>	Cartaxo	A	Res		LC	II					x		x	Cf	1
Passeriformes	Oriolidae	<i>Oriolus oriolus</i>	Papa-figos	A	Ac		LC	II	II				x		x	Cf	10
Passeriformes	Paridae	<i>Cyanistes caeruleus</i>	Chapim-azul	A	Res		LC	II						x		Cf	1
Passeriformes	Paridae	<i>Lophophanes cristatus</i>	Chapim-de-poupa	A	Ac		LC	II				x	x		x	Cf	10
Passeriformes	Paridae	<i>Parus major</i>	Chapim-real	A	Res		LC	II					x		x	Cf	1
Passeriformes	Paridae	<i>Periparus ater</i>	Chapim-carvoeiro	A	Res		LC	II					x		x	Cf	1
Passeriformes	Passeridae	<i>Passer domesticus</i>	Pardal-do-telhado	A	Res		LC						x		x	Cf	1
Passeriformes	Passeridae	<i>Passer montanus</i>	Pardal-montês	A	Ac		LC	III					x	x	x	Cf	10
Passeriformes	Phylloscopidae	<i>Phylloscopus bonelli</i>	Felosa-de-papo-branco	A	Est		LC	II				x	x	x	x	Cf	10
Passeriformes	Phylloscopidae	<i>Phylloscopus collybita</i>	Felosinha-comum	A	Inv		LC	II						x	x	Cf	1
Passeriformes	Phylloscopidae	<i>Phylloscopus ibericus</i>	Felosinha-ibérica	A	Est		LC	II				x	x	x		Cf	10
Passeriformes	Phylloscopidae	<i>Phylloscopus trochilus</i>	Felosa-musical	A	Est		NE	II						x	x	Cf	10
Passeriformes	Ploceidae	<i>Euplectes afer</i>	Arcebispo	EEl	Ac		NA	NA					x		x	Cf	10
Passeriformes	Prunellidae	<i>Prunella modularis</i>	Ferreirinha	A	Ac		LC	II					x			Cf	10
Passeriformes	Regulidae	<i>Regulus ignicapilla</i>	Estrelinha-real	A	Res		LC	II					x	x	x	Cf	1
Passeriformes	Regulidae	<i>Regulus regulus</i>	Estrelinha-de-poupa	A	Ac		LC	II					x			Cf	10
Passeriformes	Scotocercidae	<i>Cettia cetti</i>	Rouxinol-bravo	A	Res		LC	II				x				Cf	1

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de proteção				Distribuição Municipal				Oc	F
								Berna	Bona	DA	CITES	EC	ED	EF	EU		
Passeriformes	Sittidae	<i>Sitta europaea</i>	Trepadeira-azul	A	Ac		LC	II				x				Cf	10
Passeriformes	Sturnidae	<i>Acridotheres cristatellus</i>	Mainá-de-crista	EEl	Res		NA	NA							x	Cf	1
Passeriformes	Sturnidae	<i>Acridotheres tristis</i>	Mainá-indiano	EEl	Ac		NA	NA							x	Cf	10
Passeriformes	Sturnidae	<i>Sturnus unicolor</i>	Estorninho-preto	A	Res		LC	II								Cf	1
Passeriformes	Sturnidae	<i>Sturnus vulgaris</i>	Estorninho-malhado	A	Inv		LC			II-B		x				Cf	10
Passeriformes	Sylviidae	<i>Sylvia atricapilla</i>	Toutinegrade-barrete	A	Res		LC	II				x				Cf	1
Passeriformes	Sylviidae	<i>Sylvia borin</i>	Toutinegradas-figueiras	A	Est		VU	II				x				Cf	10
Passeriformes	Sylviidae	<i>Sylvia cantillans</i>	Toutinegrade-bigodes	A	Est		LC	II							x	Cf	1
Passeriformes	Sylviidae	<i>Sylvia communis</i>	Papa-amoras-comum	A	Est		LC	II							x	Cf	10
Passeriformes	Sylviidae	<i>Sylvia melanocephala</i>	Toutinegradados-valados	A	Res		LC	II				x	x		x	Cf	1
Passeriformes	Troglodytidae	<i>Troglodytes troglodytes</i>	Carriça	A	Res		LC	II					x			Cf	1
Passeriformes	Turdidae	<i>Turdus iliacus</i>	Tordo-ruivo	A	Ac		LC	III		II-B		x	x	x	x	Cf	10
Passeriformes	Turdidae	<i>Turdus merula</i>	Melro	A	Res		LC	III		II-B			x	x		Cf	8
Passeriformes	Turdidae	<i>Turdus philomelos</i>	Tordo-pinto	A	Inv		LC	III		II-B			x		x	Cf	1
Passeriformes	Turdidae	<i>Turdus viscivorus</i>	Tordoveia	A	Ac		LC	III		II-B			x			Cf	10
Pelecaniformes	Ardeidae	<i>Ardea cinerea</i>	Garça-real	A	Res		LC	III				x				Cf	1
Pelecaniformes	Ardeidae	<i>Ardea purpurea</i>	Garça-vermelha	A	Ac		EN	II	II	I					x	Cf	10
Pelecaniformes	Ardeidae	<i>Bubulcus ibis</i>	Carraceiro	A	Res		LC	II					x		x	Cf	1
Pelecaniformes	Ardeidae	<i>Egretta garzetta</i>	Garça-branca-pequena	A	Res		LC	II		I			x	x		Cf	1
Pelecaniformes	Ardeidae	<i>Ixobrychus minutus</i>	Garçote-comum	A	Ac		VU	II	II	I		x			x	Cf	10
Pelecaniformes	Ardeidae	<i>Nycticorax nycticorax</i>	Goraz	A	Est		EN	II		I			x	x	x	Cf	1
Pelecaniformes	Threskiornithidae	<i>Plegadis falcinellus</i>	Íbis-preta	A	Ac		RE	II		I			x		x	Cf	10
Phoenicopteriformes	Phoenicopteridae	<i>Phoenicopiterus roseus</i>	Flamingo	A	Ac		VU	II	II	I	II			x		Cf	10
Piciformes	Picidae	<i>Dendrocopos major</i>	Pica-pau-malhado	A	Res		LC	II				x	x	x		Cf	1
Piciformes	Picidae	<i>Jynx torquilla</i>	Torcicolo	A	Est/Res		DD	II				x			x	Cf	10
Piciformes	Picidae	<i>Picus sharpei</i>	Peto-real-ibérico	A	Ac	Pt+Esp	LC	II					x			Cf	10
Podicipediformes	Podicipedidae	<i>Tachybaptus ruficollis</i>	Mergulhão-pequeno	A	Res		LC	II							x	Cf	10

Ordem	Família	Espécie	Nome Comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de proteção				Distribuição Municipal				Oc	F
								Berna	Bona	DA	CITES	EC	ED	EF	EU		
Procellariiformes	Hydrobatidae	<i>Oceanodroma leucorhoa</i>	Painho-de-cauda-forçada	A	Ac		NE	II		I					x	Cf	10
Procellariiformes	Procellariidae	<i>Puffinus mauretanicus</i>	Fura-buchodas-baleares	A	Ac		CR	II		I			x		x	Cf	10
Psittaciformes	Psittaculidae	<i>Psittacula krameri</i>	Piriquito-rabijunco	EEl	Res		NA	NA					x	x	x	Cf	1
Psittaciformes	Psittaculidae	<i>Thectocercus acuticaudatus</i>	Periquitão	E	Res		NA	III			II		x			Cf	10
Strigiformes	Strigidae	<i>Athene noctua</i>	Mocho-galego	A	Res		LC	II			II	x			x	Cf	10
Strigiformes	Strigidae	<i>Strix aluco</i>	Coruja-domato	A	Res		LC	II			II		x		x	Cf	10
Strigiformes	Tytonidae	<i>Tyto alba</i>	Coruja-das-torres	A	Res		LC	II			II	x	x	x	x	Cf	1
Suliformes	Phalacrocoracidae	<i>Phalacrocorax aristotelis</i>	Galheta	A	Ac		VU	II				x	x		x	Cf	10
Suliformes	Phalacrocoracidae	<i>Phalacrocorax carbo</i>	Corvo-marinho-comum	A	Inv		LC	III					x	x	x	Cf	1
Suliformes	Sulidae	<i>Morus bassanus</i>	Alcatraz	A	Inv		LC	III					x		x	Cf	10

Origem (Or)	A - Autóctone, E - Exótica, EEl - Exótica Invasora
Tipo	Cat - Catádruma, Mar - Marinha, Res - Residente, Inv - Invernante, Est - Estival, Ac - Acidental (Espécies com 1 registo anual em Oeiras), R - Raro (Espécies com 10 ou menos registos conhecidos em Portugal)
Endemismos (End)	PT - Espécies endémicas de Portugal Continental, Pt + Esp - Espécies endémicas da Península Ibérica
Estatuto de Conservação (EC)	NE - Não Avaliado, NA - Não Aplicável, DD - Informação insuficiente, LC - Pouco Preocupante, NT - Quase Ameaçado, VU - Vulnerável, EN - Em Perigo, CR - Criticamente em Perigo, RE - Regionalmente Extinto
Estatuto de Proteção	Berna - Convenção de Berna, Bona - Convenção de Bona, DH - Diretiva Habitats, DA - Diretiva Aves, CITES - Convenção CITES
Distribuição Municipal	EC - Ecosistema Costeiro, ED - Ecosistema Dulciaquícola, EF - Ecosistema Florestal, EU - Ecosistema Urbano
Ocorrência no município (Oc)	Cf - Confirmada, P - Provável
Fontes (F)	1 - Levantamentos realizados pelos biólogos da DGA, 2 - Flora-On, 3 - Levantamentos de técnicos da DGEV, 4 - Biodiversity4All, 5 - TAGIS, 6 - Associação de Orquídeas Silvestres de Portugal, 7 - Soares, C.G. (2010), 8 - Dados relativos a armadilhagem fotográfica, realizada pela DGA, 9 - Atlas dos Mamíferos de Portugal, 10 - Ebird, 11 - Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal, 12 - Relatório de monitorização da Ictiofauna, 13 - Azevedo, M. (2020), 14 - Afonso, I. (2018), 15 - Ramajal, J. (2012)

Anexo XII – Répteis

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Or	End	EC	Estatuto de Proteção			Distribuição Municipal				Oc	F
							Berna	Bona	DH	EC	ED	EF	EU		
Squamata	Amphisbaenidae	<i>Blanus cinereus</i>	Cobra-cega	A	Pt + Esp	LC								P	11
Squamata	Colubridae	<i>Coronella girondica</i>	Cobra-lisa-meridional	A		LC								P	11
Squamata	Colubridae	<i>Hemorrhois hippocrepis</i>	Cobra-de-ferradura	A		LC	II		IV			x	x	Cf	1
Squamata	Colubridae	<i>Macroprotodon cucullatus</i>	Cobra-de-capuz	A		LC								P	11
Squamata	Colubridae	<i>Natrix astreptophora</i>	Cobra-de-água-de-colar	A		LC				x	x			Cf	1
Squamata	Colubridae	<i>Natrix maura</i>	Cobra-de-água-viperina	A		LC				x				Cf	1
Squamata	Colubridae	<i>Rhinechis scalaris</i>	Cobra-de-escada	A		LC					x	x		Cf	1
Squamata	Lacertidae	<i>Lacerta schreiberi</i>	Lagarto-de-água	A	Pt + Esp	LC	II		II e IV					P	11
Squamata	Lacertidae	<i>Podarcis carbonelli</i>	Lagartixa-de-carbonell	A	Pt + Esp	VU								P	11
Squamata	Lacertidae	<i>Podarcis virescens</i>	Lagartixa-verde	A	Pt + Esp	NE				x		x	x	Cf	1
Squamata	Lacertidae	<i>Psammodromus algirus</i>	Lagartixa-domato	A		LC				x	x	x	x	Cf	1
Squamata	Lacertidae	<i>Psammodromus occidentalis</i>	Lagartixa-domato-ibérica	A	Pt + Esp	NE								P	11
Squamata	Lacertidae	<i>Timon lepidus</i>	Sardão	A		LC								P	11
Squamata	Phyllodactylidae	<i>Tarentola mauritanica</i>	Osga-comum	A		LC				x		x	x	Cf	1
Squamata	Psammophiidae	<i>Malpolon monspessulanus</i>	Cobra-rateira	A		LC				x		x	x	Cf	1
Squamata	Scincidae	<i>Chalcides striatus</i>	Cobra-de-pernas-tridáctila	A		LC						x	x	Cf	1
Squamata	Viperidae	<i>Vipera latastei</i>	Víbora-cornuda	A		VU								P	11
Testudines	Emydidae	<i>Emys orbicularis</i>	Cágado-de-carapaça-estriada	A		EN	II		II e IV					P	11
Testudines	Emydidae	<i>Pseudemys concinna</i>	Tartaruga-hieroglífica	EEl		NA					x			Cf	1
Testudines	Emydidae	<i>Pseudemys nelsoni</i>	Tartaruga-da-barriga-vermelha-da-flórida	EEl		NA								P	4
Testudines	Emydidae	<i>Trachemys scripta</i>	Tartaruga-de-orelhas-vermelhas	EEl		NA					x			Cf	1
Testudines	Geoemydidae	<i>Mauremys leprosa</i>	Cágado-mediterrânico	A		LC	II		II e IV		x			Cf	1

Anexo XIII – Anfíbios

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Or	End	EC	Estatuto de Proteção			Distribuição Municipal				Oc	F
							Berna	Bona	DH	EC	ED	EF	EU		
Anura	Bufonidae	<i>Bufo spinosus</i>	Sapo-comum	A		LC	III				x			Cf	1
Anura	Bufonidae	<i>Epidalea calamita</i>	Sapo-corredor	A		LC	II		IV					P	11
Anura	Discoglossidae	<i>Discoglossus galganoi</i>	Rã-de-focinho-pontiagudo	A	Pt + Esp	NT	II		II e IV					P	11
Anura	Hylidae	<i>Hyla meridionalis</i>	Rela-meridional	A		LC	II		IV					P	11
Anura	Pelobatidae	<i>Pelobates cultripes</i>	Sapo-de-unha-negra	A		LC	II		IV					P	11
Anura	Pelodytidae	<i>Pelodytes punctatus</i>	Sapinhos-de-verrugas-verdes	A		NE	III							P	11
Anura	Pipidae	<i>Xenopus laevis</i>	Rã-de-unhas-africana	EEl		NA					x			Cf	1
Anura	Ranidae	<i>Pelophylax perezi</i>	Rã-verde	A		LC	III		V		x			Cf	1
Caudata	Salamandridae	<i>Lissotriton boscai</i>	Tritão-de-ventre-laranja	A	Pt + Esp	LC	III				x			Cf	1
Caudata	Salamandridae	<i>Pleurodeles waltl</i>	Salamandra-de-costelas-salientes	A		LC	III							P	11
Caudata	Salamandridae	<i>Salamandra salamandra</i>	Salamandra-de-pintas-amarelas	A		LC	III				x			Cf	1
Caudata	Salamandridae	<i>Triturus pygmaeus</i>	Tritão-marmoreado-pigmeu	A	Pt + Esp	NE	III		IV					P	11

Origem (Or)	A - Autóctone, E - Exótica, EEl - Exótica Invasora
Tipo	Cat - Catádruma, Mar - Marinha, Res - Residente, Inv - Invernante, Est - Estival, Ac - Acidental (Espécies com 1 registo anual em Oeiras), R - Raro (Espécies com 10 ou menos registos conhecidos em Portugal)
Endemismos (End)	PT - Espécies endémicas de Portugal Continental, Pt + Esp - Espécies endémicas da Península Ibérica
Estatuto de Conservação (EC)	NE - Não Avaliado, NA - Não Aplicável, DD - Informação insuficiente, LC - Pouco Preocupante, NT - Quase Ameaçado, VU - Vulnerável, EN - Em Perigo, CR - Criticamente em Perigo, RE - Regionalmente Extinto
Estatuto de Proteção	Berna - Convenção de Berna, Bona - Convenção de Bona, DH - Diretiva Habitats, DA - Diretiva Aves, CITES - Convenção CITES
Distribuição Municipal	EC - Ecossistema Costeiro, ED - Ecossistema Dulciaquícola, EF - Ecossistema Florestal, EU - Ecossistema Urbano
Ocorrência no município (Oc)	Cf - Confirmada, P - Provável
Fontes (F)	1 - Levantamentos realizados pelos biólogos da DGA, 2 - Flora-On, 3 - Levantamentos de técnicos da DGEV, 4 - Biodiversity4All, 5 - TAGIS, 6 - Associação de Orquídeas Silvestres de Portugal, 7 - Soares, C.G. (2010), 8 - Dados relativos a armadilhagem fotográfica, realizada pela DGA, 9 - Atlas dos Mamíferos de Portugal, 10 - Ebird, 11 - Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal, 12 - Relatório de monitorização da Ictiofauna, 13 - Azevedo, M. (2020), 14 - Afonso, I. (2018), 15 - Ramajal, J. (2012)

Anexo XIV – Peixes

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de Proteção				Distribuição Municipal				Oc	F
								Berna	Bona	DH	CITES	EC	ED	EF	EU		
Anguilliformes	Anguillidae	<i>Anguilla anguilla</i>	Enguia	A	Cat		EN		II		II	x	x			Cf	1
Cypriniformes	Cobitidae	<i>Cobitis paludica</i>	Verdemã-comum	A	Res	Pt + Esp	LC	III					x			Cf	1
Cypriniformes	Cyprinidae	<i>Iberochondrostoma lusitanicum</i>	Boga-portuguesa	A	Res	Pt	CR	III		II			x			Cf	1
Cypriniformes	Cyprinidae	<i>Squalius pyrenaicus</i>	Escalo-dosul	A	Res	Pt + Esp	EN	III					x			Cf	1
Cyprinodontiformes	Poeciliidae	<i>Gambusia sp.</i>	Gambúsia	EEl	-		NA						x			Cf	4
Mugiliformes	Mugilidae	<i>Chelon labrosus</i>	Tainha-liça	A	Mar		NE					x	x			Cf	1
Mugiliformes	Mugilidae	<i>Chelon ramada</i>	Tainha-fataça	A	Cat		LC					x	x			Cf	##
Perciformes	Blenniidae	<i>Lipophrys pholis</i>	Ranhosa	A	Mar		LC					x				Cf	1
Perciformes	Centrarchidae	<i>Lepomis gibbosus</i>	Perca-sol	EEl	-		NA						x			Cf	1
Perciformes	Gobiidae	<i>Gobius cruentatus</i>	Caboz-de-bocavermelha	A	Mar		NE					x				Cf	1
Perciformes	Gobiidae	<i>Pomatoschistus pictus</i>	Caboz-da-areia	A	Mar		NE					x				Cf	1
Perciformes	Sparidae	<i>Diplodus puntazzo</i>	Sargobicudo	A	Mar		NE					x				Cf	4
Perciformes	Sparidae	<i>Diplodus sargus</i>	Sargolegítimo	A	Mar		NE					x				Cf	4
Pleuronectiformes	Pleuronectidae	<i>Platichthys flesus</i>	Solha-daspedras	A	Cat		NE					x	x			Cf	1

Origem (Or)	A - Autóctone, E - Exótica, EEl - Exótica Invasora
Tipo	Cat - Catádruma, Mar - Marinha, Res - Residente, Inv - Invernante, Est - Estival, Ac - Acidental (Espécies com 1 registo anual em Oeiras), R - Raro (Espécies com 10 ou menos registos conhecidos em Portugal)
Endemismos (End)	PT - Espécies endémicas de Portugal Continental, Pt + Esp - Espécies endémicas da Península Ibérica
Estatuto de Conservação (EC)	NE - Não Avaliado, NA - Não Aplicável, DD - Informação insuficiente, LC - Pouco Preocupante, NT - Quase Ameaçado, VU - Vulnerável, EN - Em Perigo, CR - Criticamente em Perigo, RE - Regionalmente Extinto
Estatuto de Proteção	Berna - Convenção de Berna, Bona - Convenção de Bona, DH - Diretiva Habitats, DA - Diretiva Aves, CITES - Convenção CITES
Distribuição Municipal	EC - Ecosistema Costeiro, ED - Ecosistema Dulciaquícola, EF - Ecosistema Florestal, EU - Ecosistema Urbano
Ocorrência no município (Oc)	Cf - Confirmada, P - Provável
Fontes (F)	1 - Levantamentos realizados pelos biólogos da DGA, 2 - Flora-On, 3 - Levantamentos de técnicos da DGEV, 4 - Biodiversity4All, 5 - TAGIS, 6 - Associação de Orquídeas Silvestres de Portugal, 7 - Soares, C.G. (2010), 8 - Dados relativos a armadilhagem fotográfica, realizada pela DGA, 9 - Atlas dos Mamíferos de Portugal, 10 - Ebird, 11 - Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal, 12 - Relatório de monitorização da Ictiofauna, 13 - Azevedo, M. (2020), 14 - Afonso, I. (2018), 15 - Ramajal, J. (2012)

Anexo XV – Insetos

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de Proteção			Distribuição Municipal				Oc	F
								Berna	Bona	DH	EC	ED	EF	EU		
Blattodea	Blattidae	<i>Periplaneta americana</i>	Barata-americana	E			NA						x	Cf	4	
Coleoptera	Buprestidae	<i>Anthaxia scutellaris</i>	Escaravelho-jóia-comum	A			NE						x	x	Cf	5
Coleoptera	Buprestidae	<i>Capnodis tenebrionis</i>	Carocho-negro	E			NA							x	Cf	4
Coleoptera	Cantharidae	<i>Rhagonycha fulva</i>	Besouro-soldado-vermelho-comum	A			NE						x	x	Cf	5
Coleoptera	Carabidae	<i>Carabus rugosus celtibericus</i>	-	A		Pt + Esp	NE						x	x	Cf	4
Coleoptera	Cerambycidae	<i>Agapanthia cardui</i>	Besouro-longicórneo-dos-cardos	A			NE						x	x	Cf	5
Coleoptera	Cerambycidae	<i>Certallum ebulinum</i>	Besouro-longicórneo-das-couves	A			NE							x	Cf	5
Coleoptera	Cerambycidae	<i>Hesperophanes sericeus</i>	-	A			LC							x	Cf	4
Coleoptera	Cerambycidae	<i>Pseudovadonia livida</i>	Besouro-longicórneo-anel-de-fada	A			NE							x	Cf	5
Coleoptera	Cetoniidae	<i>Cetonia carthami aurataeformis</i>	-	A			NE							x	Cf	4
Coleoptera	Cetoniidae	<i>Oxythyrea funesta</i>	Escaravelho-das-flores	A			NE						x	x	Cf	5
Coleoptera	Cetoniidae	<i>Protaetia morio</i>	Besouro-jaquetão	A			NE						x	x	Cf	4
Coleoptera	Chrysomelidae	<i>Chrysolina americana</i>	Escaravelho-do-alecrim	A			NE							x	Cf	4
Coleoptera	Chrysomelidae	<i>Chrysolina bankii</i>	Escaravelho-metálico-das-mentas	A			NE				x			x	Cf	1
Coleoptera	Chrysomelidae	<i>Lachnaia hirta</i>	Escaravelho-das-folhas	A			NE							x	Cf	5
Coleoptera	Chrysomelidae	<i>Lachnaia tristigma</i>	Escaravelho-das-folhas-de-três-pintas	A			NE					x	x	Cf	5	
Coleoptera	Chrysomelidae	<i>Xanthogaleruca luteola</i>	-	A			NE							x	Cf	4
Coleoptera	Coccinellidae	<i>Adalia decempunctata</i>	Joaninha-de-dez-pintas	A			NE							x	Cf	1
Coleoptera	Coccinellidae	<i>Coccinella septempunctata</i>	Joaninha-de-sete-pintas	A			NE							x	Cf	1
Coleoptera	Coccinellidae	<i>Hippodamia variegata</i>	Joaninha-variegada	A			NE							x	Cf	5
Coleoptera	Coccinellidae	<i>Oenopia doublieri</i>	-	A			NE							x	Cf	4
Coleoptera	Coccinellidae	<i>Psyllobora vigintiduopunctata</i>	Joaninha-de-vinte-e-duas-pintas	A			NE							x	Cf	5
Coleoptera	Curculionidae	<i>Lixus anguinus</i>	-	A			NE				-	-	-	-	P	4

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de Proteção			Distribuição Municipal				Oc	F
								Berna	Bona	DH	EC	ED	EF	EU		
Coleoptera	Curculionidae	<i>Lixus pulverulentus</i>	-	A			NE						x	x	Cf	4
Coleoptera	Curculionidae	<i>Rhynchophorus ferrugineus</i>	Escaravelho-da-palmeira	EEl			NA							x	Cf	1
Coleoptera	Dasytidae	<i>Psilothrix viridicoerulea</i>	Escaravelho-de-asas-moles	A			NE							x	Cf	5
Coleoptera	Lampyridae	<i>Luciola lusitanica</i>	Pirilampo-lusitânico	A			NE				x			x	Cf	1
Coleoptera	Melolonthidae	<i>Anoxia australis</i>	Abejão	A			NE							x	Cf	1
Coleoptera	Oedemeridae	<i>Oedemera barbara</i>	Escaravelho-bárbaro	A			NE					x	x		Cf	5
Coleoptera	Oedemeridae	<i>Oedemera flavipes</i>	Escaravelho-flavipes	A			NE							x	Cf	5
Coleoptera	Oedemeridae	<i>Oedemera nobilis</i>	Escaravelho-nobre	A			NE				x			x	Cf	5
Coleoptera	Oedemeridae	<i>Oedemera simplex</i>	Escaravelho-simples	A			NE							x	Cf	5
Coleoptera	Prionoceridae	<i>Lobonyx aeneus</i>	-	A			NE						x		Cf	4
Coleoptera	Scarabaeidae	<i>Copris hispanus</i>	Escaravelho-rinoceronte	A			NE							x	Cf	4
Coleoptera	Scarabaeidae	<i>Oryctes nasicornis</i>	Escaravelho-rinoceronte-europeu	A			NE							x	Cf	1
Coleoptera	Scraptiidae	<i>Anaspis maculata</i>	-	A			NE						x		Cf	4
Coleoptera	Staphylinidae	<i>Ocypus olens</i>	Cocheiro-do-diabo	A			NE							x	Cf	1
Coleoptera	Tenebrionidae	<i>Heliotaurus ruficollis</i>	Besouro-capuchinho	A			NE							x	Cf	5
Coleoptera	Tenebrionidae	<i>Lagria hirta</i>	-	A			NE							x	Cf	4
Dermaptera	Forficulidae	<i>Forficula auricularia</i>	Bicha-cadela	A			NE							x	Cf	4
Diptera	Bombyliidae	<i>Exoprosopa jacchus</i>	Mosca-abelha-prateada	A			NE							x	Cf	5
Diptera	Bombyliidae	<i>Hemipenthes velutina</i>	Mosca-abelha-parasita	A			NE							x	Cf	5
Diptera	Calliphoridae	<i>Calliphora vicina</i>	Varejeira-azul	A			NE							x	Cf	4
Diptera	Calliphoridae	<i>Lucilia sericata</i>	Varejeira-verde	A			NE				-	-	-	-	P	4
Diptera	Psychodidae	<i>Clogmia albipunctata</i>	Mosca-de-casa-de-banho	A			NE							x	Cf	4
Diptera	Rhiniidae	<i>Stomorhina lunata</i>	-	A			NE						x		Cf	4
Diptera	Scathophagidae	<i>Scathophaga stercoraria</i>	-	A			NE							x	Cf	4
Diptera	Stratiomyidae	<i>Hermetia illucens</i>	Mosca-soldado-negra	E			NA							x	Cf	4
Diptera	Syrphidae	<i>Ceriana vespiformis</i>	Mosca-das-flores-vespiforme	A			NE							x	Cf	5
Diptera	Syrphidae	<i>Episyrphus balteatus</i>	Mosca-das-flores-comum	A			NE							x	Cf	1
Diptera	Syrphidae	<i>Eristalinus aeneus</i>	Mosca-das-flores-de-olhos-pontilhados	A			NE							x	Cf	5

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de Proteção			Distribuição Municipal				Oc	F	
								Berna	Bona	DH	EC	ED	EF	EU			
Diptera	Syrphidae	<i>Eristalinus taeniops</i>	Mosca-das-flores-de-olhos-riscados	A			NE							x	Cf	5	
Diptera	Syrphidae	<i>Eristalis arbustorum</i>	Mosca-das-flores-dos-arbustos	A			NE								x	Cf	5
Diptera	Syrphidae	<i>Eristalis tenax</i>	Mosca-zangão	A			NE								x	Cf	5
Diptera	Syrphidae	<i>Myathropa florea</i>	Mosca-das-flores-mascarada	A			NE								x	Cf	5
Diptera	Syrphidae	<i>Sphaerophoria scripta</i>	Mosca-das-flores-alongada	A			NE								x	Cf	5
Diptera	Syrphidae	<i>Syrirta pipiens</i>	Mosca-das-flores-das-pernas-grandes	A			NE								x	Cf	1
Diptera	Syrphidae	<i>Xanthogramma marginale</i>	Mosca-das-flores-tigrada	A			NE								x	Cf	5
Diptera	Tephritidae	<i>Ceratitis capitata</i>	Mosca-do-mediterrâneo	EEl			NA								x	Cf	4
Hemiptera	Aphididae	<i>Aphis nerii</i>	Pulgão-do-loendro	A			NE								x	Cf	4
Hemiptera	Cicadellidae	<i>Cicadella viridis</i>	Cigarrinha-verde	A			NE					x				Cf	1
Hemiptera	Cicadidae	<i>Cicada orni</i>	Cigarra-comum	A			NE						x	x		Cf	1
Hemiptera	Cicadidae	<i>Tympanistalna gastrica</i>	Timpanista-compositora	A			NE							x		Cf	4
Hemiptera	Coccidae	<i>Ceroplastes sinensis</i>	Cochonilha-chinesa	E			NA								x	Cf	1
Hemiptera	Coreidae	<i>Centrocoris variegatus</i>	Percevejo-variegado	A			NE								x	Cf	5
Hemiptera	Coreidae	<i>Haploprocta sulcicornis</i>	Percevejo	A			NE								x	Cf	5
Hemiptera	Flatidae	<i>Siphanta acuta</i>	-	E			NA				-	-	-	-		P	4
Hemiptera	Gerridae	<i>Gerris lacustris</i>	Alfaiate	A			NE					x				Cf	1
Hemiptera	Lygaeidae	<i>Lygaeus equestris</i>	Percevejo preto-e-vermelho	A			NE						x	x		Cf	1
Hemiptera	Lygaeidae	<i>Spilostethus furcula</i>	Percevejo-do-solo-de-fúrcula	A			NE						x	x		Cf	5
Hemiptera	Lygaeidae	<i>Spilostethus pandurus</i>	Percevejo-do-solo-comum	A			NE							x		Cf	5
Hemiptera	Oxycarenidae	<i>Oxycarenus lavaterae</i>	Percevejo-da-malva	A			NE							x		Cf	5
Hemiptera	Pentatomidae	<i>Carpocoris mediterraneus</i>	Percevejo-dos-ombros	A			NE						x	x		Cf	5
Hemiptera	Pentatomidae	<i>Dolycoris baccarum</i>	Percevejo-do-abrunho	A			NE						x	x		Cf	5
Hemiptera	Pentatomidae	<i>Dyroderes umbraculatus</i>	Percevejo-dos-ombros-brancos	A			NE						x	x		Cf	5
Hemiptera	Pentatomidae	<i>Eurydema ornata</i>	Percevejo-da-couve	A			NE						x	x		Cf	1

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de Proteção			Distribuição Municipal				Oc	F
								Berna	Bona	DH	EC	ED	EF	EU		
Hemiptera	Pentatomidae	<i>Graphosoma italicum</i>	Percevejo-das-riscas	A			NE							x	Cf	5
Hemiptera	Pentatomidae	<i>Nezara viridula</i>	Percevejo-verde	E			NA					x		x	Cf	1
Hemiptera	Pentatomidae	<i>Piezodorus lituratus</i>	Percevejo-do-campo	A			NE						x	x	Cf	5
Hemiptera	Pentatomidae	<i>Rhaphigaster nebulosa</i>	Percevejo-malhado	A			NE						x	x	Cf	5
Hemiptera	Pyrrhocoridae	<i>Pyrrhocoris apterus</i>	Percevejo-do-fogo	A			NE						x	x	Cf	1
Hemiptera	Triozidae	<i>Triozia erytraea</i>	Psila-africanados-citrinos	EEI			NA							x	Cf	1
Hymenoptera	Andrenidae	<i>Andrena agilissima</i>	Abelha-mineira-violácea	A			DD							x	Cf	5
Hymenoptera	Apidae	<i>Amegilla albigena</i>	Abelha-riscada-de-cara-branca	A			LC							x	Cf	5, 13
Hymenoptera	Apidae	<i>Amegilla quadrifasciata</i>	Abelha-mineira-de-quatro-bandas	A			LC						x	x	Cf	5, 13
Hymenoptera	Apidae	<i>Anthophora bimaculata</i>	Abelha-das-flores-de-duas-faixas	A			LC							x	Cf	5
Hymenoptera	Apidae	<i>Anthophora plumipes</i>	Abelha-das-flores-de-pés-peludos	A			LC							x	Cf	5
Hymenoptera	Apidae	<i>Apis mellifera</i>	Abelha-do-mel	A			DD				x	x	x		Cf	1
Hymenoptera	Apidae	<i>Bombus hortorum</i>	Abelhão-dos-jardins	A			LC						x		Cf	13
Hymenoptera	Apidae	<i>Bombus pascuorum</i>	Abelhão-laranja	A			LC						x		Cf	5, 13
Hymenoptera	Apidae	<i>Bombus ruderatus</i>	Abelhão-de-duas-bandas	A			LC						x	x	Cf	5
Hymenoptera	Apidae	<i>Bombus terrestris</i>	Abelhão-terrestre	A			LC						x	x	Cf	1
Hymenoptera	Apidae	<i>Ceratina cucurbitina</i>	-	A			LC							x	Cf	13
Hymenoptera	Apidae	<i>Ceratina nigrolabiata</i>	-	A			LC						x		Cf	13
Hymenoptera	Apidae	<i>Eucera elongatula</i>	Abelha-cornuda-pequena	A			DD						x	x	Cf	5
Hymenoptera	Apidae	<i>Nomada sexfasciata</i>	Abelha-nómada-de-seis-bandas	A			LC						x	x	Cf	5
Hymenoptera	Apidae	<i>Tetraloniella iberica</i>	Abelha-cornuda-ibérica	A		Pt + Esp	DD						x	x	Cf	5
Hymenoptera	Apidae	<i>Xylocopa violacea</i>	Abelhão-azul	A			LC				x	x	x		Cf	1
Hymenoptera	Chrysididae	<i>Stilbum cyanurum</i>	Vespa-cuco-dourada	A			NE							x	Cf	5
Hymenoptera	Colletidae	<i>Colletes abeillei</i>	Coletes-dos-cardos	A			LC						x	x	Cf	5

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de Proteção			Distribuição Municipal				Oc	F	
								Berna	Bona	DH	EC	ED	EF	EU			
Hymenoptera	Colletidae	<i>Hylaeus brevicornis</i>	-	A			LC							x	Cf	13	
Hymenoptera	Colletidae	<i>Hylaeus clypearis</i>	-	A			LC							x	x	Cf	13
Hymenoptera	Colletidae	<i>Hylaeus communis</i>	-	A	R		LC								x	Cf	13
Hymenoptera	Colletidae	<i>Hylaeus gibbus</i>	-	A			LC								x	Cf	13
Hymenoptera	Colletidae	<i>Hylaeus pictipes</i>	-	A			LC								x	Cf	13
Hymenoptera	Colletidae	<i>Hylaeus pictus</i>	-	A			DD							x	x	Cf	13
Hymenoptera	Colletidae	<i>Hylaeus punctatus</i>	-	A	R		LC								x	Cf	13
Hymenoptera	Colletidae	<i>Hylaeus variegatus</i>	-	A			LC								x	Cf	13
Hymenoptera	Cynipidae	<i>Andricus quercustozae</i>	Vespa-bugalheira-prateada	A			NE								x	Cf	4
Hymenoptera	Cynipidae	<i>Diplolepis rosae</i>	-	A			NE								x	Cf	1
Hymenoptera	Cynipidae	<i>Plagiotrochus quercusilicis</i>	-	A			NE							x		Cf	4
Hymenoptera	Formicidae	<i>Crematogaster scutellaris</i>	Formiga-da-cortiça	A			NE							x	x	Cf	1
Hymenoptera	Formicidae	<i>Messor barbarus</i>	Formiga-do-pão	A			NE							x	x	Cf	4
Hymenoptera	Halictidae	<i>Ceylalictus variegatus</i>	-	A	R		LC								x	Cf	13
Hymenoptera	Halictidae	<i>Halictus fulvipes</i>	-	A			LC							x	x	Cf	13
Hymenoptera	Halictidae	<i>Halictus gemmeus</i>	-	A			LC							x	x	Cf	13
Hymenoptera	Halictidae	<i>Halictus morfotipo 1</i>	-	I			NA								x	Cf	13
Hymenoptera	Halictidae	<i>Halictus morfotipo 2</i>	-	I			NA							x	x	Cf	13
Hymenoptera	Halictidae	<i>Halictus quadricinctus</i>	-	A			NT							x	x	Cf	13
Hymenoptera	Halictidae	<i>Halictus scabiosae</i>	Abelha-de-bandas-comum	A			LC							x	x	Cf	5, 13
Hymenoptera	Halictidae	<i>Halictus smaragdulus</i>	Abelha-de-sulco-esmeralda	A			LC								x	Cf	13
Hymenoptera	Halictidae	<i>Halictus subauratus</i>	-	A			LC								x	Cf	13
Hymenoptera	Halictidae	<i>Lasioglossum interruptum</i>	-	A			LC							x	x	Cf	13
Hymenoptera	Halictidae	<i>Lasioglossum malachurum</i>	Abelha-de-bandas-social	A			LC							x	x	Cf	5, 13
Hymenoptera	Halictidae	<i>Lasioglossum morfotipo 1</i>	-	I			NA								x	Cf	13
Hymenoptera	Halictidae	<i>Lasioglossum morfotipo 2</i>	-	I			NA								x	Cf	13
Hymenoptera	Halictidae	<i>Lasioglossum morio</i>	-	A			LC								x	Cf	13
Hymenoptera	Halictidae	<i>Lasioglossum pauperatum</i>	-	A			LC								x	Cf	5
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Anthidium florentinum</i>	Abelha-cardadora	A			LC								x	Cf	13

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de Proteção			Distribuição Municipal				Oc	F
								Berna	Bona	DH	EC	ED	EF	EU		
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Anthidium manicatum</i>	Abelha-cardadora-comum	A			LC						x	x	Cf	5, 13
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Coelioxys conoidea</i>	-	A	R		LC							x	Cf	13
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Heriades crenulatus</i>	-	A			LC						x	x	Cf	13
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Heriades rubicola</i>	-	A			LC						x	x	Cf	13
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Heriades truncorum</i>	-	A	R		LC						x		Cf	13
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Megachile apicalis</i>	-	A			LC						x	x	Cf	13
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Megachile centuncularis</i>	-	A			LC						x	x	Cf	13
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Megachile lagopoda</i>	-	A			LC						x		Cf	13
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Megachile leachella</i>	-	A			LC							x	Cf	13
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Megachile maritima</i>	-	A			DD							x	Cf	5
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Megachile melanopyga</i>	-	A			LC						x	x	Cf	13
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Megachile morfotipo 1</i>	-	I			NA						x		Cf	13
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Megachile pilidens</i>	-	A			LC						x	x	Cf	13
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Megachile pusilla</i>	-	A	R		DD							x	Cf	13
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Megachile pyrenaica</i>	-	A	R		DD						x		Cf	13
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Megachile pyrenaica</i>	-	A	R		DD						x		Cf	13
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Osmia morfotipo 1</i>	-	I			NA						x	x	Cf	13
Hymenoptera	Megachilidae	<i>Pseudoanthidium scapulare</i>	-	A			DD						x		Cf	13
Hymenoptera	Pompilidae	<i>Auplopus carbonarius</i>	-	A			NE				-	-	-	-	P	4
Hymenoptera	Scoliidae	<i>Megascolia maculata</i>	Vespa-mamute	A			NE							x	Cf	1
Hymenoptera	Sphecidae	<i>Sceliphron caementarium</i>	Esfécida-oleira-americana	E			NA				-	-	-	-	P	4
Hymenoptera	Vespidae	<i>Ancistrocerus gazella</i>	-	A			NE							x	Cf	4
Hymenoptera	Vespidae	<i>Delta unguiculatum</i>	Vespa-oleira-amarela	A			NE							x	Cf	5
Hymenoptera	Vespidae	<i>Polistes dominula</i>	Vespa-do-papel-europeia	A			NE				x		x	x	Cf	1
Hymenoptera	Vespidae	<i>Vespa velutina</i>	Vespa-asiática	EEL			NA					x	x	x	Cf	1
Hymenoptera	Vespidae	<i>Vespula germanica</i>	Vespa-comum	A			NE						x	x	Cf	1
Lepidoptera	Crambidae	<i>Antigastra catalaunalis</i>	-	A			NE						x		Cf	4
Lepidoptera	Crambidae	<i>Cydalima perspectalis</i>	Traça-do-buxo	EEL			NA							x	Cf	1
Lepidoptera	Crambidae	<i>Palpita vitrealis</i>	-	A			NE							x	Cf	4

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de Proteção			Distribuição Municipal				Oc	F
								Berna	Bona	DH	EC	ED	EF	EU		
Lepidoptera	Erebidae	<i>Apopestes spectrum</i>	-	A			NE						x		Cf	4
Lepidoptera	Erebidae	<i>Catocala elocata</i>	Elocata	A			NE							x	Cf	4
Lepidoptera	Erebidae	<i>Catocala nupta</i>	-	A			NE							x	Cf	4
Lepidoptera	Erebidae	<i>Cymbalophora pudica</i>	Mariposa-pudica	A			NE							x	Cf	1
Lepidoptera	Erebidae	<i>Utetheisa pulchella</i>	Mariposa-de-carmim	A			NE							x	Cf	1
Lepidoptera	Geometridae	<i>Camptogramma bilineata</i>	-	A			NE							x	Cf	4
Lepidoptera	Geometridae	<i>Idaea ochrata</i>	Escaravelho-de-pescoço-vermelho	A			NE							x	Cf	4
Lepidoptera	Geometridae	<i>Rhodometra sacraria</i>	Mariposa-sacraria	A			NE				x	x	x		Cf	1
Lepidoptera	Geometridae	<i>Scopula imitaria</i>	-	A			NE							x	Cf	4
Lepidoptera	Hesperiidae	<i>Carcharodus tripolinus</i>	Axadrezado-sul	A			LC				x			x	Cf	5
Lepidoptera	Hesperiidae	<i>Thymelicus acteon</i>	Douradinha-escura	A			LC							x	Cf	5
Lepidoptera	Lycaenidae	<i>Cacyreus marshalli</i>	Borboleta-das-sardinheiras	E			NA					x	x		Cf	1
Lepidoptera	Lycaenidae	<i>Celastrina argiolus</i>	Azul-celeste	A			LC				x			x	Cf	1
Lepidoptera	Lycaenidae	<i>Lampides boeticus</i>	Borboleta-azulinha	A			LC					x	x		Cf	1
Lepidoptera	Lycaenidae	<i>Leptotes pirithous</i>	Borboleta-cinzentinha	A			LC					x	x		Cf	1
Lepidoptera	Lycaenidae	<i>Lycaena phlaeas</i>	Borboleta-acobreada	A			LC					x	x		Cf	1
Lepidoptera	Lycaenidae	<i>Polyommatus icarus</i>	Borboleta-azul-comum	A			LC					x	x		Cf	1
Lepidoptera	Noctuidae	<i>Acronicta psi</i>	Mariposa-psi	A			NE						x		Cf	5
Lepidoptera	Noctuidae	<i>Autographa gamma</i>	Y-de-prata	A			NE							x	Cf	4
Lepidoptera	Noctuidae	<i>Chrysodeixis chalcites</i>	-	A			NE							x	Cf	4
Lepidoptera	Noctuidae	<i>Ctenoplusia limbirena</i>	-	A			NE				-	-	-	-	P	4
Lepidoptera	Noctuidae	<i>Helicoverpa armigera</i>	Traça-do-tomateiro	A			NE							x	Cf	4
Lepidoptera	Noctuidae	<i>Mythimna languida</i>	-	A			NE							x	Cf	4
Lepidoptera	Noctuidae	<i>Noctua pronuba</i>	-	A			NE							x	Cf	4
Lepidoptera	Noctuidae	<i>Spodoptera ciliun</i>	-	A			NE				-	-	-	-	P	4
Lepidoptera	Noctuidae	<i>Thysanoplusia orichalcea</i>	-	A			NE							x	Cf	4
Lepidoptera	Noctuidae	<i>Trichoplusia ni</i>	-	A			NE				x				Cf	1
Lepidoptera	Noctuidae	<i>Tyta luctuosa</i>	Mariposa-das-quatro-pintas	A			NE					x	x		Cf	5
Lepidoptera	Notodontidae	<i>Thaumetopoea pityocampa</i>	Processionária-do-pinheiro	A			NE							x	Cf	1
Lepidoptera	Nymphalidae	<i>Charaxes jasius</i>	Borboleta-do-medronheiro	A			LC							x	Cf	1

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de Proteção			Distribuição Municipal				Oc	F	
								Berna	Bona	DH	EC	ED	EF	EU			
Lepidoptera	Nymphalidae	<i>Danaus plexippus</i>	Borboleta-monarca	E			NA		II					x	P	4	
Lepidoptera	Nymphalidae	<i>Hipparchia fidia</i>	Fídia	A			LC							x	x	Cf	5
Lepidoptera	Nymphalidae	<i>Maniola jurtina</i>	Borboleta-loba	A			LC					x	x	x		Cf	1
Lepidoptera	Nymphalidae	<i>Pararge aegeria</i>	Borboleta-malhadinha	A			LC							x	x	Cf	1
Lepidoptera	Nymphalidae	<i>Pyronia bathseba</i>	Pirónia-mediterrânica	A			LC							x		Cf	1
Lepidoptera	Nymphalidae	<i>Pyronia cecilia</i>	Borboleta-cecília	A			LC							x		Cf	1
Lepidoptera	Nymphalidae	<i>Vanessa atalanta</i>	Almirante-vermelho	A			LC					x	x	x		Cf	1
Lepidoptera	Nymphalidae	<i>Vanessa cardui</i>	Bela-dama	A			LC					x	x	x		Cf	1
Lepidoptera	Papilionidae	<i>Iphiclides feisthamelii</i>	Borboleta-zebra	A			NE							x	x	Cf	1
Lepidoptera	Papilionidae	<i>Papilio machaon</i>	Borboleta-cauda-de-andorinha	A			LC					x	x	x		Cf	1
Lepidoptera	Papilionidae	<i>Zerynthia rumina</i>	Borboleta-carnaval	A			LC							x		Cf	5
Lepidoptera	Pieridae	<i>Colias crocea</i>	Borboleta-maravilha	A			LC							x	x	Cf	1
Lepidoptera	Pieridae	<i>Euchloe belemia</i>	-	A			LC							x		Cf	1
Lepidoptera	Pieridae	<i>Gonepteryx cleopatra</i>	Borboleta-cleópatra	A			LC							x	x	Cf	1
Lepidoptera	Pieridae	<i>Pieris brassicae</i>	Borboleta-grande-da-couve	A			LC					x	x	x		Cf	1
Lepidoptera	Pieridae	<i>Pieris rapae</i>	Borboleta-pequena-da-couve	A			LC					x	x	x		Cf	1
Lepidoptera	Pterophoridae	<i>Gillmeria pallidactyla</i>	-	A			NE								x	Cf	4
Lepidoptera	Pyralidae	<i>Endotricha flammealis</i>	Mariposa-rosamalhada	A			NE								x	Cf	4
Lepidoptera	Sphingidae	<i>Acherontia atropos</i>	Borboleta-caveira	A			NE					x				Cf	4
Lepidoptera	Sphingidae	<i>Agrius convolvuli</i>	Borboleta-colibri	A			NE							x	x	Cf	4
Lepidoptera	Sphingidae	<i>Hippotion celerio</i>	Esfíngede-da-videira	A			NE								x	Cf	4
Lepidoptera	Sphingidae	<i>Macroglossum stellatarum</i>	Mariposa-colibri	A			NE								x	Cf	1
Lepidoptera	Sphingidae	<i>Mimas tiliae</i>	Esfíngede-tília	A			NE								x	Cf	4
Lepidoptera	Zygaenidae	<i>Zygaena fausta</i>	Zigaena-fausta	A			NE							x		Cf	1
Mantodea	Empusidae	<i>Empusa pennata</i>	Louva-a-deus-de-corno	A			LC							x	x	Cf	1
Mantodea	Eremiaphilidae	<i>Iris oratoria</i>	Louva-a-deus	A			LC					x				Cf	4
Mantodea	Mantidae	<i>Mantis religiosa</i>	Louva-a-deus-comum	A			LC								x	Cf	1
Mecoptera	Panorpidae	<i>Panorpa meridionalis</i>	Mosca-escorpão	A			NE							x		Cf	5

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de Proteção			Distribuição Municipal				Oc	F
								Berna	Bona	DH	EC	ED	EF	EU		
Odonata	Aeshnidae	<i>Aeshna cyanea</i>	Tira-olhos variado	A			LC					x			Cf	5
Odonata	Aeshnidae	<i>Aeshna mixta</i>	Tira-olhos- outonal	A			LC					x			Cf	5
Odonata	Aeshnidae	<i>Anax imperator</i>	Imperador- azul	A			LC					x		x	Cf	1
Odonata	Aeshnidae	<i>Anax parthenope</i>	Tira-olhos- menor	A			LC					x		x	Cf	1
Odonata	Aeshnidae	<i>Hemianax ephippiger</i>	Tira-olhos migrador	A			LC					x		x	Cf	1
Odonata	Calopterygidae	<i>Calopteryx haemorrhoidalis</i>	Gaiteiro-negro	A			LC					x			Cf	1
Odonata	Coenagrionidae	<i>Coenagrion mercuriale</i>	Libelinha-de- mercúrio	A			NT	II		II		x			Cf	1
Odonata	Coenagrionidae	<i>Ischnura elegans</i>	Libelinha- elegante	A			LC					x			Cf	1
Odonata	Coenagrionidae	<i>Ischnura graellsii</i>	Libelinha-de- graells	A			LC					x			Cf	1
Odonata	Coenagrionidae	<i>Ischnura pumillo</i>	Libelinha-anã	A			LC					x			Cf	1
Odonata	Cordulegastridae	<i>Cordulegaster boltonii</i>	Libélula- anelada	A			LC					x	x		Cf	1
Odonata	Corduliidae	<i>Oxygastra curtisii</i>	Libélula- esmeralda	A			NT	II		II e IV		x			Cf	1
Odonata	Lestidae	<i>Chalcolestes viridis</i>	Lestes-dos- salgueiros	A			LC					x			Cf	1
Odonata	Libellulidae	<i>Crocothemis erythraea</i>	Libélula- escarlata	A			LC					x		x	Cf	1
Odonata	Libellulidae	<i>Orthetrum cancellatum</i>	Ortétrum-de- cauda-negra	A			LC					x			Cf	1
Odonata	Libellulidae	<i>Orthetrum chrysostigma</i>	Ortétrum-de- faixa-branca	A			LC					x			Cf	5
Odonata	Libellulidae	<i>Orthetrum coerulescens</i>	Ortétrum-dos- ribeiros	A			LC					x			Cf	1
Odonata	Libellulidae	<i>Sympetrum fonscolombii</i>	Libélula-de- nervuras- vermelhas	A			LC					x		x	Cf	1
Odonata	Libellulidae	<i>Sympetrum meridionale</i>	Libélula- meridional	A			LC					x			Cf	5
Odonata	Libellulidae	<i>Sympetrum striolatum</i>	Libélula- comum	A			LC					x			Cf	1
Orthoptera	Acrididae	<i>Aiolopus strepens</i>	Gafanhoto-de- outono	A			LC						x	x	Cf	5
Orthoptera	Acrididae	<i>Anacridium aegyptium</i>	Gafanhoto-do- egito	A			LC						x	x	Cf	5
Orthoptera	Acrididae	<i>Calliptamus barbarus</i>	Gafanhoto- bárbaro	A			LC							x	Cf	5
Orthoptera	Acrididae	<i>Chorthippus jacobsi</i>	Gafanhoto-de- campo-ibérico	A		Pt + Esp	LC							x	Cf	1
Orthoptera	Acrididae	<i>Dociostaurus jagoi</i>	Cantor-da-cruz	A			LC							x	Cf	5
Orthoptera	Acrididae	<i>Euchorthippus elegantulus</i>	Gafanhoto- escavador- elegante	A			LC							x	Cf	5
Orthoptera	Acrididae	<i>Oedipoda caerulescens</i>	Gafanhoto-de- asas-azuis	A			LC							x	Cf	5
Orthoptera	Acrididae	<i>Pezotettix giornae</i>	Gafanhoto- copulatório	A			LC					x		x	Cf	1

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Or	Tipo	End	EC	Estatuto de Proteção			Distribuição Municipal				Oc	F
								Berna	Bona	DH	EC	ED	EF	EU		
Orthoptera	Gryllidae	<i>Gryllomorpha longicauda</i>	Grilo-de-longa-cauda	A			LC						x		Cf	1
Orthoptera	Gryllidae	<i>Gryllus bimaculatus</i>	Grilo-campestre-mediterrânico	A			LC						x	x	Cf	1
Orthoptera	Gryllidae	<i>Gryllus campestris</i>	Grilo-comum	A			LC							x	Cf	4
Orthoptera	Gryllotalpidae	<i>Gryllotalpa vineae</i>	Ralo-das-vinhas	A			LC							x	Cf	4
Orthoptera	Phaneropteridae	<i>Odontura glabricauda</i>	Odontura-comum	A		Pt + Esp	LC						x	x	Cf	5
Orthoptera	Phaneropteridae	<i>Phaneroptera nana</i>	Faneróptera-mediterrânica	A			LC						x	x	Cf	5
Orthoptera	Tettigoniidae	<i>Lluciapomaresius anapaulae</i>	Grilo-de-sela-de-ana-paula	A		Pt	NT							x	Cf	4
Orthoptera	Tettigoniidae	<i>Ruspolia nitidula</i>	Saltão-cabeça-de-cone-grande	A			LC							x	Cf	5
Orthoptera	Tettigoniidae	<i>Tettigonia viridissima</i>	Grande-saltão-verde	A			LC							x	Cf	5
Phasmida	Bacillidae	<i>Clonopsis gallica</i>	Bicho-pau-francês	A			NE							x	Cf	5
Phasmida	Diapheromeridae	<i>Leptynia attenuata</i>	Bicho-pau-ibérico	A		Pt + Esp	NE							x	Cf	5
Phasmida	Lonchodidae	<i>Carausius morosus</i>	Bicho-pau-indiano	E			NA							x	Cf	4
Zygentoma	Lepismatidae	<i>Ctenolepisma longicaudata</i>	Peixe-prata	A			NE							x	Cf	4
Zygentoma	Lepismatidae	<i>Lepisma saccharina</i>	Peixinho-de-prata	A			NE				-	-	-	-	P	4

Origem (Or)	A - Autóctone, E - Exótica, EEI - Exótica Invasora
Tipo	Cat - Catádrôma, Mar - Marinha, Res - Residente, Inv - Invernante, Est - Estival, Ac - Acidental (Espécies com 1 registo anual em Oeiras), R - Raro (Espécies com 10 ou menos registos conhecidos em Portugal)
Endemismos (End)	Pt - Espécies endémicas de Portugal Continental, Pt + Esp - Espécies endémicas da Península Ibérica
Estatuto de Conservação (EC)	NE - Não Avaliado, NA - Não Aplicável, DD - Informação insuficiente, LC - Pouco Preocupante, NT - Quase Ameaçado, VU - Vulnerável, EN - Em Perigo, CR - Criticamente em Perigo, RE - Regionalmente Extinto
Estatuto de Proteção	Berna - Convenção de Berna, Bona - Convenção de Bona, DH - Diretiva Habitats, DA - Diretiva Aves, CITES - Convenção CITES
Distribuição Municipal	EC - Ecossistema Costeiro, ED - Ecossistema Dulciaquícola, EF - Ecossistema Florestal, EU - Ecossistema Urbano
Ocorrência no município (Oc)	Cf - Confirmada, P - Provável
Fontes (F)	1 - Levantamentos realizados pelos biólogos da DGA, 2 - Flora-On, 3 - Levantamentos de técnicos da DGEV, 4 - Biodiversity4All, 5 - TAGIS, 6 - Associação de Orquídeas Silvestres de Portugal, 7 - Soares, C.G. (2010), 8 - Dados relativos a armadilhagem fotográfica, realizada pela DGA, 9 - Atlas dos Mamíferos de Portugal, 10 - Ebird, 11 - Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal, 12 - Relatório de monitorização da Ictiofauna, 13 - Azevedo, M. (2020), 14 - Afonso, I. (2018), 15 - Ramajal, J. (2012)

Anexo XVI – Aracnídeos

Ordem	Família	Espécie	Nome comum	Or	EC	Distribuição Municipal				Oc	F
						EC	ED	EF	EU		
Araneae	Araneidae	<i>Araneus diadematus</i>	Tecedeira-de-cruz-cosmopolita	A	NE			x	x	Cf	1
Araneae	Araneidae	<i>Argiope bruennichi</i>	Cesteira-vespão	A	NE				x	Cf	4
Araneae	Araneidae	<i>Argiope lobata</i>	Cesteira-dos-matos	A	NE			x	x	Cf	1
Araneae	Araneidae	<i>Cyclosa insulana</i>	-	A	NE				x	Cf	4
Araneae	Lycosidae	<i>Hogna radiata</i>	Aranha-lobo-radiada	A	NE			x	x	Cf	4
Araneae	Pisauridae	<i>Pisaura mirabilis</i>	Aranha-de-berçário	A	NE				x	Cf	4
Araneae	Salticidae	<i>Menemerus semilimbatus</i>	-	A	NE				x	Cf	4
Araneae	Salticidae	<i>Saitis barbipes</i>	-	A	NE				x	Cf	4
Araneae	Salticidae	<i>Salticus mutabilis</i>	-	A	NE				x	Cf	4
Araneae	Sparassidae	<i>Olios argelasius</i>	-	A	NE			x		Cf	4
Araneae	Theridiidae	<i>Steatoda nobilis</i>	Falsa-viúva	A	NE				x	Cf	1
Araneae	Thomisidae	<i>Synema globosum</i>	Aranha-caranguejo-de-napoleão	A	NE			x	x	Cf	4
Araneae	Thomisidae	<i>Thomisus onustus</i>	Aranha-floricola-de-tubérculos	A	NE				x	Cf	4

Origem (Or)	A - Autóctone, E - Exótica, EEI - Exótica Invasora
Estatuto de Conservação (EC)	NE - Não Avaliado, NA - Não Aplicável, DD - Informação insuficiente, LC - Pouco Preocupante, NT - Quase Ameaçado, VU - Vulnerável, EN - Em Perigo, CR - Criticamente em Perigo, RE - Regionalmente Extinto
Distribuição Municipal	EC - Ecosistema Costeiro, ED - Ecosistema Dulçaquícola, EF - Ecosistema Florestal, EU - Ecosistema Urbano
Ocorrência no município (Oc)	Cf - Confirmada, P - Provável
Fontes (F)	1 - Levantamentos realizados pelos biólogos da DGA, 2 - Flora-On, 3 - Levantamentos de técnicos da DGEV, 4 - Biodiversity4All, 5 - TAGIS, 6 - Associação de Orquídeas Silvestres de Portugal, 7 - Soares, C.G. (2010), 8 - Dados relativos a armadilhagem fotográfica, realizada pela DGA, 9 - Atlas dos Mamíferos de Portugal, 10 - Ebird, 11 - Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal, 12 - Relatório de monitorização da Ictiofauna, 13 - Azevedo, M. (2020), 14 - Afonso, I. (2018), 15 - Ramajal, J. (2012)

Anexo XVII – Outros Invertebrados

Filo	Família	Espécie	Nome comum	Or	End	EC	Estatuto de proteção			Distribuição municipal				Oc	F
							Berna	Bona	DH	EC	ED	EF	EU		
Annelida	Hesionidae	<i>Oxydromus flexuosus</i>	-	A		NE				x				Cf	14
Annelida	Lumbricidae	<i>Lumbricus terrestris</i>	Minhocada-terra	E		NA							x	Cf	1
Annelida	Nereididae	<i>Nereis zonata</i>	-	A		NE				x				Cf	14
Annelida	Nereididae	<i>Perinereis cultrifera</i>	-	A		NE				x				Cf	14
Annelida	Phyllodocidae	<i>Eteone flava</i>	-	A		NE				x				Cf	14
Annelida	Serpulidae	<i>Spirobranchus lamarcki</i>	-	A		NE				x				Cf	14
Annelida	Syllidae	<i>Sphaerosyllis bulbosa</i>	-	A		NE				x				Cf	14
Annelida	Syllidae	<i>Syllis gracilis</i>	-	A		NE				x				Cf	14
Arthropoda (Crustacea)	Anthuridae	<i>Cyathura carinata</i>	-	A		NE				x				Cf	14
Arthropoda (Crustacea)	Armadillidiidae	<i>Armadillidium vulgare</i>	Bicho-da-conta	A		NE							x	Cf	1
Arthropoda (Crustacea)	Austrobalanidae	<i>Austrominius modestus</i>	-	EEI		NA				x				Cf	14
Arthropoda (Crustacea)	Balanidae	<i>Amphibalanus amphitrite</i>	-	EEI		NA				x				Cf	14
Arthropoda (Crustacea)	Balanidae	<i>Amphibalanus improvisus</i>	-	E		NA				x				Cf	14
Arthropoda (Crustacea)	Balanidae	<i>Balanus trigonus</i>	-	E		NA				x				Cf	14
Arthropoda (Crustacea)	Balanidae	<i>Perforatus perforatus</i>	Bálano	A		NE				x				Cf	14
Arthropoda (Crustacea)	Cambaridae	<i>Procambarus clarkii</i>	Lagostim-vermelho-do-louisiana	EEI		NA					x			Cf	1
Arthropoda (Crustacea)	Caprellidae	<i>Caprella scaura</i>	-	E		NA				x				Cf	14
Arthropoda (Crustacea)	Carcinidae	<i>Carcinus maenas</i>	Caranguejo-verde	A		NE				x				Cf	1
Arthropoda (Crustacea)	Chthamalidae	<i>Chthamalus montagui</i>	Craca	A		NE				x				Cf	1
Arthropoda (Crustacea)	Corophiidae	<i>Monocorophium acherusicum</i>	-	A		NE				x				Cf	14
Arthropoda (Crustacea)	Grapsidae	<i>Pachygrapsus marmoratus</i>	Caranguejo-mármore	A		NE				x				Cf	1
Arthropoda (Crustacea)	Leptocheliidae	<i>Heterotanais oerstedii</i>	-	A		NE				x				Cf	14
Arthropoda (Crustacea)	Ligiidae	<i>Ligia oceanica</i>	Barata-do-mar	A		NE				x				Cf	14
Arthropoda (Crustacea)	Palaemonidae	<i>Palaemon elegans</i>	Camarão-das-poças	A		NE				x				Cf	1, 14
Arthropoda (Crustacea)	Palaemonidae	<i>Palaemon longirostris</i>	Camarão-de-rio	A		NE				x				Cf	14
Arthropoda (Crustacea)	Panopeidae	<i>Rhithropanopeus harrisi</i>	-	E		NA				x				Cf	14
Arthropoda (Crustacea)	Phoxocephalidae	<i>Harpinia pectinata</i>	-	A		NE				x				Cf	14

Filo	Família	Espécie	Nome comum	Or	End	EC	Estatuto de proteção			Distribuição municipal				Oc	F
							Berna	Bona	DH	EC	ED	EF	EU		
Arthropoda (Crustacea)	Pilumnidae	<i>Pilumnus hirtellus</i>	-	A		NE				x				Cf	14
Arthropoda (Crustacea)	Pinnotheridae	<i>Pinnotheres pisum</i>	-	A		NE				x				Cf	14
Arthropoda (Crustacea)	Porcellanidae	<i>Porcellana platycheles</i>	-	A		NE				x				Cf	4
Arthropoda (Crustacea)	Portunidae	<i>Necora puber</i>	Navalheira	A		NE				x				Cf	1
Arthropoda (Crustacea)	Sphaeromatidae	<i>Lekanesphaera hookeri</i>	-	A		NE				x				Cf	14
Arthropoda (Crustacea)	Tanaididae	<i>Tanais dulongi</i>	-	A		NE				x				Cf	14
Bryozoa	Bugulidae	<i>Bugula neritina</i>	-	E		NA				x				Cf	14
Bryozoa	Candidae	<i>Tricellaria inopinata</i>	-	E		NA				x				Cf	14
Bryozoa	Watersiporidae	<i>Watersipora subtorquata</i>	-	E		NA				x				Cf	14
Chordata (Tunicata)	Pyuridae	<i>Microcosmus squamiger</i>	-	E		NA				x				Cf	14
Chordata (Tunicata)	Styelidae	<i>Styela plicata</i>	-	E		NA				x				Cf	14
Cnidaria	Actiniidae	<i>Actinia equina</i>	Tomate-do-mar	A		NE				x				Cf	1
Cnidaria	Actiniidae	<i>Anemonia viridis</i>	Anémoma-do-mar-verde	A		NE				x				Cf	1
Cnidaria	Catostylidae	<i>Catostylus tagi</i>	Medusa-do-tejo	A		NE				x				Cf	1
Cnidaria	Physaliidae	<i>Physalia physalis</i>	Caravela-portuguesa	A		NE				x				Cf	1
Echinodermata	Amphiuridae	<i>Acrocnida brachiata</i>	-	A		NE				x				Cf	1
Echinodermata	Ophiuridae	<i>Ophiura ophiura</i>	Ofiuro	A		NE				x				Cf	14
Echinodermata	Parechinidae	<i>Paracentrotus lividus</i>	Ouriço-do-mar	A		NE	III			x				Cf	1
Mollusca	Acanthochitonidae	<i>Acanthochitona crinita</i>	-	A		NE				x				Cf	14
Mollusca	Achatinidae	<i>Rumina decollata</i>	Caracoleta-rosca	A		NE						x		Cf	4
Mollusca	Aplysiidae	<i>Aplysia fasciata</i>	Lebre-do-mar	A		NE				x				Cf	1
Mollusca	Arionidae	<i>Arion ater</i>	Lesma-preta	A		NE						x	P	1	
Mollusca	Cardiidae	<i>Acanthocardia tuberculata</i>	Berbigão-de-bicos	A		NE				x				Cf	4
Mollusca	Cerithiidae	<i>Bittium reticulatum</i>	-	A		NE				x				Cf	14
Mollusca	Chaetopleuridae	<i>Chaetopleura angulata</i>	-	E		NA				x				Cf	14
Mollusca	Corbiculidae	<i>Corbicula fluminea</i>	Amêijoasiática	EEL		NA					x			Cf	1
Mollusca	Corbulidae	<i>Varicorbula gibba</i>	-	A		NE				x				Cf	15
Mollusca	Geomitridae	<i>Xerotracha apicina</i>	Caracol	A		LC						x		Cf	4

Filo	Família	Espécie	Nome comum	Or	End	EC	Estatuto de proteção			Distribuição municipal				Oc	F
							Berna	Bona	DH	EC	ED	EF	EU		
Mollusca	Helicidae	<i>Cornu aspersum</i>	Caracoleta	A		LC							x	Cf	1
Mollusca	Helicidae	<i>Otala lactea</i>	Caracol-leitoso	A		LC							x	Cf	1
Mollusca	Helicidae	<i>Theba pisana</i>	Caracol-das-cervejarias	A		LC						x	x	Cf	1
Mollusca	Hygromiidae	<i>Cochlicella barbara</i>	Caracol-torre	A		LC							x	Cf	4
Mollusca	Hygromiidae	<i>Portugala inchoata</i>	-	A	Pt + Esp	LC							x	Cf	4
Mollusca	Limacidae	<i>Limax maximus</i>	Lesma-leopardo	A		LC							x	Cf	1
Mollusca	Mactridae	<i>Eastonia rugosa</i>	-	A		NE			x					Cf	4
Mollusca	Mactridae	<i>Spisula subtruncata</i>	Amêijoadourada	A		NE			x					Cf	15
Mollusca	Muricidae	<i>Bolinus brandaris</i>	Búzio-canilha	A		NE			x					Cf	1
Mollusca	Muricidae	<i>Ocenebra erinaceus</i>	Búzio	A		NE			x					Cf	4
Mollusca	Mytilidae	<i>Mytilus edulis</i>	Mexilhão-azul	A		NE			x					Cf	1
Mollusca	Mytilidae	<i>Mytilus galloprovincialis</i>	Mexilhão	A		NE			x					Cf	14
Mollusca	Nassariidae	<i>Tritia varicosa</i>	-	A		NE			x					Cf	14
Mollusca	Nuculidae	<i>Nucula sulcata</i>	-	A		NE			x					Cf	15
Mollusca	Ostreidae	<i>Magallana gigas</i>	Ostra-do-pacífico	EEI		NA			x					Cf	14
Mollusca	Patellidae	<i>Patella depressa</i>	Lapa-chata	A		NE			x					Cf	1
Mollusca	Patellidae	<i>Patella vulgata</i>	Lapa-comum	A		NE			x					Cf	14
Mollusca	Pectinidae	<i>Mimachlamys varia</i>	Leque-variado	A		NE			x					Cf	15
Mollusca	Pectinidae	<i>Pseudamussium peslutrae</i>	-	A		NE			x					Cf	15
Mollusca	Physidae	<i>Physa acuta</i>	Caracol-bexiga	A		LC				x				Cf	1
Mollusca	Semelidae	<i>Abra alba</i>	-	A		NE			x					Cf	15
Mollusca	Siphonariidae	<i>Siphonaria pectinata</i>	Lapa-falsa	A		NE			x					Cf	1
Mollusca	Tonicellidae	<i>Lepidochitona cinerea</i>	Quitone-cinzento	A		NE			x					Cf	4
Mollusca	Trochidae	<i>Phorcus lineatus</i>	Caramujo	A		NE			x					Cf	4
Mollusca	Trochidae	<i>Steromphala umbilicalis</i>	Burrié	A		NE			x					Cf	4
Mollusca	Veneridae	<i>Chamelea gallina</i>	Pé-de-burrinho	A		NE			x					Cf	15
Mollusca	Veneridae	<i>Clausinella fasciata</i>	Vénus-estriada	A		NE			x					Cf	15
Mollusca	Veneridae	<i>Venerupis corrugata</i>	Amêijoamacha	A		NE			x					Cf	15
Mollusca	Veneridae	<i>Venus verrucosa</i>	Pé-de-burro	A		NE			x					Cf	15

Origem (Or)	A - Autóctone, E - Exótica, EEI - Exótica Invasora
Tipo	Cat - Catádruma, Mar - Marinha, Res - Residente, Inv - Invernante, Est - Estival, Ac - Acidental (Espécies com 1 registo anual em Oeiras), R - Raro (Espécies com 10 ou menos registos conhecidos em Portugal)
Endemismos (End)	Pt - Espécies endémicas de Portugal Continental, Pt + Esp - Espécies endémicas da Península Ibérica
Estatuto de Conservação (EC)	NE - Não Avaliado, NA - Não Aplicável, DD - Informação insuficiente, LC - Pouco Preocupante, NT - Quase Ameaçado, VU - Vulnerável, EN - Em Perigo, CR - Criticamente em Perigo, RE - Regionalmente Extinto
Estatuto de Proteção	Berna - Convenção de Berna, Bona - Convenção de Bona, DH - Diretiva Habitats, DA - Diretiva Aves, CITES - Convenção CITES
Distribuição Municipal	EC - Ecosistema Costeiro, ED - Ecosistema Dulciaquícola, EF - Ecosistema Florestal, EU - Ecosistema Urbano
Ocorrência no município (Oc)	Cf - Confirmada, P - Provável
Fontes (F)	1 - Levantamentos realizados pelos biólogos da DGA, 2 - Flora-On, 3 - Levantamentos de técnicos da DGEV, 4 - Biodiversity4All, 5 - TAGIS, 6 - Associação de Orquídeas Silvestres de Portugal, 7 - Soares, C.G. (2010), 8 - Dados relativos a armadilhagem fotográfica, realizada pela DGA, 9 - Atlas dos Mamíferos de Portugal, 10 - Ebird, 11 - Atlas dos Anfíbios e Répteis de Portugal, 12 - Relatório de monitorização da Ictiofauna, 13 - Azevedo, M. (2020), 14 - Afonso, I. (2018), 15 - Ramajal, J. (2012)

Anexo XVIII – Espécies Exóticas Invasoras (EEI) de Fauna

Grupo Taxonómico	Espécie	Nome comum
Anfíbios	<i>Xenopus laevis</i>	Rã-de-unhas-africana
Aves	<i>Acridotheres cristatellus</i>	Mainá-de-crista
Aves	<i>Acridotheres tristis</i>	Mainá-indiano
Aves	<i>Alopochen aegyptiaca</i>	Ganso-do-egito
Aves	<i>Euplectes afer</i>	Arcebispo
Peixes	<i>Gambusia sp.</i>	Gambúsia
Peixes	<i>Lepomis gibbosus</i>	Perca-sol
Crustáceos	<i>Amphibalanus amphitrite</i>	-
Crustáceos	<i>Austrominius modestus</i>	-
Crustáceos	<i>Procambarus clarkii</i>	Lagostim-vermelho-do-louisiana
Insetos	<i>Ceratitis capitata</i>	Mosca-do-mediterrâneo
Insetos	<i>Cydalima perspectalis</i>	Traça-do-buxo
Insetos	<i>Rhynchophorus ferrugineus</i>	Escaravelho-da-palmeira
Insetos	<i>Trioza erytrae</i>	Psila-africana-dos-citricos
Insetos	<i>Vespa velutina</i>	Vespa-asiática
Moluscos	<i>Corbicula fluminea</i>	Amêijoia-asiática
Moluscos	<i>Magallana gigas</i>	Ostra-do-pacífico
Répteis	<i>Pseudemys concinna</i>	Tartaruga-hieroglífica
Répteis	<i>Trachemys scripta</i>	Tartaruga-de-orelhas-vermelhas

Anexo XIX – Plano de Ação





OEIRAS TEM VIDA

Estratégia para a Biodiversidade do Município de Oeiras